

ROMANCE

NEW YORK TIMES
BESTSELLING AUTHOR

Gena Showalter

Um Sussurro
mais sombrio

Senhores do Mundo Subterrâneo | Livro 4

 Harlequin®



Gena Showalter

O Sussurro
mais sombrio

Tradução de
Rodrigo Peixoto



Rio de Janeiro
2012

Glossário

Aeron — Guardiã da Ira.

Amun — Guardiã dos Segredos.

Anya — Deusa da Anarquia. Divindade menor.

Ashlyn Darrow — Humana com habilidades sobrenaturais.

Baden — Guardiã da Desconfiança (morto).

Caçadores — Inimigos mortais dos Senhores do Mundo Subterrâneo.

Cameo — Guardiã da Infelicidade. Única mulher dentre os guerreiros.

Cetro Divisor — Artefato divino, poder desconhecido.

Chave-Mestra — Chave desejada por Cronos, dada a Anya pelo pai (Tártaro).

Cronos — Rei dos Titãs.

Danika Ford — Humana, alvo dos Titãs.

Dean Stefano — Caçador, braço direito de Galen.

dimOuniak — A Caixa de Pandora.

Dr. Frederick McIntosh — Vice-presidente do Instituto Mundial de Parapsicologia.

Disnomia — Grega, deusa da Desordem.

Galen — Guardiã da Esperança.

Gideon — Guardiã das Mentiras.

Gilly — Humana, amiga de Danika.

Ginger Ford — Irmã de Danika.

Gregos — Antigos governantes do Olimpo, agora aprisionados no Tártaro.

Hera — Rainha dos gregos.

Hidra — Serpente com várias cabeças e presas venenosas.

Jaula da Coação — Artefato divino com o poder de escravizar qualquer um preso em seu interior.

Kane — Guardiã do Desastre.

Legião — Demônio subalterno, amigo de Aeron.

Lucien — Guardiã da Morte; líder dos guerreiros de Budapeste.

Maddox — Guardiã da Violência.

Mallory Ford — Avó de Danika.

Manto da Invisibilidade — Artefato divino com o poder de ocultar dos olhos alheios quem o vestir.

Olho que Tudo Vê — Artefato divino com o poder de enxergar o paraíso e o inferno.

Os Impronunciáveis — Seres que até os deuses parecem temer.

Pandora — Guerreira imortal, outrora guardiã de *dimOuniak* (assassinada).

Paris — Guardião da Luxúria.

Reyes — Guardião da Dor.

Sabin — Guardião da Dúvida; líder dos guerreiros da Grécia.

Senhores do Mundo Subterrâneo — Guerreiros exilados dos deuses gregos, que agora abrigam demônios dentro de si.

Sienna Blackstone — Caçadora.

Strider — Guardião da Derrota.

Tártaro — Grego, deus do Confinamento; também é o nome da prisão dos imortais no monte Olimpo.

Têmis — Titã, deusa da Justiça.

Tinka Ford — Mãe de Danika.

Titãs — Atuais governantes do Olimpo.

Torin — Guardião da Doença.

William — Imortal, amigo de Anya.

Zeus — Rei dos gregos.

Capítulo Um

SABIN, POSSUÍDO PELO demônio da Dúvida, estava nas catacumbas de uma antiga pirâmide, ofegando, suando, as mãos completamente encharcadas com o sangue de seu inimigo, o corpo ferido e contundido enquanto observava a carnificina à sua volta. Carnificina que ele ajudara a criar.

Tochas lançavam luzes laranja e douradas, misturando-se às sombras nas paredes de pedra. Paredes estavam agora manchadas de um vermelho-vivo, pingando... Empoçando. O piso arenoso era espesso como uma massa, molhado e preto. Meia hora antes, ficou marrom-claro, com pontos brilhantes sendo espalhados por todas as partes enquanto caminhavam. Agora, corpos estavam caídos em cada centímetro do pequeno corredor, o cheiro da fatalidade já exalava.

Nove dos seus inimigos tinham sobrevivido ao ataque. Já estavam sem suas armas, acuados em um canto e presos com cordas. A maior parte tremia de medo. Alguns mantinham a postura altiva, os narizes erguidos, ódio estampado nos olhos, e se recusavam a desistir, mesmo na derrota. O que era admirável.

Pena que aquela bravura tinha de ser aniquilada.

Homens bravos não contavam seus segredos, e Sabin queria conhecer os segredos deles.

Era um guerreiro que fazia o que tinha de ser feito, quando devia ser feito, não importava o que lhe pedissem. Matar, torturar, seduzir. Ele também não hesitava em pedir que outros homens fizessem o mesmo. Com os Caçadores, mortais que haviam decidido que ele e seus companheiros, os Senhores do Mundo Subterrâneo, eram o bode-expiatório para todos os males do mundo, a vitória era a única coisa que importava. Pois apenas ganhando a guerra seus amigos poderiam finalmente conhecer a paz. A paz que mereciam. A paz que Sabin desejava para eles.

Respirações fracas e entrecortadas enchiam os ouvidos de Sabin. Sua respiração, a dos seus amigos e a dos seus inimigos. Havia lutado com todas as forças, cada um deles. Fora uma batalha do bem contra o mal, e o mal havia ganho. Ou pelo menos o que aqueles Caçadores consideravam como sendo o mal. Sabin e seus irmãos pensavam diferente.

Sim, muito tempo antes, eles haviam aberto a caixa de Pandora, liberando os demônios que estavam lá dentro. Mas haviam recebido punição eterna: cada um dos guerreiros fora amaldiçoado pelos deuses, tendo de hospedar um desses demônios dentro de si. Sim, no princípio haviam sido escravos de suas novas porções demoníacas, destrutivas e violentas, assassinos sem consciência. Mas

agora estavam no controle; eram humanos em todos os detalhes que importavam. Na maior parte das vezes.

Mas algumas vezes os demônios *lutavam... ganhavam... e destruíam*.

Ainda assim. *Merecemos viver*, ele pensou. Como todo mundo, sofriam quando seus amigos eram atingidos, liam livros, viam filmes, faziam caridade. E se apaixonavam. Os Caçadores, no entanto, nunca enxergariam dessa forma. Estavam convencidos de que o mundo seria um lugar melhor sem os Senhores. Uma utopia, serena e perfeita. Eles acreditavam que todos os pecados cometidos eram culpa dos demônios. Talvez porque fossem burros como uma porta. Talvez porque odiassem suas vidas e estivessem simplesmente buscando um culpado. De um jeito ou de outro, matá-los se transformara na mais importante missão da vida de Sabin. E *sua* utopia era uma vida sem *eles*.

Por isso, Sabin e seus amigos tinham deixado o conforto de sua casa em Budapeste e passado três semanas fazendo buscas em cada uma das pirâmides do Egito. Queriam encontrar artefatos antigos que levariam à recuperação da caixa de Pandora; exatamente o que os Caçadores planejavam usar para destruí-los. Finalmente, ele e seus amigos haviam tido sorte.

— Amun — disse Sabin, ao ver o soldado em um canto escuro e distante. Como sempre, os homens se misturavam perfeitamente às sombras. Sabin caminhou em direção aos cativos com o rosto soturno. — Você sabe o que fazer.

Amun, guardião dos Segredos, assentiu com a cabeça, ameaçador, antes de dar um passo à frente. Em silêncio, sempre em silêncio, como se tivesse medo de que os segredos que guardava havia séculos escapassem se ousasse murmurar uma única palavra.

Ao verem o truculento guerreiro que havia dilacerado seus companheiros como uma faca cortando a seda, os Caçadores que resistiram deram, juntos, um passo atrás. Mesmo os mais bravos. Sábio da parte deles.

Amun era alto, musculoso, com uma passada larga decidida e graciosa, ao mesmo tempo. Se fosse decidida, mas não graciosa, ele pareceria normal, como qualquer outro soldado. A combinação permitia que exibisse o tipo de selvageria calma, normalmente encontrada em predadores acostumados a levar as presas para casa entre suas mandíbulas.

Chegou perto dos Caçadores e parou. Analisou o pequeno grupo. Depois se aproximou e agarrou pelo pescoço o que estava no meio, levantando-o até ficarem olho no olho. As pernas do humano se debatiam, suas mãos agarravam os pulsos de Amun enquanto sua pele empalidecia.

— Solte-o, seu demônio imundo — gritou um dos Caçadores, agarrando-se à cintura de seu companheiro. — Você já matou muitos inocentes, arruinou tantas vidas!

Amun permaneceu impassível. Como todos eles.

— Ele é um homem bom — gritou outro. — Não merece morrer. Especialmente nas mãos de alguém tão mau.

Gideon, de cabelos azuis, olhos pintados de preto e guardião das Mentiras, aproximou-se imediatamente de Amun, afastando os que protestavam.

— Toque-o novamente e vou beijá-lo até destruí-lo — disse, brandindo duas facas afiadas, ainda com sangue das lutas mais recentes.

Beijar era o mesmo que *bater* no mundo virado de cabeça para baixo de Gideon. Ou seria o

mesmo que *matar*? Sabin tinha se perdido nos códigos de Mentiras.

Seguiu-se um momento de silêncio, com os Caçadores tentando entender exatamente o que Gideon quis dizer. Antes de chegarem a uma conclusão, o refém de Amun que estava parado definhava completamente, e Amun deixou que caísse no chão, como um saco vazio.

Amun ficou no mesmo lugar por um bom tempo. Ninguém o tocou. Nem mesmo os Caçadores. Estavam muito preocupados em reavivar seu amigo caído. Não sabiam que era tarde demais, que sua mente fora apagada; Amun era o novo detentor de seus mais íntimos segredos. Talvez até mesmo de suas memórias. O guerreiro nunca revelara a Sabin como isso funcionava, e Sabin nunca tinha perguntado.

Lentamente, Amun se virou, o corpo rijo. Seu olhar sombrio encontrou o de Sabin por um momento gélido e tormentoso, durante o qual ele não conseguiu mascarar a dor de estar ouvindo aquela nova voz em sua cabeça. Então piscou os olhos, escondendo a dor, como fizera milhares de vezes, e seguiu em direção à parede mais distante, enquanto Sabin o observava, resolutos. *Não vou me sentir culpado. Isso precisa ser feito.*

A parede era igual a qualquer outra, com pedras pontudas empilhadas umas sobre as outras formando uma inclinação, e Amun pousou uma das mãos na sétima pedra abaixo, dedos esticados, depois pôs a outra na quinta pedra acima, dedos fechados. Movendo-se em sincronia, ele girou um dos pulsos para a esquerda e o outro para a direita.

As pedras se moveram com ele, numa engrenagem.

Sabin observou o processo, pasmo. Nunca parava de se surpreender com o que Amun podia aprender em um piscar de olhos.

Com as pedras já em suas novas posições, formou-se uma rachadura no meio de cada uma delas, ramificações apareceram de cima a baixo, e elas se alinharam a um espaço que Sabin não havia notado antes. Uma parte da parede se moveu para trás... Mais para trás, e finalmente começou a avançar lentamente para o lado. Um portal se abriria assim que terminasse, espaçoso o suficiente para um exército de feras como ele.

Enquanto o portal continuava a se abrir, um ar frio soprou nas catacumbas, fazendo com que as tochas se apagassem. *Rápido*, pensou, seguindo em direção às pedras. Por que se moviam com uma lentidão tão agonizante?

— Algum Caçador de tocaia do lado de fora? — perguntou, pegando sua Sig Sauer da cintura e verificando o pente. Restavam três balas. Procurou mais algumas no bolso e carregou a arma. O silenciador permanecia no lugar.

Amun assentiu e levantou sete dedos antes de montar guarda naquele abismo cada vez maior.

Sete Caçadores contra dez Senhores. Amun não contava, pois em pouco tempo ele estaria distraído demais com a voz em sua cabeça e não poderia lutar. Mas os deuses sabiam que Amun ainda iria, silenciosamente, pedir para fazer parte da ação. Mesmo assim. Pobres Caçadores. Não tinham chance alguma.

— Eles sabem que estamos aqui?

Aquele rosto sombrio fez que não.

Então não havia câmeras vigiando seus movimentos. Ótimo.

— Sete caçadores é brincadeira de criança — confirmou Lucien, guardião da Morte, ao recostar-se no muro. Ele estava pálido, e seus olhos desproporcionados brilhavam de... Tensão? — Sigam em frente sem mim. Estou desaparecendo. E, de qualquer maneira, em pouco tempo terei que transportar nossos prisioneiros para o calabouço em Buda.

Graças ao demônio da Morte, Lucien era capaz de se mover de um lugar a outro com apenas um pensamento, e muitas vezes era forçado a conduzir os mortos até o além. Isso não significava que era imune à destruição. Sabin franziu a testa. Estudou-o. As cicatrizes em seu rosto estavam mais evidentes; seu nariz, fora do lugar. Havia uma bala alojada em seu ombro e outra, no estômago. E, julgando pela mancha vermelha na base de suas costas, outra no rim.

— Você está bem, cara?

Lucien sorriu, seco.

— Vou sobreviver. Amanhã, no entanto, provavelmente vou desejar estar morto. Alguns órgãos estão esfarelados.

Ai! Sabin já estivera naquela situação, tivera de se recuperar.

— Pelo menos, não precisará regenerar um membro.

Com o canto dos olhos, viu Amun fazer sinais com as mãos.

— Não existem câmeras instaladas, além disso os Caçadores estão em uma câmara com paredes à prova de som — interpretou Sabin. — Isso era uma antiga prisão, e os Senhores da época não queriam que ninguém ouvisse seus escravos gritando. Os Caçadores não sabem de nossa presença, o que deve facilitar nossa emboscada.

— Você não precisa de mim para uma simples emboscada. Vou ficar na retaguarda com Lucien — disse Reyes, deslizando o traseiro e recostando-se em uma pedra para firmar o corpo. Reyes hospedava o demônio da Dor. A agonia física lhe dava prazer, e estar ferido o deixava mais forte. Enquanto lutava. Porém, quando a luta terminava, sentia-se fraco como qualquer um. Naquele momento, sua situação era a pior de todas, com uma das faces tão inchada que sua visão devia estar uma droga. — Além disso, alguém tem de vigiar os prisioneiros.

Então seriam sete contra oito. Pobres Caçadores. Na verdade, Sabin suspeitava que Reyes queria ficar para trás, a fim de proteger o corpo de Lucien dos inimigos. Até porque Lucien só poderia levá-lo ao mundo espiritual quando estivesse forte, o que não parecia ser o caso.

— Suas mulheres vão me infernizar — Sabin murmurou.

As duas, Anya e Danika, tinham se apaixonado recentemente, e só haviam pedido uma coisa a Sabin antes de os guerreiros partirem para o Egito: “Tragam nossos homens de volta a salvo.”

Quando os meninos chegassem em casa naquelas terríveis condições, Danika balançaria a cabeça para Sabin em desaprovação e correria para ajudar Reyes, e Sabin se sentiria mais sujo do que a lama em suas botas. Anya atiraria em Sabin exatamente como Lucien fora atingido, *depois* confortaria o namorado, e Sabin sentiria dor. Muita dor.

Suspirando, Sabin olhou para os outros guerreiros tentando decidir quem estava bem para seguir e quem deveria ser deixado para trás. Maddox, guardião da Violência, era o lutador mais forte que ele já vira. Naquele momento, o guerreiro estava tão ensopado de sangue quanto Sabin e ofegava, mas já se posicionara ao lado de Amun, pronto para a ação. Sua mulher não ficaria muito contente com

Sabin, assim como as demais.

Com um movimento lento, enxergou a adorável Cameo. Era a guardiã da Infelicidade, e também a única mulher entre os soldados. O que não tinha em tamanho, compensava com ferocidade. Além do mais, tudo que precisava fazer era começar a falar com todas as tristezas do mundo em sua voz, e era provável que os humanos *se suicidassem* sem que ela precisasse encostar um dedo neles. Alguém atingira seu pescoço deixando três sulcos profundos. Isso não pareceu ter abrandado sua força, pois terminava de limpar seu machete e se juntou a Amun e Maddox.

Outro movimento. Era Paris, guardião da Luxúria, e algum tempo atrás o mais jovial de todos. Agora parecia estar mais sério e mais agitado a cada dia que passava, mas Sabin não sabia o que causara tal alteração. Não importava a razão, naquele momento ele se aproximava dos Caçadores, estava irado e rosnava, tão louco por uma luta que vibrava com energia brutal. E, mesmo com dois buracos na perna direita, Sabin notou que Paris não pretendia descansar tão cedo.

Ao lado dele estava Aeron, guardião da Ira. Apenas recentemente os deuses o haviam livrado da maldição que não deixara ninguém à sua volta a salvo. Ele vivia para machucar, para matar. Em momentos como aquele, era o que fazia. Naquele dia, tinha lutado como se a ira ainda o consumisse, maltratando e esfaqueando todos que estavam ao seu alcance. O que fora bom, mas...

Quando a próxima luta acabasse, aquela sede de sangue estaria pior? Sabin temia que tivessem de invocar Legião, o pequeno demônio faminto por sangue que adorava Aeron como um deus, e era o único que poderia acalmá-lo em seus momentos obscuros. Infelizmente, Legião estava trabalhando para eles no inferno. Sabin gostava de se manter atualizado sobre os acontecimentos do Mundo Subterrâneo. Conhecimento era poder, e nunca se sabia quando ele poderia ser utilizado.

De repente, Aeron bateu com um punho na têmpora de um Caçador, derrubando o humano no chão, inconsciente.

Sabin piscou para ele.

— Por que fez isso?

— Ele estava prestes a atacar.

Improvável, mas era assim que Paris costumava cortar qualquer ameaça invisível que o afrontasse: atacando metodicamente os Caçadores, até que todos estivessem destruídos.

— Isso deve mantê-los calmos como Amun, por enquanto — comentou, ríspido.

Suspirando, Sabin mudou o foco de sua atenção mais uma vez. Lá estava Strider, guardião da Derrota. O homem era incapaz de perder em alguma coisa sem sofrer uma dor terrível, portanto tinha que garantir que venceria sempre. Talvez por isso estivesse desenterrando uma bala alojada em um dos lados de seu corpo em preparação para a luta que se aproximava. Ótimo. Sabin sempre podia contar com ele.

Kane, guardião do Desastre, caminhava à sua frente, abaixando a cabeça enquanto uma chuva de pedregulhos caía do teto, lançando nuvens de poeira em todas as direções. Vários guerreiros tossiram.

— Ah, Kane — disse Sabin. — Por que não fica aqui também? Você pode ajudar Reyes a tomar conta dos prisioneiros. — Uma desculpa tola, todos sabiam disso.

Seguiu-se uma pausa, o único som ouvido foi o roçar de uma pedra contra a areia enquanto o portal continuava se abrindo lentamente. Kane fez um rápido aceno. Ele odiava ser deixado para trás,

Sabin sabia disso, mas sua presença às vezes causava mais problemas do que resolvia. E, como sempre, Sabin colocava a vitória acima do sentimento de seus amigos. Não que gostasse de fazer isso, não faria em outra situação. Mas alguém precisava agir com sangue-frio e lógica, ou perderiam sempre.

Com Kane de fora, a batalha iminente seria de sete contra sete. Completamente igualada. Pobres Caçadores. Eles ainda não tinham a mínima chance.

— Alguém mais quer ficar para trás?

Um coro respondeu “não”, e a ansiedade pingava dos diferentes timbres. Uma ansiedade que Sabin compartilhava.

Até que a caixa de Pandora fosse encontrada, esses combates eram necessários. Mas ela não seria encontrada sem aqueles malditos artefatos para lhes mostrar o caminho. E como uma das quatro relíquias supostamente estava ali, no Egito, essa luta em particular era mais importante do que as outras. Ele não permitiria que os Caçadores ficassem com um único artefato sequer, pois aquela caixa poderia destruir Sabin e todos os que ele estimava, liberando os demônios de seus corpos e deixando-os vazios e sem vida, como conchas.

Mesmo confiante de que ganharia a batalha, ele sabia que teria de lutar pela vitória. Os Caçadores eram liderados pelo arqui-inimigo de Sabin, Galen, um imortal disfarçado possuído por demônios “protetores de tudo o que é bom e correto”, eles compartilhavam informações que nenhum humano deveria saber. Como a melhor forma de distrair os Senhores... A melhor forma de capturá-los... A melhor maneira de destruí-los.

Finalmente, a pedra parou de se mover, e Amun espiou o outro lado. Balançou a mão sinalizando que era seguro entrar. Ninguém deu um passo à frente. Os homens de Sabin e os de Lucien tinham acabado de voltar a lutar juntos, pois estiveram separados por mais de mil anos. Ainda não conheciam a informação mais valiosa.

— Vamos atacar ou apenas ficar aqui, de pé, esperando até que eles nos encontrem? — Aeron resmungou. — Eu estou pronto.

— Olhe para você, sem entusiasmo, um bosta — disse Gideon, com um sorriso afetado. — Não estou impressionado.

Era o momento de assumir o controle, pensou Sabin. Ele pensou em qual seria a melhor estratégia. Nos últimos séculos, não chegara a lugar nenhum com os Caçadores, entrando nas batalhas de forma imprudente com apenas um objetivo: matar. Mas o número de inimigos crescia ao invés de diminuir. E, para ser honesto, sua determinação e ódio também estavam crescendo. Era tempo de uma nova forma de batalha, de catalogar seus recursos e suas fraquezas antes de seguir adiante.

— Eu vou na frente, pois sou o menos ferido. — Sabin posicionou o dedo sobre o gatilho. — Quero que fiquem em pares, os menos feridos com os mais machucados. Vão trabalhar juntos, os mais feridos na retaguarda e os mais saudáveis buscando o alvo. Deixem o máximo que puderem vivos — ordenou. — Sei que não querem fazer isso, que vai contra seus instintos. Mas não se preocupem. Eles vão morrer em breve. Quando encontrarmos o líder e conhecermos seus segredos, eles serão inúteis, e vocês poderão fazer o que quiserem com eles.

O trio que bloqueava o caminho se separou, permitindo que Sabin entrasse sem hesitar no corredor estreito, e todos o seguiram, com passos quase silenciosos. Lanternas acesas com bateria iluminavam as paredes cobertas de hieróglifos. Sabin permitiu que, por um momento, seu olhar pousasse sobre aqueles símbolos, tempo suficiente para gravar tais imagens em sua mente. Elas mostravam vários prisioneiros sofrendo terríveis execuções, tendo o coração removido enquanto ainda batia no peito.

Odores humanos infestaram o ar já pesado e empoeirado: perfume, suor, vários tipos de comida. Há quanto tempo os Caçadores estariam ali? O que estavam fazendo? Já teriam encontrado o artefato?

As perguntas rondavam sua mente, e seu demônio se uniu a elas. Por ser Dúvida, não conseguia evitar. *Eles claramente sabem algo que você não sabe. O que pode ser suficiente para que eles o derrubem. Seus amigos poderiam muito bem dar seu último suspiro essa noite.*

Dúvida não podia mentir, não sem fazer com que Sabin desmaiasse. O demônio só podia usar escárnio e suposição para confundir suas vítimas. Ele nunca entendera por que um espírito maligno não podia lançar mão de fraudes; a melhor conclusão a que pôde chegar foi a de que o demônio também carregava consigo uma maldição. Mas já tinha aceitado isso havia muito tempo. Ele não se permitiria derrubar *a si mesmo* naquela noite. *Continue assim e passarei a semana enclausurado no meu quarto, lendo, para que eu não fique pensando muito.*

Mas preciso me alimentar, ouviu a reclamação em resposta. E a preocupação que ela causou foi a melhor de suas refeições.

Anda logo.

Corra.

Sabin estendeu a mão, parou, e os guerreiros atrás dele também pararam. Havia uma pequena sala logo à frente, com a porta aberta. O som de vozes e passos ecoava, e talvez o barulho de uma broca.

Os Caçadores estavam mesmo distraídos, pedindo para cair numa emboscada. *Sou eu o homem que vai lhes dar isso.*

Você, sério?, perguntou Dúvida, a ameaça de Sabin ignorada. *Pelo que eu sei...*

Esqueça que eu existo. Já lhe dei comida, como havia prometido.

Havia uma grande exclamação em sua cabeça, e em seguida Dúvida estava abrindo sua mente para os Caçadores dentro da pirâmide, murmurando todo tipo de pensamentos destrutivos. *Tudo isso para nada... E se estiver enganado... Se não for forte o suficiente... Poderia morrer rápido...*

A conversa foi diminuindo. Alguém pode até ter choramingado.

Sabin levantou um dedo, depois outro. Quando levantou o terceiro, ele e seus guerreiros entraram em ação, fazendo ecoar um grito de guerra.

Capítulo Dois

GWENDOLYN, A TÍMIDA, se encolheu no fundo de sua cela de vidro no momento em que a horda de guerreiros altíssimos, musculosos e altamente sanguinários entrou na câmara que ela ao mesmo tempo amava e odiava havia um ano. Amava, pois estar dentro dela era como estar fora de sua própria cela; a liberdade era uma possibilidade. Odiava por todas as ações de tortura que tinham acontecido lá dentro. Ações que presenciara e temera.

Os homens que tinham levado a cabo tais ações gritaram, derramando suas placas de Petri, agulhas, frascos e vários utensílios. Vidros se estilhaçaram. Berros selvagens ecoaram, os intrusos avançaram gritando ameaças, seus braços feriam, as pernas chutavam. Seus alvos caíam ao chão. Não havia dúvida sobre quem venceria aquela luta.

Gwen tremeu sem saber o que aconteceria com ela e com as outras quando tudo se acalmasse. Os guerreiros eram claramente inumanos como ela, como todas as mulheres presas nas celas ao redor da sua. Eram muito duros, muito fortes e *muito tudo* para serem mortais. Mas quem eram exatamente, ela não sabia. Por que estavam ali? O que queriam?

Tivera muitas decepções no ano anterior, e por isso não ousava acreditar que eles poderiam estar numa missão de resgate. Gwen e as demais seriam deixadas ali, apodrecendo? Ou aqueles homens tentariam usá-las, como fizeram os detestáveis humanos?

— Mate-os! — gritou uma das cativas aos novos guerreiros, e o som de sua voz dura e raivosa fez Gwen abraçar o próprio corpo. — Faça com que sofram como nós sofremos.

O vidro que mantinha as mulheres afastadas do mundo exterior era grosso, impossível de ser quebrado com um punho ou mesmo um bala, mas, ainda assim, cada grito na câmara perfurava os tímpanos de Gwen.

Ela sabia como bloquear ruídos; aprendera com as irmãs, ainda criança, mas queria desesperadamente ouvir seus captores sendo derrotados. Seus gritos de dor eram como canções de ninar. Reconfortantes e doces.

Ainda que os guerreiros fossem obviamente fortes, eles não desferiram um golpe mortal uma única vez. Estranhamente, simplesmente feriam sua presa, deixando-a inconsciente antes de passar à seguinte. E, após o que pareceram breves segundos, mas provavelmente haviam sido longos minutos, apenas um humano permaneceu de pé. O pior de todos.

Um dos guerreiros deu um passo à frente, aproximando-se dele. Mesmo que todos os recém-chegados tivessem habilidades letais, esse gostava de lutar sujo, buscando a virilha e o pescoço. Levantou o braço, como se anunciasse o golpe final, mas os grandes olhos de Gwen encontraram os seus, e ele parou. Lentamente, ele baixou o braço.

Gwen ficou sem ar. Os cabelos castanhos do guerreiro estavam colados à cabeça, ensopados de sangue. Seus olhos eram escuros e profundos, cor de conhaque, e também possuía tons carmesim. Impossível. Ela com certeza imaginou o brilho selvagem. Seu rosto, duro, como se tivesse sido entalhado em granito, prometia destruição em cada linha de expressão e em cada poro, ainda que houvesse algo quase... infantil nele. Uma incrível contradição.

Sua camisa fora reduzida a trapos, e seus músculos dourados pelo sol podiam ser vistos quando se movia. Ah, o sol. Como ela sentia falta do sol, como o desejava. A tatuagem de uma borboleta violeta surgia na base de seu abdômen, entrando pela cintura da calça. As pontas de suas asas haviam sido navalhadas, dando um toque masculino e feminino ao mesmo tempo. Por que uma borboleta?, ela imaginou. Era estranho que um guerreiro tão forte e cruel tivesse escolhido tal figura. Qualquer que fosse a razão, aquela marca a reconfortava, de alguma forma.

— Ajude-nos — pediu Gwen, torcendo para que o imortal a ouvisse através do vidro à prova de som, assim como ela. Mas se ele a ouviu, não deu qualquer indício. — Liberte-nos. — Nada ainda.

E se eles deixarem vocês aí? Ou, pior, e se estiverem aqui pelo mesmo motivo que os humanos?

Esses pensamentos rapidamente tomaram conta de sua mente, e ela franziu a testa, talvez tenha até empalidecido. O medo continuava presente. Tinha se perguntado exatamente a mesma coisa pouco tempo antes. Mas esses guerreiros pareciam diferentes... Estranhos. Aqueles não eram seus pensamentos, não era sua voz interior quem os expressava. Como... O quê...?

Dentes brancos e afiados cravaram o lábio inferior do humano enquanto agarrava suas têmporas, claramente furioso.

E se...

— Pare — ordenou ele.

O pensamento que se formava na cabeça de Gwen desapareceu abruptamente. Ela piscou os olhos, confusa. O guerreiro sacudiu a cabeça, intensificando sua expressão de raiva.

Com o imortal distraído, seu torturador humano resolveu agir, aproximando-se dele.

Gwen gritou:

— Cuidado!

Mesmo atento a Gwen, o guerreiro com rosto de granito levantou um braço e pegou o humano pelo pescoço, sacudindo-o e paralisando-o ao mesmo tempo. O homem, Chris era seu nome, debatia-se. Era jovem, 25 anos talvez, mas liderava os cientistas e guardas ali dentro. Era também o homem que ela desprezava mais do que o cativo.

Tudo o que faço é por um bem maior, ele gostava de dizer, exatamente antes de estuprar outra mulher na sua frente. Ele poderia ter inseminado todas elas artificialmente, mas preferiu a humilhação do sexo forçado. *Gostaria que ela fosse você*, costumava acrescentar.

Cada uma delas é uma substituta sua.

Mesmo com tanto desejo, ele nunca a tocara. Tinha muito medo dela. Todos tinham. Sabiam

quem ela era; já a tinham visto em ação no dia em que a capturaram. Quando uma mulher, sem intenção, espancava alguns humanos até a morte, sua reputação estava feita, era o que ela imaginava. Mas, em vez de eliminá-la, mantinham-na presa, fazendo experimentos com várias drogas no sistema de ventilação, na esperança de deixá-la inconsciente o máximo de tempo possível para usá-la. Ainda não tinham conseguido, mas também não tinham desistido.

— Sabin, não! — disse uma mulher linda, de cabelos escuros, agarrando o ombro do guerreiro de olhos vermelhos. Sua voz estava tão carregada de dor, e Gwen se encolheu. — Como você mesmo disse, ele talvez nos seja útil.

Sabin. Um nome forte, lembrava uma arma. Bem apropriado.

Os dois eram amantes?

Finalmente, aquele olhar que a consumia se afastou, e ela conseguiu respirar novamente. Sabin soltou Chris, e o canalha caiu no chão, inconsciente. Gwen notou que ainda estava vivo, pois escutava o sangue correndo em suas veias, o ar em seus pulmões.

— Quem são essas mulheres? — perguntou um guerreiro loiro. Ele tinha olhos azuis brilhantes e um rosto adorável, que prometia compaixão e segurança, mas não era o tipo de homem junto do qual Gwen se imaginaria dormindo em paz. Profundamente. *A salvo*. Finalmente.

Durante todos aqueles meses, tivera medo de dormir sabendo que Chris adoraria se aproveitar dela enquanto estivesse inconsciente. Por isso tirava sonecas rápidas, nunca baixando completamente a guarda. Às vezes, tivera de aguentar o desejo de se oferecer àquele homem cruel para poder simplesmente fechar os olhos e dormir profundamente.

Uma montanha de cabelos escuros e olhos violeta deu um passo à frente, observando as celas ao redor de Gwen.

— Meu Deus! Essa está grávida.

— Essa também — disse outro, que tinha cabelos multicoloridos, pele clara e olhos azuis tão brilhantes quanto os dos seus amigos, ainda que com uma sombra mais escura. — Que tipo de idiota mantém mulheres grávidas nessas condições? Isso é baixo demais, mesmo para os Caçadores.

As mulheres em questão batiam nos vidros pedindo ajuda, implorando por liberdade.

— Alguém consegue escutar o que estão dizendo? — perguntou o grandalhão.

— Eu escuto — Gwen respondeu automaticamente.

Sabin se virou para ela. Aquele olhar castanho, já sem o toque carmesim, mais uma vez recaía sobre ela, sondando, buscando... Examinando.

Ela sentiu um arrepio na espinha. Ele conseguia ouvi-la? Os olhos de Gwen se arregalaram ao ver que ele se aproximava de sua cela, pegando uma faca que mantinha na cintura. Com os sentidos aguçados, notou o leve cheiro de limão, suor e menta. Ela respirou fundo, saboreando cada nuança. Por muito tempo não cheirara outra coisa além do perfume exagerado de Chris, seus remédios odiosos e o pavor das outras mulheres.

— Você pode nos ouvir? — perguntou Sabin, num tom de voz tão áspero quanto suas feições, capaz de fazer tremer os nervos de Gwen, mas que de alguma forma soava como uma carícia aos seus ouvidos.

Hesitante, ela assentiu.

— Elas também? — Ele apontou para as outras prisioneiras.

Ela balançou a cabeça.

— Você pode me ouvir?

Sabin também balançou a cabeça.

— Estou lendo seus lábios.

Ah, isso significava que a estivera observando com atenção, mesmo quando tinha a cabeça voltada para outro lado. Saber disso não era ruim.

— Como podemos abrir o vidro? — ele perguntou.

Ela pressionou os lábios e ousou olhar rapidamente para os predadores fortemente armados e cobertos de sangue atrás dele. Deveria responder? E se eles planejassem estuprar suas companheiras de prisão, exatamente como os outros tinham feito? Exatamente como ela temia? A expressão dura no rosto dele ficou mais branda.

— Não viemos aqui para lhes fazer mal. Têm minha palavra. Só queremos libertá-las.

Ela não o conhecia, não sabia se poderia confiar nele, mas mesmo assim moveu as pernas, bambas, e se aproximou do vidro. Assim, bem perto, notou que Sabin era mais alto que ela, e que seus olhos não eram castanhos como imaginara. Na verdade, eram âmbar, café, castanho-avermelhados e bronze, uma sinfonia de cores. Ainda bem que o brilho vermelho-vivo se fora. Teria ela imaginado que ele existira?

— Mulher? — ele chamou.

Se ele abrisse a cela, como prometera... Se tivesse coragem, e não ficasse paralisada de medo, como era seu costume... Finalmente seria possível escapar. A esperança que ela se negara voltava à vida, irrefreável, tentadora, amenizada apenas pela ideia de que poderia, de forma cruel e brutal, destruir aqueles possíveis salvadores, mesmo sem querer fazê-lo.

Não se preocupe. A menos que eles tentem machucar você, sua besta permanecerá aprisionada. Mas um passo em falso deles e...

Valeria a pena arriscar, ela pensou, e disse:

— Pedras.

Ele franziu a testa.

— Peças?

Engolindo em seco, limpando a garganta, ela levantou uma das unhas, que era uma garra, se comparada à dos humanos — e arranhou a palavra *PEDRAS* no vidro. Cada letra permanecia escrita num espaço de tempo suficiente para que desenhasse outra. Maldito vidro especial. Várias vezes ela imaginara como os humanos o haviam conseguido.

Uma pausa. Um franzir de testa. Mas ele manteve a atenção focada todo o tempo em sua unha comprida e pontuda. Estaria ele pensando que tipo de criatura ela era?

— Pedras? — ele perguntou, mais uma vez olhando-a nos olhos.

Ela assentiu.

Sabin girou nos calcanhares, observando toda a cela. Mesmo que tenha olhado por apenas alguns segundos, Gwen suspeitou que analisara cada centímetro do local e que poderia encontrar uma saída até mesmo no escuro.

Os guerreiros se alinharam atrás de Sabin, olhando para ela em expectativa. Além da expectativa, claro, havia curiosidade, suspeita, ódio — por ela? — e até mesmo desejo. Um passo, dois, e ela se afastou. Qualquer dia desses, ela confundiria ódio mortal com desejo. Suas pernas tremiam de forma tão violenta que seus músculos pareciam estar a ponto de entrar em colapso. *Fique calma. Não entre em pânico. Coisas ruins acontecem quando você entra em pânico.*

Como podemos combater o desejo dos outros? Não havia nada que poderia fazer para se proteger além do que já não tivesse feito. Quando foi aprisionada, seu jeans e sua camiseta foram trocados por uma camiseta branca sem mangas e uma saia curta oferecida pelos captores; assim o acesso seria mais fácil. Canalhas. Uma das alças da camiseta arrebentara havia alguns meses, e ela teve de amarrá-la abaixo do braço para manter o seio coberto.

— Virem-se — gritou Sabin, de repente.

Gwen virou o corpo sem pensar, seus longos cabelos vermelhos balançaram. Sua respiração ficou entrecortada e o suor escorria por sua testa. Por que ele pediu para que ela virasse de costas? Para dominá-la mais facilmente?

Seguiu-se mais uma daquelas pausas pesadas.

— Não disse isso para você, mulher. — Dessa vez sua voz era doce e gentil.

— Ah, vamos — alguém disse. E Gwen reconheceu o tom irreverente daquele homem loiro, de olhos azuis. — Você não está falando sério sobre...

— Ela está assustada com vocês.

Gwen olhou para trás por sobre o ombro.

— Mas ela... — disse um homem cheio de tatuagens.

Mais uma vez, Sabin interveio:

— Você quer respostas ou não? Eu já disse: virem-se!

Alguns gemidos, pés se movendo.

— Mulher.

Lentamente, ela virou de frente. Todos os guerreiros estavam de costas, como Sabin ordenara.

Ele colocou uma das mãos sobre o vidro. Sua mão era grande, sem marcas e firme, mas manchada de sangue.

— Que pedras?

Ela apontou para um grupo de pedras guardadas num estojo atrás dele. Eram pequenas, do tamanho de um punho, e cada uma tinha uma forma de morte pintada em sua superfície. As mais chamativas: uma decapitação, a extração de um membro, um esfaqueamento, uma lança enfiada na barriga e uma fogueira subindo pelo corpo de um homem pendurado em uma árvore.

— Ótimo, isso é ótimo. O que devo fazer com elas?

Louca de vontade de libertar-se — *estava perto, muito perto* —, ela fez o gesto de colocar uma pedra num buraco, como se fosse uma chave numa fechadura.

— Faz diferença qual pedra vai em cada buraco?

Ela assentiu, depois apontou para cada pedra e para a cela que elas abriam. Tinha chegado ao ponto de temer o mecanismo, pois sempre significara o testemunho forçado de mais um estupro. Suspirando, Gwen começou a desenhar a palavra CHAVE no vidro quando Sabin mergulhou um

dos punhos na cesta de pedras, quebrando sua casca de proteção. Teria sido necessária a força de vários homens para isso, mas ele o fizera sem demonstrar muito esforço.

Ganhou vários cortes nos dedos e no punho. Apareceram gotas vermelhas, mas ele sacudiu a mão como se não fosse nada. Àquela altura, os ferimentos já estavam em processo de cura, a carne rasgada se juntando novamente. Ah, sim. Ele era muito mais que um mortal. Não era um ser encantado, pois suas orelhas eram perfeitamente redondas. Não era um vampiro, pois não tinha presas. Seria uma sereia masculina, então? Sua voz era mesmo rica e deliciosa, embora um tanto ríspida, talvez.

— Peguem uma pedra — disse Sabin, sem nunca deixar de olhar para ela.

Instantaneamente, os guerreiros viraram o corpo. Gwen intencionalmente manteve os olhos focados em Sabin, com medo de que, ao olhar para os outros, seu medo fosse aumentar. *Você está no controle, está indo bem.* Ela não podia, não iria titubear. Já tinha muitos arrependimentos na vida.

Por que ela não poderia ser como suas irmãs? Por que não podia ser corajosa e forte, aceitando a si mesma? Se fosse necessário, elas teriam arrancado um membro para escapar dali, e teriam feito isso muito tempo antes. Teriam dado um murro no vidro, depois no peito de Chris, e comido seu coração na frente dele, rindo todo o tempo.

Ela sentiu muita saudade de casa. Se Tyson, seu antigo namorado, tivesse contado algo sobre sua abdução às irmãs de Gwen — o que provavelmente não fez, pois tinha medo delas — estariam procurando por ela, e não desistiriam até encontrá-la. Mesmo com toda sua fraqueza, elas a amavam, queriam o melhor para ela. Mas ficariam decepcionadas ao saber sobre sua captura. Ela falhara e desapontara sua raça. Desde pequena, sempre correu para longe dos problemas, e assim ganhou o terrível apelido “Gwendolyn, a Tímida”.

Notou que as palmas de suas mãos estavam suadas, e as esfregou nas pernas.

Sabin dirigiu os homens, dizendo que pedra deveria ser posta em qual buraco. Errou algumas vezes, mas ela não se importava. Eles entenderiam. Sabin já sabia que pedra abriria a cela de Gwen, e quando um homem de cabelo azul, com piercing, tentou pegar a pedra certa, os dedos fortes e bronzeados de Sabin agarraram seu pulso, detendo-o.

O homem de cabelos azuis o encarou, e Sabin balançou a cabeça.

— É minha — disse Sabin.

O vagabundo abriu um sorriso forçado.

— Estamos odiando tudo isso, certo?

Sabin apenas franziu a testa para ele.

Gwen piscou os olhos, confusa. Será que Sabin não gostava de olhar para ela?

Uma a uma, as mulheres eram liberadas, algumas chorando, outras tentando fugir correndo da câmara. Os homens não deixavam que fossem muito longe, agarrando-as e surpreendendo Gwen ao abraçá-las gentilmente, mesmo quando elas usavam a violência. Na verdade, o homem mais bonito do grupo, o de cabelos multicoloridos, aproximava-se delas dizendo:

— Durmam para mim, queridas.

Incrivelmente, elas obedeciam, caindo nos braços protetores do guerreiro.

Sabin se abaixou e pegou a pedra de Gwen, a que mostrava a figura de um homem sendo queimado vivo. Quando se levantou, ele a jogou no ar e a pegou de volta facilmente.

— Não corra, está bem? Estou cansado e não quero ter de persegui-la, mas irei, se me obrigar... E tenho medo de que possa feri-la acidentalmente.

Eu também, ela pensou.

— Não... Não a liberte — disse Chris, de repente. Por quanto tempo estivera acordado? Ele levantou a cabeça e cuspiu um pouco de areia. Já havia escoriações sob seus olhos. — Ela é perigosa. Mortal.

— Cameo. — Foi tudo o que Sabin disse.

A guerreira sabia o que ele queria e caminhou em direção ao humano, agarrando-o pela camisa e deixando-o de pé facilmente. Com a mão livre, pousou uma adaga em sua carótida. Por estar muito fraco ou muito assustado, ele não lutou.

Gwen esperava que Chris estivesse paralisado de medo. Esperava com todas as suas forças. Ela até olhou para a lâmina, desejando que ela estivesse perfurando a garganta daquele idiota, cravando-se na pele e nos ossos, causando uma dor terrível.

Sim, ela pensou, hipnotizada. Sim, sim, sim. *Faça isso. Por favor. Corte-o, faça-o sofrer.*

— O que quer que eu faça com ele? — perguntou Cameo a Sabin.

— Mantenha-o aqui. Vivo.

Gwen ficou desapontada, baixando os ombros. Mas com o desapontamento surgiu também uma percepção impressionante. Suas emoções estavam sob controle, ainda que estivesse muito perto de poder liberar sua fera interior. Todos aqueles pensamentos de dor e sofrimento não eram típicos de sua personalidade. Não podiam ser. *Perigosa*, dissera Chris. *Mortal*. E ele tinha razão. Você tem que se controlar.

— Mas sinta-se livre para machucá-lo um pouco — disse Sabin, estreitando os olhos ao encarar Gwen. Ele estava... chateado? Com ela? Mas por quê? O que ela teria feito?

— Não a liberte — repetiu Chris. Um tremor fez o corpo dele vibrar por inteiro. Ele se afastou, mas Cameo, obviamente mais forte do que parecia, colocou-o de novo no lugar. — Por favor, não.

— Talvez devesse manter a ruiva na cela — disse a pequena guerreira. — Por enquanto, pelo menos. Por precaução.

Sabin levantou a pedra, hesitando pouco antes de colocá-la no buraco ao lado da cela de Gwen.

— Ele é um Caçador. Um mentiroso. E acho que ele a feriu, mas não quer que ela nos diga.

Ela piscou para Sabin, nervosa e impressionada. Ele não estava chateado com ela, mas com Chris — um Caçador? — pelo que poderia ter feito. Ele realmente era sincero. Não lhe faria mal. Queria libertá-la. Deixá-la em segurança.

— É isso? — perguntou Sabin. — Ele machucou você?

Com as faces coradas de constrangimento, ela assentiu. Ele a destruíra emocionalmente.

Sabin passou a língua pelos dentes.

— Ele vai pagar por isso. Tem minha palavra.

Lentamente, a vergonha desapareceu. Sua mãe, que a deserdera havia quase dois anos, preferiria vê-la morta a ser enfraquecida, mas aquele homem, aquele estranho, se vingaria por ela.

Chris engoliu em seco, nervoso.

— Escute o que estou dizendo, por favor. Sei que sou seu inimigo, e não vou mentir nem fingir o

contrário. Eu o odeio com todas as minhas forças. Mas se a libertar, ela nos matará a todos. Eu juro.

— Você vai matar todos nós, ruivinha? — perguntou Sabin, num tom ainda mais gentil que antes.

Acostumada a ser chamada de “vadia” e “puta” pelos homens dali, Gwen sentiu toda aquela doçura passeando por sua mente com a força de uma brisa de verão. Em seus poucos minutos juntos, aquele homem lhe oferecera o que desejara ter desde que fora presa: era um príncipe encantado determinado a matar seus dragões. Claro, certa vez pensara que tal príncipe fosse Tyson, ou mesmo o pai que nunca conhecera, mas ainda assim... Não era todo dia que os sonhos se transformavam em realidade.

— Ruiva?

Gwen voltou a prestar atenção. O que ele tinha perguntado? Ah, claro. Se ela mataria a ele e a seus amigos. Molhou os lábios e balançou a cabeça. Se a fera tomasse conta dela, ela não apenas tentaria. Ela conseguiria. *Posso manter o controle. Por um bom tempo. Eles vão ficar bem.*

— Foi o que imaginei. — Com um movimento rápido do pulso, Sabin levou a pedra até o buraco. O coração de Gwen saltava dentro do peito, quase quebrando suas costelas. Lentamente, o vidro se abria... Mais e mais... Até não haver nada entre ela e Sabin além do ar. O cheiro de limão e menta ficou mais forte. O frio a que ela estava acostumada se transformou em um calor que parecia envolver todo seu corpo.

Ela sorriu, timidamente. Estava livre. Verdadeiramente livre.

Sabin respirou fundo.

— Meus deuses. Você é incrível.

Ela se viu dando um passo à frente, em direção a ele, desesperada por um pouco de contato, algo que lhe tinha sido negado havia meses. Um simples toque, nada mais. Depois voltaria para casa. Finalmente.

Casa.

— Sua vadia! — gritou Chris, lutando contra Cameo. — Fique longe de mim. Mantenha essa mulher longe de mim. Ela é um monstro!

Os pés de Gwen saíram da harmonia em que se encontrava, seu olhar se voltou diretamente para o humano desgraçado causador de toda angústia e de todo sofrimento que vivera no último ano. Sem falar em tudo o que fizera às suas companheiras de cela. Suas unhas se transformaram em garras afiadas. Asas pequeninas, como teias, se abriram em suas costas, esgarçando o tecido da roupa freneticamente. O sangue corria em suas veias com força, passando por todos os cantos do seu corpo, rápido, muito rápido, e sua visão se tornou infravermelha, com as cores desaparecendo enquanto o calor do corpo virava seu único foco.

Naquele momento, Gwen notou que, na verdade, nunca fora capaz de controlar sua fera, seu lado negro, que acabou tomando conta de todo o corpo, ainda que se mantivesse normalmente quieta, esperando a hora de dar o bote...

Só Chris, só Chris, por favor, deuses, que seja só Chris. Ficou repetindo isso sem parar, querendo que tal pensamento penetrasse a sede de sangue de sua fera vingativa. *Só Chris, deixe os outros em paz, ataque apenas Chris.*

Mas, no fundo, ela sabia que não poderia deter aquela arma mortífera.

Capítulo Três

DESDE O PRIMEIRO momento em que vira aquela linda ruiva na cela de vidro, Sabin fora incapaz de tirar os olhos dela. Incapaz de respirar, de pensar. Os cabelos dela eram longos e encaracolados, loiros com grandes cachos avermelhados. Suas sobrancelhas um pouco mais escuras, mas igualmente lindas. Seu nariz era achatado na ponta e suas faces, arredondadas como as de um querubim. Mas seus olhos... Eram um banquete sensual, âmbar com fios cinzentos, brilhantes. Hipnóticos. Ao redor, cílios negros, uma moldura decadentista.

Lâmpadas de halogênio pendiam das paredes, mergulhando-a em uma luz brilhante. Se isso podia revelar os defeitos de outra pessoa, e realmente expunha a sujeira incrustada à sua pele, dava a ela um brilho saudável. Ela era miúda, com seios pequenos e arredondados, quadrils estreitos e pernas longas o suficiente para envolver a cintura de Sabin e se manter firme mesmo durante a viagem mais turbulenta.

Não pense assim. Você conhece melhores. Sim, ele conhecia. Sua última amante, Darla, cometera suicídio, e ele tinha jurado que não voltaria a se envolver outra vez. Mas a atração pela ruiva fora instantânea. E seu demônio também fora atraído por ela, ainda que por motivos diferentes. Notara a agitação dela e a tomara como alvo, querendo entrar em sua mente, mergulhar em seus medos mais íntimos e explorá-los.

Mas ela não era humana, ambos logo notaram, e por isso Dúvida não poderia escutar seus segredos, a menos que ela os verbalizasse. O que não significava que estaria livre de suas maldades. Ah, não. Dúvida sabia como contornar uma situação e destilar seu veneno. Mais do que isso, o demônio adorava desafios e trabalharia ainda mais duro para conhecer as nuances daquela mulher e arruinar qualquer fé que pudesse ter.

O que era ela? Já encontrara muitos imortais ao longo de seus milhares de anos de vida, mas nem por isso era capaz de descrevê-la. Parecia humana. Delicada, frágil, quebradiça. Mas aqueles olhos cor de âmbar a delatavam. E as garras. Imaginou como seria tê-las afundando em suas costas...

Por que os Caçadores a tinham prendido? Teve medo da resposta. Três das seis mulheres libertas estavam nitidamente grávidas, e ele só foi capaz de pensar uma coisa: procriação de Caçadores. Caçadores imortais, pois ele percebeu duas sereias com o pescoço marcado com cicatrizes, de onde obviamente suas cordas vocais tinham sido removidas, um vampiro de pele clara e sem as presas,

uma górgona cujo pelo de réptil fora cortado e uma filha de Cupido, a quem tinham cegado. Para impedir que ela ludibriasse os inimigos com seus feitiços de amor, Sabin imaginou.

Os Caçadores tinham sido muito cruéis com aquelas adoráveis criaturas. O que haviam feito à ruiva, que era a mais adorável de todas? Ainda que vestisse uma saia curta e camiseta, não se viam marcas nem feridas que indicassem maus-tratos. Mas isso não significava nada. A maior parte dos imortais se recuperava muito rapidamente.

Eu quero essa mulher. Um cansaço intenso irradiava dela, mesmo quando sorria para ele, agradecendo por tê-la libertado... Ele poderia morrer pela simples glória do rosto dela.

Eu também a quero, disse Dúvida.

Mas você não pode tê-la. O que significava que Sabin também não poderia. *Lembra-se de Darla? Tão forte, tão decidida, e mesmo assim você conseguiu destruí-la.*

Uma risada alegre. *Eu sei. E não foi divertido?*

As mãos de Sabin se transformaram em punhos. Demônio maldito! Todas as mulheres que se envolviam com ele, em algum momento, acabavam sucumbindo às preocupações que o seu lado negro repetia constantemente: *Você não é bonita o suficiente. Não é inteligente o suficiente. Como alguém poderia amá-la?*

— Sabin? — disse Aeron, com sua voz sempre fria. — Estamos prontos.

Sabin estendeu a mão e fez um sinal para ela com os dedos.

— Venha.

Mas sua ruiva tinha dado alguns passos para trás, em direção à parede oposta, seu corpo tremia com medo renovado. Ele havia esperado que ela tentasse fugir, mesmo após os avisos, mas não esperava aquele... terror.

— Eu já prometi — disse ele em tom gentil. — Não queremos lhe fazer mal.

Ela abriu a boca, mas não saiu nenhum som. E enquanto ele a olhava, o brilho dourado dos seus olhos ficou mais intenso, mais sombrio, escuridão tomava conta das partes brancas.

— Que diabos...

Em um minuto ela estava à frente dele, no minuto seguinte desaparecera, como se nunca tivesse existido. Ele girou, o olhar rastreando, mas não a viu. O único Caçador ainda de pé começou a gritar em agonia. Um grito que parou abruptamente quando seu corpo se envergou, caindo no chão de areia, com sangue sendo derramado ao redor.

— A menina! — disse Sabin, apalpando uma lâmina, determinado a protegê-la de qualquer força que atingira o Caçador que ele planejava interrogar. Mas ainda não a via. Se ela pudesse desaparecer com apenas um pensamento, como Lucien, estaria segura. Fora do seu alcance para sempre, mas segura. Mas ela era mesmo capaz de fazer isso? Teria ela feito isso?

— Atrás de você — disse Cameo, por um instante parecendo mais chocada que triste.

— Meus deuses — murmurou Paris. — Eu nem a vi se mover, mas ainda assim...

— Ela não se moveu... Ela... Como pôde... — Maddox passou uma das mãos sobre o rosto, como se não acreditasse no que estava vendo.

Mais uma vez, Sabin virou o corpo. E lá estava ela, dentro da cela, sentada com os joelhos contra o peito, com sangue escorrendo da boca e... Uma traqueia?... Agarrada com uma das mãos. Ela tinha

cortado ou arrancado a garganta do homem com a boca?

Seus olhos tinham voltado à cor normal, dourado com raios cinzentos, mas estavam completamente distantes e tomados de emoções, e Sabin imaginou que o choque pelo que fizera a deixara com a mente paralisada. Sua expressão também era vazia. E sua pele estava tão pálida que ele podia ver suas veias azuis. Ela tremia e movia o corpo para a frente e para trás, murmurando coisas incoerentes. Que. Diabos. Era. Aquilo?

O Caçador tinha dito que ela era um monstro. Sabin não acreditara. Então...

Sabin entrou na cela sem saber muito bem o que fazer, mas certo de que não poderia deixá-la naquele estado nem voltar a aprisioná-la. Primeiro porque ela não atacara seus amigos. Depois porque, ágil como era, poderia escapar antes que ele fechasse a porta da cela, causando sérios problemas a Sabin por ter quebrado sua promessa.

— Sabin, cara... — disse Gideon, sombrio. — Melhor pensar bem antes de entrar aí. Só dessa vez um Caçador estava mentindo.

Só dessa vez. Tente *mais uma vez*.

— Você sabe com o que estamos lidando aqui?

— Não. — Sim. — Ela *não* é uma harpia, uma cria de Lúcifer que *não* passou um ano livre pela Terra. Eu *nunca* lidei com um deles antes. E *não* sei que eles podem matar um exército de imortais em meros segundos.

Como Gideon era incapaz de dizer uma verdade sem querer morrer no momento seguinte, seu corpo se envolveu em agonia e foi despedaçado pelo sofrimento. Sabin sabia que o que ele dissera era mentira. Portanto, o guerreiro *já* conhecera uma harpia antes, e claramente não dissera isso em tom depreciativo, e as harpias *eram sim* criaturas de Lúcifer, que *podiam sim* destruir mesmo um animal bruto como ele em um piscar de olhos.

— Quando? — perguntou ele.

Gideon entendeu o que ele queria dizer.

— Você se lembra de quando eu não estava aprisionado?

Ah. Gideon passara três meses de tortura nas mãos dos Caçadores.

— Uma delas não destruiu metade de um acampamento antes que um simples alarme tivesse soado. Ela não foi embora, por um motivo qualquer, e os Caçadores que restaram não passaram os dias seguintes xingando toda sua raça.

— Espere. Uma harpia? Acho que não. Ela não é horrorosa — disse Strider, campeão em observações óbvias. — Como *ela* pode ser uma harpia?

— Você sabe tão bem quanto nós que os mitos humanos às vezes são um pouco distorcidos. Só porque algumas lendas dizem que as harpias são horrorosas, isso não quer dizer que sejam realmente. Agora, todos para fora! — disse Sabin, jogando suas armas no chão atrás de si. — *Eu* vou lidar com ela.

Um mar de protestos se fez ouvir.

— Vou ficar bem. — Era o que esperava.

Talvez você não fique...

Ah, cale a boca.

— Ela...

— Vai vir conosco — disse ele, interrompendo Maddox. Não poderia deixá-la para trás; era uma arma muito valiosa, uma arma que poderia ser usada contra ele... Ou por ele. *Sim*, pensou, com os olhos arregalados. *Sim*. — E vai permanecer viva.

— Não, isso não — disse Maddox. — Não quero uma harpia perto de Ashlyn.

— Você viu o que ela fez...

Agora Maddox o interrompeu:

— Sim, eu vi, e é exatamente por isso que não quero que ela fique perto de minha humana grávida. A harpia fica aqui.

Mais uma razão para evitar o amor. Ele era capaz de abrandar mesmo o mais duro dos guerreiros.

— Ela deve odiar esses homens tanto quanto nós. E pode ajudar nossa causa.

— Não — disse Maddox, determinado.

— Vai ser minha responsabilidade, e vou garantir que ela mantenha suas garras e dentes sob controle.

Mais uma vez, era o que ele esperava.

— Você a quer, ela é sua — disse Strider, sempre do seu lado. Era um bom homem. — Maddox vai concordar porque você nunca pressionou Ashlyn para ir à cidade ouvir as conversas dos Caçadores, por mais que quisesse fazê-lo.

Com os olhos estreitos, Maddox trincou os dentes.

— Vamos ter que subjugá-la.

— Não, eu cuido dela. — Sabin não queria nem pensar em ver outra pessoa tocando em Gwen. De nenhuma maneira. Disse a si mesmo que provavelmente era porque ela havia sido torturada, tratada da pior maneira possível, e poderia reagir mal a qualquer um que tentasse, mas...

Reconheceu que era uma desculpa. Estava atraído por ela, e um homem atraído por uma mulher não conseguia desligar o botão da possessão. Mesmo que esse homem tenha jurado nunca mais amar mulher nenhuma.

Cameo se aproximou dele, ainda atenta à mulher.

— Deixe que Paris lide com ela. Ele é capaz de deixar a mais dura das mulheres com um ótimo humor. Você, nem tanto... E nós claramente precisamos que ela esteja de bom humor.

Paris? Logo ele, capaz de seduzir qualquer mulher, a qualquer momento, mortal ou imortal? Paris, que precisava do sexo para sobreviver? Sabin trincou os dentes, uma imagem do casal invadiu sua mente. Corpos nus se misturando, os dedos do guerreiro entre os cabelos revoltos da harpia, uma alegria colorindo a expressão dela.

Seria melhor para ela assim. Provavelmente seria melhor para todos eles, como Cameo dissera. A harpia ficaria mais inclinada a ajudar a vencer os Caçadores caso lutasse ao lado de um amante, e Sabin estava determinado a ter ajuda dela. Claro, Paris não conseguiria levá-la para a cama mais de uma vez, provavelmente a trairia, pois precisava do sexo com diferentes fontes para sobreviver, e isso provavelmente a enfureceria. Então ela talvez resolvesse passar para o lado dos *Caçadores*.

Era uma má ideia em todos os sentidos, pensou ele, e não apenas porque ele queria que fosse.

— Apenas me dê... cinco minutos. Se ela me matar, Paris poderá cuidar dela. — Seu tom seco

não conseguiu arrancar nenhuma risada.

— Pelo menos deixe Paris colocá-la para dormir, como fez com as outras — insistiu Cameo.

Sabin sacudiu a cabeça.

— Se ela despertar antes do previsto, pode se assustar e até atacar. Preciso conversar com ela antes.

Agora saiam. Deixem-me trabalhar.

Uma pausa. Seguiu-se um barulho de pés, mais forte que o habitual, pois os guerreiros carregavam as outras mulheres para fora. Então Sabin ficou sozinho com a ruiva. Ou com a loira-morango, como imaginou se chamar a estranha cor de seus cabelos. Ainda estava agachada, murmurando, ainda segurava aquela maldita traqueia.

Você é uma menina má, não é?, disse o demônio, enviando diretamente as palavras à mente da harpia. *E sabe o que acontece com meninas más, não sabe?*

Deixe-a em paz. Por favor, Sabin implorou ao demônio. *Ela nos salvou de nosso inimigo evitando que ele procurasse e encontrasse a caixa.*

Ao ouvir a palavra caixa, Dúvida gritou. O demônio vivera cem anos na escuridão e no caos da caixa de Pandora, e não queria voltar para lá. Faria qualquer coisa para evitar esse destino.

Sabin não poderia mais viver sem Dúvida. Era uma parte permanente dele, e mesmo que muitas vezes se ressentisse disso, preferiria abrir mão de um pulmão a abrir mão do demônio. Até porque um pulmão poderia se regenerar.

Só alguns minutos de silêncio, acrescentou ele. *Por favor.*

Ah!, está bem.

Satisfeito, Sabin continuou a caminhar pela cela. Ele se ajoelhou, colocando-se no mesmo nível dos olhos da menina.

— Sinto muito, sinto muito — entoava ela como se sentisse a presença dele. Mas ela não o encarava, continuava olhando para a frente, sem nada ver. — Eu matei você?

— Não, não, estou bem. — Aquela pobre menina não sabia o que fizera nem o que estava dizendo. — Você fez a coisa certa, destruiu um homem muito mau.

— Mau. Sim, eu sou muito, muito má — disse ela, apertando os braços ao redor das pernas.

— Não, *ele* era mau. — Lentamente, ele estendeu a mão. — Deixe-me ajudá-la, está bem? — Seus dedos alcançaram os dela, abrindo-os. A traqueia ensanguentada caiu da mão dela, e ele a pegou com a mão que estava livre e a atirou por sobre o ombro, para bem longe dela. — Não é melhor assim?

Felizmente, o que ele fez não a deixou irada outra vez. Na verdade, ela apenas respirou fundo, como se fosse um alívio.

— Qual o seu nome? — perguntou ele.

— O q-quê?

Ainda se movendo lentamente, ele afastou uma mecha de cabelo do rosto da harpia, prendendo-a atrás da orelha. Ela se curvou ao toque dele, roçando a face na palma da mão de Sabin. Ele permitiu tal carícia, saboreando a suavidade de sua pele, mesmo notando que caminhava em território perigoso. Para encorajar sua atração, sentir ainda mais desejo por ela e condená-la à total infelicidade, como fizera com Darla. Mas ele não se afastou, mesmo quando ela agarrou sua cintura e guiou as

mãos de Sabin por seus cabelos sedosos, pedindo claramente por um pouco de afago. Ele massageou sua cabeça. Ela praticamente ronronou.

Sabin não se lembrava de um momento tão... terno com uma mulher, nem mesmo com Darla. Por mais que tivesse gostado dela, sempre priorizara as vitórias ao bem-estar dela. Porém, naquele momento, algo naquela menina o fazia baixar a guarda. Ela estava tão sozinha, tão perdida. E ele conhecia bem tais sentimentos. Queria abraçá-la.

Está vendo? Você já está querendo mais. Franzindo a testa, ele se forçou a deixar o braço cair ao lado de seu corpo.

Um leve grito de desespero escapou da garganta dela, e manter uma distância, por menor que fosse, entre eles, ficou ainda mais complicado para Sabin. Como uma criatura tão carente tinha sido capaz de matar um humano de forma tão selvagem? Não parecia possível, e ele não teria acreditado se alguém tivesse lhe contado essa história. Era algo que só poderia acreditar vendo. Não que tivessem acontecido muitas coisas para serem vistas, pois ela se movera rápido demais.

Talvez, assim como ele, como seus amigos, ela fosse refém de uma força sombria que vivia dentro dela. Talvez não conseguisse evitar que seu corpo agisse como uma marionete. No momento em que pensou nisso, ele soube que suas suposições estavam certas. A forma como os olhos dela mudaram de cor... O horror que deixara transparecer ao ver o que fizera...

Quando Maddox se deixava levar pelas ações violentas de seu demônio, as mesmas alterações tomavam conta dele. Ela não pôde evitar e provavelmente se odiava por isso.

— Qual seu nome, ruiva?

Os lábios dela imitavam os dele, repetindo:

— Nome?

— Sim. Nome. Como você se chama?

Ela piscou os olhos.

— Como eu me chamo. — O tom ríspido em sua voz diminuía de intensidade, dando lugar a uma certa abertura. — Ah... Eu... Gwendolyn. Gwen. Sim, esse é meu nome.

Gwendolyn. Gwen.

— Um nome lindo para uma linda mulher.

As cores voltavam ao seu rosto, e ela piscou novamente, dessa vez voltando sua atenção a ele. Abriu um sorriso hesitante, mas que significava alívio, esperança e boas-vindas.

— Você é Sabin.

— Sou — respondeu ele, pensando no quanto os ouvidos dela eram sensíveis.

— Você não me machucou. Mesmo quando eu... — Havia admiração em sua voz, misturada a arrependimento.

— Não, eu não machuquei você. — Ele queria acrescentar: *Nunca machucarei você.* Mas não tinha certeza se era mesmo verdade. Em sua obsessão de vencer os Caçadores, perdera um bom homem, um grande amigo. Já se recuperara de vários ferimentos quase fatais e enterrara muitas amantes massacradas. Caso fosse necessário, a sacrificaria pelo bem da causa, mesmo desejando-a muito.

A menos que você fique mais doce, disse Dúvida, de repente.

Não vou ficar. Isso era uma promessa, pois ele se recusava a pensar de outro jeito. E era também

um reforço ao que já sabia: não era um homem honrado. Ele *a usaria*.

Gwen passou os olhos nele, e seu sorriso desapareceu.

— Onde estão seus homens? Eles estavam aqui. Eu os... Eu não...

— Não, você não os machucou. Eles estão do lado de fora da câmara, eu juro.

Ela abaixou os ombros e deixou escapar um suspiro de alívio.

— Obrigada. — Parecia falar consigo mesma. — Eu... Ah, céus — disse, ao ver o caçador que matara, ficando pálida novamente. — Ele... Está faltando o... E todo esse sangue... Como eu pude...

Sabin intencionalmente se moveu para o lado, bloqueando sua visão.

— Você está com sede? Fome?

Aqueles olhos incomuns o encararam, agora com interesse selvagem.

— Você tem comida? Comida de verdade?

Todos os músculos do corpo de Sabin ficaram tensos ao notar tanto interesse. Havia certa euforia no tom de Gwen. Poderia estar brincando com ele, fingindo estar animada com o que lhe oferecia, para que Sabin baixasse a guarda e fosse mais fácil fugir. *Você tem de ser como seu demônio e desconfiar de tudo e de todos?*

— Tenho barras de proteína — disse ele. — Não tenho certeza se podem ser classificadas como comida de verdade, mas podem mantê-la forte. — Não que ela precisasse de mais força.

Ela fechou os olhos, parecia pensativa.

— Barras de energia, isso parece maravilhoso. Eu não como há quase um ano, mas não paro de imaginar... Chocolate, bolos, sorvetes e creme de amendoim.

Um ano inteiro sem comer uma migalha de pão?

— Eles não lhe davam nada?

Aqueles olhos escuros se ergueram. Ela não assentiu, e nem precisava. A verdade estava estampada em seu rosto.

Assim que terminassem de interrogar os Caçadores, todos os que havia encontrado naquelas catacumbas iriam morrer. Pelas suas mãos. Ele não se apressaria com as mortes, regozijando-se com cada jorro de sangue. Aquela menina era uma harpia, cria de Lúcifer, como dissera Gideon, mas não merecia a tortura da fome.

— Como você sobreviveu? Sei que é imortal, mas mesmo os imortais precisam de sustento para se manterem fortes.

— Colocavam algo no sistema de ventilação, uma química especial para nos manter vivas e dóceis.

— Mas não funcionava perfeitamente com você, pelo visto?

— Não — respondeu ela, passando a língua rosada nos lábios, com fome. — Você disse barras de energia?

— Temos que sair daqui para pegá-las. Você consegue fazer isso? — Ou melhor, será que ela faria isso? Ele não acreditava que poderia obrigá-la a fazer o que quer que fosse sem terminar com um ferimento, ou talvez morto. Ficou imaginando como os Caçadores a haviam prendido. Como a haviam levado para aquele lugar, e como havia sobrevivido para contar a história.

Uma breve pausa. Em seguida:

— Sim, consigo.

Mais uma vez se movendo lentamente, Sabin segurou-lhe o braço e a ajudou a se levantar. Ela inclinou o corpo. Não, ele percebeu, ela estava se recostando nele, aumentando o contato com seu corpo. Ele se endureceu, tentou se afastar, *mantenha a distância, você precisa manter a distância*, mas ela suspirou, com seu hálito transpassando os furos em sua camiseta e chegando ao peito de Sabin.

Agora os olhos *dele* se fecharam em êxtase. Sabin chegou a passar uma das mãos pela cintura dela, trazendo-a mais para perto. Confiando de forma incerta, ela apoiou a cabeça em seu ombro.

— Sempre sonhei com isso também — sussurrou ela. — Tão quente. Tão forte.

Ele engoliu em seco, sentiu Dúvida percorrendo os corredores de sua mente, batendo nas grades, louco para escapar, querendo acabar com a calma de Gwen.

Muita fê, disse o demônio, como se fosse uma espécie de doença.

A quantidade perfeita, se Sabin estivesse sendo honesto consigo mesmo. Gostava de ver que uma mulher o observava como se fosse um príncipe, e não um rei da escuridão, alguém de quem ela precisasse fugir correndo. Gostava de saber que ela lhe permitia aliviar seu tormento.

Mas era bobo da parte dela, pensou ele, e teve de admitir; Sabin nunca fora herói de ninguém. Na verdade, poderia ser o pior dos inimigos.

Quero falar com ela!, exigiu o demônio, como uma criança que chora pelo brinquedo preferido.

Fique quieto. Fazer com que Gwen duvidasse dele poderia despertar a harpia feroz, colocando a todos em perigo. Isso Sabin não permitiria. Os guerreiros eram muito importantes para ele, extremamente necessários.

A distância, como ele notara antes, era fundamental. Deixou os braços caírem e se afastou.

— Nada de toques — disse, e suas palavras foram duras, mais do que ele planejava. — Agora vem, vamos sair daqui.

Capítulo Quatro

AQUELA MULHER IRIA matá-lo, e não por ser mais forte e cruel que ele. O que, pensando bem, ela era. Ele nunca tinha arrancado a garganta de um homem com os dentes, e estava muito impressionado por Gwen ter feito isso. Ela fazia os Senhores do Mundo Subterrâneo parecerem brinquedos.

Dois dias inteiros se passaram desde que Sabin e seus companheiros a resgataram da pirâmide. E ela só parecia contente ao ver o sol pela primeira vez. Desde então, não relaxara. Nem comera. Olhara para as barras energéticas que tanto queria, balançando a cabeça e virando as costas. Nem tomara banho na barraca portátil que ele fizera Lucien montar para ela.

Não confiava neles e não queria arriscar ser envenenada nem perder a consciência ou ficar nua, o que era compreensível. Mas que droga, ele estava se controlando para não *obrigá-la* a fazer tudo aquilo. Para o bem dela. Sem a porcaria que era vaporizada na cela, ela deveria estar sentindo muita fome. Devia estar exausta e suja, o que não podia ser nada confortável, acumulando sujeira dos dois últimos dias e do período de confinamento. Isso era estranho, pois as outras mulheres estavam limpas. Mas forçá-la, obviamente, não era uma opção válida. Gostava de sua traqueia exatamente onde estava.

A única coisa que ela aceitara foram as roupas. As roupas *dele*. Uma camiseta camuflada e uniformes militares. Eram enormes, mesmo após ter arregaçado as mangas, a cintura e as pernas, mas ainda assim aquele uniforme nunca caíra melhor no corpo de outra mulher. Com seus cabelos cacheados e selvagens... Seus lábios que pareciam dizer *leve-me para a cama...* Ela era a imagem da perfeição. E ao saber que usava roupas que antes tocaram o corpo dele...

Preciso acabar como meu celibato autoimposto. Rapidamente.

No momento em que voltasse de Buda, era o que faria. Encontrar uma mulher disposta a passar um momento prazeroso ao seu lado. Ninguém seria ferido, pois eles não continuariam juntos. Talvez então ele conseguiria clarear a mente e descobrir como lidar com Gwen.

Outra coisa que o incomodava era a forma como Gwen ficava parada num canto, observando-o, sem se preocupar com quem entrava na tenda dele. Como se fosse *ele* a grande ameaça naquele momento. Sabin a assustara na caverna, dizendo que não o tocasse, mas também conseguiu fazer com que ela o seguisse no caminho pelo deserto até montarem acampamento. Ele ficara ao seu lado, cuidando dela, enquanto os demais guerreiros voltaram à pirâmide em busca de algo que poderiam

não ter visto no primeiro assalto. Ele realmente merecia tantos olhares mortais?

Talvez.

Cale-se, Dúvida! Eu não preciso das suas opiniões.

Não sei por que você se preocupa com o que ela pensa. Você nunca foi bom com as mulheres, foi? É engraçado que eu seja obrigado a lembrá-lo sobre o que aconteceu com Darla.

Agachado no chão de areia, Sabin fechou a tampa do estojo de sua arma com força, trancou-o e foi buscar o saco de comida que pedira a Paris para lhe trazer.

Darla, Darla, Darla, cantarolava o demônio.

— EU JÁ disse, cala essa boca, seu porco imundo! Eu já estou por aqui com você!

Gwen, ainda num canto, deu um salto como se ele tivesse gritado.

— Mas eu não disse nada.

Sabin vivera entre mortais por um bom tempo, e estava treinado para conversar com Dúvida em sua mente. Mas naquele momento tinha de se acostumar a viver com a presença daquela mulher... Era uma tortura.

— Eu não estava falando com você — murmurou ele.

Mais pálida que o normal, ela pousou os braços na própria cintura.

— Então com quem estava falando? Estamos sozinhos aqui.

Ele não respondeu. Não poderia. Teria de mentir. E a incapacidade de Dúvida de mentir o contagiara havia muito tempo. Ele só podia dizer a verdade, disfarçar ou dormir pelos próximos dias.

Felizmente, Gwen não insistiu.

— Quero ir para casa — disse ela em tom suave.

— Eu sei.

No dia anterior, Paris interrogara todas as mulheres sobre seu confinamento. Elas realmente tinham sido sequestradas, estupradas, engravidadas e sabiam que seus bebês seriam arrancados dos seus braços, depois treinados para lutar contra o mal. Terminado o interrogatório, Lucien teletransportara a todas, menos Gwen, que não dissera nada a Paris, às suas famílias, que, com sorte, poderiam escondê-las dos Caçadores e mantê-las em conforto e em paz, exatamente o que não tiveram durante o cativeiro.

Gwen pedira para ser levada a um deserto de gelo no Alasca. Lucien estendera a mão para pegar a dela, mesmo que ela não demonstrasse vontade de cooperar, mas Sabin se interpôs entre os dois:

— Como eu disse na caverna, ela fica comigo.

— Não! Quero ir embora — dissera Gwen, num arquejo.

— Sinto muito, mas isso não vai acontecer — disse Sabin, recusando-se a olhá-la no rosto, com medo de desistir e soltá-la, mesmo que a força, a velocidade e a brutalidade daquela mulher pudessem ganhar a guerra com ele facilmente, consequentemente salvando seus amigos.

Pelos deuses, ele sonhara com um final feliz, vitorioso, que durasse por muitos anos; não poderia colocar as vontades e necessidades de Gwen à frente de seu objetivo.

Outra coisa que também queria muito era prender Galen, a pessoa que mais odiava no mundo.

Galen, o antes esquecido Senhor, fora o responsável por convencer os guerreiros a roubar e abrir a caixa de Pandora. Também foi o homem que planejou matar todos eles, depois capturar seus demônios e se transformar em herói aos olhos dos deuses. Mas as coisas não aconteceram exatamente como esse idiota planejava, e ele recebeu a maldição de hospedar um demônio, Esperança, como todos os outros guerreiros.

Se ao menos esse tivesse sido o final da história... Na verdade, como punição ainda maior, todos eles foram expulsos do paraíso. Galen, ainda determinado a destruir os homens que o chamaram de amigo, rapidamente organizou um exército de mortais, os Caçadores, e a batalha sangrenta e interminável irrompera. Se Gwen pudesse ajudar Sabin de qualquer forma, ela era valiosa demais para ser dispensada. Mas ela pensava diferente.

— Por favor — implorara ela. — Por favor!

— Talvez um dia eu a leve para casa, mas hoje, não — dissera ele. — Você poderá ser útil para nós, para nossa causa.

— Eu não quero ajudar causa *nenhuma*. Só quero ir para casa.

— Sinto muito. Como já disse, você não vai voltar para casa tão cedo.

— Seu canalha — murmurou ela. Depois ficou paralisada, como se não quisesse ter dito isso em voz alta, imaginando que ele partiria para cima dela. Como ele não fez isso, Gwen ficou um pouco mais calma.

— Então eu saí das mãos de um captor para as de outro, é isso mesmo? Você prometeu que não me faria mal — disse, em tom muito suave, resignado até. E isso... o magoara. — Deixe-me ir embora, por favor.

Era óbvio que ela estava com medo. Dele, de seus amigos. Medo dela própria e de suas habilidades mortais. Se não fosse assim, teria ameaçado ou barganhado sua liberação. Teria medo do que eles poderiam fazer com ela caso a prendessem, ou seu medo era do que ela própria poderia fazer contra eles?

Ou, como Dúvida gostava de sussurrar na escuridão da noite, será que ela não teria planos mais sinistros? Não seria a isca, uma armadilha bem convincente construída pelos Caçadores? Uma armadilha feita sob medida para destruí-lo?

Não era possível, ele sempre voltava a repetir. Tanta timidez não poderia ser fingida. Os tremores, a recusa em comer. Isso significava que seus medos, não importava quais fossem, eram reais. E quanto mais tempo passasse com ele, mais cresceriam esses medos e dúvidas. Eles se transformariam em tudo o que ela pensava, tudo o que conhecia. Ela questionaria todas as palavras que saíssem de sua própria boca, e também da boca *dele*. Questionaria todas as ações.

Sabin suspirou. Outras pessoas já estavam questionando suas ações, e não por causa de seu demônio. Ao ouvir seu pedido, a expressão de Lucien endurecera. Algo raro, pois Lucien costumava conter suas emoções. Após pedir a Paris que cuidasse dela, convidou Sabin para ir à casa que alugara no Cairo, onde poderia conversar longe de todos. Longe de Gwen.

Uma discussão de dez minutos acontecera. Mas como as viagens rápidas de Lucien sempre o faziam se sentir mal e mexiam com seu estômago, ele não se saíra tão bem.

— Ela é perigosa — começara Lucien.

— Ela é forte.

— Ela é uma assassina.

— Nós também somos! A única diferença é que ela é melhor nisso do que nós.

Lucien fez uma expressão de desdém.

— Com você sabe? Até hoje só a viu matar um homem.

— E ainda assim você quis bani-la de nossa casa por causa dessa morte... Mesmo sabendo que ela tinha matado um de nossos inimigos. Escute, os Caçadores conhecem nossos rostos. Estão sempre nos vigiando. Mas os únicos que a conheciam estão mortos ou trancafiados. Ela é nosso Cavalo de Troia. Nossa versão da isca. Eles a receberão de braços abertos e ela acabará com eles.

— Ou acabará conosco — murmurara Lucien, mas Sabin notou que ele estava pensando no assunto. — Ela parece estar tão... amedrontada.

— Eu sei.

— E ficando perto de você, isso só vai piorar.

— Repito: eu sei disso — rosnou ele.

— Então como pode pensar nela como um soldado?

— Acredite em mim, eu já pesei os prós e os contras. Amedrontada ou não, ela tem uma habilidade inata para destruir. Podemos tentar tirar vantagem disso para benefício próprio.

— Sabin...

— Ela virá conosco e ponto final. Ela é minha.

Não queria ter de reivindicá-la, não dessa maneira. Ele não precisava de uma nova responsabilidade. Especialmente se fosse uma mulher linda e preocupada que nunca poderia possuir. Mas fora a única solução. Lucien, Maddox e Reyes já tinham levado mulheres à casa onde viviam, e por isso não poderiam lhe negar esse direito.

Sabin não deveria ter feito isso com ela, deveria tê-la deixado ir embora, para o bem dos dois. Mas, como ele já repetira para si mesmo, a luta contra os Caçadores estava acima de tudo, até mesmo de seu melhor amigo, Baden, guardião da Desconfiança. Que agora estava morto, para sempre. Não abriria exceções a Gwen. Ela viajaria com eles a Budapeste, gostassem disso ou não.

Mas, primeiro, ele faria com que ela comesse alguma coisa.

Agachado bem perto dela, Sabin começou a desembulhar Twinkies e Luchables. Colocou um canudinho numa caixinha de suco. Pelos deuses, ele sentia falta da comida feita em casa de Ashlyn e da alta gastronomia que Anya “pedia emprestada” dos restaurantes cinco estrelas de Buda.

— Você já esteve em um avião? — perguntou ele.

— O que isso importa? — Ela levantou o queixo, com os olhos queimando. Mas aquele olhar quente não estava nele, e sim no prato ao lado dele.

Uma demonstração de que estava viva. Ele gostou disso. Definitivamente, preferia isso à aceitação estoica que ela demonstrara antes.

— Nada, não importa. Só queria ter certeza de que você não iria... — Droga. Como dizer isso sem fazer com que ela se lembrasse do que fizera ao Caçador?

— Atacá-lo por medo — terminou ela a frase para ele, com as faces vermelhas de vergonha. — Ao contrário de você, eu não minto. Se me colocar num avião que não esteja indo para o Alasca, há

uma grande chance de que encontre... meu lado negro. — As últimas palavras foram sufocadas.

Os olhos de Sabin se estreitaram perigosamente, pensando no começo do que ela dissera. Pegou as embalagens de plástico que espalhara à sua volta e as colocou numa sacola de lixo.

— O que você quer dizer com “ao contrário de você”? Eu nunca menti para você. — O fato de ele ainda estar consciente provava isso.

— Você disse que não queria me fazer mal.

Um músculo ficou tenso no queixo dele.

— E não quero. Não mesmo.

— Ficar aqui está me fazendo mal. Você disse que me libertaria.

— E libertei. Da pirâmide. — Ele deu de ombros. — E enquanto você não tiver qualquer dano físico, eu a considero uma pessoa ilesa — disse, suspirando. — Estar ao meu lado é tão ruim assim?

Os lábios de Gwen se contraíram e se transformaram em uma linha fina.

Ai.

— Não importa... Terá que se acostumar comigo. Nós dois vamos passar um bom tempo juntos.

— Mas por quê? Você disse que eu poderia ser útil. Não me esqueci disso. Mas o que acha que *eu* poderia fazer?

Por que não contar tudo a ela?, pensou Sabin. Poderia deixá-la mais maleável em relação a ele e à sua causa. Ou assustá-la ainda mais, fazendo com que fugisse. Ele conseguiria detê-la?

Não saber o que ele queria era uma tortura, e ela já sofrera bastante.

— Posso lhe dar toda a informação que quiser — disse ele. — *Se* você comer alguma coisa.

— Não. Eu... Não posso.

Sabin levantou o prato e o girou em círculos. Ela seguiu todos os seus movimentos, como se estivesse em transe. Certo de que tinha sua atenção garantida, pegou um dos Twinkies e comeu metade.

— Não posso — disse ela novamente, mesmo que sua voz também soasse como a de uma pessoa em transe.

Ele engoliu e depois lambeu o resto do creme.

— Viu? Ainda estou vivo. Não está envenenado.

Hesitante, como se já não pudesse aguentar mais, Gwen estendeu uma das mãos. Sabin colocou-lhe a sobremesa na mão, e ela imediatamente colocou tudo para dentro. Vários minutos se passaram em silêncio, e ela não fez nada a não ser olhar para ele.

— Então, essa comida é um pagamento por eu tê-lo escutado? — perguntou ela.

— Não. — Sabin não permitiria que ela pensasse que o suborno era aceitável. — Só quero que você fique saudável.

— Ah — disse ela, claramente decepcionada.

Por que decepcionada?

Dúvida estava louco para sair da mente de Sabin e entrar na cabeça de Gwen. Se demorasse muito, perderia o controle. No entanto, bastaria uma sugestão errada do demônio, e Sabin sabia que ela jogaria a pequena quantidade de comida no chão.

Coma. Por favor, coma, ordenou ele. Não era o alimento mais nutritivo do mundo, mas naquele

momento Sabin ficaria feliz se ela comesse um pouco de areia.

Finalmente, Gwen pegou o bolo dourado e mordiscou suas beiradas. Aqueles cílios compridos e escuros estavam fechados, e um pequeno sorriso apareceu. Êxtase absoluto irradiava dela... O tipo de êxtase de quem acabou de ter um orgasmo.

O corpo de Sabin reagiu imediatamente, todos os músculos ficaram rígidos. Seus batimentos se aceleraram, as palmas de suas mãos ficaram loucas de vontade de tocá-la. *Meus deuses, ela é incrível.* Provavelmente, a coisa mais linda que ele já vira, era puro prazer carnal, uma submersão deliciosa.

O resto do bolo entrou em sua boca um segundo depois, enchendo suas bochechas de massa. Enquanto mastigava, ela estendeu a mão, silenciosamente ordenando a ele que lhe desse outro. O que ele fez, sem hesitar.

— Posso comer a metade? — perguntou ele, antes de entregar-lhe.

Os olhos dela começaram a ser invadidos por uma sombra que escondeu os raios dourados.

Melhor não. Sabin levantou as mãos com as palmas para fora, e ela enfiou o segundo bolo na boca. A sombra se dissipou; o dourado voltou aos seus olhos. Migalhas caíam dos cantos de sua boca.

— Está com sede? — perguntou Sabin, oferecendo a caixa de suco.

Mais uma vez ela estendeu as mãos, com pressa.

Em segundos, o suco desaparecera.

— Vá com calma, ou vai se sentir mal.

Exatamente assim, a sombra voltou aos seus olhos. Pelo menos, não parecia ganhar todo o espaço do branco dos olhos, como acontecera no segundo anterior ao ataque ao Caçador. Sabin lhe ofereceu o prato, e ela acabou com o resto da comida.

Quando terminou, ela se recostou dentro da tenda, e aquele sorriso satisfeito voltou a aparecer. Suas faces ganharam um tom rosado. Bem na frente dele, seu corpo começou a inchar. Seus seios incharam. Sua cintura e seus quadris se alargaram de forma perfeita, pecaminosa. O pênis de Sabin, ainda duro e dolorido, estremeceu em resposta.

Pare. Agora. Sua ereção poderia deixá-la horrorizada, por isso ele permaneceu agachado, com os joelhos colados ao peito.

E se ela gostasse? E se pedisse que você se aproximasse para lhe dar um beijo? Para tocá-la?

Cale a boca.

Mas Gwen começou a ficar pálida. Seu sorriso desapareceu, transformando-se em uma expressão de preocupação.

— O que está acontecendo? — perguntou ele.

Sem dizer uma palavra, ela levantou a abertura da tenda, se curvou do lado de fora e começou a ter fortes ânsias de vômito, movendo o corpo para cima e para baixo, cada gota e migalha que comera deixava seu corpo. Suspirando, ele se levantou e pegou um trapo. Após umedecê-lo com a água que estava na garrafa, colocou-o na mão dela. Ela relaxou de volta para a tenda e limpou a boca com mãos trêmulas.

— Eu deveria saber — murmurou ela, voltando para onde estava antes. Passou os braços em volta das pernas, pressionando-as contra o peito.

Deveria saber que não era para ter comido tão rápido? Sim, claro, ele avisara.

Sabin limpou a garganta e resolveu que a alimentaria outra vez quando seu estômago estivesse mais tranquilo. Naquele momento, seria melhor terminar a conversa. Afinal de contas, ela cumprira sua parte na barganha: ela *tinha comido*.

— Você perguntou o que eu gostaria que fizesse. Bem, preciso que nos ajude a encontrar e matar os homens responsáveis pelo seu... tratamento — *Vá com cuidado, não desperte seu lado selvagem com lembranças dolorosas*. Mas não havia como fazer isso de outra maneira. — As outras meninas nos contaram o que eles faziam. Os remédios para fertilidade, os estupros. Disseram que havia outras mulheres presas ali. Mulheres que também tinham sido estupradas, e seus bebês, arrancados delas. Algumas imaginavam já estar nessa situação durante anos.

Gwen pressionou as costas contra a tenda cor de areia, parecia querer sair dali, escapar de suas palavras e das imagens que elas evocavam.

O próprio Sabin se surpreendera ao ouvir as histórias. Ele podia ser metade demônio, mas nunca fizera nada tão terrível quanto o que estivera sendo feito àquelas mulheres.

— Aqueles homens são maus — disse ele. — Precisam ser destruídos.

— Sim. — Ela deixou um dos braços cair ao lado do corpo e ficou desenhando pequenos círculos na areia ao seu lado. — Mas eu... Eu não fui... — As palavras foram ditas com tanta suavidade que ele teve dificuldade em ouvir.

— Você não foi o quê? Estuprada?

Mordiscando o lábio inferior, um hábito quando estava nervosa?, ela fez que não com a cabeça.

— Ele tinha muito medo de mim para abrir minha cela, por isso me deixava em paz. Fisicamente, pelo menos. Ele... Tomou as outras na minha frente. — Havia culpa em sua voz.

Ah. Ela se sentia responsável.

Sabin se sentiu aliviado. Só de pensar naquela criatura feérica sendo domada, suas pernas abertas enquanto gritava e implorava por misericórdia, compaixão que nunca lhe seria dada... Ele pousou as mãos nas coxas, suas unhas se alongaram e se transformaram em garras que cortaram feridas antigas.

Quando voltasse a Budapeste, os Caçadores em seu calabouço sofreriam dores inimagináveis, pensou Sabin pela milésima vez. Já torturara homens antes, o que considerava parte integrante da guerra, mas dessa vez ele o faria com prazer.

— Por que ele a manteve presa, então, se tinha medo de você?

— Porque ele não perdia as esperanças de que suas drogas me tornassem obediente.

O sangue escorreu quando as garras dele encontraram sua pele. Ela vivera imersa em terror, disso não havia dúvida. Morria de medo que isso um dia acontecesse.

— Você pode se vingar, Gwen. Pode vingar as outras mulheres. Eu posso ajudá-la.

Ela levantou as pálpebras, esquecendo-se da areia com a qual brincava, e aquelas esferas douradas pareciam voltadas inteiramente para dentro, para a alma dele.

— Você também. Quero dizer, você também pode nos vingar. Está claro que aqueles homens fizeram algo contra você, já que veio até aqui para lutar contra eles, não é isso?

— Sim, eles fizeram algo contra mim e contra os meus, e sim, eu vim até aqui para lutar contra eles. Mas isso não quer dizer que eu possa destruí-los sozinho. — Ou já teria feito o trabalho a essa

altura.

— O que eles fizeram a vocês?

— Mataram meu melhor amigo. E esperam matar todas as pessoas de quem eu gosto, simplesmente porque acreditam nas mentiras do seu líder. Estou tentando vencê-los há séculos — admitiu ele. Mas o fato de os Caçadores continuarem crescendo era como ter uma faca na lateral do corpo. — Mas eu mato um e surgem cinco em seu lugar.

Quando ela não se assustou ao ouvir a palavra *séculos*, notou que Gwen sabia que ele também era um ser imortal. Mas saberia o que ele era?

Impossível ela ter adivinhado. Como grande parte das mulheres da sua vida, ela o desprezaria se soubesse. Como não poderia? Olhe para ela agora. Tão doce, tão gentil. Nenhuma evidência de ódio. Ainda. E a última palavra foi cantarolada.

Dúvida. Sua companhia constante. A cruz que ele carregava.

— Como vou saber que você não é um deles? — perguntou ela. — Como saber que não se trata de mais uma forma de conseguir minha cooperação? Eu ajudo você a lutar contra seu inimigo, e você me estupra. Eu fico grávida, e você rouba meu filho.

Dúvidas. Seriam cortesias do seu demônio?

Antes que Sabin pudesse pensar numa resposta, ela disse:

— Eu vi você lutando com aqueles homens. Você os machucou, jurou odiá-los, mas não os matou. Deixou que permanecessem vivos. Isso não é atitude de um guerreiro que quer exterminar seus inimigos.

Enquanto ela falava, Sabin pensou em algo. Uma forma de provar que dizia a verdade.

— E se tivéssemos matado aqueles homens, você acreditaria no nosso ódio?

Ela mordiscou mais uma vez aquele exuberante lábio inferior. Seus dentes eram brancos e perfeitos, e um pouco mais afiados que os dos humanos. Beijá-la poderia fazer jorrar sangue, mas parte dele suspeitava que valeria cada gota derramada.

— Eu... Talvez.

Talvez era melhor que nada.

— Lucien — chamou ele, sem tirar os olhos dela.

Os olhos de Gwen se arregalaram, e mais uma vez ela se encolheu.

— O que está fazendo? Não...

Lucien se aproximou, olhando para os dois com expectativa.

— O quê?

— Quero que me traga um prisioneiro de Buda. Não importa qual.

Lucien franziu as sobrancelhas, curioso, mas não disse nada. Simplesmente desapareceu.

— Eu não posso ajudá-lo, Sabin — disse Gwen, parecendo angustiada, implorando para que ele entendesse. — Não posso mesmo. Não há razão para fazer o que você está prestes a fazer. Eu não deveria ter gritado com você, certo? Eu admito. Não deveria tê-lo insultado com minhas dúvidas. Mas não posso lutar contra ninguém, de verdade. Eu fico paralisada quando estou com medo. E saio de mim. Quando volto a acordar, todos à minha volta estão mortos. — Ela engoliu em seco. — Quando começo a matar, não consigo parar. Não sou o tipo de soldado em quem se pode confiar.

— Você não me matou — lembrou a ela. — Não matou meus amigos.

— Honestamente, não sei como não matei todos vocês. Nunca aconteceu antes. Não saberia fazer outra vez. — Ela empalideceu.

Lucien reaparecera, com um Caçador relutante ao lado.

Sabin alcançou uma adaga às suas costas e se levantou.

Quando Gwen viu a prata cintilante, arfou.

— O que... O que você está fazendo?

— Esse era um dos homens que a torturavam? — perguntou Sabin a Gwen, que tremia.

Em silêncio, ela olhou para o outro homem, aterrorizada. Sabia claramente o que estava por vir, mas a batalha seria mortal.

O Caçador chutava e batia em Lucien. Mas como não conseguia sua liberdade, começou a gemer:

— Por favor, me solte, me solte. Eu só fazia o que me mandavam. Não queria fazer mal às mulheres. Era para um bem maior.

— Calado! — gritou Sabin. Dessa vez era ele quem não demonstraria ter qualquer compaixão. — Mas não fez nada para salvá-las, fez?

— Vou parar de tentar matá-la, eu juro!

— Gwendolyn — disse Sabin, em tom rude, inflexível, um rugido ao lado das lamúrias do Caçador. — Quero uma resposta. Por favor. Esse homem era um dos seus carrascos?

Ela assentiu.

Sem dizer uma palavra ou dar qualquer aviso, ele cortou a garganta do Caçador.

Capítulo Cinco

SABIN MATARA UM homem na frente dela.

Várias horas haviam se passado e eles já tinham até mudado de lugar, mas a imagem daquele humano ensanguentado caindo de joelhos, depois com o rosto no chão, sangue jorrando pela boca, em seguida o silêncio, não saía de sua mente.

Gwen conhecera aquele tipo de crueldade em Sabin, era o mesmo tipo que a levara a matar. Agora sabia que era um homem duro, intocável, que não abria espaço para emoções. Seus olhos o delatavam. Sombrios, frios, calculistas. No momento em que a tirara da cela, dois dias antes, ela começara a notar a forma como Sabin percebia tudo o que se passava ao seu redor, decidindo quem e o que usaria para ganhar vantagem. Tudo o mais era inútil.

Ela também deve ter sido inútil. Naquele momento. Agora ele queria sua ajuda.

Mas ela não conseguia esquecer que Sabin a repelira em seu primeiro encontro. Ah, como aquilo a constrangera. Um simples roçar dos dedos dele e ficara colada a um homem que não queria nada com ela. Mas ele fora tão gentil, sua pele tinha tanta energia, e ela passara tanto tempo sem ter contato com ninguém que não tinha sido capaz de aguentar.

Nada de toques, dissera ele, e parecera capaz de matá-la caso se aproximasse mais uma vez.

Seu tratamento cruel fez com que ela se lembrasse de que aquela equipe de resgate era desconhecida para ela, e que suas intenções poderiam ser tão nefastas quanto as de seus captores. Por isso mantivera distância, usando os dois dias anteriores para estudá-los e pescar algo em suas conversas privadas. Seus ouvidos estavam aguçados novamente, os níveis de ruído estavam suportáveis, permitindo que escutasse homens que não queriam ser ouvidos sem que ninguém notasse o que ela estava fazendo.

Uma dessas conversas, que acontecera naquela mesma manhã, não saía de sua mente:

“Estamos aqui há quase um mês sem qualquer sinal do artefato. Quantas pirâmides vamos ter que revirar até encontrá-lo? Imaginei que o encontraríamos na última pirâmide, já que os Caçadores estavam lá, mas...”

Mais uma vez, ouvia falar de um Caçador. Era assim que chamavam Chris. Por quê?

“Eu sei, eu sei. Tanto trabalho e ainda não estamos próximos de encontrar a caixa.”

Artefato? Caixa?

“Devemos levantar acampamento?”

“Talvez sim. Até que nosso Olho nos dê outra pista, estamos sem direção.”

Que frase estranha. Os olhos deles davam pistas? Que pistas? A que olhos se referiam? Talvez àquele chamado Lucien, pois ela notara que ele tinha um olho azul e outro castanho.

“Espero que Galen também não tenha encontrado nada ainda. Bem, nada além de uma lança no peito. Isso eu gostaria de ajudá-lo a encontrar.”

Quem era Galen? O que importava? Aqueles guerreiros eram... estranhos. A metade deles falava como se fossem personagens de um livro medieval, a outra metade poderia ser membro de uma gangue de rua. Uma coisa estava clara: eles se amavam. Eram solícitos às necessidades uns dos outros, brincavam e faziam piadas juntos, sempre cuidando da retaguarda de quem seguia à sua frente.

Três homens e a guerreira, Cameo, entraram na cabine de Sabin enquanto ele conversava com Lucien. Todos tinham dito a mesma coisa a Cameo: machuque o guerreiro e o faça sofrer. Não esperaram por sua resposta, saíram. Ao ouvir a voz da mulher... Gwen estremeceu. Sofrera só de escutar aquilo.

Passara muito tempo sozinha na tenda; poderia ter fugido. Deveria ter tentado. Porém, após cada quilômetro no deserto, com o sol inclemente e sabe-se lá quem ao seu redor, o medo se instalava mais fundo, deixando-a paralisada.

Mesmo tendo crescido nas montanhas geladas do Alasca, ela deveria saber lidar com a areia e o sol. Era o que esperava. O que a intimidava, realmente, era o desconhecido. E se encontrasse uma tribo cruel? Ou animais famintos? Ou mais um grupo de homens traiçoeiros?

Além do mais, por ela ter saído sozinha para seguir o rastro do seu namorado em outro estado foi que terminou como prisioneira naquela cela de vidro. Ainda assim, se os guerreiros a ferissem, fugiria novamente. Arriscaria outra vez. Mas eles não a haviam tocado, de nenhuma forma. E ela estava feliz por isso. De verdade. O fato de Sabin ter mantido sua palavra, e não tocá-la, era como um presente divino. De verdade.

— Você está bem? — perguntou o guerreiro chamado Strider, sentando-se na poltrona de couro ao seu lado. Estavam num jatinho privado, bem alto no céu, e havia bastante turbulência.

Surpreendentemente, ela não ficou inquieta.

Gwen evitou um riso amargo. Um sombra poderia deixá-la mal, mas uma instabilidade vinda do céu a fazia bocejar. Talvez porque soubesse voar, ou algo parecido, embora nunca tenha testado tal habilidade. Ou talvez porque, após tudo o que acontecera no último ano, um acidente aéreo seria brincadeira de criança.

— Você está pálida — disse ele, ao notar que Gwen permanecia em silêncio. Pegou um pacote de balas no bolso, colocou algumas na boca e ofereceu a ela. Ao sentir o cheiro de canela, ficou com água na boca. — Você precisa comer.

Pelo menos, ela não ficara com medo na frente dele. Não naquele momento. Por que aqueles homens tinham tanta necessidade de comer porcarias ao seu lado?

— Obrigada, estou bem — disse, pois ainda não se recuperara dos Twinkies.

Ah, ela não se arrependeu por ter comido aquilo. O gosto doce... A sensação de plenitude no estômago... Que maravilha! Por alguns segundos, claro. Mas ela já sabia o que acontecia quando

comia sem pensar. Amaldiçoada pelos deuses, como todas as harpias, só podia comer coisas roubadas ou recebidas. Era uma pena por crimes cometidos por seus ancestrais, algo completamente injusto, mas não poderia fazer nada contra isso.

A única solução era.. ficar com fome.

Também tinha muito medo das consequências de roubar daqueles homens, além de um medo enorme de saber o que eles a mandariam fazer para que pudesse ganhar seus maravilhosos lanches.

— Tem certeza? — perguntou ele, depois colocou mais algumas balas na boca. — Essas são pequenas, mas enchem a barriga.

De todos os homens, aquele era o mais gentil com ela. O mais preocupado com seus cuidados. Aqueles olhos azuis brilhantes nunca a olhavam com desprezo. Ou fúria, como às vezes acontecia com Sabin.

Sabin. Sempre presente em sua mente.

Buscou-o com os olhos. Ele estava reclinado numa poltrona do outro lado do recinto, com os olhos fechados e os cílios compridos lançando sombras sobre suas faces. Vestia uniforme militar, uma corrente de prata no pescoço e um bracelete masculino de couro. Para Gwen, era como se ele quisesse ganhar o distintivo de “macho”. Suas feições eram tranquilas quando em repouso. Como alguém poderia parecer ao mesmo tempo tão duro e tão infantil?

Era um mistério que ela queria desvendar. E talvez, quando conseguisse, deixaria de buscá-lo. Não conseguia ficar cinco minutos sem pensar nele, no que estaria fazendo. Naquela manhã, ele estivera arrumando as malas, preparando-se para a viagem, e ela imaginou seus dedos traçando o contorno das costas de Sabin, seus dentes trincando suas costelas. Não queria machucá-lo, mas, sim, ter prazer!

Tivera alguns amantes ao longo dos anos, mas nunca tantos pensamentos eróticos. Era uma criatura gentil, droga, mesmo na cama! Mas era ele e aquela atitude de “não ligo para nada, só para ganhar a minha guerra” que causavam aquela... coisa estranha dentro dela. Só podia ser isso.

Ela devia sentir nojo do que ele fizera, cortar o pescoço daquele homem, como fez. No mínimo, ela deveria ter gritado para que parasse, protestado, mas parte dela, seu lado negro, o monstro que ela não conseguia evitar, sabia o que estava por vir e ficara contente. Ela *quisera* ver a morte daquele humano. E ainda guardava uma pitada de gratidão dentro dela. Por Sabin. Pela justiça cruel dispensada àquele humano.

Era a única razão que a levava a subir naquele avião. Um avião que não iria para o Alasca, mas para Budapeste. Isso e a respeitável distância que os guerreiros tinham mantido dela. Ah, e os Twinkies. Embora não pudesse cair em tentação mais uma vez.

Talvez sim, pensou. Talvez devesse rasgar um pedaço de sua meia-calça e roubar alguns, mesmo arriscando uma punição. Suas técnicas estavam enferrujadas, porém, fora da cela, a fome era grande, seu corpo ficava mais fraco. E se os guerreiros a machucassem, teria de entrar em ação. E voltar para casa.

Precisava se decidir rápido. Muito rápido, pois logo perderia a capacidade de comer qualquer migalha, muito menos uma refeição completa, e definitivamente não teria forças para fugir. O pior era que não estava lutando apenas contra a fome, mas também contra a letargia.

Nenhuma maldição dizia que deveria estar acordada para sempre nem nada parecido, mas dormir na frente de outros não fazia parte do código de conduta das harpias. E por uma boa razão! Dormir deixava as pessoas vulneráveis, suscetíveis a ataques. Ou, quem sabe, uma abdução. Suas irmãs não viviam sob tantas regras, mas nunca descuidavam dessa. Nem ela. Já fizera isso uma vez e matara a todas de vergonha.

Porém, sem comer e sem dormir, sua saúde continuaria a declinar. Logo a harpia tomaria o controle, determinada a recuperar suas forças.

A harpia. Eram a mesma pessoa, mas Gwen as considerava entidades diferentes. A harpia gostava de matar; ela, não. A harpia preferia o escuro; ela, a luz. A harpia preferia o caos, ela gostava da tranquilidade. *Não posso deixar que se manifeste.*

Gwen deu uma olhada no avião, procurando pelos Twinkies. Seus olhos, no entanto, pararam em Amun. Ele era o mais obscuro dos guerreiros; Gwen nunca ouvira sua voz. Estava curvado no assento mais distante dela, com as mãos nas têmporas, murmurando como se sofresse grande dor. Paris, o de cabelos castanhos e pretos, o sedutor, como Gwen o enxergava, com seus olhos azul-celeste e sua pele pálida, estava ao lado de Amun, olhando pensativamente pela janela.

Do outro lado estava Aeron, coberto de tatuagens dos pés à cabeça. Ele também era quieto, estoico. Nenhum dos três poderia ser porta-voz, se precisasse. *E eu pensava que tinha problemas com isso.* O que havia de errado com eles?, perguntou-se ela. Será que sabiam onde estavam os Twinkies?

— Gwendolyn?

A voz de Strider a tirou de seus pensamentos, fazendo-a saltar.

— Sim?

— Está perdida outra vez.

— Sinto muito. — Ele tinha lhe perguntado alguma coisa?

O avião balançou novamente. Um cacho dos cabelos cor de areia de Strider caiu sobre sua testa, e ele o jogou para trás. Outra brisa com cheiro de canela tomou conta do ar. Seu estômago rugiu.

— Sei que você não quer comer — disse ele —, mas está com sede? Quer algo para beber?

Sim, por favor, sim. Sua boca ficou ainda mais cheia de água, mas ela respondeu:

— Não, obrigada.

— Aceite pelo menos uma garrafa de água. Está lacrada. Não precisa se preocupar se fizemos alguma coisa com ela — disse, pegando uma garrafa do balde de gelo ao seu lado e oferecendo-a a Gwen. Aquele balde esteve por ali o tempo inteiro?

Por dentro, ela chorava. *A água parecia ótima...*

— Talvez mais tarde... — As palavras saíram trêmulas.

Ele deu de ombros, como se não ligasse, mas havia uma ponta de decepção em seus olhos.

— É você quem está perdendo.

Deveria haver algo por perto que pudesse roubar. Mais uma vez, vasculhou o avião. Olhou para a garrafa aberta de água com sabor de cereja ao lado de Sabin. Mordeu os lábios. *Não, é Sabin quem está perdendo.* Assim que Strider se afastasse, ela roubaria a garrafa, sem se importar com as consequências.

Na verdade, ela se importava. Mas Strider estava ali naquele momento, e ela poderia aproveitar para conseguir arrancar algumas respostas dele. Deveria usar aquele tempo para se armar de coragem.

— Por que estamos indo de avião? — perguntou Gwen. — Vi que Lucien desapareceu com a outra mulher. Poderíamos chegar a Budapeste em segundos.

— Alguns de nós não se dão muito bem com esses teletransportes — disse, olhando acusadoramente para Sabin.

— Então alguns de vocês são bebês? — As palavras escaparam antes que ela pudesse evitar. Era algo que só teria dito às irmãs, as únicas pessoas no mundo com quem agia naturalmente, sem medo de ser reprimida. Bianka, Taliyah e Kaia a entendiam, a amavam e fariam qualquer coisa para protegê-la.

Em vez de ofender Strider, no entanto, o que ela disse o divertiu. Ele deu uma gargalhada.

— Mais ou menos. Mas Sabin, Reyes e Paris preferem pegar um vírus a se teletransportarem.

As gêmeas Bianka e Kaia também eram assim. Mas preferiam culpar uma doença a aceitar suas limitações. Taliyah, fria como o gelo e dura como a pedra, simplesmente não reagia a nada.

Lentamente, a alegria de Strider diminuiu, e ele observou Gwen dos pés à cabeça.

— Sabe, você é diferente do que eu imaginava.

Agente firme. Não trema.

— O que você quer dizer?

— Bem... Espere, o que eu disser pode ofendê-la?

E fazer com que explodisse era o que ele realmente estava perguntando. Parecia que ele tinha tanto medo de seu lado obscuro quanto ela.

— Não. — Talvez.

O olhar intenso de Strider se mostrou profundo enquanto pesava a legitimidade da resposta dela. Ele deve ter notado a determinação em seu rosto, pois assentiu.

— Acho que já disse isso uma vez, mas, pelo pouco que sei, as harpias são criaturas horríveis, com rostos repulsivos, boca de tubarão e a parte de baixo do corpo de um pássaro. São rancorosas e impiedosas. E você... Não é nada disso.

Será que ele se esqueceu tão facilmente do que ela fizera a Chris?

Gwen olhou para Sabin, que não se mexera. Sua respiração era pesada, constante, e seu hálito de menta e limão chegava até ela. Strider não fora avisado de que nem todas as lendas eram verdadeiras?

— Temos má reputação, só isso.

— Não, é mais que isso.

Para ela era, sim. Mas não poderia contar nada. Suas irmãs, sortudas, tinham pais que se transmutavam. O de Taliyah era uma cobra, o das gêmeas era uma fênix. O dela, por outro lado, era um anjo... Mas não poderia falar nada sobre isso, era assunto proibido. Para sempre. Os anjos eram muito puros, muito bons, deviam ser respeitados, mas Gwen tinha muitas fraquezas. Como sempre, ao pensar em seu pai, colocou uma das mãos sobre o coração.

A sociedade dos harpia era sobretudo matriarcal, mas os pais podiam ver os filhos, se quisessem. Os pais de suas irmãs tinham escolhido ser parte da vida de suas filhas, mas Gwen não teve a mesma sorte. Sua mãe proibira. Tudo o que fizera fora dar-lhe uma foto do pai para mostrá-la no que se transformaria, se não tomasse cuidado: se não fosse capaz de roubar, de mentir ou se se preocupasse mais com os outros que consigo mesma. E mesmo após Tabitha ter lavado as mãos em relação a

Gwen, considerando-a um caso perdido, seu pai não aparecera, nunca tentara fazer contato. Será que ele sabia de sua existência? Sentiu uma onda de saudade invadir-lhe o corpo.

Durante toda a vida sonhara com seu pai lutando contra tudo e todos para encontrá-la, tomá-la nos braços e levá-la embora, voando. Sonhara com seu amor e devoção. Sonhara em viver com ele no céu, protegida para todo o sempre do mundo das maldades e do seu próprio lado negro.

Gwen suspirou. Só um nome poderia ser mencionado ao falar de sua linhagem, e esse nome era Lúcifer. Ele era forte, inteligente, vingativo, violento; em resumo: um triste inimigo para qualquer um. As pessoas não gostavam de se misturar com ela, com nenhuma delas, pois imaginavam estar sempre na mira do Senhor das Trevas.

E, para ser sincera, chamá-lo de parente não era exatamente uma mentira. Lúcifer era seu bisavô, avô de sua mãe. Gwen nunca o conhecera, pois os anos de Lúcifer na Terra haviam terminado bem antes do seu nascimento, e esperava que seus caminhos nunca se cruzassem. Só de pensar nisso ela tremia.

Pesando com cuidado as próximas palavras, ela respirou fundo, inalando o cheiro de Strider, um cheiro de madeira queimada, e aquele delicioso aroma de canela. Infelizmente, não tinha o mesmo apelo do cheiro de Sabin.

— Os humanos encaram tudo o que não podem entender como algo negativo — disse ela. — Nas suas mentes, o bem sempre vence o mal, e qualquer coisa mais forte que eles é ruim. E as coisas ruins são, obviamente, feias.

— Isso é verdade.

Ele entendia o que Gwen queria dizer, estava claro pelo tom de sua voz. Era um bom momento para descobrir algo sobre eles, ela supôs.

— Sei que vocês são imortais, assim como eu — disse ela. — Mas ainda não sei exatamente o que vocês são.

Ele parecia desconfortável, olhando para os amigos em busca de apoio. Todos os que ouviam a conversa rapidamente desviaram o olhar. Strider suspirou, ecoando o suspiro dado por Gwen minutos antes.

— Nós já fomos soldados dos deuses.

Já tinham sido, não são mais.

— Mas o que...

— Quantos anos você tem? — perguntou ele, interrompendo-a.

Gwen queria protestar pela rápida mudança de assunto. Mas, covarde como sempre, pesou os prós e os contras de dizer a verdade e fez três perguntas a si mesma. Perguntas que qualquer mãe de harpia faria a uma filha: essa informação poderia ser usada contra ela? Mantê-la em segredo seria uma vantagem para ela? Uma mentira serviria perfeitamente, ou seria ainda melhor?

Tudo bem, não haveria problema em revelar a verdade, pensou. Tampouco ganharia algo com isso, mas não ligava.

— Vinte e sete.

Ele ergueu as sobrancelhas e piscou os olhos, perguntando:

— Vinte e sete *mil*?

Caso estivesse falando com Taliyah, sim.

— Não. Apenas 27 anos normais, nada mais.

— Não está falando de anos humanos, está?

— Não. Em anos caninos — respondeu ela, seca, depois trincou os dentes. Onde estava o filtro que normalmente mantinha na boca? Mas Strider não parecia se importar. Na verdade, estava sem palavras. Será que Sabin teria tido a mesma reação, se estivesse acordado?

— É tão complicado acreditar na idade que tenho? — E enquanto esperava por uma resposta, perguntou: — *Pareço* mais velha?

— Não, não, claro que não. Mas você é imortal. Poderosa.

E imortais poderosos não podem ser jovens? Espere. Ele pensava que ela era poderosa? Sentiu uma pontada de prazer no peito. No passado, essa palavra só tinha servido para descrever suas irmãs.

— Sim, mas tenho apenas 27 anos.

Ele se aproximou, por que motivo Gwen não sabia, e não se importava. Ela se recostou no assento. Mesmo sonhando com aquele toque de Sabin desde o começo — por quê, por quê, por quê? —, e tendo sonhado que fazia aquelas coisas picantes com ele pela manhã, só de pensar em ter outra pessoa colocando as mãos nela, Gwen tremia.

Strider pousou os braços ao lado do corpo.

Ela relaxou, seus olhos mais uma vez buscaram por Sabin. Ele estava com o rosto vermelho, a mandíbula cerrada. Pesadelos? Será que todos os homens que matara o estavam atormentando dentro de sua cabeça? Talvez fosse uma benção que Gwen não se permitisse dormir. Já vivera esses pesadelos e os odiava.

— Todas as harpias são jovens como você? — perguntou Strider, recuperando sua atenção.

Ele poderia usar essa informação contra ela? Manter isso em segredo seria uma vantagem? Uma mentira serviria, ou seria ainda mais apropriada?

— Não — respondeu ela, dizendo a verdade. — Minhas três irmãs são bem mais velhas. E também mais bonitas e mais fortes. — Ela as amava muito para ter ciúme. Muito. — Não teriam sido capturadas. Ninguém é capaz de fazer o que elas não querem. Elas não se assustam com nada.

Certo, agora ela precisava se calar. Quanto mais falasse, mais detalhes de suas limitações e falhas viriam à tona. Seria melhor se aqueles homens pensassem que ela era *machona*. *Mas por que não posso ser como minhas irmãs? Por que corro do perigo enquanto elas buscam problemas? Se uma delas se sentisse atraída por Sabin, encararia seu distanciamento como um desafio e o seduziria.*

Espere. Pare. Isso era loucura. Ela não estava atraída por Sabin. Ele era lindo, claro, e Gwen já se imaginara fazendo amor com ele. Mas isso nascera de um sentimento de gratidão. Ele a libertara e matara um de seus inimigos. Sim, ela ficava envergonhada na sua frente, pois ele era bem violento e durão, e ainda não lhe fizera nenhum mal. Mas admitir estar atraída por um guerreiro imortal? Isso, nunca.

Quando Gwen voltasse a namorar, escolheria um humano gentil e atencioso que não fosse capaz de despertar seu lado negro. Um humano gentil e atencioso que preferisse a conversa à guerra. Um humano gentil e atencioso que a aceitasse e amasse, mesmo com todos os seus defeitos. Alguém que a fizesse se sentir normal.

Era tudo o que ela sempre quisera.

A ATENÇÃO DE Sabin em Gwen era zero. Fora assim desde que subiram no avião. Certo, tudo bem. Desde o momento em que se conheceram. Ele pensara que Gwen se recusava a relaxar porque ele a intimidava, então fingia dormir. E devia ter razão, pois ela baixara a guarda e se abriu um pouco. Para Strider.

E isso o irritou profundamente.

Ele não ousara “despertar”, no entanto. Nem quando ouviu Strider tentando tocá-la, e Sabin queria meter a mão na cara do amigo, esmagar a cartilagem até que chegasse ao cérebro. Mas a conversa deles o fascinava.

A menina, e ela era exatamente isso, uma menina de meros 27 anos, o que o fazia se sentir um Matusalém, se considerava um erro em todos os sentidos possíveis, e suas irmãs eram seu modelo de perfeição. Mais bonitas? Improvável. Mais fortes? Ele deu de ombros. Não teriam sido capturadas? Qualquer um pode ser levado, se estiver inconsciente. Até ele. Ele tinha medo do fracasso, tanto quanto Gideon tinha medo de aranhas.

Gwen era tímida e ficara chocada aquele dia na caverna. Por isso, ele sabia que era insegura em relação à sua força e habilidades selvagens, mas não tinha ideia de quanto esses sentimentos eram fortes dentro dela. Pela forma como se comparava às irmãs, deixava claro ter dúvidas e mais dúvidas, estava lotada delas. E ficar ao lado dele só piorava as coisas.

Todas as suas amantes anteriores eram mulheres confiantes, bem resolvidas. E com mais de 35 anos, droga! Ele as escolhera exatamente por isso: por serem confiantes. Mas se transformavam rapidamente, pois o demônio de Sabin lhes feria com as garras da incerteza. Algumas, como Darla, chegaram a cometer suicídio, pois eram incapazes de aguentar o escrutínio constante sobre sua aparência, sagacidade e sobre as pessoas ao seu redor. Após Darla, ele desistira das mulheres e dos relacionamentos de uma vez por todas.

Então ele vira Gwen. Ele a desejara... Ah, e como a desejara. Poderia se permitir uma noite com ela e justificar sua atitude de algum jeito. Mas duvidava que uma noite seria suficiente. Não com ela. Havia muitas maneiras de tomá-la, muitas coisas que queria fazer com aquele corpo pequeno e curvilíneo.

Sua beleza exuberante incendiava o corpo de Sabin toda vez que a via, deixando sua boca cheia de água e seu corpo louco de desejo. A insegurança de Gwen despertava os instintos protetores de Sabin e as necessidades destrutivas de seu demônio. Seu cheiro de brilho do sol, sob a sujeira que ela ainda não limpara, continuava a atraí-lo, atraindo-o cada vez mais... E mais...

Ceder significava destruí-la. *Não se esqueça.*

Talvez eu seja bom. Talvez a deixe em paz.

Com aquela doce bajulação, Sabin mordeu a língua, engolindo sangue. O demônio queria que duvidasse de suas intenções maliciosas. *Já caí nessa uma vez. Agora chega.*

— Você faz isso muitas vezes — disse Strider a Gwendolyn, trazendo Sabin de volta de seus pensamentos.

— O quê? — Sua voz era ríspida, ela parecia sem fôlego. Num primeiro momento, Sabin imaginou que seu cansaço fosse o responsável por tal timbre de voz. Mas não, ela estava assim de corpo e alma. Era puro sexo.

— Olhe para Sabin. Você está interessada nele?

Ela engoliu em seco, ultrajada, obviamente.

— Claro que não!

Sabin tentou não fazer uma careta. Um pouco de hesitação teria sido legal.

Strider deu uma risadinha.

— Eu acho que está, sim. E sabe de uma coisa? Eu o conheço há milhares de anos, sei de todos os seus podres.

— E?

— E eu não me importo de contar tudo. Quero dizer, estaria sendo amigo de vocês dois, se mudasse sua opinião sobre ele.

Seu amigo o está sabotando, disse Dúvida, *talvez a queira para si. Confiar nele depois disso talvez não seja uma decisão inteligente.*

Sabin ficou desconfortável por um momento, antes de espantar os maus pressentimentos: *Ele está falando isso pelo bem dela. Pelo meu próprio bem. Ele mesmo disse isso. Agora cale a boca.*

— Não quero nada com ele, eu garanto.

— Então não se importaria se eu fosse embora sem lhe contar o que sei.

Com os olhos entreabertos, Sabin observou Strider se levantando.

— Espere — disse Gwen, agarrando-o pelo pulso e fazendo com que se sentasse novamente.

Sabin teve que se segurar nos braços de sua poltrona para não se levantar e separar aqueles dois.

— Conte — pediu ela, deixando o guerreiro livre.

Lentamente, Strider se sentou de forma confortável. Ele estava sorrindo. Mesmo com uma visão limitada da cena, podia ver o brilho nos dentes de Strider. De repente, Sabin também quis sorrir. Gwen estava curiosa em relação a ele.

Provavelmente, quer saber a melhor forma de matá-lo.

Cale-se, idiota!

— Algo em especial que gostaria de saber? — perguntou Strider.

— Por que ele é tão... distante? — Ela ainda olhava para Sabin, seu olhar o queimava e penetrava bem fundo. — Quero dizer, ele é assim com todo mundo ou sou uma garota de sorte?

— Não se preocupe. Não é nada pessoal. Ele é assim com todas as mulheres. Tem que ser assim. Sabe, o demônio dele é...

— Demônio? — Gwen se sobressaltou. Suas costas ficaram eretas e seu rosto perdeu a cor. — Você disse demônio?

— Ah... Eu disse isso? — perguntou Strider, mais uma vez olhando em volta, impotente. — Não, não. Eu acho que disse neurônio.

— Não, você disse demônio. Demônios. Demônios, Caçadores e aquela tatuagem de borboleta. Eu deveria ter imaginado no momento em que vi a tatuagem, mas você parecia tão legal. Quero dizer, você não me fez nenhum mal, e milhares de pessoas têm tatuagens de borboleta.

Ela olhou ao redor e um segundo depois se levantou e seguiu em direção ao banheiro. Esticou os braços, como se aquela desculpa esfarrapada mantivesse todos a distância.

— E-eu... Já entendi. Vocês são os Senhores, não são? Guerreiros imortais que os deuses baniram para a Terra. M-minhas irmãs me contavam histórias para dormir sobre suas maldades e conquistas.

— Gwen — disse Strider. — Fique calma. Por favor.

— Vocês mataram Pandora. Uma mulher inocente. Queimaram a Grécia antiga, enchendo as ruas de sangue e gritos. Torturaram homens, retirando seus membros enquanto ainda estavam vivos.

A expressão de Strider endureceu e ele disse:

— Aqueles homens mereciam isso. Eles mataram nosso amigo. Tentaram nos matar.

— Se ela gritar, coisas maravilhosas acontecerão — disse Gideon, carrancudo, ao lado de Strider. — Não tente derrubá-la; eu não vou ajudar, certo?

— Espere. Antes de fazermos qualquer grosseria ou perdermos nossas gargantas, vamos tentar outra coisa. Paris! — gritou Strider, sem nunca deixar de olhar para Gwen. — Precisamos de você.

Paris, determinado aproximou-se no instante em que Sabin parou de fingir que estava dormindo e se levantou.

— Gwen — disse ele, esperando distraí-la antes que Paris conseguisse o que queria. Mas ela estava tendo problemas para respirar, a histeria transformava suas feições. — Vamos conversar sobre...

— Demônios... Por todos os lados. — Ela abriu a boca e gritou. Gritou, gritou e gritou.

Capítulo Seis

DEMÔNIOS. SENHORES DO Mundo Subterrâneo. Antes, amados soldados de deuses, agora, verdadeiras pragas da Terra. Cada um deles carregava um demônio dentro do corpo, um demônio tão cruel que nem mesmo o inferno tinha sido capaz de contê-lo. Demônios como Doença, Morte, Infelicidade, Dor e Violência.

E eu estou presa num pequeno avião com eles, pensou Gwen, quando sua histeria chegava a altos níveis.

O avião, por outro lado, tremia, perdendo altitude de forma alarmante. Mas isso não parou os Senhores. Eles estavam se fechando em volta dela. O coração de Gwen batia pesadamente no peito, fazendo com que o sangue corresse em suas veias, e um zumbido não deixasse seus ouvidos em paz. Se ao menos esse barulho superasse o grito selvagem da harpia... Mas não teve tanta sorte. Havia uma sinfonia tumultuada no interior da sua cabeça, atazanando, tirando sua saúde mental, deixando-a cada vez pior... Pior... Até entrar num buraco negro onde reinavam a morte e a destruição.

Aqueles guerreiros eram tão brutais e poderosos que ela deveria ter desconfiado que estavam possuídos por demônios. Os olhos vermelhos na primeira vez em que vira Sabin... A tatuagem de borboleta em suas costelas...

Sou tão burra.

Apesar de Gwen ter passado os últimos dias observando aqueles homens, deveria ter estado cansada demais, faminta demais e aliviada demais por sua libertação para não ter notado as tatuagens em todos eles, onde quer que estivessem. Ou talvez tenha sido envolvida pelo *sex appeal* de Sabin. Na verdade, agora que pensava nisso, os guerreiros sempre estiveram completamente vestidos à sua frente, como se tivessem pena do que ela passara e não quisessem assustá-la mostrando muita pele. Mas agora ela sabia a verdade. Eles simplesmente estavam escondendo suas marcas.

Que demônio possuiria Sabin?, ela ficou pensando. Que demônio ela estivera observando, fascinada por suas palavras e ações? Que demônio imaginara beijar, tocar, arranhar e contra cujo corpo se contorcer?

Como suas irmãs poderiam adorar esses príncipes do mal? Ou o conceito deles, pelo menos. Pelo que sabia, nunca tinham se conhecido. Quem teria sobrevivido caso tivessem se encontrado? Eram homens sem remorso e sem pena, capazes de qualquer coisa obscura, envolvidos em uma guerra sem

fim, que vinha do passado e chegava ao presente, de mar a mar, de morte a morte.

Sempre que ouvia falar neles, o medo que sentia de predadores que atacavam à noite e espíritos malignos escondidos da luz do sol se multiplicava. Isso foi quando começara a ter medo do predador que levava dentro de si, pois era por isso que lhe contavam tais histórias. Para que pudesse imitar os guerreiros. Mesmo quando Gwen conseguia vencer tais pensamentos, a harpia já absorvera cada palavra e tentava mostrar o que aprendera:

Preciso escapar. Não posso ficar aqui por mais tempo. Isso não vai trazer nada de positivo. Ou me matam agora, ou minha harpia fará tudo o que puder para ser como eles.

— Você precisa parar de gritar, Gwen.

Aquela voz dura e familiar penetrou na lama caótica que inundava sua mente, mas ainda assim os gritos persistiam.

— Faça com que ela se cale, Sabin. Meus ouvidos estão sangrando.

— Isso não vai ajudar, idiota. Gwendolyn, você precisa se acalmar ou vai nos fazer mal. Você quer nos machucar, querida? Quer nos matar depois de termos salvado e abrigado você? Podemos ser refúgio de demônios, mas não somos maus. Creio que já provamos isso a você. Não a estamos tratando melhor que seus captores? Eu já a toquei em um momento de raiva? Forcei a fazer algo? Não.

O que ele disse era verdade. Mas ela poderia confiar num demônio? Eles adoravam mentir. *Assim como as harpias*, disse uma voz da razão em sua mente. Parte dela queria confiar neles, a outra queria pular do avião. O mesmo avião que continuava tremendo e perdendo altitude.

Certo, era hora de pensar logicamente. Estivera com eles por dois dias. Estava viva e bem, sem nenhum arranhão. Se continuasse a ficar em pânico, a harpia se libertaria e a controlaria, louca para espalhar destruição. Talvez levasse o piloto, ou ela mesma, a causar um acidente inevitável. Quão idiota seria para sobreviver ao cativeiro e aos Senhores e acabar se matando?

A lógica ganhou.

A calma encontrou um caminho até sua mente, e os gritos desesperados cessaram. Todos ficaram parados, congelados. Ela tentava inspirar e expirar, mas sua garganta estava inchada, bloqueada, e ela agora ouvia o alarme frenético que vinha da cabine. Porém, antes que Gwen entrasse em pânico mais uma vez, o avião voltou a ganhar altitude, e tudo ficou calmo.

— Boa menina. Agora, afastem-se. Ela está sob controle. — Sabin não soava confiante, apenas determinado.

A luz voltou ao se redor, as cores também. A vida voltava ao normal. Que inferno. Sua visão se transformara em infravermelha, e ela nem notara. A harpia estivera perto, muito perto de se libertar. Fora um milagre que não tenha vindo à tona.

Gwen continuava de pé no fundo do avião, com cadeiras de couro vermelho à sua volta. Apenas Sabin permanecera por ali. Os outros tinham se afastado, mas não tinham virado as costas. Estavam com medo? Ou estavam protegendo seu líder?

Os olhos cor de chocolate de Sabin estavam alinhados aos dela, de um modo mais forte do que nas catacumbas, quando suas adagas golpeavam homens que ela agora sabia serem Caçadores. As mãos dele estavam erguidas, vazias, com as palmas para fora.

— Preciso que se acalme um pouco mais.

Precisava mesmo?, pensou ela, com indiferença. Talvez ficasse mais calma se conseguisse ventilar melhor seus pulmões e a boca, mas não estava tendo sucesso. Uma vertigem começava a se apoderar dela, e mais uma vez sua visão se enevoava.

— O que posso fazer para ajudá-la, Gwen?

Ela ouvia passos enquanto ele se aproximava, diminuindo a distância que os separava. Seu calor a invadiu.

— Ar — finalmente ela foi capaz de dizer.

As mãos de Sabin pousaram em seus ombros, pressionando-os gentilmente. Suas pernas estavam muito fracas para oferecer qualquer resistência, e ela caiu em uma das poltronas...

— Preciso de ar.

Sem hesitar, Sabin se ajoelhou. Colocou seu corpo entre as pernas dela e envolveu seu rosto com as mãos. Queria que Gwen prestasse atenção nele. Seus intensos olhos castanhos se transformaram no centro do seu mundo, uma âncora naquela tempestade turbulenta.

— Fique com o meu ar — disse ele, acariciando sua face com o polegar calejado, levemente. — Está bem?

Ficar com... O quê?, pensou ela, mas depois não se importou. Seu peito! Seus ossos e músculos doíam, uma dor forte que atravessava suas costelas e chegava ao seu coração, fazendo com que aquele órgão parasse de bater por um momento. Gwen se sobressaltou.

— Você está ficando azul, querida. Vou colocar minha boca sobre a sua e lhe dar o meu ar. Tudo bem?

E se isso for um truque? E se...

Cale-se. Mesmo em seu estado de confusão mental, ela sabia que aquele murmúrio não partia dela. Felizmente, a voz cedeu à ordem dela e se calou. Agora, se ao menos seus pulmões se abrissem...

— Eu... Eu...

— Precisa de mim. Deixe-me fazer isso.

Se Sabin temia sua resposta, não deu qualquer indício. Uma de suas mãos trilhou a base do pescoço de Gwen e ele a puxou para a frente, ao mesmo tempo que ele se curvava em sua direção. Seus lábios se tocaram, um calor tomou conta deles. Sua língua quente se interpôs entre os dentes de Gwen, e depois um hálito quente e mentolado desceu por sua garganta, um ar tranquilizador.

Os braços de Gwen o envolveram por vontade própria, mantendo-o cativo, deixando seus peitos colados um ao outro, dureza e suavidade. O pescoço dele estava frio, mesmo através da camiseta dela, e a fez arfar. De modo voraz, Gwen aceitou o ar de Sabin.

— Mais.

Ele não hesitou. Soprou em sua boca, e outra brisa quente e calmante entrou no corpo de Gwen. Pouco a pouco, o mal-estar passou, seus pensamentos clarearam; o lado obscuro deu lugar à luz. A dança frenética do seu coração se transformou em uma valsa gentil.

Um desejo de beijá-lo, de realmente beijá-lo e sentir seu gosto, a preencheu. Esquecera as origens dele. Seu passado não traria consequências. A plateia deles desapareceu como se nunca tivesse estado presente. Só existiam eles dois. Só o aqui e agora importavam. Ele a acalmara, a salvara, fora gentil, e

ali, nos seus braços, a vida real desaparecia, e a fantasia que Gwen nutria por ele tomava sua mente. Seus corpos estavam entrelaçados, pressionados. Pele e suor. Suas mãos se moviam. Suas bocas se buscavam.

Ela passou os dedos pelos cabelos sedosos de Sabin e, hesitante, roçou sua língua na dele. Limão. Ele tinha gosto de limões doces e uma pitada de cereja. Um gemido escapou-lhe da garganta, a realidade era bem mais tentadora do que ela sonhara. Era tão emocionante... tão... divino. Puro e bom, era tudo o que uma garota poderia esperar de um amante. Ela baixou mais uma vez a cabeça e repetiu o roçar da língua, indo além. Silenciosamente exigindo mais.

— Sabin — murmurou, querendo elogiá-lo. Talvez agradecê-lo. Ninguém jamais a fizera se sentir tão protegida, querida, segura, necessitada, tão necessitada. Não com algo tão simples como um beijo. Um beijo que não deixava espaço para o medo. Talvez pudesse se entregar, até ser ela mesma, sem se preocupar com seu lado obscuro... Sem medo de machucá-lo. — Quero mais.

Em vez de obedecer, ele afastou a cabeça e tirou os braços de Gwen de seu corpo, até que não restasse qualquer contato físico.

Toque-me outra vez!, ela queria gritar. Seu corpo *precisava* dele, precisava de contato.

— Sabin — repetiu ela, analisando-o. Ele tremia, seu rosto estava pálido... Mas não de paixão. O fogo não dançava nos seus olhos, mas, sim, a determinação.

Ele não correspondera àquele beijo, ela notou. E o desejo que Gwen sentia se apagou, assim como a tontura desaparecera poucos minutos antes, abrindo espaço para a dura realidade que ela tolamente esquecera.

Vozes clamaram ao seu redor:

— ... nem percebi que isso estava prestes a acontecer.

— Deveria ter percebido.

— O beijo não, idiota. A calma. Seus olhos tinham se revirado, as garras tinham aparecido. Ela estava pronta para atacar. Quero dizer: atenção. Será que sou o único que se lembra do que aconteceu com o Caçador que a desafiou?

— Talvez Sabin seja um portal para o céu, como Danika — disse alguém, em tom seco. — Talvez a harpia tenha visto alguns anjos enquanto recebia a respiração boca a boca.

Várias risadas masculinas surgiram.

As faces de Gwen ficaram quentes. Metade do que eles diziam escapava ao seu entendimento. A outra metade a mortificava. Ela beijara um homem, um demônio, que claramente não queria nada com ela... E fizera isso na frente de testemunhas.

— Ignore-os — disse Sabin, com uma voz tão gutural que machucou os seus ouvidos. — Preste atenção em mim.

Seus olhos se encontraram, castanhos contra dourados. Ela se recostou o máximo que pôde na cadeira, deixando o máximo de distância possível entre eles.

— Você ainda tem medo de mim? — perguntou ele, virando a cabeça para um lado.

Ela levantou o queixo.

— Não. — *Sim*. Gwen tinha medo do que ele a fazia sentir, medo de que, mais uma vez, o que ele era deixasse de importar. Medo de que ele nunca a desejasse como ela repentinamente o desejava.

Medo de que aquele homem maravilhosamente protetor que tinha à frente não passasse de uma miragem, que o mal estivesse esperando logo abaixo da superfície, preparado para devorá-la por inteiro.

Como você é covarde. Como pôde beijá-lo daquela maneira?

Uma das sobancelhas de Sabin ficou arqueada.

— Você não mentiria, certo?

— Nunca minto, lembra-se? — Ironicamente, isso era uma mentira.

— Ótimo. Mas ouça bem, pois não quero discutir isso novamente. Tenho um demônio dentro do meu corpo, sim. — Ele agarrou os braços de Gwen com tanta força que suas articulações ficaram brancas. — Ele está aqui porque, séculos atrás, eu estupidamente ajudei a abrir a caixa de Pandora, liberando os espíritos que viviam lá dentro. Como punição, os deuses amaldiçoaram a mim e a todos os guerreiros que estão neste avião, dizendo que deveríamos levar um demônio dentro de nós. No início, eu não conseguia controlá-lo e ele fez algumas... coisas ruins, como você disse. Mas isso foi há milhares de anos, e agora eu tenho o controle. Todos nós temos. Como já disse na cela, você não precisa ter medo de nós. Está me entendendo, ruiva?

Ruiva. Antes, durante seu ataque de pânico, ele a chamara de outra coisa. Algo como... Docinho? Não. Tyson costumava chamá-la de docinho. Minha cara? Não. Algo parecido. Querida? Sim! Era isso. Ela piscou os olhos, surpresa. Deliciada. Aquele guerreiro era capaz de cortar a garganta de um homem sem hesitar, e se referira a ela como seu tesouro precioso.

Mas por que não correspondera ao seu beijo?

— Chegamos ao nosso destino, rapazes. — Uma voz nada familiar, mas muito aliviada, ecoou no sistema de som do avião. Era o piloto, ela imaginou, e ficou com um sentimento de culpa por ter causado todo aquele transtorno. — Preparando para aterrissar.

Sabin permaneceu no mesmo lugar, como uma pedra intransponível entre suas pernas.

— Acredita em mim, Gwen? Ainda quer, de bom grado, viajar até nossa casa?

— Eu nunca quis.

— Mas nunca tentou escapar.

— Eu deveria ter desbravado uma terra estranha sozinha e sem provisões?

Ele franziu a testa.

— Eu já tive uma prova de sua bravura. E lhe oferecemos provisões várias vezes. Seja pelo motivo que for, a verdade é que parte de você quer estar conosco, ou não estaria aqui. Você sabe disso, e eu também.

Ela não poderia negar tal lógica. Mas... Por quê? Por que parte dela queria ficar? Antes e naquele mesmo momento?

Você sabe por quê, ainda que tenha tentado negar. Ele. Sabin. Não está atraída por ele? Rá! Ela o estudou, notou as linhas finas que irradiavam de seus olhos, as sombras formadas por seus cílios, o músculo trêmulo de sua mandíbula. Seu pulso errático, que naquele momento ecoava bem alto em seus ouvidos. Talvez ele também sentisse a mesma atração, mas lutasse contra isso, assim como ela. Pensar nisso a agradou.

Será que tinha uma mulher esperando por ele em Budapeste? Uma esposa?

Gwen fechou os punhos, pressionando as unhas contra a própria carne. *Isso não importa. Você não deveria estar atraída por ele.*

— Gwen. Você vai conosco?

A forma como dizia seu nome era um tapa e uma carícia ao mesmo tempo, comovendo-a, fazendo-a estremecer. Ela gostava de saber que Sabin buscava sua cooperação, ainda que suspeitasse que terminaria forçando-a a fazer a vontade dele, se ela negasse.

— Acho que eu *deveria* fugir.

— Para quê? Para uma vida de arrependimentos? Uma vida querendo ter lutado contra aqueles que lhe fizeram mal? Eu estou oferecendo uma oportunidade de me ajudar a matar os Caçadores. E só para você saber, matá-los não será o único benefício.

— Como assim?

— Posso ajudá-la a controlar sua fera, como controlo a minha. Posso ajudá-la a canalizá-la para uma boa causa. Você não quer ganhar controle sobre ela?

Durante toda sua vida, ela só quisera três coisas: encontrar o pai, ganhar o respeito de sua família e aprender a controlar sua harpia. Se Sabin pudesse cumprir essa promessa, ela finalmente, após tantos anos, realizaria um dos três desejos. Ele devia estar exagerando, e aquilo não daria certo, mas era uma tentação à qual ela não conseguia resistir.

— Vou com vocês — disse ela. — E vou ajudar da melhor forma possível.

Aliviado, ele fechou os olhos e sorriu.

— Obrigado.

Aquele sorriso aliviou as linhas duras de seu rosto, deixando-o com uma expressão infantil mais uma vez. Enquanto ela o sorvia por todos os sentidos, o avião sacudiu abruptamente. Sabin foi impulsionado para trás, e ela, para a frente. Mas a distância entre eles, para a felicidade de Gwen — horror — não diminuiu.

— Com uma condição — acrescentou ela, após seus corpos voltarem ao equilíbrio.

O alívio de Sabin se transformou em uma expressão um tanto cruel.

— Qual?

— Você tem que convidar minhas irmãs. — Talvez não imediatamente. Ela estava confusa com as circunstâncias e não queria que suas irmãs a vissem daquele jeito, não queria que soubessem o que lhe acontecera. Mas sentia muita falta delas, e sabia que, em breve, sua saudade de casa seria maior que seu constrangimento.

— Convidar suas irmãs? Você quer dizer que eu teria de lidar com *mais* de você?

— Espero que esse tom de voz seja de alegria, e não de desgosto — disse Gwen, ofendida. — Minhas irmãs castraram alguns homens por coisas muito menores.

Sabin coçou a ponta do nariz.

— Claro. Convide suas irmãs. E seja o que Deus quiser.

Capítulo Sete

PARIS ESTAVA DEITADO no banco de trás de um Escalade, e Strider estava ao volante, sem ligar para o limite de velocidade. Apesar de o sol estar brilhando sobre o centro de Budapeste, de onde Paris estava, isso não podia ser visto. As janelas eram tão escuras que o interior do carro ficava sombrio. Pouco antes de sair do Egito, Anya, a amante de Lucien e deusa menor da Anarquia, roubara um carro, só os deuses sabiam de onde, um outro igual e um Bentley para uso próprio.

Não precisam me agradecer, ela dissera, sorrindo, feliz. Suas expressões de horror são um presente suficiente. Os carros são muito luxuosos, eu sei disso. E sejamos sinceros. Vocês estavam precisando muito de uma reforma, e os carros fazem esse trabalho.

Infelizmente, Paris estava preso no mesmo carro com Amun, cuja cabeça estava a ponto de explodir; Aeron, que não conseguia parar de lançar olhares fulminantes — ele precisava de seu pequeno amigo demônio, Legião, imediatamente —; e Sabin e sua harpia.

Sabin não conseguia tirar os olhos daquela perigosa comedora de gargantas, e sua ereção ainda não tinha diminuído, desde o momento do beijo no avião. Algo perfeitamente compreensível, claro. Ela era incomparavelmente maravilhosa, com olhos dourados que pareciam diamantes puros, lábios vermelhos como a maçã de Eva e um corpo que definia a palavra *tentação*. E aqueles cabelos cor de morango eram um milagre por si só. Mas ela era uma harpia e fora encontrada em campo inimigo, por isso não poderia ser confiável de nenhuma maneira.

Talvez tivesse sido abusada como as outras prisioneiras. Talvez odiasse os Caçadores tanto quanto ele. Talvez...

Mas talvez isso não era bom o suficiente para ganhar a confiança dele. Não mais. Ela poderia ser uma isca, uma linda armadilha que os Caçadores armaram e os Senhores aceitaram de braços abertos.

Paris não queria que Sabin terminasse como ele: desejando uma inimiga com todas as fibras do seu ser, mas incapaz de tê-la.

Um minuto, uma hora, um mês, um ano atrás... ele não sabia; o tempo já não importava para ele, Paris fora envolvido pelos Caçadores e feito prisioneiro. Como hospedava o Demônio da Luxúria, precisava de sexo para sobreviver. Sexo todos os dias, pelo menos uma vez, mas nunca com a mesma mulher. Naquela cela, amarrado a uma maca, ele ficara tão fraco que o mero ato de abrir os

olhos era um sofrimento. Como os Caçadores não queriam matá-lo antes que encontrassem a caixa de Pandora, pois, sem ela, a morte do seu corpo libertaria seu demônio sobre a Terra, para que vagasse, enlouquecido, livre, eles a enviaram. Sienna. A modesta e sardenta Sienna, com suas mãos elegantes e sensualidade inata.

Ela o seduzira, fortalecendo-o exponencialmente. E pela primeira vez desde que fora possuído pelo demônio, o membro de Paris ficara ereto pela mesma mulher duas vezes. Naquele momento, soubera que Sienna lhe pertencia, que era sua razão para respirar. A razão por que fora poupado da morte por tantos milhares de anos. Mas seu próprio povo a matara quando Paris fugira com ela.

Ela morrera em seus braços.

Agora Paris ainda era forçado a ir para a cama com uma nova mulher a cada dia, e se não encontrasse nenhuma, tinha de encontrar um homem, embora nunca tenha sentido atração pelo mesmo sexo. Mas uma transa era uma transa para o Demônio da Luxúria. Fato que, havia muito tempo, o enredara numa espiral de vergonha.

Ainda assim, naquele tempo, não importava quem fosse seu parceiro na cama, ele continuava tendo que pensar no rosto de Sienna para conseguir uma ereção. Tinha que imaginá-la para terminar o trabalho, pois todas as células do seu corpo sabiam que a pessoa debaixo dele não era quem deveria ser. Era o cheiro errado, as curvas erradas, a voz errada, a textura errada. *Tudo* errado.

O dia seguinte seria igual ao anterior. E assim por diante. Por toda a eternidade. Não havia fim à vista para isso. Exceto a morte, mas ele ainda não merecia morrer. Não até Sienna ser vingada. Ela o seria algum dia?

Você não a amava. Isso é loucura.

Palavras inteligentes. Viriam do seu demônio? De si mesmo? Já não saberia dizer. Já não distinguia uma voz da outra. Eram a mesma pessoa, as metades de um todo. E os dois estavam num momento decisivo, prontos para desabar a qualquer momento.

Até que...

Paris alisou o pacote de ambrosia seca no bolso e suspirou de alívio. Ainda estava ali. Ele carregava uma boa dose daquela coisa potente aonde quer que fosse. Para o caso de precisar. E normalmente precisava.

Mas apenas quando a ambrosia era misturada ao vinho humano, o álcool fazia seu trabalho e o deixava anestesiado. Ainda que por pouco tempo. No entanto, a cada dia parecia precisar de doses maiores para alcançar o mesmo efeito.

Teria de pedir ao amigo que roubasse mais. Os deuses sabiam que ele precisava de algumas horas de paz, de uma chance de aliviar a mente. Assim poderia se refrescar, ficar mais forte, preparado para enfrentar o inimigo.

Não pense nisso agora. Assim que chegasse à fortaleza, tinha trabalho a fazer. Forçou-se a focar nos arredores, queria deixar sua mente em paz. Estava longe dos inúmeros palácios, das pessoas perambulando de um lado para o outro nas ruas. No lugar onde moravam, havia montanhas densamente arborizadas, abandonadas, esquecidas.

O carro pulou uma saliência rochosa e desceu uma das colinas, desviando de árvores e de pequenos presentes que ele e seus amigos haviam deixado para qualquer Caçador estúpido que

seguisse seu rastro. De novo.

Cerca de um mês antes, eles tinham entrado e destruído completamente a casa, uma casa onde ele vivera por séculos, forçando os guerreiros a reagir antes de embarcar em uma nova viagem, em uma nova batalha. Precisaram de novos móveis. Novos aparelhos. Ele não gostou nada. Já tinha passado por muitas mudanças na sua vida recentemente: mulheres dentro de sua residência, o retorno de um velho amigo-inimigo, a erupção da guerra... não suportaria mais nada.

A fortaleza apareceu no horizonte, uma monstruosidade de sombras e pedra. A hera subia pelos muros irregulares, misturando terra e casa, tornando quase impossível distinguir uma da outra. A única distinção era o portão de ferro que cercava a estrutura. Outra ampliação.

O entusiasmo repentinamente saturou o ar fresco. Os corpos ficaram tensos; as respirações, entrecortadas. Estavam tão perto...

Torin, que os observava de dentro da fortaleza através de monitores e sensores, abriu o portão. Quando serpeavam em direção às altas e arqueadas portas principais, Aeron apertou o braço de seu assento com tanta força que ele estalou.

— Um pouco animado demais, não? — perguntou Strider, olhando-o pelo retrovisor.

Aeron não respondeu. Havia uma grande possibilidade de não ter escutado a pergunta. Seu rosto tatuado demonstrava determinação e raiva, e não a expressão indulgente que usava quando estava a ponto de se encontrar com Legião.

Quando o veículo parou, todo o grupo desceu. Um sol forte recaiu sobre seu corpo, fazendo com que suasse sob sua camiseta e o jeans. Deuses, será que o inferno estava quente daquele jeito?

Logo que saiu do carro, a pequena harpia deu um passo para o lado, pousando seus braços delicados sobre os olhos e o rosto pálido. Sabin observou cada movimento, sem desviar o olhar nem quando sentiu uma mala caindo em seus pés.

Como uma criatura tão cruel quanto uma harpia poderia ser tão tímida? Não era possível, não fazia sentido. Eram duas peças de dois quebra-cabeças diferentes. Enquanto isso, Paris pensava que aquela menina deveria ter tido os olhos tapados no caminho até a fortaleza.

Tarde demais. Mas sempre poderiam cortar sua língua para evitar que falasse, imaginou. Talvez cortar as mãos, para que não fizesse gestos ou escrevesse.

Quem é você?

Antes de Sienna, ele estaria lutando para *proteger* a mulher. Mas naquele momento, não. Na verdade, queria vê-la ferida, o que deveria enchê-lo de culpa. Em vez disso, estava chateado por não ter feito um trabalho melhor ao proteger seus amigos dela. Todas as possíveis ameaças deviam ser eliminadas. Ao longo dos anos, os demais guerreiros tentaram convencê-lo disso, mas ele sempre resistira. Agora ele entendia.

Mas era tarde demais para fazer algo com ela. Sabin não permitiria. O cara estava perdido. Mesmo antes do racha que separou o grupo de Lucien do de Sabin, Paris não se lembrava de ter visto Sabin agindo assim com uma mulher. O que não era necessariamente uma coisa boa. Se a timidez daquela mulher não fosse teatro, Sabin a destruiria, uma parte de sua autoestima de cada vez.

Maddox saiu do outro Escalade. O guardião da Violência não se preocupou em pegar sua mala, jogando nos degraus da entrada. As portas da fortaleza se abriram, e sua mulher, grávida, saiu lá de

dentro, sorrindo e chorando ao mesmo tempo. Ashlyn se jogou nos braços dele, e ele a abraçou. Segundos depois, se beijaram calorosamente.

Era difícil imaginar o selvagem Maddox como pai, mesmo se o bebê terminasse sendo metade demônio, como os Senhores.

Depois surgiu Danika, que ficou parada no portal, buscando por Reyes em meio ao grupo de pessoas. A adorável loira o viu e deu um grito. Como se aquele grito fosse algum tipo de sinal de acasalamento, Reyes pegou uma adaga e se aproximou dela.

Possuído pelo demônio da Dor, Reyes não conseguia sentir prazer sem sofrimento físico. Antes de Danika, o guerreiro tinha que se cortar 24 horas por dia, durante sete dias na semana, para sobreviver. No Cairo, não sentira necessidade de se machucar nenhuma vez. Estar longe de Danika já era sofrimento suficiente, ele dissera. Agora estavam reunidos outra vez, e teria de se cortar novamente, mas Paris imaginava que nenhum dos dois se importaria.

Com um uivo, Reyes a arrastou para os seus braços, e os dois desapareceram dentro da fortaleza. Os gritos de Danika eram o único lembrete de que estavam por ali.

Paris se incomodou com uma dor súbita no peito e torceu para que desaparecesse. Mas sabia que não desapareceria. Não até que comesse um pouco de ambrosia. Sempre que estava próximo a esses casais obviamente apaixonados, a dor aumentava e não o deixava, era um parasita que o consumia por inteiro, até que ele se encontrasse em estupor profundo.

Não havia sinal de Lucien, que não viajara no avião, mas usara seus poderes para voltar rapidamente para casa. Ele e Anya já deveriam estar trancados no quarto. Um pequeno favor, pelo menos.

Notou que a harpia observara os casais tão intensamente quanto ele. Fez isso porque estava fascinada ou porque queria utilizar a informação contra eles?

Não havia outras mulheres na residência, graças aos deuses. Ninguém que Paris pudesse seduzir ou eventualmente magoar quando a trocasse por outra. Gilly, a jovem amiga de Danika, fora morar num apartamento na cidade. Ela resolvera ter seu próprio espaço. E eles pretendiam oferecer isso a ela, aparentemente, mas sem avisar que sua casa estaria ligada aos sistemas de segurança de Torin. A avó, a mãe e a irmã de Danika também tinham partido e voltado a morar nos Estados Unidos.

— Venha — disse Sabin à harpia, que não se moveu. Então ele se aproximou.

— Aquelas mulheres... — murmurou ela.

— São felizes — disse ele, confiante. — Ou não estariam tão contentes ao rever seus maridos. Por isso não cumprimentaram você.

— Elas sabem...? — Mais uma vez, Gwen teve problema para completar sua frase.

— Ah, sim. Sabem que seus homens estão possuídos por demônios. Agora venha. — Ele fez um gesto com os dedos.

Ela ainda hesitava.

— Aonde vai me levar?

Sabin coçou o nariz com a mão que estava livre. Parecia que era uma mania sua ultimamente.

— Pode entrar ou não, mas não vou ficar aqui fora esperando que resolva.

Seguiram passos irritados e uma batida de porta.

Se fosse qualquer outra pessoa, ele simplesmente a teria arrastado para dentro, pensou Paris. Mas ela sempre podia escolher. O que era inteligente de sua parte.

A harpia olhou para um lado e para o outro, e Paris apertou o passo para alcançá-la. Não que esperasse controlá-la se Gwen resolvesse se transformar ao entrar no hiperespaço, como fizera dentro da caverna. Mas estava preparado para lutar, se fosse preciso.

Outra bandeira vermelha começou a tremular na cabeça dele. Ela poderia fugir, naquele momento. Ou até antes, antes que tivessem subido no avião. Droga, ela poderia ter escapado enquanto acampavam no deserto. Mas por que não o fizera? Talvez fosse a isca, como ele suspeitara, e estivesse ali para aprender tudo o que pudesse sobre eles.

Apesar de ter negado, Sienna fora uma isca. Ela o beijara e o envenenara... E não passara de uma simples humana. Que tipo de mal uma harpia poderia causar?

Deixe que Sabin se preocupe com isso agora. Você já tem muita coisa na cabeça.

Finalmente, Gwen decidiu ir atrás de Sabin e foi para dentro, dando passos hesitantes.

— Os prisioneiros precisam ser interrogados — disse Paris, para ninguém em particular.

Cameo jogou os cabelos para trás dos ombros e se curvou para pegar sua mala. Ninguém fez sinal de que a ajudaria. Eles a tratavam como se fosse um homem, pois ela preferia assim. Pelo menos, era o que Paris sempre dissera a si mesmo. Nunca pensara em tratá-la de outro jeito, pois nunca quisera dormir com ela. Talvez ela até quisesse ser paparicada de vez em quando.

— Quem sabe amanhã — disse ela, com sua voz trágica retumbando nos ouvidos de Paris. — Preciso descansar. — E, felizmente sem dizer mais nada, ela entrou.

Tão bem quanto Paris conhecia as mulheres, sabia que ela estava mentindo. Havia um brilho em seus olhos, um toque rosado nas suas faces. Ela parecia excitada, e não cansada. Quem estava planejando encontrar?

Estivera muito próxima de Torin ultimamente e... Paris piscou os olhos. Não, claro que não. Torin não poderia tocar outro ser vivo sem infectá-lo com uma doença, e também a todas as pessoas que essa mulher encontrasse, fazendo com que uma praga se espalhasse pela Terra. Nem mesmo um imortal estaria livre de seus efeitos. O imortal não morreria, mas passaria a ser como Torin, incapaz de conhecer a carícia de outra pessoa sem que isso causasse duras consequências.

Mas não importava o que eles estavam tramando. Paris tinha trabalho a fazer.

— Alguém? — perguntou Paris aos outros. Queria terminar aquilo imediatamente. Quanto mais cedo acabasse de arrancar as informações dos Caçadores, mais cedo poderia se trancar em seu quarto e se esquecer de que estava vivo.

Strider assobiou baixinho, fingindo que não o escutara e seguindo em direção à porta.

O que estava acontecendo? Ninguém gostava mais de violência que Strider.

— Strider, cara. Sei que você me ouviu. Não quer me ajudar no interrogatório?

— Ah, pare com isso! Vamos esperar pelo menos até amanhã. Eles não vão a lugar nenhum mesmo. Só preciso de um tempo para me recompor. Assim como Cameo, estarei pronto logo cedo. Juro por todos os deuses.

Paris suspirou:

— Certo. Vá em frente. — Então Cameo e Strider é que estavam formando um casal? — E você,

Amun?

Amun assentiu, mas tanta ação fizera seu equilíbrio descer pelo ralo, e ele caiu no primeiro degrau do pórtico, soltando um grunhido.

Quase um segundo mais tarde, Strider estava ao seu lado, passando um dos braços em volta de sua cintura.

— Tio Strider está aqui, não se preocupe.

E levantou o normalmente estoico guerreiro. Ele o teria carregado caso fosse necessário, mas com Strider como muleta, Amun conseguia colocar um pé à frente do outro, apenas tropeçando de vez em quando.

— Vou ajudá-lo com os Caçadores — disse Aeron, aproximando-se de Paris.

Oferta que o pegou de surpresa, para dizer a verdade.

— E quanto a Legião? Ela deve estar sentindo falta de você.

Aeron balançou a cabeça. Seus cabelos estavam raspados, o couro cabeludo brilhava sob o sol.

— Estaria no meu ombro agora, se estivesse aqui.

— Sinto muito.

Ninguém sabia melhor do que Paris o que era sentir falta de uma mulher. Embora tenha sido obrigado a admitir sua surpresa ao notar que aquele pequeno demônio *era* fêmea.

— Melhor assim. — Com uma das mãos, Aeron esfregou o rosto, cansado. — Alguma coisa está... me vigiando. Uma presença. Poderosa. Começou há cerca de uma semana, antes de irmos para o Cairo.

Paris sentiu um embrulho no estômago de terror.

— Primeiro, você mantém esse hábito nefasto de guardar esse tipo de informação. Deveria ter nos contado logo que notou, assim como deveria ter nos contado o que aconteceu com os Titãs no momento em que voltou de seus encontros celestiais, meses atrás. Seja lá quem estiver vigiando você, poderia ter alertado os Caçadores sobre nossa viagem. Nós poderíamos ter...

— Você tem razão, sinto muito. Mas eu não acho que essa presença, seja lá quem for, trabalhe para os Caçadores.

— Por quê? — exigiu saber Paris, sem querer deixar a conversa morrer.

— Eu sei como é ter aqueles olhos odiosos sobre mim, julgando o tempo todo. Mas esse é... curioso.

Ele relaxou, de alguma maneira.

— Talvez seja um deus.

— Acho que não. Legião não tem medo dos deuses, mas tem muito medo disso... Seja lá o que for. E essa foi uma das razões que a fez aceitar sem problemas a viagem ao inferno, após o pedido de Sabin. Ela disse que voltaria quando a tal presença desaparecesse.

Não havia preocupação no tom de voz de Aeron. E isso Paris não entendia. Legião podia ser um pequeno demônio com uma queda por tiaras, o que tinham descoberto pouco tempo antes, quando ela roubou uma tiara que pertencia a Anya e ficou desfilando ao redor da fortaleza usando-a, orgulhosa, mas ela sabia cuidar de si mesma.

Paris girou nos calcanhares, atento.

— Sua sombra está aqui, agora? — perguntou. Como se precisassem de mais um inimigo. — Talvez eu possa seduzir o que ou quem quer que seja, e afastá-la de você. — E matá-la. Sem que pudesse contar a ninguém o que descobrira até então.

Aeron apenas sacudiu a cabeça.

— Honestamente, não acho que isso nos queira mal.

E parou, expirando lentamente.

— Tudo bem, então. Vamos lidar com isso mais tarde. Mas avise quando reaparecer. Agora, vamos cuidar do nosso porão, que está cheio de cabeças de bagre.

— Você soa mais humano a cada dia, sabia? — Aeron já lhe dissera isso antes, mas dessa vez não parecia ter sido em tom de desaprovação. Houve um zunido quando ele tirou um machado do gancho às suas costas. — Talvez os Caçadores demonstrem alguma resistência.

— Se tivermos sorte, sim.

TORIN, GUARDIÃO DA Doença, estava sentado à sua mesa, mas olhava para a porta do quarto, e não para os monitores que o conectavam ao mundo exterior. Ele observara os carros chegando à fortaleza e sentira uma ereção instantânea. Vira os guerreiros surgirem e foi obrigado a se apalpar para aliviar a dor repentina. Observara um a um enquanto entravam na fortaleza. A qualquer momento...

Cameo entrou silenciosa no quarto de Torin e fechou a porta delicadamente. Trancou-a, e durante vários minutos ficou de costas para ele. Seus cabelos negros e longos dançavam à altura da cintura, com cachos nas pontas.

Certa vez, deixara que ele acariciasse aquelas pontas com seus dedos sem luvas, cuidadosamente, para não tocar sua pele. Fora seu primeiro contato real com uma mulher em centenas de anos. Ele tinha quase gozado só de sentir aqueles fios sedosos. Mas aquele toque fora o único que ela permitira, tudo o que poderia permitir, e todo o risco que poderia correr.

Na verdade, ele ficou surpreso que Cameo tivesse se arriscado tanto. Quando estava com as luvas, claro, a chance de infectá-la era nula. Mas cachos contra pele, seda contra calor, mulher contra homem? Para fazer isso era preciso muita bravura e confiança por parte dela, além de desespero e tolice por parte dele. Cabelo não era pele, mas e se ele tivesse escorregado? E se ela tivesse caído sobre ele? Por alguma razão, nenhum dos dois poderia culpar o outro pelas consequências.

Na última vez em que tocara uma mulher, um vilarejo inteiro fora dizimado. Peste Negra, foi como chamaram. E isso não parava de corroer suas veias, gargalhar em sua mente. Por anos a fio, Torin raspava a pele até que sangue negro saísse dela. No entanto, era impossível se livrar do vírus.

Ao longo dos séculos que se seguiram, aprendera a se esquecer da sensação de estar sempre sujo, manchado, e escondera isso com sorrisos e humor ácido. Mas nunca conseguira disfarçar a necessidade de ter o que não podia ter: companhia. Pelo menos Cameo o entendia, sabia o que estava acontecendo e o que podia ou não fazer, e não pedia nada mais.

Ele queria que ela pedisse mais, e odiava a si mesmo por isso.

Lentamente, Cameo virou o corpo para ele. Seus lábios estavam vermelhos e molhados, como se os estivesse mordiscando, e suas faces estavam rosadas. Seu peito arfava, movendo-se para cima e para

baixo. Ele sentiu o ar escapar-lhe da garganta.

— Estamos de volta — disse Cameo, tentando falar, mesmo sem poder respirar direito.

Ele permaneceu sentado, arqueando uma das sobrancelhas, como se não ligasse.

— Você está desarmada?

— Estou.

— Ótimo. Tire suas roupas.

Desde a carícia nos seus cabelos, alguns meses atrás, eles haviam se transformado em bons amigos... Coloridos. Davam prazer a si mesmos a certa distância, enquanto um observavam o outro fazer o mesmo. E isso complicou tudo. O aqui e agora... O futuro. Um dia ela iria querer um amante que pudesse tocá-la, fazer amor com ela, mergulhar e sair de seu corpo, beijá-la e sentir seu gosto, envolvê-la nos braços... E Torin teria de abrir caminho; não poderia matar o canalha.

Até lá...

Ela não lhe obedecera.

— Acho que não fui claro — disse ele. — Quero que tire suas roupas.

Mais tarde ela o puniria por ficar lhe dando ordens. Ele a conhecia bem, sabia o quanto lutava para provar ser tão forte quanto seus companheiros machos. Mas o desejo a controlava naquele momento. Ele podia sentir o doce cheiro de sua excitação. E ela não conseguiria resistir por muito tempo.

Dedos trêmulos passaram pela bainha de sua camiseta e a tiraram pela cabeça. Um sutiã de renda preta. O preferido dele.

— Boa menina — elogiou.

Os olhos de Cameo se estreitaram, observando a ereção evidente logo abaixo da cintura da calça de Torin.

— Pedi que estivesse nu quando eu chegasse. *Você* não foi um bom menino.

Acostumado àquele tom de tristeza, ele não recuou, como teriam feito os outros. Nem por dentro nem por fora. Aquela voz era parte de quem ela era, guerreira até a alma, um lindo desastre, um pesadelo não intencional. Para ele, soava como música suave, que ecoava diretamente em sua alma.

Torin se levantou, seus músculos e ossos ficaram tensos.

— Quando é que eu fui bom?

As pupilas de Cameo se dilataram completamente, seus mamilos ficaram duros. Ela gostava quando ele a desafiava. Talvez porque soubesse que o valor do prêmio sempre aumentava à medida que batalhava por ele.

Ele só queria ter a sorte de ganhar uma batalha contra ela. Uma, só uma. No final, ela sempre vencia. Torin tinha pouca experiência com mulheres, e estava muito desesperado pelo que acontecia ali. Mas sempre fazia uma boa apresentação.

— Vou tirar a roupa quando você estiver totalmente nua — disse ele, com voz áspera. — Nenhum minuto antes. — Palavras duras, que ele provavelmente não estava acostumado a dizer.

— Vamos ver...

Os cabelos negros de Cameo balançavam enquanto ela caminhava com prazer em direção ao armário de Torin. Colocou uma das pernas, ainda calçando botas, sobre uma cadeira à sua frente,

seu olhar devorando-o. Desamarrar o cadarço de uma bota nunca fora um ato tão sexy. Atirou a primeira bota nele, mas Torin escapou de ser atingido, inclinando a cabeça. A segunda ele deixou que caísse diretamente em seu peito. Desviar seus olhos dela só para evitar o impacto, ainda que por apenas um segundo, não seria uma opção.

Ziip. A calça dela deslizou. E ela tirou as pernas de dentro dela.

Calcinha de renda preta, para combinar com o sutiã. Perfeita. Armas por todos os lados. Delicioso.

Seus seios eram pequenos e firmes, e ele sabia que seus mamilos seriam como botões de rosa. Tinha uma pinta oval no quadril, do lado direito. O que ele não daria para poder lambar aquela pinta... Mas o que lançava as maiores chamadas de satisfação era a brilhante tatuagem de borboleta ao redor de sua cintura.

Se olhasse apenas para um lado do seu corpo, ou mesmo de frente, era quase impossível distinguir o que era aquele desenho incandescente, trêmulo. Somente quando estava de costas o desenho ganhava forma. Ah, como ele adoraria passar sua língua em todos os seus picos e reentrâncias.

Ele também tinha uma tatuagem que combinava com aquela na barriga, mas a sua era onix emoldurada de vermelho. Na verdade, todos os guerreiros tinham tatuagens de borboleta, mas nenhuma delas era na mesma região do corpo. E ele nunca tivera vontade de colocar as mãos e passar os lábios nas marcas de outras pessoas.

Quando Cameo terminou de retirar todas as suas armas, ficou com uma pequena pilha ao seu lado. Ela arqueou uma sobrancelha para ele.

— Sua vez.

Havia um tremor nas palavras dela, como se estivesse mais afetada pelo que viria a seguir do que gostaria que ele notasse.

Torin sentiu um prazer egoísta com isso.

— Você ainda não está nua.

— Eu poderia estar.

Ele deveria parar tudo aquilo, mandá-la ir embora, *qualquer coisa*, pois os dois sabiam que aquilo era o mais longe a que podiam chegar, e que nunca seria suficiente para nenhum dos dois, mas... Ele tirou a roupa.

Cameo arfou, como sempre fazia nesse momento, com o olhar preso à enorme ereção de Torin.

— Quero que me diga tudo o que gostaria de fazer comigo — ordenou ela, já apalpando os seios. — Não deixe nenhum detalhe de fora.

Ele obedeceu, e os dedos de Cameo agiram como se fossem os dele, movendo-se sobre o próprio corpo. Só quando ela gozou pela segunda vez, Torin começou a se tocar, com seus dedos agindo como se fossem os dela. Mas em nenhum momento ele se esqueceu de que aquilo era tudo o que poderia ter, e nada mais.

Capítulo Oito

— QUERO UM quarto só para mim.

— Não.

— É assim? Não vai nem pensar?

— Exatamente. Você vai ficar aqui. — Ele não disse a palavra *comigo*, mas nem precisava. Sua mensagem era clara: — Não estou em Buda por muito tempo, não fiquei muito aqui neste quarto. Mas ele é meu. — *Assim como você*. Mais uma vez, não disse isso, mas as palavras estavam ali.

Gwen se sentou na beira de uma cama desconhecida e opulenta, num quarto masculino e também nada familiar, numa igualmente desconhecida e enorme fortaleza, com um homem muito familiar, mas fascinante, que ela tinha meio que beijado e queria beijar novamente, mas não podia, pois não queria se envolver com ele. Na verdade, não era ela quem queria repetir o beijo, mas a harpia. Pelo menos, foi o que disse a si mesma. A harpia gostava de coisas perigosas e obscuras, e o demoníaco Sabin certamente se encaixava nesse perfil.

Gwen preferia coisas mais calmas e moderadas.

Ficou observando enquanto o *pouco* calmo Sabin desfazia sua mala, com movimentos tão afiados quanto fora seu tom. *É bom que ele esteja distante*, disse a si mesma. Para o bem da harpia, claro. Beijar o embriagante e irritante Sabin era algo muito intenso, um mistério para a paz de sua mente. Mas, droga, ele era sexy; o ato de desfazer a mala, mesmo que ele estivesse claramente chateado, era como se fossem as preliminares. A forma como seus músculos se moviam...

Pare de olhar para ele. Não acho que você poderia ter um relacionamento com ele. Quem estava falando em relacionamento? Com tanto medo do seu lado obscuro, Gwen sempre fora a menina do tipo “venha e pegue o que quiser, mas depois vá embora”. Seus seis meses de namoro com Tyson tinham sido uma anomalia.

O que Tyson estaria fazendo? Estaria com outra pessoa? Casado, talvez? E como ela se sentiria se isso fosse verdade? Será que ele pensava nela? Em onde estaria, ou se tinha sido abduzida? Ela provavelmente deveria ligar para ele.

Preocupe-se com o que tem ao alcance das mãos.

— Por que temos que dividir o quarto? — perguntou ela a Sabin.

— É mais seguro assim.

Para quem? Para ela? Para seus amigos? Só de pensar nisso, Gwen ficou deprimida. Ah, era bom saber que os homens tinham medo dela. Assim, a deixariam em paz. Mas como demônios poderiam considerá-la letal e não querer ficar perto dela? Chegava a ser ridículo.

— Eu já prometi que vou ficar em Budapeste. Não vou fugir.

— Isso não importa.

Os olhos dela se estreitaram para ele, suas pestanas quase se uniram. As respostas curtas de Sabin eram irritantes.

— Você tem namorada, como os outros? Esposa? — *Prostituta*, não pôde evitar pensar. — Tenho certeza de que ela teria algo a dizer sobre essa situação.

— Não. Mas se tivesse, não importaria.

Ela o encarou, boquiaberta, certa de que tinha entendido mal.

— Não importaria? Por quê? Suas namoradas não merecem sua gentileza ou consideração?

Suas articulações estavam firmes ao segurar uma bolsa de veludo com... Shurikens? Elas se chocavam, ameaçadoras, enquanto ele as levava para um baú e as trancava lá dentro. Uma segunda bolsa de veludo estava presa à sua cintura.

— Eu nunca traí uma namorada. Sou fiel, sempre. Mas a guerra se sobrepõe aos sentimentos. Todas as vezes.

Uau! A guerra vinha antes do amor. Sem dúvida, era o homem mais antirromântico que conhecera. Ainda mais que o seu bisavô, que, sorrindo, queimou sua bisavó, quando ela dera à luz a avó de Gwen.

Tombou a cabeça para um lado enquanto observava Sabin com mais cuidado.

— Você trairia se isso ajudasse a ganhar uma guerra?

— E isso importa? — perguntou ele, voltando à mala, de onde tirou um par de botas de combate.

— Só estou curiosa.

— Então, sim.

Ela piscou os olhos, surpresa. Primeiro, ele não soara apologético. Segundo, não hesitara.

— Sim, você trairia?

— Sim. Se trair significasse ganhar uma guerra, eu trairia.

Uau duplo! Sua sinceridade... A deprimia. Ele era um demônio, mas de alguma maneira ela esperava, ou queria?, mais dele. Nunca poderia namorar um homem capaz de trair. Não que ela tivesse planos de namorar Sabin.

Gwen queria ser a única. Sempre. Dividir nunca fora fácil para ela, ia contra todos os instintos que ela e os de sua raça possuíam. Por isso, finalmente resolvera deixar seus medos de lado e assumir uma relação com Tyson.

Que ela soubesse, ele fora fiel. O sexo era bom, ainda que monótono, pois, mesmo convencida de que poderia aguentar um relacionamento, Gwen sabia que se entregar ao prazer seria desastroso. Ele a amava, pelo menos... E ela pensava que o amava. Mas, graças ao tempo que estavam separados, Gwen notou que amava apenas o que ele representava: um mundo normal. Além do mais, eles eram muito parecidos. Ele trabalhava para a Receita Federal e era odiado por seus colegas. Ela era uma

harpia que não gostava de confrontos e não era bem vista pelos de sua raça. Porém, algumas coisas em comum não eram um bom motivo para ficarem juntos. Não para sempre.

Gwen tinha um pressentimento de que seria capaz de deixar fluir alguma coisa, pelo menos, com Sabin. Ele não desistira por causa da sua harpia, na caverna nem no avião. E, forte como era, poderia aguentar mais do que um humano aguentaria. Porém, mesmo corajoso e imortal, ela duvidava que ele poderia aguentar tudo o que ela tinha a oferecer. Ninguém poderia.

Ainda assim, ficou pensando em como ele seria na cama. Não seria monótono, disso tinha certeza. Ele iria fundo, sem vergonha, e exigiria o mesmo de sua amante. Quanto *poderia* conseguir dela?

— Então você não tem esposa, mas está solteiro atualmente? — perguntou ela, grosnando. Não podia imaginar que alguém fosse louca o suficiente para namorá-lo. Sim, ele era bonito. Sim, apenas com seus beijos era capaz de levar qualquer mulher às portas do paraíso. Mas um prazer momentâneo com ele só terminaria em coração partido. E ela não deveria ser a única a notar isso.

— Para que tantas perguntas?

— Só para preencher o silêncio.

Mentira. Ela parecia estar cheia de perguntas ultimamente. Ainda estava, apesar de tudo, muito curiosa em relação a ele, àquele guerreiro que a salvara.

— Não vejo nada de errado no silêncio — resmungou ele, a cabeça quase dentro da mala.

— Você é ou não é solteiro?

— Eu gostava mais de você quando tinha medo de... Bem, de tudo — murmurou ele.

Ela estivera *mesmo* menos tímida que de costume perto dele. Ver o amor que os amigos dele sentiam por suas mulheres deve ter lhe dado coragem. Por enquanto, pelo menos.

— Então? Solteiro?

Ele suspirou, claramente desistindo.

— Sim, sou solteiro.

— Não acredito — murmurou ela. A última namorada deve ter dado um pé na bunda dele. — Bom, isso não significa que podemos dormir juntos. Você terá que encontrar um lugar para dormir, porque eu vou ficar com a cama. — Palavras cheias de coragem. Ela só esperava que ele não percebesse que estava blefando.

— Não se preocupe. Eu durmo bem no chão. — Ele jogou várias camisas na cesta de roupa suja ao lado do armário. Um guerreiro demoníaco pondo roupa para lavar; uma cena que não se via todos os dias.

— E se eu não confiar em ter você aqui dentro?

Ele riu, e o som que saiu de sua boca era cruel.

— Uma pena. Não vou deixá-la sozinha a noite toda.

Isso não era nada reconfortante. Ele não jurara que ficaria longe dela, e não dissera que não queria nada com ela sexualmente.

Ou disse?

E ela gostaria que tivesse feito isso?

Ela ficou observando-lhe o perfil, seu olhar viajando pelo nariz dele. Era um pouco maior do que

o considerado normal, mas era majestoso exatamente por isso. Suas maçãs do rosto eram salientes, sua mandíbula, quadrada. De uma maneira geral, era um rosto bem duro, sem qualquer sinal de jovialidade, como ela às vezes imaginara.

Seus olhos, no entanto, eram quase femininos, com cílios muito longos. Ela não notara isso antes, mas seus cílios eram tão grossos que ele parecia ter os olhos cobertos de fuligem.

Passando os braços em volta do próprio ventre, tirou os olhos daquele rosto intrigante e focou no corpo dele. Todos aqueles músculos... Mais uma vez, se via fascinada por eles. Veias pulsaram em seus bíceps enquanto pegava o kit de barbear. O couro preto e os anéis de metal de seu bracelete roçavam em seu pulso grosso. Suas pernas longas devoraram o caminho até o banheiro. Com sorte, ele tiraria a camisa e ela poderia ver melhor aqueles músculos. Talvez visse um pouco mais daquela tatuagem de borboleta que se estendia por suas costelas e desaparecia no cóis da calça.

— Agora é a minha vez de fazer perguntas — disse ele, parado na porta do banheiro, com um ombro pousado na moldura. — *Por que* você não fugiu? E nem tentou. Sei que não queria encarar o desconhecido no deserto. Isso, de certa maneira, eu entendo. Mas depois você descobriu o nosso pequeno segredo, os demônios, e mesmo assim ficou. E chegou a dizer que me ajudaria.

Boa pergunta. Ela *pensara* em desaparecer no bosque no momento em que o avião pousou, e de novo quando o carro parou. Mas então surgiram aquelas mulheres de dentro da fortaleza, atirando-se nos braços de seus homens, loucas, apaixonadas, e ela tinha ficado parada. Os guerreiros demoníacos estavam sendo gentis e carinhosos com elas.

Mais do que qualquer outra coisa, isso a fizera rever seu conceito sobre os demônios.

Eles eram o completo oposto do que esperava; honrados até então, e quase gentis. Pareciam querer protegê-la. Melhor: não a olhavam com ar de decepção, desejando descaradamente que ela fosse mais forte, corajosa e mais violenta.

É o anjo dentro dela, a mãe de Gwen estalava a língua, decepcionada, sempre que ela se recusava a ferir um inocente. *Eu sabia que era melhor não dormir com ele*. Suas irmãs sempre a defendiam, pois a amavam muito, mas Gwen sabia que elas também a consideravam frágil. A verdade sempre brilhava fortemente nos olhos delas.

Se a tivesse conhecido, seu pai teria ficado orgulhoso dela, pensou, defensivamente. Certamente aplaudiria sua benevolência.

— Então? — insistiu Sabin.

— Eu poderia responder da mesma forma que você tem me respondido — disse ela, levantando o rosto. *Eu sou forte. Posso me resolver sozinha*. — Por que não fugi de você? Porque não. Só isso. — *Vamos, tome um pouco do seu próprio veneno*.

Sabin passou a língua sobre os dentes.

— Não estou achando nada engraçado.

— Nem eu! — *É isso. É assim que se faz*.

— Querida. Fale comigo.

A forma como ele disse o “querida”... Como uma carícia, uma fantasia e um xingamento ao mesmo tempo, tudo enrolado num doce de chocolate. Roubado, claro.

— Eu me sinto segura com você — finalmente ela admitiu. Mas por que resolvera contar a

verdade, não sabia. — Entendeu?

Ele, para a surpresa de Gwen, zombou dela:

— Isso é ridículo. Você nem me conhece. Mas se é mesmo tão boba, por que quer um quarto só para você? Por que me faz tantas perguntas?

Ela sentiu as faces quentes. Era *mesmo* uma boba.

— Por que parece que você quer me convencer a ir embora, se estou aqui por um pedido seu? Prefere que eu fuja ou algo assim?

Ele balançou a cabeça uma única vez.

— Você poderia ao menos fingir ser um cara legal?

— Não.

Mais uma vez, ele não hesitou. E isso estava começando a irritá-la.

— Certo. Mas por que você é legal em um momento e, no instante seguinte, é cruel?

Um músculo ficou tenso no queixo de Sabin, como se estivesse trincando os dentes.

— Não sou bom para você. Confiar em mim só lhe trará dor.

E ele não queria lhe trazer dor?

— Por que está dizendo isso?

Não houve resposta.

— Por causa do seu demônio? — insistiu ela. — Que demônio você carrega?

— Isso não importa — murmurou ele.

Mais uma vez, ele não respondeu. Pelo menos, nada que fizesse sentido. A não ser que, talvez, ele estivesse mentindo o tempo todo e realmente quisesse fazê-la sofrer, pois era um demônio, e os demônios sempre agiam assim. Mas ele não podia ser um demônio realmente mal. Ele amava seus amigos de verdade. Isso ficava óbvio sempre que olhava para eles.

— Quero que me diga novamente o que acha que posso fazer por você — pediu ela, só para lembrá-lo que ele queria algo dela, e que ela não o ajudaria, se não quisesse. — Por que quer ter a mim por perto?

Pela primeira vez, ele parecia feliz em responder:

— Para matar meus inimigos, os Caçadores.

Um sorriso escapou dela.

— E você honestamente acredita que eu poderia fazer algo assim? De propósito? — acrescentou ela rapidamente, sem precisar mencionar o que fizera na caverna sem intenção.

O olhar de Sabin se nivelou ao dela, penetrando-a como uma lâmina afiada.

— Sob as condições ideais, acho que você faria quase qualquer coisa.

Condições ideais. Ou seja: com medo de morrer e com raiva. Ele também faria qualquer coisa. Colocá-la em perigo ou a ponto de perder a cabeça. Qualquer coisa para vencer sua guerra.

— E aquela história de que me ensinaria a manter o controle?

— Eu disse que tentaria, não que conseguiria.

Gwen nunca teve melhor motivo para tentar fugir dele. Ele era muito mais perigoso do que ela imaginava. Mas não poderia fugir naquele momento, quando acabara de perceber que parte dela queria ajudá-lo. Não a matar, pois não queria participar da luta em si, mas ela não gostava de saber

que havia homens como Chris soltos por aí. Talvez atacando mais mulheres imortais. Se pudesse ter um pequeno papel para detê-los, não seria sua obrigação fazer isso.

— Você não tem medo de morrer? — perguntou ela. — Se eu sucumbir à harpia, você pode não ter a chance de sobreviver para se gabar sobre o Caçadores que eliminei. Até imortais podem ser assassinados *sob as condições ideais*.

— É um risco que estou disposto a correr. Como já disse, eles mataram meu melhor amigo, Baden, guardião da Desconfiança. Era um grande homem, não merecia a morte que teve.

— Que tipo de morte? — Depois do que haviam feito com suas companheiras de confinamento, ela podia imaginar.

— Enviaram uma fêmea para seduzi-lo e, no meio do ato, eles fizeram uma emboscada e cortaram sua cabeça. Mas se quiser uma razão mais decente, os Caçadores culpam a mim e a meus irmãos por todas as doenças que contraem, por todas as mortes de seus entes queridos, por todas as mentiras proferidas e por todos os atos violentos que são cometidos. Eles torturaram humanos, pessoas com as quais eu fui estúpido o suficiente para me preocupar, e farão qualquer coisa para me enterrar. Qualquer coisa. Destruirão qualquer um, e ainda *me* chamam de mau.

— Oh! — Foi tudo o que ela pensou para dizer.

— Isso mesmo. Oh!... Ainda acha que não será capaz de me ajudar?

SABIN ESTAVA COMPLETAMENTE focado na menina adorável à sua frente. Aqueles cabelos cor de morango caindo por seus braços, se derramando em seu colo. Aqueles olhos dourados com nuances prateadas e que brilhavam intensamente. Aquela cor rosada que queimava suas faces arredondadas.

Mais do que sua aparência, ele gostava daquele espírito recém-descoberto. Apesar de suas reclamações anteriores terem dito o contrário. A força era algo muito sexy. Especialmente uma força que não vinha naturalmente. Apesar de tímida por natureza, com medo dele, daquela casa e da própria sombra, Gwen estava sentada calmamente na cama dele, interrogando-o, com a cabeça erguida, recusando-se a baixar a guarda. Era uma criatura realmente incrível.

Se não for a melhor atriz do mundo, claro. Dúvida.

Sabin rosnou. Gwen não era uma atriz. Estivera presa e fora torturada pelos Caçadores; não os estava ajudando. *Você está me irritando com essas suspeitas.*

Talvez eu esteja mantendo você e seus amigos vivos. Melhor estar comigo de guarda do que morto. Afinal de contas, Danika veio aqui com a promessa de resgate, mas, na verdade, fornecia informações aos Caçadores.

Sabin engoliu em seco.

Deixe-me falar com a harpia! Vou conseguir arrancar a verdade dela.

Ele pensou em como Reyes e Danika estavam naquele momento. Felizes, apaixonados. Uma prova de que as más intenções podem se transformar em boas. *Você vai calar a boca. É isso o que vai fazer.* Quanto a ele...

Olhou para Gwen, sabendo, sem dúvida, que ele não estava destinado a um final feliz de contos de fada, como Reyes. Ao ver um homem se destruindo, qualquer mulher poderia se recuperar. Ao

vê-lo perdendo o respeito por si próprio, ela não conseguiria. Gwen já estava muito perto disso.

O que a fizera ser a garota que era? Ou, melhor, a mulher. Afinal, era mais velha que Ashlyn e Danika.

Ele estava curioso sobre Gwen, sobre cada detalhe de sua vida. Família, amigos, namorados. E ela estava curiosa em relação a ele também, e Sabin gostava mais disso do que deveria. Na verdade, bem mais do que deveria. Quisera responder a todas as perguntas, contar tudo a ela, mas conhecia os perigos de fazer isso. E ao ficar irritado consigo mesmo, ficava mais impaciente que o normal. Mais impaciente, mas não menos excitado.

Só de estar ali, de pé, sentia o desejo queimando-o por dentro. Queria aqueles cabelos embolados entre os dedos, aquele corpo exuberante tremendo debaixo do seu, em cima dele, queria seus gritos de prazer nos ouvidos.

Para não se aproximar ainda mais, ele cruzou os braços sobre o peito, esticando a camisa. O olhar dela se desviou, caindo sobre o bíceps esquerdo de Sabin. Droga. Se ela o desejasse como ele a desejava, estariam entrando em uma confusão. Uma grande, muitíssimo prazerosa confusão.

Mais uma vez seu demônio começou a puxar as rédeas, desesperado por alcançá-la, invadir sua mente e enchê-la de dúvidas. Na verdade, os sussurros já tinham começado: *Você não é boa o suficiente, não é bonita o suficiente, não é forte o suficiente*. Ele precisou de toda a força que tinha para mantê-los dentro da própria cabeça. Se ela os ouvisse...

Ele sabia como lutar contra seu demônio e esmagar as dúvidas. Ela, não. Ela desmoronaria, exatamente como queria o demônio.

Por que Gwen não era capaz de acalmar seus tormentos, como Ashlyn fizera com Maddox? Por que não podia vencer seu lado negro, como Anya fizera por Lucien? Por que não podia frear seus desejos pela maldade, como Danika fizera por Reyes? Em vez disso, Gwen excitava o demônio dentro dele, levando-o à loucura.

— Honestamente, não sei como ajudá-lo da forma como você quer, mas sinto muito por sua perda — disse ela, com uma compaixão sincera na voz.

— Obrigado. — Como ela era... doce. Ele franziu a testa. Gwen devia proteger melhor seu coração e suas emoções. Sofrer por ele não ajudaria em nada. Ele parou. Estava pensando nela como um namorado. Por falar em... — Você tem namorado?

— Tinha. Antes.

Antes do cativeiro, ele imaginou. Como o relacionamento funcionara? Teria o pobre homem de medir cada palavra e ação para não despertar a fera dentro dela?

— Você sente saudade dele? — Percebera um leve traço de tristeza na voz dela.

— Sentia, sim.

Certo; isso... o irritou.

— Ele a traiu? Foi por isso que me fez todas aquelas perguntas idiotas?

— Idiotas? — A ponta rosada de sua língua passou raivosamente por seus lábios, e o pênis de Sabin pulsou imediatamente, imaginando aquela língua em outro lugar. Nele. Assim, no meio de suas pernas. — Não, ele não me traiu. *Ele* era honesto.

Por alguma razão, a comparação o deixou ainda mais irritado.

— Eu sou honesto. Já lhe disse antes, não minte sobre o que quero ou não fazer. Não posso mentir.

— O que você quer dizer com não pode? — perguntou ela, erguendo uma das sobrancelhas.

— Não vou entrar nesse assunto — disse ele entre os dentes. Gwen poderia precisar proteger mais seu coração, mas ele precisava medir melhor as palavras.

— Ter sido sincero sobre sua vontade de trair não faz de você uma pessoa melhor do que o meu humano. Tyson não teria me enganado sob nenhuma circunstância. Ele me amava.

O humano dela? O humano dela!

— O nome dele é Tyson? Odeio ter que lhe dar a má notícia, mas... Você namorou uma conhecida marca de frango. E não teria tanta certeza do seu senso de honra. Aposto que ele procurou outra assim que você virou as costas. E se ele realmente a amava tanto, por que não tentou encontrá-la? — Sabin xingou interiormente e trincou os dentes. Aquelas palavras horríveis não podiam ter saído de sua cabeça, mas, sim, de seu demônio. Como Sabin não permitira que o idiota tomasse conta da cabeça de Gwen, ele tentou escapar por outro caminho.

Gwen ficou pálida.

— E-ele... Talvez tenha tentado.

A culpa e a vergonha ofuscaram qualquer sinal remanescente da irritação dele. Ela ainda era frágil, apesar de toda a bravata. Mas isso só confirmou as suspeitas de Sabin. Bastava lançar algumas dúvidas e ela desmoronava. Ele tinha de se manter afastado.

Mas seria capaz? Ele era levado a ela. Fizera de tudo para que dormisse no seu quarto. Com ele. Sozinha. Burro! Mas era o único jeito de protegê-la... Dos outros, de si mesma. E, tolamente, gostava de saber que estava perto dela. Gostava dela. Além de linda, ela era inteligente, quando não estava com medo e quieta, claro, e encantadoramente doce.

Ficou imaginando se todas as harpias seriam tão tentadoras como ela. Ele descobriria, pois prometera trazer suas irmãs até a casa. Promessa que preferia não ter feito, a princípio. Mais harpias significavam mais problemas. Mais confusão. Mas depois notou que mais harpias também significavam mais armas contra os Caçadores. De alguma maneira, convenceria suas irmãs a ajudá-lo a destruir o homem que ferira sua irmã querida.

Se elas a amarem, disse Dúvida. *Será que procuraram por ela quando foi levada?*

Droga. Não pensara nisso. Gwen estivera um ano na cela. Elas não a encontraram, não a salvaram. Nem aquele idiota do Tyson.

Suas mãos se transformaram em punhos. Se as irmãs não quisessem ajudá-lo, tudo bem. Ele tinha Gwen. E sabia em primeira mão do que ela era capaz.

— Olhe, sinto muito pelo que eu disse — forçou-se a dizer, pois pedir desculpas era um saco, e ele se aproximou da porta. — Se quer o quarto para você, tudo bem. Posso deixá-la sozinha por algumas horas. Mas não ouse sair daqui. Vou mandar que tragam comida.

Ela murmurou, indicando estar contente, mas disse:

— Não se dê ao trabalho de mandar nada; não vou comer.

Ele parou e continuou de costas para ela. Quanto mais olhava para Gwen, mais ele se amansava em relação a ela.

— Você vai começar a comer, Gwen. Está entendendo? Não quero que pense que sou como seus captores, que a deixavam morta de fome.

— Eu não penso assim — disse ela, teimosa. — Mas não quero comer. E você vai me deixar aqui, onde os demônios podem me alcançar? Para onde vai?

— *Eu sou* um demônio — disse ele, ignorando a outra pergunta. Estava ficando bom nisso.

— Eu sei — disse ela, com voz hesitante, quase inaudível.

O estômago dela se contraiu. Ela sabia, mas não se importava? Nunca dissera nada tão forte.

— Vou estar por perto, caso precise de mim. É só chamar. Aliás, tenho uma ideia melhor. Vou mandar Anya ficar com você. Ela e Lucien já passaram algumas horas juntos... Ela vai mantê-la a salvo. — E a fará comer, se for necessário. Se alguém era capaz de convencer outra pessoa a fazer qualquer coisa, essa pessoa era a maligna Anya. — Não saia daqui.

Só quando fechou a porta, deixando Gwen lá dentro, com medo de que ela se arriscasse a esbarrar com um dos seus amigos para explorar, espiar ou mesmo procurar um telefone para ligar para os Caçadores — droga ela não trabalhava para eles! —, Sabin percebeu que estava a ponto de sabidamente unir uma harpia e uma deusa da Anarquia. Ótimo. Teria sorte se ainda estivesse com a cabeça pregada ao corpo na manhã seguinte.

Capítulo Nove

SABIN CAMINHOU PELA fortaleza, gemidos de dor subiam das masmorras, ecoando nas paredes. Alguém interrogava os prisioneiros. Ele deveria estar lá embaixo, ajudando, mas, antes, precisava conversar com Anya.

Sim, ele notou que estava pondo uma mulher à frente de sua obrigação, mas isso era algo passageiro para garantir o conforto de Gwen, e não deveria durar muito tempo. Mas nunca mais, prometeu a si mesmo. Quando tivessem mais uma tortura a ser feita, ele seria o primeiro da fila, Gwen que se danasse.

Ainda assim, estranhamente, deixar Gwen parecia... Errado. Parte dele, uma grande parte... Droga, uma parte muito grande... sabia que deveria permanecer com ela, acalmando seus medos, garantindo que tudo estaria bem.

Não posso garantir nada além de tristeza a uma mulher, pensou, soturno. Especialmente a uma mulher que estava louco para voltar a beijar.

Aquele beijo no avião quase o destruía. Nada antes fora tão doce... Ou demonstrara um potencial tão explosivo. Mas deixar-se levar significaria abrir mão do controle de Dúvida. E se ele fizesse isso, o demônio teria feito um massacre mental. Ela já estava frágil, com medo de quem era e do que era. Outro beijo faria dele a personificação da burrice.

E por que diabos ele piorara tudo perguntando sobre o ex-namorado? Como ele fora baixo dizendo que o homem no qual ela confiara fora infiel, ainda que tenha sido levado pelo seu demônio a dizer aquilo! Pior, a cada segundo que passava, a determinação de Dúvida em destruir a pouca confiança que restava em Gwen era ainda maior. Talvez porque Sabin fizera dela o fruto proibido, enviando ordens constantes para que o demônio se afastasse.

Mas não havia solução para isso. Se ele parasse de prender o demônio dentro de si, a já muito frágil autoestima de Gwen iria desaparecer. Sua confiança seria dilacerada. E ele não poderia permitir isso. Tinha de proteger sua arma, o que, com certeza, era a única razão pela qual se preocupava com sua sanidade.

Tinha de descobrir a melhor forma de usá-la. Talvez se a convencesse a fingir apoio aos Caçadores para destruí-los, infiltrada. Isso certamente seria possível.

Os Caçadores vinham tentando essa estratégia por séculos, e Baden fora seu maior êxito. Já era

tempo de eles usarem suas próprias armadilhas contra eles.

Mas seria capaz de convencer Gwen a fazer isso?

A pergunta o atormentou enquanto caminhava pela fortaleza. As janelas de vidro com prismas lançavam raios coloridos pelo corredor e iluminavam a poeira que dançava no ar.

Sabin não vivera naquela fortaleza por muito tempo, mas poderia dizer que, sem dúvida, as novas moradoras tinham trazido um sopro de vida ao lugar. A decoração que haviam montado conseguiu espantar o ar soturno que notara ao entrar ali pela primeira vez. Ashlyn escolhera os móveis. Sabin não era especialista nesse tipo de coisa, mas suspeitava que eram peças caras, pois o faziam lembrar dos anos passados na Inglaterra vitoriana.

As peças já não eram todas vermelhas, como antes, para esconder o sangue que Reyes derramava quando era forçado a se cortar. Havia agora uma poltrona branca, uma cadeira de veludo rosa, um cavalo de carrossel e uma mesa de nogueira e mármore. Havia até mesmo um quarto de bebê ao lado do dormitório de Maddox e Ashlyn.

Anya comprara os... extras. A máquina de chicletes que estava num canto, o mastro de striptease do qual ele teve de se desviar e o fliperama de Pac Man ao lado da escadaria.

Danika pintara os quadros que enfeitavam as paredes. Alguns eram anjos voando nos céus, outros, demônios vagando no inferno, mas todos representavam visões que ela, o olho que tudo vê, tivera. Através daquelas pinturas, eles estavam aprendendo mais sobre os espíritos que levavam dentro, bem como sobre os deuses que agora os controlavam.

Claro, além das visões do céu e do inferno, havia alguns “extras” de Anya: retratos de homens nus. Para espanto de todos, ela conseguira salvá-los do ataque à bomba dos Caçadores. Só uma vez Sabin conseguira destruir um deles. No dia seguinte, encontrara um retrato *seu*, nu, colocado no lugar. Como a deusa o pintara tão rápido, e de forma tão acurada, ele nunca saberia. Mas não voltaria a tirar outro quadro do lugar.

Sabin virou uma esquina e entrou pela porta aberta da sala de jogos, com a intenção de chegar à segunda escadaria, que levava ao quarto de Lucien e Anya. Com o canto dos olhos, viu uma pessoa alta e esbelta, e retrocedeu alguns passos. Parou na porta, e Anya entrou em foco. Usando um vestido de couro ultracurto e botas altas, ela era tão perfeita quanto uma mulher poderia ser. Sem nenhum defeito. A não ser o seu deturpado senso de humor.

No momento, ela estava jogando Guitar Hero com seu amigo William. Sua cabeça balançava ao ritmo errático da música, e seus cabelos dançavam ao redor do seu corpo. William era imortal e havia muito tempo fora expulso do céu, assim como os Senhores. Enquanto eles quase destruíram o mundo com suas maldades, o crime dele fora unicamente ter seduzido a mulher errada. Ou duas. Ou três mil. Não muito diferente de Paris, ele dormira com todas as mulheres que o aceitavam, casadas ou não. Até mesmo a deusa-rainha. O rei Zeus os encontrara juntos e, como William gostava de dizer, “perdeu a cabeça”.

E agora seu destino estava ligado a um livro, um livro que Anya roubara dele e devolvia um punhado de páginas de cada vez. Um livro que supostamente previa que uma maldição, envolvendo uma mulher, cairia sobre ele.

Como era de esperar, enquanto tocava a bateria, os olhos do guerreiro estavam pousados na

bunda de Anya, como se ela fosse um chocolate e ele, um chocólatra em abstinência por muito tempo.

— Eu poderia fazer isso o dia inteiro — disse ele, erguendo as sobrancelhas.

— Preste atenção às suas notas — avisou ela. — Você está perdendo pontos e arruinando a banda.

Seguiu-se uma pausa, e então os dois sorriram.

— Não fique elogiando, Gilly! Ele não fez *o melhor que poderia*! Só mesmo uma mulher com... Ah, deixa pra lá. Apenas... Diga a ele que foi terrível! — disse Anya, dando um rodopio sem que seus dedos desacelerassem na guitarra.

Gilly estava ali? Sabin deu uma olhada em volta, mas não viu qualquer sinal de sua presença. Depois notou que Anya e William usavam fones e jogavam a distancia com Gilly.

Sabin apoiou um dos ombros na moldura da porta, cruzou os braços sobre o peito e esperou, impaciente, o final da música.

— Onde está Lucien?

Anya e William não demonstraram se assustar com a presença dele.

— Está encaminhando almas — respondeu Anya, jogando a guitarra no sofá. — Isso! Atingi 95%. Gilly, você chegou a 98% e o pobre William a apenas 56%. — Pausa. — O que eu tinha dito? Não elogie o homem que acabou com a nossa banda. Ah, você também. Até a próxima, *chica*.

Ela tirou o fone do ouvido e o deixou ao lado da guitarra. Depois pegou uma caixa de salgadinhos de queijo na mesa de centro e começou a comê-los lentamente, fechando os olhos, em êxtase.

A boca de Sabin ficou cheia de água. Salgadinhos de queijo... Seus preferidos. De alguma maneira, ela soubera que ele iria até ali para procurá-la; resolvera torturá-lo, tentá-lo.

— Anya, me dê um pouco — pediu ele.

— Pegue um para você — respondeu ela.

William jogou as baquetas para o alto e as pegou de volta, depois as colocou em cima da bateria.

— Não importa quantas notas eu perdi, ainda consigo fazer boa música.

— Que nada, eu te ajudei, e muito — disse Anya, com seu olhar divertido em cima de Sabin. E jogou-se no sofá, com as pernas para o lado de fora.

— Rá! Até parece! Eu carreguei você! — Anya colocou os salgadinhos de volta e olhou, divertida, para Sabin. — Então, Sabie, estive procurando por você. Lucien me disse que temos uma harpia na casa! — disse, batendo palmas animadamente. — Eu adoro harpias. São tão maravilhosamente perversas.

Sabin não fez a observação de que ela estivera jogando videogame, não procurando por ele.

— Maravilhosamente perversas? Você diz isso porque não a viu arrancar a garganta de um Caçador.

— Não, não vi — disse, fazendo beicinho. — Eu perco toda a diversão tendo que ser a babá de Willy.

William revirou os olhos.

— Obrigado, *Annie*. Eu fiquei aqui fazendo companhia para você, ajudando a cuidar das meninas, e você queria ter saído para lutar. Deuses, que duro golpe acabo de receber. Eu devia até

estar chorando.

Anya se aproximou e deu tapinhas na cabeça dele.

— Tire um tempo livre, se recomponha. Enquanto isso, mamãe vai conversar com Duvidazinha, tá?

William sorriu com o canto da boca.

— Isso faz de mim o papai?

— Só se quiser morrer — disse Sabin.

Uma risada escapou dele, e William ficou trocando os canais na televisão digital de 73 polegadas, deitado na poltrona à frente dela. Três segundos depois, uma festa carnal tomou conta da tela, com direito a muitos gemidos. Paris costumava adorar esses filmes. Mas nas semanas anteriores à viagem ao Egito, somente William chegara perto deles.

— Conte-me tudo sobre a harpia — disse Anya, aproximando-se de Sabin com o rosto iluminado de interesse. — Estou louca de vontade de saber.

— A harpia tem um nome. — O que era... Aquela irritação em sua voz? Não era nada disso. Por que não gostava que os outros se referissem a ela como “a harpia”? Era *ele* quem a chamava assim. — Seu nome é Gwendolyn. Ou Gwen.

— Gwendolyn, Gwendolyn. Gwen — repetiu Anya, pousando um dos dedos no queixo. — Sinto muito, nada familiar.

— Olhos dourados, cabelos vermelhos. Bem, cabelos loiro-morango.

Os olhos azuis e brilhantes de Anya brilhavam ainda mais.

— Sei... Interessante.

— O quê? A cor do cabelo? — Como se ele não soubesse disso! Queria deslizar seus dedos por eles, espalhá-los em seus travesseiros, em suas coxas.

— Não, que você diga loiro-morango. — E uma pequena risada escapou de sua boca. — Será que o pequeno Sabin está a fim de alguém?

Seus dentes rangeram de irritação ao mesmo tempo que suas faces ficaram quentes. Estava corando? Que droga!

— Ahhh. Que fofo! Olha só quem se apaixonou enquanto fazia uma busca por aquelas pirâmides. O que mais você sabe sobre ela?

— Sei que tem três irmãs, mas não sei os seus nomes. — Suas palavras eram ásperas, envoltas em um aviso violento. Ele *não* estava apaixonado.

— Descubra, então — disse ela, surpresa por ele ainda não ter feito isso.

— Na verdade, eu estava esperando que você fosse descobrir. Preciso que lhe faça companhia. — *Que a proteja*, uma parte dele queria pedir. Espere. Uma parte dele queria pedir? Sério? — Mas William tem que ficar aqui. Ele não pode chegar nem perto dela.

O couro da poltrona roçou no jeans quando William se mexeu. Ele praticamente brilhava de tão intrigado.

— Por que não posso chegar nem perto dela? Ela é bonita? Aposto que é bonita.

Sabin o ignorou. Ou o ignorava, ou o matava, e, se o matasse, Anya ficaria chateada. E chatear Anya era o mesmo que colocar a própria cabeça em uma guilhotina.

Em tempos assim, Sabin sentia falta da monótona rotina da sua vida anterior à união dos Senhores. Naquela época, eram apenas cinco na casa, sem nenhuma mulher irritante, além de Cameo, mas ela não contava, e os amigos sempre excitados delas.

— Além disso, preciso que tente convencê-la a comer — disse ele. — Ela está comigo há vários dias e só comeu alguns Twinkies, mas imediatamente vomitou tudo.

— Primeiro, eu nunca disse que seria babá da sua mulher. Segundo, é claro que ela não vai comer. Ela é uma harpia — disse Anya, seu tom de voz indicava que ele era um retardado.

Talvez fosse mesmo.

— Do que está falando?

— Elas só comem o que roubam ou ganham como recompensa. Caso lhe ofereça comida, ela será *obrigada* a recusar. Ou terminará... Que rufem os tambores... Vomitando.

Ele balançou a mão, como se afastasse a ideia.

— Isso é ridículo.

— Não, é o modo de vida delas.

Mas isso... Não podia ser... Droga. Quem era ele para dizer que algo era impossível? Durante anos, Reyes tivera que apunhalar a barriga de Maddox à meia-noite, e Lucien tivera que acompanhar as almas de guerreiros mortos até o inferno, apenas para voltar na manhã seguinte, com o corpo já curado, e fazer a mesma coisa na próxima noite.

— Ajude-a a roubar alguma coisa, então. Por favor. Pequenos roubos não são o seu forte?

Mais tarde ele faria com que a comida estivesse espalhada por aquele quarto, fácil de ser “surrupitada”.

De repente, um grito agudo de dor atravessou as paredes, um som que tranquilizou a alma de Sabin. O interrogatório dos Caçadores atingira um novo nível. *Eu deveria estar lá, ajudando.* Mas ficou parado, curioso, louco por respostas.

— O que mais eu deveria saber sobre ela? — perguntou Sabin.

Pensativa, Anya se levantou, caminhou em volta da mesa de sinuca e pegou uma das bolas da caçapa. Depois atirou-a ao ar, voltou a agarrá-la e atirou-a novamente.

— Vamos ver, vamos ver. As harpias se movem tão rapidamente que o olho humano, ou o olho dos imortais, como é o nosso caso, não é capaz de registrar qualquer movimento. Elas adoram torturar e punir.

Essas duas coisas ele já vira em primeira mão. A velocidade com que ela matara o Caçador... A forma brutal como o atacara... Pura tortura e punição. Mas sempre que Sabin mencionava atacar outros Caçadores responsáveis pelo seu confinamento, ela tremia, ficava pálida.

— Como qualquer outra raça, as harpias podem ter dons especiais. Algumas podem prever quando alguém vai morrer. Outras podem retirar a alma de um corpo e levá-la ao além. Pena que a maioria não seja capaz disso... Facilitaria muito o trabalho do meu amor. Algumas podem viajar no tempo.

Será que Gwen possuía alguma habilidade especial?

Sempre que aprendia algo sobre ela e suas origens, centenas de outras perguntas apareciam.

— Mas não se preocupe com a sua mulher — disse Anya, como se pudesse ler seus pensamentos.

— Esses tipos de poderes não costumam se desenvolver muito cedo. A menos que ela já tenha algumas centenas... Ou milhares de anos? Não lembro... Mas pode ainda não estar preparada para a sua habilidade especial.

Bom saber.

— Elas são más? Podemos confiar nelas?

— Más? Depende da sua definição. Confiar? — Ela sorriu lentamente, como se saboreasse as palavras seguintes: — Nem um pouco.

Isso não era nada bom para seu objetivo. Mas que droga, ele não conseguia imaginar a inocente e doce Gwen o enganando.

— Pelo que Lucien lhe contou, você acha que Gwen poderia trabalhar para os Caçadores? — Ele não tivera a intenção de perguntar isso, pois honestamente não acreditava que ela fosse capaz. Mas tinha essa pergunta em mente por causa de Dúvida, para quem confiança e segurança eram maldições, coisas desprezíveis.

— Que nada... — disse Anya. — Quero dizer, você a encontrou trancafiada. Nenhuma harpia viva permitiria ser mantida em cativeiro. Ser capturada é ser ridicularizada, considerada indigna.

Então seria assim que suas irmãs a tratariam quando chegassem? Ele não permitiria que a castigassem. E, droga... Ele a deixara trancada no quarto. Um quarto espaçoso, mas, ainda assim, uma prisão. Será que o veria como um Caçador? Seu estômago deu um nó.

— Você poderia ficar com ela? Por favor.

— Odeio ter que lhe dar a má notícia, queridinho, mas se ela não quiser ficar aqui, nem eu serei capaz de mantê-la. Ninguém seria.

Outro grito humano ecoou na sala, seguido de uma risada mortal.

— Por favor — repetiu ele. — Ela está assustada e precisa de uma amiga.

— Assustada — disse Anya, rindo. Mas a expressão dele não mudou, e ela parou de rir lentamente. — Você está brincando comigo, não está? As harpias nunca ficam assustadas.

— Quando foi que eu demonstrei algum senso de humor?

Anya, sempre desdenhosa frente aos mistérios, balançou a cabeça.

— Você me pegou. Está bem. Vou ficar de babá, mas só porque estou curiosa. Mas escute o que estou dizendo: uma harpia assustada é um paradoxo.

Logo ela entenderia que isso era um erro.

— Obrigado. Fico devendo uma a você.

— Fica mesmo — disse Anya, sorrindo docemente. Muito docemente. — Ah, e se ela me perguntar sobre você, vou contar tudo o que sei. Cada detalhe. E eu estou falando de *cada* detalhe.

O medo tomou conta dele instantaneamente. Gwen já estava desconfiada de Sabin. Se soubesse as coisas que fizera no passado, nunca o ajudaria, nunca confiaria nele, nunca voltaria a olhar para ele com aquela mistura inebriante de desejo e incerteza.

— Fechado — disse Sabin, com expressão dura. — Mas você está precisando desesperadamente de uma surra.

— Outra? Lucien me deu uma ótima hoje de manhã.

Naquele momento, Sabin admitiu para si mesmo que nunca ganharia uma batalha verbal com

Anya. Também nunca a intimidaria. Nem precisava tentar.

— Seja apenas... gentil com ela. E se ainda houver algum traço de compaixão nesse lindo corpo, não diga que sou o guardião de Dúvida. Ela já está com medo de mim.

Suspirando, Sabin se virou e seguiu para a masmorra.

— ONDE ESTÃO eles? — exigiu saber Paris.

Um gemido de dor foi sua única resposta.

Eles estavam nisso havia dias, pelo menos era o que parecia, e sem qualquer resultado real. O demônio de Aeron, Ira, tinha todo o tipo de imagens doentias na cabeça e queria punir aquele homem por seus pecados. Logo, Aeron não seria capaz de se controlar. Se isso acontecesse, ele não conseguiria respostas. E estava pronto para parar, retomar forças e tentar mais uma vez no dia seguinte, permitindo aos Caçadores restantes, pois acidentalmente já tinham matado dois, imaginar o que logo aconteceria com eles. Algumas vezes, o imprevisto se provava mais intimidador que a realidade. Algumas vezes.

Paris, no entanto, não parecia disposto a desistir. Ele estava possuído. E por algo mais do que apenas o seu demônio. Fizera coisas àqueles humanos que nem mesmo Aeron, um guerreiro frio, teria estômago para fazer. Mas, também, Aeron já não era o mesmo...

Meses antes, os deuses o mandaram matar Danika Ford e sua família, e ele tivera de vencer a sede de sangue que o consumira em seguida. Tivera de lutar contra as doces imagens daquelas mortes que invadiam sua mente, nas quais suas mãos fatiavam gargantas, seus olhos observavam o sangue se derramar e seus ouvidos registravam o último e gorgolejante suspiro. Deuses, como ele sentira falta desse tipo de coisa, mais do que qualquer outra no mundo.

Quando a sede finalmente o abandonara, mesmo sem que ele entendesse exatamente por quê, ficou com medo de tirar outra vida, qualquer vida, pois poderia voltar a se transformar na fera que um dia fora. Depois, ele e os outros guerreiros viajaram ao Egito e a batalha endurecera. Ele fora incapaz de segurar seu punho, e a sede que tanto temera voltou a dominá-lo.

Felizmente, ele se acalmara sem fazer mal a qualquer de seus amigos. Mas e se não tivesse conseguido? Não seria capaz de viver em paz. Apenas Legião era capaz de tranquilizá-lo completamente, e no momento não tinha a sua companhia.

Suas mãos se transformaram em punhos. Não importava quem ou o quê o estivesse vigiando, tinha de ser detido antes que Legião voltasse. De qualquer maneira. Infelizmente, os tais olhos invisíveis e penetrantes não estavam sobre ele naquele momento. Ele estava coberto de sangue e tinha um trapo enrolado no bolso, que envolvia um dos dedos do Caçador morto. Olhar para aquilo pode ter afastado o voyeur para sempre.

No começo ele pensou que fosse Anya lhe pregando uma peça. Já fizera algo parecido com Lucien. Mas Legião não tinha medo de Anya. Agora ela era a única moradora da fortaleza, além de Lucien, que podia alegar isso.

— Uma última chance para responder a minha pergunta — disse Paris, calmamente, colando sua adaga na face pálida do Caçador. — Onde estão as crianças?

Greg, a vítima da vez, choramingou, e uma linha de saliva escorreu de seus lábios.

Eles tinham isolado os Caçadores, deixando um em cada cela. Assim, os gritos que arrancariam de um deles deixariam os outros loucos, sem saberem exatamente o que estaria acontecendo. O cheiro de urina, suor e sangue já saturava o ar, mais um bônus.

— Eu não sei. — Greg se debulhou em lágrimas. — Eles não me disseram. Juro por Deus que não me disseram.

Dobradiças rangeram. Passos ecoaram. E Sabin entrou na cela, determinado, com feições duras. Agora, as coisas ficariam realmente sangrentas. Ninguém era mais determinado que ele. Com um demônio como Dúvida, tal determinação era provavelmente o que o fazia permanecer lúcido.

— O que vocês descobriram? — perguntou o guerreiro. E pegou uma bolsa de veludo da cintura, colocando-a gentilmente sobre a mesa, desenrolando o material que tinha lá dentro para revelar as pontas afiadas de metais diversos.

Greg soluçou.

— A única informação nova é que o nosso velho amigo Galen — disse Aeron o nome com escárnio — está sendo auxiliado por alguém que ele chama de... Você não vai acreditar nisso: Desconfiança.

Sabin ficou paralisado, obviamente as palavras dançavam em sua mente.

— Isso é impossível. Nós encontramos a cabeça de Baden, sem o seu corpo.

— É verdade. — E nenhum imortal sobreviveria a isso. Uma cabeça não poderia ser recolocada no lugar. Outras partes do corpo, sim, mas não essa. — Também sabemos que seu demônio está vagando pela terra, louco pela perda do seu hospedeiro. E ele não poderia ser encontrado sem a caixa de Pandora.

— Fico ofendido que tais palavras tenham sido ditas. Você puniu o Caçador por mentir, certo?

— Claro — disse Paris, com um sorriso de satisfação. — Foi ele quem teve de comer a própria língua.

— Deveríamos colocar esse aqui na cela — sugeriu Aeron. A Jaula da Coação. Um artefato antigo e poderoso, e que supostamente os ajudaria em sua missão de encontrar a caixa. Qualquer pessoa que colocassem dentro da cela tinha que fazer qualquer coisa que os guerreiros mandassem, sem exceção. Bem, quase sem exceção. Quando Aeron estivera sendo consumido pelo desejo de sangue, implorara a alguém nos céus para colocá-lo lá dentro e ordenar-lhe que se mantivesse afastado das mulheres da família Ford.

Mas Cronos apareceu à sua frente e disse:

— Você acha que eu criaria algo tão poderoso como esta cela e permitiria que fosse usada contra mim? Nada do que eu coloco em movimento pode ser detido. Nem mesmo a cela. Essa foi a única razão pela qual eu permiti que ficasse aqui. Agora. E chega disso. É hora de agir.

Aeron piscou os olhos e surgiu no interior do quarto de Reyes, com uma faca nas mãos e o lindo pescoço de Danika tão perto...

— Não — disse Sabin. — Nós concordamos.

Não mostrariam a caixa aos caçadores, nem mesmo aos condenados, por nenhum motivo, e assim os Caçadores nunca saberiam o que ela é capaz de fazer. Por via das dúvidas.

— Descobriu algo mais? — perguntou Sabin, mudando de assunto.

Mas Aeron viu o brilho nos olhos do guerreiro. Como a cela fora mencionada na presença de estranhos, aquele Caçador morreria logo após a sessão.

— Só uma confirmação do que as mulheres nos contaram. Eram violadas, engravidadas e tinham seus bebês, que eles pretendiam usar um dia para lutar contra nós. Já existem crianças semi-imortais por aí sendo criadas como Caçadores, mas o Greg ali não quer salvar seus dedos dos pés e das mãos nos contando onde.

Os soluços pararam; o Caçador estava tão assustado que sua garganta estava se fechando. A qualquer momento desmaiaria.

Paris o agarrou pelo pescoço e meteu sua cabeça entre as pernas, com a corda que o atava bem presa nos pulsos.

— Respire, desgraçado! Ou *eu* juro pelos deuses que o manterei lúcido, mas de outra maneira.

— Pelo menos, ele ainda tem suas cordas vocais — disse Sabin, seco, depois segurou uma lâmina em direção à luz e deu um peteleco na ponta. Sangue instantaneamente pingou em seu dedo. — Ao contrário do seu amigo que está na cela à esquerda.

— Foi mal — disse Paris, mas não soava arrependido. Na verdade, o brilho nos seus olhos era quase maníaco.

— Como vai responder às nossas perguntas se não pode falar?

— Dança explicativa. — Foi a resposta irônica.

Sabin riu com desdém.

— Você poderia ter usado os seus poderes. — Sua aptidão para a sedução funcionava até com homens.

— Poderia, mas não usei — disse Paris, fazendo cara feia. — E não vou usar agora, nem adianta pedir. Odeio tanto esses idiotas que não poderia usar meu charme, mesmo em busca de informação. Eu ainda estou lhes devendo pelo tempo em que fui prisioneiro deles.

Sabin olhou para Aeron como quem dizia: *Por que não o deteve?* Aeron deu de ombros. Não fazia a mínima ideia de como lidar com o soldado feroz e violento no qual Paris se transformara. Era assim que os outros tinham se sentido em relação a ele?

— Então, neste exato momento, estamos determinados a saber onde estão as crianças? — perguntou Sabin. — É isso?

— Sim — respondeu Aeron. — Um dos Caçadores admitiu que as idades variam, da infância à adolescência. E, sim, eles têm violado mulheres imortais há todo esse tempo. E faziam isso sem serem pegos por conta de sua localização. Aquela caverna no Egito foi, antes, um templo dos deuses. É protegida, embora ninguém saiba por quem... Ou como nós driblamos essa proteção.

— Supostamente, as crianças são mais ágeis e fortes que qualquer Caçador que já existiu. Ah, e tem mais: grande parte das incubadoras, como esses idiotas as chamam... Eram imortais encontradas por Ashlyn.

Ashlyn tinha a habilidade única de ficar parada em qualquer lugar e ouvir todas as conversas que já aconteceram ali. Antes de vir para Budapeste, havia trabalhado para... bem, dedicado sua vida ao Instituto Mundial de Parapsicologia, agência que usara suas habilidades para caçar imortais. Para

“pesquisa”, foi o que haviam lhe dito.

— Não podemos contar nada a ela — disse Aeron. — Ficaria arrasada.

Descobrir que trabalhara para os Caçadores sem saber já deixara Ashlyn bem mal, mas descobrir que suas habilidades tinham sido usadas para criar novos Caçadores poderia ser demais para uma mulher gentil e grávida.

— Vamos contar a Maddox e deixar que decida o que dizer a ela.

— Por favor, solte-me — Greg implorou, desesperado. — Vou levar uma mensagem aos outros.

O que quiserem. Um aviso até. Vou dizer que fiquem longe de vocês. Que os deixem em paz.

Sabin pegou um frasco contendo um líquido de aspecto sujo que tinha guardado na sacola de veludo.

— Mas por que eu deixaria que você entregasse uma mensagem que eu mesmo posso entregar?

— perguntou, abrindo o frasco com o polegar e derramando o líquido na lâmina. Houve um chiado.

Greg tentou afastar sua cadeira, mas estava pregada ao chão.

— O que... O que é isso?

— Um tipo especial de ácido que eu mesmo gosto de preparar. Vai comer a sua carne e queimar você de dentro para fora. Vísceras, músculos, ossos, tudo. A única coisa que ele não corrói é este metal, pois veio diretamente do céu. Então, vai nos contar o que queremos saber? Ou vou ter que enterrar esta lâmina da planta dos seus pés e levá-la até a cabeça?

Lágrimas rolaram pelo rosto do trêmulo homem, chegando à sua camisa e se misturando ao sangue que já havia por ali.

— Estão em um local de treinamento. Todos o chamam de Escola de Caçadores. É uma subsidiária do Instituto Mundial de Parapsicologia. É um internato onde as crianças são mantidas o mais longe possível de suas mães. Lá, elas aprendem a lutar, a seguir pistas. E também a odiar a raça de vocês por causa dos milhões que já mataram com suas doenças e mentiras. Dos milhões que se mataram por causa do sofrimento que espalharam.

Ótimo. Agora ele parecia com os Caçadores que Aeron tanto odiava.

— E onde fica essa escola? — perguntou Sabin, diretamente.

— Eu não sei. Sinceramente, não sei. Vocês têm que acreditar em mim.

— Sinto muito, mas não acredito — disse Sabin, aproximando-se lentamente dele. — Vamos ver se consigo refrescar a sua memória.

Capítulo Dez

SE MAIS UM daqueles gritos de dor que pareciam atingir o estômago ecoasse das paredes do quarto de Sabin, Gwen machucaria alguém! Aquilo parecia durar eternamente. Não ajudava nada o cansaço que invadia o seu corpo, fazendo suas pálpebras caírem, fuzilando sua mente, transformando tudo num pesadelo sem-fim. Mas ela estava determinada a manter olhos e ouvidos abertos, para o caso de um dos Senhores decidir entrar e machucá-la.

Como machucavam o homem que, naquele momento, implorava por piedade. Não havia dúvida, ela sabia que os Caçadores estavam sendo torturados. *Por isso* Sabin tinha saído. Por isso a abandonara tão rapidamente. Seu “trabalho” era a coisa mais importante de sua vida.

Você o conhece tão bem assim? Não. Mas sabia que ele desprezava os Caçadores, que desejava sua destruição, tanto quanto ela desejava a normalidade, e que faria qualquer coisa, *qualquer coisa*, para conseguir isso.

Ela entendia o desejo dele. Os caçadores haviam lhe tirado algo, algo que amava. Mais do que isso, na verdade. Eles haviam tirado algo dela também. Muitas vezes. Seu orgulho, a vida normal que tinha acabado de começar a construir para si mesma. Ela os odiava tanto quanto Sabin. Talvez mais.

Eles tinham visto Chris violar aquelas mulheres com desejo nos olhos, esperando a sua vez. Elas não o detiveram, nem ao menos protestaram por seus atos desprezíveis. Por isso, mesmo que os gritos a estivessem deixando louca, impedir Sabin não estava na sua lista de coisas para fazer. Aqueles Caçadores mereciam o que estavam recebendo. No entanto, cada um dos gritos a fazia lembrar-se de que Sabin queria que ela o ajudasse a acabar com vidas, intencionalmente.

Ela seria capaz?

Só de pensar sentiu um nó na garganta e um medo enorme por todo o corpo, deixando suas células ácidas e obstruindo suas veias. Ao longo dos anos, ela matara. Ah, e como matara.

Aos anos, matou seu professor por ter lhe dado um F no trabalho. Aos 16, um homem a seguiu para dentro de um prédio, enfiando-a em uma sala vazia e trancando a porta. Ele durou trinta segundos. Aos 29, ela se mudou do Alasca para a Geórgia, acompanhando Tyson, o que levou sua mãe a cortar todos os laços com ela. Finalmente começou a universidade, algo que queria fazer anos antes. Não seria capaz de aguentar muito tempo com pessoas tão rudes, disseram suas irmãs. E tinham razão. Um professor casado lhe passou uma cantada, só isso, e mesmo assim ela o matou,

como se ele tivesse tentado cortar sua garganta. Sua terceira semana na faculdade foi a última.

Suas irmãs sempre diziam que a harpia não seria tão imprevisível se Gwen parasse de lutar contra quem era verdadeiramente, mas Gwen não acreditava nelas. Suas irmãs tinham muita sede de sangue, lutavam constantemente e tinham uma lista de vítimas que a assustava. Adorava suas irmãs, mas, ainda que sentisse inveja de sua confiança e força, não queria ser como elas. Na maior parte dos dias.

Outro grito de agonia.

Para se distrair, ela explorou o quarto, girou a chave do armário de armas e pegou algumas das shurikens que Sabin escondera lá dentro e colocou no bolso, bocejando apenas três vezes; um avanço. Certas habilidades uma mulher nunca esquece, e violar e invadir era algo que sua família levavam bem a sério. *Devia ter feito isso antes.* Ela também abriu a maçaneta da porta e saiu para o corredor, mas voltou para o quarto assim que ouviu passos.

Por que sou tão covarde?

Outro grito, dessa vez se transformando em um gargarejo.

Tremendo e bocejando novamente, ela relaxou sobre a cama, forçando sua mente confusa a pensar no que estava à sua volta, não no que ouvia. Sabin era sério e masculino, e por isso ela esperava pouca mobília, preta e marrom, nada muito pessoal. E, superficialmente, era o que estava vendo.

Porém, por baixo do edredom marrom-escuro, havia lençóis azuis vibrantes e um colchão de penas. No armário, encontrou várias camisetas divertidas. *Piratas do Caribe*. Hello Kitty. Uma que dizia *Bem-vindo ao show de músculos*, com setas apontando para o bíceps. Por trás de um véu, encontrou uma área de estar com o chão cheio de almofadas com plantas em flores e o teto pintado com castelos entre nuvens.

Ela gostava dos lados conflitantes de Sabin. Como os traços duros e ao mesmo tempo infantis de seu rosto.

— Oi, oi, oi — chamou uma voz feminina. A porta que ela tinha acabado de fechar se abriu, e uma mulher alta e bonita entrou no quarto, com uma bandeja de comida nas mãos. Julgando pelo cheiro, devia ser um sanduíche de presunto, um punhado de batatas fritas Lays, uma vasilha com uvas e um copo de... Gwen fungou... suco de mirtilo.

Ficou com água na boca. Talvez fosse sua fome intensa ou a falta de sono, mas a intrusa não fizera piscar seu radar.

— O-o que você tem aí?

— Não preste atenção na comida — disse a estranha, deixando a bandeja em cima da cômoda. — Isto é para Sabin. Aquele idiota me enganou e me fez preparar um jantar para ele. Recebi ordens para que você não tocasse em nada. Sinto muito.

— Ah, tudo bem. — Era difícil falar, sua língua parecia estar inchada. — Quem é você? — Ela não conseguia desviar os olhos da bandeja.

— Sou Anya, Deusa da Anarquia.

Não havia razão para duvidar. Um poder que parecia de outro mundo emanava daquela mulher, praticamente produzindo faíscas no ar. Mas o que uma deusa fazia entre demônios?

— Eu...

— Ah, que saco! Você me dá licença? Eu ouvi Lucien... Lucien é o meu homem, fique longe dele... Ele está me chamando. Não vá a lugar nenhum, está bem? Volto já.

Gwen não ouvira nada, mas não protestou. Logo que a deusa fechou a porta, ela estava colada à cômoda, enfiando o sanduíche de Sabin na boca, engolindo-o com o suco, depois pegando as batatas com uma das mãos e as uvas com a outra. Comia tudo aquilo como se nunca antes tivesse provado nada tão bom.

Talvez não tivesse mesmo.

Era como ter um arco-íris na boca. Uma mistura de sabores, texturas e temperaturas. Seu estômago, feliz, aceitava tudo e pedia por mais gostosuras roubadas.

Anya ficou fora apenas um minuto, talvez dois, mas ao voltar, a comida havia desaparecido e Gwen estava sentada na cama, limpando a boca com as costas da mão e dando a última mordida.

— Então... Onde estávamos mesmo? — disse Anya, sem nem olhar para a bandeja, aproximando-se de Gwen. — Ah, claro. Eu estava cuidando de você.

— Sabin me disse que mandaria você vir, mas imaginei que tivesse mudado de ideia. Eu, ahn, não preciso de uma guardiã. De verdade. — *Por favor, não olhe para a bandeja.* — Não vou tentar fugir.

— Por favor — disse a bela deusa, fazendo um sinal com as mãos para que afastasse a ideia. — Como eu já disse, sou a deusa da Anarquia. Não me rebaixaria a tal posto. Além do mais, ninguém me manda aonde eu não quero ir. Só estou entediada e curiosa. Agora, pelo menos uma pergunta foi respondida em minha mente. Você é incrivelmente bonita. Olhe para esses cabelos. — Ela pegou alguns fios entre os dedos. — Não é de admirar que Sabin a tenha escolhido como sua mulher.

Gwen fechou os olhos, se inclinando ao toque da deusa. A harpia estava quieta, acalmada pela comida e pela companhia. Tudo de que precisava agora era deixar a fortaleza, só por algumas horas, e tirar uma soneca.

— Ele não me escolheu como sua mulher. — Mas algo dentro dela gostou da ideia. Seus mamilos ficaram rígidos, e um calor invadiu a área entre suas pernas, espalhando-se como fogo.

— Claro que você é a mulher dele — disse Anya, afastando o braço. — Você está no quarto dele.

Gwen abriu os olhos e mal conseguiu conter sua decepção. Por que ninguém queria continuar tocando nela?

— Estou aqui forçada.

Anya gargalhou como se tivesse acabado de ouvir uma piada.

— Essa foi boa!

— É sério, pedi um quarto só para mim, mas ele não quis me dar.

— Como se alguém pudesse forçar uma harpia a ficar onde ela não queria.

Isso era verdade em relação às suas irmãs. Em relação a ela? Não muito. Pelo menos, não percebera qualquer traço de desdém no tom de Anya quando ela disse a palavra “harpia”. Muitas criaturas de “mito” e “lenda” consideravam as harpias inferiores, meras assassinas e ladras.

— Acredite em mim, não tenho nada a ver com o resto da minha família.

— Ai. Acho que ouvi um tom de desgosto na sua voz. Você não gosta das suas origens ou de você

mesma?

Gwen olhou para as próprias mãos, que tremiam no seu colo. Essa informação poderia ser usada contra ela? Guardá-la poderia trazer algum tipo de vantagem? Ou uma mentira serviria e seria até melhor?

— As duas coisas — finalmente ela respondeu, decidindo que seria mais seguro contar a verdade. Sentia muita falta das irmãs, e ali estava aquela mulher, ouvindo o que ela dizia, parecendo se preocupar. Naquele momento, se Anya realmente se preocupava ou não com o que Gwen dizia, não importava. Dividir seus sentimentos era uma coisa boa. *Falar* era bom, droga. Doze meses tinham se passado sem que ninguém a escutasse.

Suspirando, Anya se jogou na cama.

— Mas vocês são, tipo, a coisa mais legal que existe na Terra. Ninguém se mete com vocês e vive para contar. Até os deuses molham as calças quando vocês se aproximam.

— Eu sei, mas fazer amigos é impossível, pois ninguém quer se aproximar de nós. Pior, mostrar-se verdadeiramente num relacionamento é proibido, pois somos capazes de engolir nossos namorados vivos. — Gwen se deitou ao lado da deusa, seus ombros roçavam. Ela não conseguia evitar, queria ficar mais perto.

— E isso é ruim? Quando eu era uma menina, era completamente ofendida pelos meus colegas. Eles me chamavam de prostituta, alguns até se recusavam a ficar na mesma sala que eu, como se eu pudesse acabar com suas preciosas vidas. Queria tanto ser uma harpia e acabar com eles. E assim ninguém mexeria comigo. Isso eu garanto.

— *Você* era insultada? — Aquela mulher linda, gentil e tão dócil?

— E como. E fui presa também, depois banida e enviada à Terra. — Anya rolou para o lado dela na cama, apoiando o queixo com uma das mãos e olhando para Gwen. — De que clã você é?

Essa informação poderia ser usada contra ela? Mantê-la em segredo... *Ah, cale a boca.*

— Skyhawks.

Anya piscou os olhos, e seus cílios longos lançaram uma sombra momentânea sobre suas maçãs do rosto.

— Espere aí. Você é uma Skyhawk? Como Taliyah, Bianka e Kaia?

Agora foi Gwen quem rolou na cama, olhando para a deusa com uma mistura de esperança e terror.

— Você conhece as minhas irmãs?

— Claro que sim. Passamos um bom tempo juntas nos... Anos 1600... Eu acho. Em todos os meus séculos de vida, só chamei algumas pessoas de amigos, e elas chegaram ao topo da lista. Mas perdemos o contato há poucas centenas de anos. Um dos meus humanos de estimação morreu, e eu não lidei muito bem com isso. Afastei-me de quase todo mundo. — E os olhos azul-celeste de Anya ficaram intensos, avaliadores. — Você deve ser nova no clã.

Estaria comparando Gwen com suas irmãs lindas, inteligentes e incrivelmente fortes?

— Sim. Tenho apenas 27 anos mortais.

Anya se sentou, fazendo um barulho com a língua no céu da boca.

— Você é só um bebê, então. Mas por que tanto tempo se passou entre você e suas irmãs? Sua

mãe já não tinha passado da idade de ter um neném?

— Aparentemente, não. — Gwen também ficou ereta, uma faísca de irritação despertou em seu peito. Mas que droga! Ela não era um bebê. Uma covarde, sim, mas uma covarde crescida, adulta. Esses imortais nunca a veriam de outra forma, isso estava claro. Até Sabin deveria considerá-la uma criança. Muito jovem inclusive para beijar.

— As meninas sabem que você está aqui? — perguntou Anya.

— Ainda não.

— Você deveria ligar para elas. Podemos dar uma festa.

— Vou ligar — disse ela. E ligaria. Mas ainda não. Quanto mais pensava nisso, mais notava que seu medo de admitir que o que acontecera com ela era justificável. Seria humilhante. Elas lhe dariam uma lição, a puniriam, pois tinham esse direito, como irmãs mais velhas, e talvez chegassem a mandá-la de volta para casa, onde poderiam vigiá-la e protegê-la. E nunca admitiriam que fazer isso seria colocá-la em mais uma cela.

Ela se mudara para a Geórgia exatamente para escapar disso. Dissera a si mesma que sairia de casa para morar com Tyson, quando eles se conheceram, em Anchorage durante as férias dele. Mas nos últimos meses, sozinha na cela, não tinha nada para fazer senão pensar, e notou que simplesmente queria fugir. Liberdade.

Para variar, colocara sua máscara de menina crescida e vivera sozinha, sem vigilância. Sim, ela falhara. Mas pelo menos tentara.

Pensar em adiar a ligação fez com que se sentisse culpada. Suas irmãs deviam estar preocupadas com sua falta de comunicação, sabendo ou não o que acontecera. Não importava quanto seria humilhante, precisava entrar em contato logo.

— Você perdeu o contato — teve ela que dizer. — Mas tem falado com elas. Sabe como estão? O que estão fazendo?

— Não sabia e não sei. Sinto muito. Mas, conhecendo-as bem, devem estar até o pescoço de problemas.

Elas riram juntas. Gwen se lembrou do tempo em que Bianka e Kaia pintaram um jogo de amarelinha no jardim. Mas, em vez de jogar pedras, elas usaram carros. Taliyah usava as metades dos carros.

— A boa notícia é que elas aprovarão sua escolha. Sabin é o tipo de cara malicioso que elas gostariam de ter, não tenho dúvida. Com trocadilho, claro.

Trocadilho? Que trocadilho? E Sabin não era seu namorado. E que bom que não era, pois deixara suas irmãs por Tyson, e elas provavelmente odiariam seu próximo namorado de cara.

— Acho que minhas irmãs comeriam o fígado de Sabin cinco minutos depois de conhecê-lo. — Outra razão para evitar o telefonema, mesmo sentindo-se culpada. Sabin não estava entre suas criaturas mais amadas naquele momento, mas não o queria morto.

— Tudo bem. Ia crescer um novo mesmo. Além do mais, você não está dando muito crédito ao meu rapaz. Quando o assunto é briga, ele é mais sujo que qualquer outro que conheço. Incluindo eu mesma, e eu já esfaqueei o meu melhor amigo no estômago só por diversão.

Certo. Talvez Anya não fosse tão doce quanto ela imaginara.

— Eu o vi lutar. Conheço sua brutalidade.

— Mas se preocupa com ele? — perguntou Anya, estudando-a atentamente.

Sim. Não. Talvez.

— Não se preocupe. Afinal, ele é meio demônio.

— Que demônio o possui? — perguntou Gwen, incapaz de esconder sua impaciência por saber.

Mas Anya continuou falando, como se Gwen não tivesse dito nada.

— Deixe eu lhe dar algumas informações importantes. Olhe só, Sabin tem enfrentado os Caçadores, os homens que a mantiveram presa, há milhares de anos. Eles culpam os Senhores pelas maldades, doenças, mortes, qualquer coisa, e farão de tudo para acabar com todos eles. Matar humanos — seu olhar ficou sombrio —, estuprar imortais.

Gwen teve de afastar os olhos.

— Nesse momento, há uma corrida para encontrar quatro artefatos que pertenceram ao rei Cronos, o cabeça de bagre, pois esses objetos os ajudarão a encontrar a caixa de Pandora, a única coisa que pode garantir a morte dos Senhores. Ela vai sugar os seus demônios e livrá-los para sempre. — Uma pitada de preocupação perpassou suas últimas palavras.

— Isso parece uma coisa boa. — O que Gwen não daria para se livrar da harpia... Mas ela não era uma entidade à parte, por mais que gostasse de fingir que sim. Era *ela*. A parte mais profunda dela mesma.

— Ah, não. Não é nada bom. Isso mataria os seus corpos. Os demônios são como um segundo coração. Sem ele, eles não funcionam.

— Oh!

— Mas não se preocupe. A três é bem legal... Eu é que sei — disse Anya sorrindo, sonhadora. — Meu homem recebeu do próprio Cronos uma ordem para me matar, mas Lucien não conseguiu. Em vez disso, se apaixonou por mim. Ah, e eu amo a maneira como ele me ama.

Ninguém, nem mesmo Tyson, jamais fizera Gwen sorrir daquele jeito. O que significava que ela nunca amara ou fora amada assim. E, ainda que tenha chegado a tal conclusão na prisão, o lembrete recente a machucou.

— Mas chega de ficarmos deitadas como duas vagabundas preguiçosas — disse Anya. — Vamos, vou lhe guiar em um tour pela fortaleza. E contar tudo que sei sobre Sabin.

Sabin. Seu coração acelerou; só de ouvir seu nome era afetada. Como isso era possível? Ele era tudo o que Tyson não era: feroz, dominador, vingativo, apaixonado. Era tudo o que ela queria.

— Mas... Sabin me disse para não sair.

— Ah, por favor, Gwen, posso te chamar de Gwen? Você é uma harpia, e as harpias não aceitam ordens de ninguém, muito menos de demônios mandões.

Ela mordeu o lábio e olhou para a porta. *Você já deu uma espiadinha uma vez. Que mal teria uma segunda tentativa?*

— Fazer um tour parece maravilhoso. Se você me garantir que os Senhores me deixarão em paz...

— Claro que sim, vamos — disse Anya, levantando-se e puxando Gwen. — Você tem dez minutos para tomar um banho, e depois nós...

— Ah, eu não preciso tomar banho. — Ou melhor: não tomaria banho; não naquela casa.

— Tem certeza? Você está toda... Eca!

Sim, mas queria continuar daquela maneira. Durante seu cativeiro, sempre se sujava um pouco com a poeira do chão. Ou todos teriam visto a cor e a textura reais de sua pele. Estava curiosa para saber qual seria a reação de Sabin, mas não queria lidar com os efeitos colaterais. E sempre havia efeitos colaterais.

— Sim, tenho certeza.

Se estivesse em casa, na Geórgia ou no Alasca, poderia tomar banho e passar maquiagem. Mas, como não estava, não podia. A sujeira era o seu único escudo.

— Tudo bem, então. Sorte sua que não sou maníaca por limpeza — disse Anya, pegando seu braço e dando início a um passeio vagaroso.

Durante meia hora, caminharam pela fortaleza, subindo, descendo, passando pela grande e ampla cozinha, onde Gwen tentou, mas não viu nenhum dos Senhores cozinhando, visitando a biblioteca, um escritório, um jardim de inverno com flores de várias cores e quartos privativos que não pertenciam a nenhum deles. Nada era sagrado para a deusa. Em dois dos quartos, havia casais dormindo, com braços e pernas entrelaçados. As faces de Gwen ficaram vermelhas até as portas serem fechadas e nudez, bloqueada.

Mas Anya não revelou nenhum segredo de Sabin.

Quando chegaram à sala de televisão, sala do “entretenimento”, como a deusa a chamava, ela estava pronta para perguntar. Mas em vez de fazer isso, ela se forçou a se concentrar e olhar à sua volta, para tentar descobrir coisas sobre Sabin e seus amigos através de seus pertences. Havia uma enorme televisão de tela plana, aparelhos de videogame, uma mesa de bilhar, uma geladeira, uma máquina de caraoquê e até uma cesta de basquete. Havia pipocas caídas no chão, perfumando o ar com o aroma de manteiga.

— Isso é incrível — disse ela, abrindo os braços e dando uma volta. Aqueles homens talvez não pensassem apenas em guerra dia e noite, como ela imaginara.

— Olá, meninas. Mas acho que este quarto não é a única coisa incrível por aqui.

Aquela voz profunda tomou conta do espaçoso cômodo quando a poltrona à frente da televisão girou. Um homem lindo, com cabelos negros e olhos azuis, a observava, prestando atenção a cada curva do seu corpo. Gwen entrou em pânico, buscando automaticamente uma das armas que escondera no bolso.

— Gwen, esse é William. Ele é imortal, mas não está possuído por um demônio. A menos que encaremos seu vício em sexo como seu demônio pessoal. William, esta é a mulher que deixou Sabin de joelhos.

Os lábios sensuais de William se transformaram em um biquinho.

— Eu não me importaria em ficar de joelhos. Caso você mude de ideia sobre estar com o guerreiro...

— Não vou mudar — disse ela, mesmo que antes tivesse dito a Anya que não o queria. Porém, encorajar um admirador poderia ser uma fonte de problemas. Problemas sangrentos, de vida ou morte.

— Eu tomaria conta de você perfeitamente, isso eu juro.

— Por um dia, um dia e meio, talvez — comentou Anya, seca. — Ele é o típico cara que gosta de “amores descartáveis”. E, mesmo não sendo um Senhor, tem uma maldição. Eu tenho um livro que pode provar isso.

William rosnou baixinho:

— Anya! Para que dividir os meus segredos com todo mundo? — disse, batendo com as mãos nos braços da poltrona. — Ótimo. Se você faz isso, eu também faço. Anya foi a razão do acidente com o *Titanic*. Ela estava brincando com icebergs.

Com uma cara feia, Anya colocou as mãos nos quadris.

— William fez um molde em bronze do seu pênis e o colocou em cima da lareira.

Em vez de deixá-lo sem graça, as palavras dela lhe deram estímulo.

— Anya visitou as Ilhas Virgens alguns anos atrás, e depois disso os nativos começaram a chamá-las simplesmente de Ilhas.

— William tem uma tatuagem do próprio rosto nas costas, pois não quer privar as pessoas que estejam atrás dele de sua beleza.

— Anya...

— Espere! — disse Gwen com um sorriso. Aquela brincadeira descontraída tinha afastado seu nervosismo. — Já entendi. Vocês são dois depravados. Mas já chega. Alguém poderia me contar algo sobre Sabin. Você disse que faria isso, Anya.

— Disse mesmo? — perguntou William, olhando imediatamente para ela, com seus olhos azuis brilhando. — Permita-me ajudá-la. Sabin, certa vez, apunhalou Aeron, o guerreiro tatuado que tem o cabelo raspado, pelas costas. E não foi brincadeira, pois queria mesmo matá-lo.

— Sério? — perguntou Gwen. William não parecia gostar nada dessa história. Gwen imaginou que também deveria se sentir mal, mas Sabin era o tipo de homem que lutava sujo, como ela e Anya sabiam muito bem, e isso a deixava impressionada. Suas irmãs eram assim; às vezes, mesmo com seu enorme medo instintivo de violência, Gwen desejava secretamente ser *igual* a elas, que não se importavam com nada além da vitória.

— Chaaaato — disse Anya, esfregando as mãos, como se estivesse feliz por ser a próxima a falar.

— Espere. Por que Sabin o atingiu? — perguntou Gwen.

— Você está interessada na história de William, né? Tudo bem — disse Anya, suspirando. — Vou terminar para ele. A guerra entre os Senhores e os Caçadores tinha acabado de começar. Na Grécia antiga, caso você precise de uma linha do tempo, antes daqueles maravilhosos gladiadores. Mas, enfim, os Caçadores, sendo humanos, estavam perdendo a luta e começaram a usar mulheres como isca para atrair, envolver e massacrar os Senhores. E assim conseguiram matar o melhor amigo de Sabin, Baden.

Gwen passou os dedos pela garganta.

— Ele me contou. — Sabin devia estar mais devastado pela perda do que ela pensava.

— Contou? — perguntou Anya, erguendo uma das sobrancelhas. — Uau! Ele é normalmente tão reservado. Mas por que parece que você vai chorar? Nem conheceu esse homem.

— Tenho alguma coisa no meu olho — disse Gwen.

Torcendo os lábios, Anya disse:

— Claro. Se é o que você diz. Mas, voltando à minha história... Sabin e os outros guerreiros conseguiram destruir os Caçadores que fizeram isso. Mas Sabin queria continuar com a matança. Os outros, não. Espere, isso não é verdade. Metade concordava com Sabin, a outra metade, não, pois queria a paz. Aeron só falava em deixar tudo para trás, começar uma nova vida longe dos Caçadores, blá, blá, blá... Então Sabin, furioso e ainda sofrendo pela morte do amigo, cravou sua adaga nas costas de Aeron.

— E Aeron revidou? — perguntou Gwen, fazendo uma imagem mental do guerreiro. Alto, musculoso e muito tatuado, como dissera William. Os cabelo cortado rente ao couro cabeludo, olhos violeta, brilhantes. Ele parecia frio, mas quieto. Quase despretensioso. Mas ela vira a forma como atacara os Caçadores, sem pena.

Quem ganharia uma luta entre eles dois?

— Não, ele não revidou. — respondeu Anya. — E isso deixou Sabin ainda mais nervoso. Ele foi em direção à garganta de Aeron.

Era ruim que ela estivesse aliviada? Não gostava de pensar em Sabin sendo ferido. Ou atacado.

— Continua querendo ser mulher dele? — perguntou William, soando quase esperançoso. — A minha oferta ainda está de pé. Posso fazer seus sonhos mais loucos virarem realidade.

Se ela *fosse* de Sabin, o que não era, é... Continuaria querendo ser dele. William era bonito, não a intimidava como os outros, mas não era uma tentação, em nenhum sentido. Os olhos de Gwen desejavam a visão do rude, e às vezes infantil, Sabin. Seus ouvidos suplicavam por sua voz séria. Suas mãos coçavam para tocar sua pele bronzeada. *Garota boba*. Ele não poderia ter sido mais direto ao dizer que queria mantê-la afastada.

Mas o que ela faria, se Sabin mudasse de ideia? Ele era tudo o que Gwen temia, e não poderia controlá-lo.

— Ah, e só para você saber — disse William, sorrindo maliciosamente. — Ele é possuído pelo demônio da Dúvida. Então, sempre que se sentir insegura, ele é o motivo. Enquanto eu sempre a farei se sentir especial e amada. Querida.

— Não, não vai. — A mesma voz que ela estivera morrendo de vontade de ouvir bradou atrás dela repentinamente. — Você não vai viver nem mais um dia.

Capítulo Onze

SABIN SABIA QUE estava parecendo um monstro. O sangue o cobria como se fosse uma segunda pele, seus olhos brilhavam, ferozes, selvagens, sempre acontecia isso em circunstâncias como aquela, e cheirava a moedas velhas. Queria ter tomado um banho antes de se aproximar de Gwen, pois não pretendia assustá-la ainda mais. Mas primeiro resolvera dar uma olhada em Amun. Ele parara de se contorcer, mas não parara de gemer, e continuava amarrado à sua mesa e balançando a cabeça. Deve ter roubado mais segredos que o normal. Segredos obscuros. Pois, naquele momento, já deveria estar recuperado.

Sabin se sentia culpado por ter pedido ao amigo que enchesse sua cabeça de mais caos, mais vozes. Mas se acalmou, porque Amun sabia o que estava fazendo, e queria vencer os Caçadores tanto quanto ele.

Quando saiu, resolvera dar uma olhada em Gwen e ver como estava se saindo. Será que Anya lhe dera comida? Será que a assustara? Descobriria mais coisas sobre ela? As perguntas tomaram conta de sua cabeça e se recusavam a deixá-lo tranquilo. De alguma maneira, se sobrepunham ao seu desejo de conseguir mais informações dos prisioneiros.

Mas Gwen não estava em seu quarto.

Furioso, ele começara a caça. Pensara em Paris, que saíra da masmorra assim que Sabin apareceu, e poderia ter usado sua distração para ganhar vantagem e seduzi-la. Sabin marchara em direção ao quarto do guerreiro, a violência brotando dentro dele. Sabin invocara Gwen como sua. *Sua*. Ninguém mais a tocaria. Não porque ele sentisse ciúme ou fosse possessivo, claro, mas porque, como já dissera a si mesmo, planejava usá-la como arma. E não permitiria que um dos guerreiros a chateasse. Sim, essa era a única razão que deixara sua visão vermelha e transformara suas mãos em punhos, e suas unhas em garras, seus músculos se preparando para o confronto.

No entanto, Paris não estava na cama com ela, o que salvara sua vida. Estava sozinho, perdido no esquecimento, praticamente tomado de ambrosia, a droga preferida dos deuses.

Sabin ainda estava chocado com aquela visão. Paris era o guerreiro de astral para cima, sempre otimista, cuidadoso. O que diabos acontecera com ele?

O mau uso da substância celestial teria que ser resolvido, pois um guerreiro dopado era um guerreiro desleixado. Mais uma vez, Sabin teria de agir, colocar um pouco de sentido na cabeça do

guerreiro, depois conversar com Lucien sobre isso. Mas ouviu risadas femininas e seguiu o som, incapaz de fazer qualquer outra coisa, pois sua curiosidade era enorme. Sim, curiosidade, e não desespero por finalmente ver o lindo rosto de Gwen brilhando de alegria, e não enevado pelo medo e pelo pavor.

Ficou de pé na porta da sala de entretenimento, seu olhar se lançava para ela e para William, fervilhando de fúria, seu demônio rugindo em sua mente. Dúvida podia até querer a destruição de Gwen, mas queria ser o único demônio responsável por isso. Queria ser o único homem perto dela. Todos os outros eram intrusos dignos de punição.

Deixe o guerreiro nas minhas mãos, disse o demônio. Ele vai se arrepender do que fez. Vai implorar por perdão.

Em breve. Sabin acabara de matar um homem, de forma violenta e cruel, e deveria abominar a ideia de acrescentar outro à sua lista interminável. Além do mais, Gwen não estava pronta para testemunhar mais uma briga violenta.

Porém, a alegria de Gwen desaparecera; o que a teria feito rir?, e em seu lugar estava aquele medo odioso. Seria dirigido a Sabin? Ou a William, que descaradamente acabara de fazer uma proposta a alguém que pertencia a Sabin? E pensar que Sabin estava começando a gostar daquele idiota conquistador, a admirar sua aptidão com as mulheres. Agora, nem tanto.

— Sabin, meu amigo — disse o idiota em questão, levantando-se com um sorriso irreverente no rosto. — Estávamos justamente falando sobre você. Mas não posso dizer que esteja feliz em vê-lo.

— Não mesmo, e em pouco tempo já não dirá mais nada. Gwen, volte ao meu quarto.

Anya se atirou na frente dele, agindo como escudo de William.

— Sabin, ele não teve a intenção de fazer nada de errado. William não tem noção de limites, e você sabe disso.

Em vez de sair de trás dela, como seria honrado, William fez um gesto petulante de “venha me pegar agora” por trás da deusa.

— Eu meio que tive intenção, sim. Ela é bonita e já faz um tempo que não conheço ninguém.

— Vá, Gwen, agora. — O guerreiro já não parava de estreitar os olhos, então Sabin pegou a lâmina que tinha dependurada atrás de sua cintura e limpou o sangue que restava nela na própria calça. — Não importa atrás de quem esteja se escondendo. Hoje você viu o sol nascer pela última vez.

Gwen engoliu em seco, saindo da paralisia que o confronto de certa forma lhe impusera. Quando Sabin deu um passo à frente, ela levantou um braço para detê-lo. Ele permitiu a ação, pois sentir-lhe o braço contra seu peito era de alguma forma mais erótico de que ter a boca de qualquer outra mulher em seu membro.

— Por favor — murmurou ela. — Não faça isso.

A indecisão subitamente reinou. Gwen não sairia dali. Exalava muita determinação. Quão forte poderia se sentir aquela pequena e tímida criatura para resistir daquela maneira? Mas ela estava esperando proteger William? O desejo de Sabin de destruir o guerreiro se intensificou de forma exponencial.

— Se você pensar bem — disse William, no mesmo tom desafiador, com as mãos nos ombros de

Anya para provocá-lo —, eu não fiz nada errado. Ela não é sua. Não mesmo.

As narinas de Sabin aumentaram de tamanho, seus músculos latejando com o furor para o ataque. Mas, de alguma forma, conseguiu ficar parado. Talvez porque Gwen tremesse contra ele, com os dedos espalhados em seu peito, quentes e insistentes.

— Por que está dizendo isso? — Sabin se viu exigindo saber.

— Já estive com muitas mulheres para saber quando estão envolvidas. Não que isso tenha me impedido de ir atrás delas, claro. Mas Gwen é jogo limpo, meu amigo. Para mim ou para qualquer outro.

Gwen abanou as mãos na frente do rosto dele.

— Não aconteceu nada — disse a Sabin, implorando. — Não sei por que você está chateado. Você e eu nem... Nós não estamos...

— Você é minha — disse ele, com os olhos ainda em William. — Eu devo protegê-la. — Ele a marcaria, decidiu, deixaria uma marca para que William e os demais entendessem de uma vez por todas que ela estaria sempre fora do alcance. — Minha, pois eu a invoquei.

Não significaria nada. Ele não permitiria. Mas precisava ser feito.

— Venha — disse Sabin, entrelaçando seus dedos com os de Gwen e puxando-a. William riu. Felizmente, Gwen não protestou. Se tivesse, ele a colocaria sobre o ombro e a levaria no estilo bombeiro. Após dar um bom soco em William e arrancar-lhe alguns dentes.

— Idiota! — Ele ouviu Anya rosar. Depois ouviram um som; era ela batendo na nuca de William. — Quer ser expulso? Quem você acha que Lucien apoiaria em uma luta entre você e Sabin, hein?

— Bem... você — respondeu o guerreiro. — E você está do meu lado.

— Tá, tá. Péssimo exemplo. Não se esqueça de que eu estou com o seu adorado livro. Cada vez que agir assim, eu arranco mais uma página!

— Um dia eu vou... — disse ele, soltando um grunhido baixo.

As vozes baixaram, deixando espaço para o eco da respiração ofegante de Gwen e dos seus passos pesados.

— Para onde vamos? — perguntou ela, nervosa.

— Para o meu quarto. Onde você deveria ter ficado.

— Não sou uma prisioneira. Sou uma convidada!

Ele subiu as escadas, diminuindo o passo para que Gwen pudesse acompanhá-lo. No caminho, passaram por Reyes e Danika, Maddox e Ashlyn, que estavam indo para a cozinha. Os dois casais tentaram parar para falar com ele, e as mulheres, sorridentes, queriam ser apresentadas a Gwen, mas Sabin seguiu em frente, sem dizer uma palavra.

— Por que está tão chateado? — perguntou Gwen, apertando sua mão contra a dele. — Por que eu não pude falar com eles? Não entendo o que está acontecendo.

Sabin tinha orgulho dela. Ela reconhecia o perigo que ele representava naquele momento, mas não tentara escapar e não parecia estar perdendo o controle frente à sua harpia.

— Não estou chateado. — *Estou enfurecido!*

— Você costuma ameaçar matar homens que *não* o deixam chateado?

Ele ignorou a pergunta, porque um de seus questionamentos ficou rondando sua mente e se recusou a sair.

— Ele tocou você? — As palavras eram rudes, seu tom era agressivo. Fugir da luta iminente fora aceitável porque ele imaginou que William teria usado nada mais que palavras para tentar ganhar a afeição de Gwen. Porém, por pouco mais, ele voltaria, como queria antes, trituraria o idiota até virar hambúrguer, e o usaria para alimentar os animais selvagens que rondavam as colinas.

— Não, ele não me tocou. Mas suas unhas estão me machucando.

Instantaneamente, Sabin relaxou seu punho, fazendo com que suas unhas voltassem ao tamanho normal. Dobraram uma esquina, e os passos ficaram mais rápidos. Ele sentia uma urgência repentina, potente como um rio de correnteza forte.

— Ele assustou você? — Dessa vez, a pergunta foi simplesmente dura.

— Mais uma vez, não. Mas se tivesse me assustado, eu... Eu poderia ter me entendido com ele.

Seus lábios se moveram, na primeira demonstração de humor da noite. Como se fosse. Quando ela era apenas Gwen, com sua harpia adormecida, era a criatura mais doce que ele jamais conhecera. O que, às vezes, era encantador. A vida de Sabin era morte e desonra, crueldade e poder, mas ela era apenas serenidade e bondade.

— E como teria feito isso? — Ele não perguntou para testá-la, mas sim para forçá-la a admitir que precisava de um guardião. Ali, naquela casa, ou mesmo lá fora, no mundo, ela precisava de Sabin. No dia em que aprendesse a controlar sua harpia, claro, tudo mudaria. E ele estava feliz. Sim. Feliz.

Uma ponta de irritação escapou de Gwen ao tentar soltar sua mão da dele. Mas Sabin a agarrou, querendo estreitar a conexão física, o que não era nada comum.

— Não sou um fracasso total, sabe?

— Eu não me importaria se você fosse tão forte quanto Pandora já foi. Você é muito atraente, alguns homens daqui pensam que são irresistíveis. Não quero que se envolva com eles. Nunca.

— Você me considera... atraente?

Ela não ouvira o tom de aviso em sua voz? Um aviso para que ficasse longe dos guerreiros e de tudo o mais?

— Esqueça — murmurou ela, a hesitação de Sabin obviamente a deixara constrangida. — Vamos falar de outra coisa. Como a sua casa... Sim. Ótimo. Sua casa é adorável. — Ela estava arfando, aquela longa caminhada tinha sido mais exercício do que tudo o que fizera em um ano presa na cela.

Ele olhou em volta, um olhar rápido, superficial. O chão de pedra estava polido e também coberto com fios de ouro... Como os olhos de Gwen. As mesas de canto eram de cerejeira, tão brilhantes e vermelhas quanto os cabelos de Gwen. As paredes lisas, com detalhes em mármore de vários tons, eram perfeitas, como a sua pele, mesmo suja como estava.

Por que comparava tudo a ela?

Quando chegaram ao patamar da segunda escadaria, viu a porta do seu quarto e suspirou de alívio. Estavam quase lá... Mas como ela reagiria ao que ele estava a ponto de fazer? Se transformaria em harpia?

Ele precisava agir cuidadosamente. Ao mesmo tempo, não podia, e não iria desistir.

E se ele machucar você?, subitamente sussurrou o demônio na mente de Gwen. *E se ele...*

— Cala essa droga de boca! — gritou ele, e Dúvida riu animadamente com o dano que causara.

Gwen ficou tensa.

— Você tem que xingar desse jeito?

— Sim — respondeu, afastando-a da porta e trancando-a. Ela estava pálida, tremendo mais uma vez. — Além do mais, não estava falando com você.

— Eu sei. Já conversamos sobre isso antes. Você estava falando com seu demônio, Dúvida.

Foi uma afirmação, não uma pergunta. Ele massageou a nuca, desejando que seus dedos estivessem apertando o pescoço da Deusa da Anarquia.

— Anya lhe contou.

Ele não gostou de saber que Gwen conhecia a verdade, queria que antes tivesse tempo para se acostumar a *ele*.

Ela balançou sua linda cabeça.

— Foi William. Então o demônio quer que eu... Fique em dúvida sobre você? — perguntou Gwen, enrolando as pontas dos cabelos. Outro gesto nervoso?

— Ele quer que você duvide de tudo. De cada escolha que fizer, cada suspiro que der. De todos à sua volta. Ele não pode resistir. A indecisão e a confusão dos outros lhe dão forças. Um momento atrás, eu o ouvia colocando farpas envenenadas em sua mente, tentando fazer com que você acreditasse que eu a machucaria. Por isso precisei xingar.

Ela arregalou os olhos, e os fios prateados tomaram conta da coloração âmbar de suas íris.

— É *isso* o que estou escutando, então? Não sabia de onde vinham tais pensamentos.

Ele franziu a testa ao processar suas palavras.

— Você consegue distinguir a voz dele da sua?

— Sim.

As pessoas que o conheciam normalmente distinguiram o demônio simplesmente pela escolha de palavras. Porém, para um quase estranho, distinguir a voz de Sabin da voz do seu demônio... Como ela poderia ser capaz de diferenciá-los?

— Poucos conseguem fazer isso — disse ele.

Ela arregalou os olhos.

— Nossa! Então eu tenho uma habilidade que muitos não têm. E uma habilidade incrível. Seu demônio é sorrateiro.

— Traíçoeiro — concordou ele, surpreso que ela não tenha desmaiado, gritado ou exigido ser libertada de suas garras desprezíveis. Na verdade, parecia orgulhosa de si mesma. — Ele percebe a fraqueza de suas vítimas e as ataca.

Ela assumiu uma expressão pensativa. Depois depressiva. Depois irritada. Ela descobrira o significado oculto de suas palavras: ela estava fraca, e o demônio sabia disso. Mas Sabin preferia seu orgulho.

O olhar de Sabin encontrou uma bandeja em cima da cômoda. Uma bandeja vazia. Ele quase sorriu. Anya conseguiu fazer com que comesse, graças aos deuses. Por isso ela estava mais corada, suas faces estavam mais vivas. O que mais havia de diferente nela?, imaginou ele, analisando-a. Na sua cintura, havia algumas saliências... Mas aquilo com certeza não seria resultado do que comera

recentemente.

Uma olhadela rápida pelo quarto e ele vira que sua caixa de armas estava ligeiramente à esquerda da posição habitual. Ela deve ter conseguido abri-la e deve ter mexido ali dentro. Era uma pequena ladra, pensou, olhando-a mais uma vez.

Ela tremeu ao notar seus olhares, suas faces coraram.

— O que foi?

— Só estou pensando. — Deixe que ela fique com as armas que pegou, decidiu Sabin. Tomara que elas a façam se sentir mais segura. E, quanto mais segura se sentisse, menos provável seria que tivesse uma confrontação com sua harpia.

— Você está me deixando nervosa — admitiu ela, esfregando as palmas das mãos nas coxas.

— Então vamos acelerar as coisas e aliviar os seus medos. — Pelos deuses, ela era linda. — Tire as suas roupas.

Gwen ficou boquiaberta e quase sem ar.

— O que disse?

— Você me ouviu. Tire a roupa.

Um passo, dois, ela foi se afastando dele, com as mãos estendidas com as palmas para fora.

— Não, apenas não, mas claro que não! — Seus joelhos bateram na cama, fazendo com que ela caísse no colchão, olhando para ele, horrorizada. — Eu caí! Foi um acidente, não um convite! — disse, levantando-se outra vez.

— Eu sei. O “claro que não” entregou você. Mas não importa. Nós vamos tomar um banho.

Ela precisava se limpar, e ele precisava marcá-la. Os dois objetivos poderiam ser alcançados ao mesmo tempo.

— Fique à vontade — disse ela, com voz trêmula. — Sozinho.

— Juntos. E isso não é um convite. É um fato. — Ele tirou a camisa pela cabeça. Seu colar preferido, um presente de Baden, balançava contra o peito.

— Vista-se! — ordenou ela, olhando diretamente para a tatuagem de borboleta. — Não quero ver você. — Suas pupilas dilataram, traindo suas palavras.

Ótimo. Ela estava fascinada, e em pânico. Ele tirou uma bota, depois a outra. Elas bateram no chão fazendo um eco. Depois desabotoou a calça e a desceu até os tornozelos.

— Isso vai acontecer, você querendo ou não, Gwendolyn.

Ela balançou a cabeça violentamente, fazendo com que aqueles cachos cor de morango esvoaçassem. Seus olhos continuavam pregados nele. Estavam entre as suas pernas naquele momento. E sua respiração ficou mais acelerada, ríspida.

— Você disse que não me faria mal.

— E não vou. Não há nada de ameaçador num banho. Nós só vamos... Nos limpar.

— Rá!

Ele se livrou do uniforme militar. Agora estava completa e inteiramente nu. E, sim, seu pênis estava ereto. Ele tentou esconder para não assustá-la, mas aquela coisa idiota se recusava a obedecer, permanecendo grande, dura e grossa.

Ela passou a língua nos lábios, uma reação que dizia algo, como se fosse um anúncio em neon

que dizia *Eu quero isso para mim*. A camisa emprestada que ela usava estava muito larga, mas ele pôde notar seus mamilos rígidos. Outro aviso.

Depois da forma como o beijara no avião, ele suspeitara que ela o desejava. Naquele momento, teve certeza. Ela o desejava. E ele ficou feliz. Era uma bobagem, não era certo, e no final os dois poderiam acabar feridos, mas ele não podia se importar com isso.

— Eu não vou fazer sexo com você — disse, sendo propositalmente rude. Qualquer coisa para despertá-la do fascínio em que se encontrava com o pequeno Sab.

E funcionou. O âmbar e o castanho se encontraram, num choque ardente.

— Por... Por que não fala sexo? E o que vai fazer comigo?

Beijá-la. Tocá-la. Dar-lhe uma marca... E um orgasmo que fará você gritar até derrubar o teto. William não poderia contestar a alegação de Sabin em relação a possuir Gwen depois disso. A falta de sexo, bem... Sabin poderia perder o controle, e seu demônio ficaria livre se permitisse a si mesmo ter tanto prazer. Então ele faria o que podia: um pouco de carinho para ele, muito carinho para ela.

Tem certeza de que você é bom o suficiente para satisfazer alguém como ela? Linda como ela é, deve ter tido vários homens. Eles provavelmente fizeram coisas com ela que você nem sonha.

Ele trincou os dentes. Mesmo com toda a sua idade, não tinha tanta experiência com mulheres. Quando morava no céu, estivera muito ocupado defendendo os deuses e não sobrava muito tempo para os próprios prazeres. Quando veio pela primeira vez à Terra, era muito mau, muito louco, para desejar algo além da destruição. E quando conseguiu controlar o que levava dentro de si, rapidamente aprendeu quanto era ruim para o sexo oposto.

Algumas poucas vezes, no entanto, imaginou estar apaixonado e perseguiu as mulheres sem qualquer vergonha. Solteiras, casadas, não importava. Imaginava que ele e William tinham isso em comum. Se ele as quisesse, corria atrás delas, pois o desejo tinha sido algo raro em sua vida.

Darla era o mais recente, e devastador, exemplo de seu impacto destrutivo. Ela era casada com um Caçador, mão direita de Galen. Viera até Sabin trazendo informações sobre onde seu marido e seus companheiros guardavam as armas e sobre o que planejavam. Ela vira a hipocrisia dos Caçadores, dissera, e queria terminar com aquela guerra. Num primeiro momento, Sabin imaginou que fosse uma isca enviada para ludibriá-lo e levá-lo a uma armadilha. Mas não. Tudo o que lhe dissera era verdade.

Logo se transformaram em amantes. Ele queria que ela abandonasse o marido, mas ela se recusava, porque não conseguiria ajudar Sabin. Ele odiava admitir isso, mas em parte ficara feliz por sua decisão. Porém, sempre que Darla o visitava, sempre que ele a levava para a cama, ela ia embora deixando mais faíscas para trás. Logo ela ficou muito grudenta, carente, desesperada por ouvir uma palavra gentil. Ele tentou, e como tentou, ganhar sua confiança, dizendo o quanto ela era bonita, corajosa e inteligente. Ela, claro, duvidava, e, no final, nada disso importava.

Ela ligou para Sabin depois de cortar os pulsos.

Mas ele não chegou a tempo. Não, Stefano estava por lá e não permitiu que Sabin a visse pela última vez. Ele não foi nem ao seu funeral, pois não queria ser visto pelos Caçadores.

Onze anos se passaram desde sua morte, mas a culpa ainda era fresca e clara, como se tudo tivesse acontecido no dia anterior. Deveria ter deixado Darla em paz. Se tivesse feito isso, Stefano poderia ter

se cansado da perseguição e das batalhas e desistido. Mas, após a morte de sua mulher, ficou ainda mais determinado por vingança, tão determinado a vencer quanto Sabin.

E Sabin não esteve com nenhuma outra mulher desde então, evitando por completo a companhia feminina. Até conhecer Gwen. Mas ela o aguentaria? Pelo menos um pouco?

— B-bem... — gaguejou ela. — O que você vai fazer?

Ele se esforçou para tirar as preocupações do demônio de sua mente.

— Vou limpar você.

Mais uma vez, ela balançou a cabeça.

— Não quero ser limpa. Juro que não quero.

— Eu não me importo — disse ele e se aproximou.

Ofegando, ela voltou a cair na cama, arrastando-se para trás, até seus ombros baterem contra a cabeceira.

— Não quero fazer isso, Sabin.

— Quer, sim. Só está com medo.

— Tem razão. E se eu matar você?

— Eu lido com Caçadores há milhares de anos. Por que não lidaria com uma harpia? — Eram palavras corajosas, mas ele não podia admitir a verdade, que não tinha ideia do que ela poderia fazer, como reagiria e o que aconteceria se fossem obrigados a lutar um contra o outro. Mas estava disposto a arriscar e conhecer sua ira para fazer o que queria.

Um desejo ardente percorreu os olhos de Gwen, deixando-os brilhantes.

— Você acha mesmo que pode vencer o ataque de uma harpia?

Ele subiu na cama, acabando cada vez mais com a odiada distância entre eles.

— Tomara que isso não aconteça. Mas, caso aconteça, descobriremos juntos.

— Não! Isso não é suficiente. — Ela bateu o pé contra o peito de Sabin. Mas, em vez de afastá-lo, tal ação selou seu destino. Os dedos de Sabin agarraram seu tornozelo e a puxaram para mais perto dele.

— Nunca saberemos se não tentarmos.

Naquele momento, uma lágrima escapou pelo canto do olho de Gwen, correndo por sua face, e Sabin sentiu um nó no peito.

— Por favor — pediu ela, triste. — Eu não conseguiria me perdoar se machucasse você.

Não desista.

— Como eu já disse, só há uma maneira de provar que sou capaz de aguentar um ataque seu. — Ele endureceu o coração diante daquelas lágrimas; era o que tinha de fazer. Ela precisava ser marcada. *Queria* ser marcada, admitindo ou não. E, sendo o guerreiro que era, iria com aquilo até o fim. Nada mais importava.

Capítulo Doze

GWEN NÃO ACREDITAVA. Sabin, o homem que beijara, sobre o qual fantasiara, o homem que desejava e em quem confiara para ser seu protetor, um bandido, o homem que não queria desejar, mas que desejava mesmo assim, tirara sua roupa, mesmo com ela gritando em protesto e chutando, depois a enfiou debaixo do chuveiro, e entrou atrás dela. Mesmo louca de raiva, e estava mesmo irritada, ela não se transformou em harpia.

Num primeiro momento, ficara chocada. Depois, nervosa. Depois, excitada. Cada emoção durara poucos instantes, mas cada uma delas fora arrasadora. Por que ela não o ferira? Porque Sabin ainda não fizera um movimento ameaçador? Porque a harpia adorava o contato físico tanto quanto Gwen e parecia querer aproveitar o máximo possível?

Naquele momento, o vapor, denso como uma nuvem, envolvia seus corpos. A água quente caía em cascata pelas áreas planas e curvas do corpo de Gwen. Nada poderia ser tão incrível, exceto aquele homem nu atrás dela, segurando-a, mantendo seu corpo debaixo do chuveiro. Ela *não* transaria com um demônio, por mais sexy que fosse. Ou será que transaria? Sua vida não precisava de mais estranhezas. Precisava?

Por que não conseguia tomar uma decisão? O demônio de Sabin não a estava incomodando, então ela não teria desculpas.

Gwen envolveu o próprio corpo com os braços, sem se preocupar em cobrir seus seios ou o pequeno triângulo de pelos entre suas pernas. Por que se dar ao trabalho? Sabin era mais forte e poderia afastar suas mãos num instante, se quisesse... E parte dela queria que ele a visse, que a desejasse. Ainda que...

— Você não percebe que poderia ter arrependimentos e mais arrependimentos na forma de órgãos ou pele destroçados? — perguntou ela.

As mãos ensaboadas de Sabin estavam sobre seus ombros, quentes e molhados, massageando-os.

— Você parece feita de seda. Duvido que eu vá me arrepender de alguma coisa. — A voz dele era rouca, profunda... Viciante.

Hummm, mais... Os músculos de Gwen relaxaram, sua cabeça caiu para trás e se apoiou no pescoço de Sabin. *Chega. Fique atenta! Lute contra a sedução dele.* Ela tentou, tentou de verdade, mas seu corpo se recusava a obedecer à sua mente. Os movimentos de Sabin eram tão prazerosos.

Fico pensando se ele acha você atraente. Ou feia.

Finalmente, ela ficou tensa. Lá estava aquela voz enganadora e destrutiva. O demônio, Dúvida. Dono de um tom muito diferente da sua própria voz interior. Ela trincou os dentes com força, e a harpia chiou com aquela intromissão nada bem-vinda.

— Existe alguma maneira de calar o seu amigo? Ele é irritante.

— Como você é espirituosa. Gosto disso. E o demônio não é meu amigo. — Os dedos de Sabin passearam por seu pescoço. Ele baixou a cabeça, seus lábios tocaram uma das orelhas de Gwen, seu hálito era uma linda carícia. — Não quero mudar de assunto... Mas eu já disse que você é completamente adorável?

Gwen engoliu em seco, não sabia o que responder. Parte dela ainda queria encorajá-lo, mas a outra parte queria se livrar dele antes que esquecesse por que deveria manter a resistência. Sabin representava tudo o que ela odiava em sua vida. Seu lado obscuro, a violência, o caos. Mais do que isso, planejava usá-la para ferir seu inimigo. Para ele, não havia nada mais importante que o ódio que nutria pelos Caçadores, nem mesmo o amor de uma mulher.

— Vamos em frente, está bem?

Sabin a soltou, e ela teve de pressionar os lábios com força para não soltar um gemido. Depois, aqueles dedos sensuais se mesclaram aos seus cabelos, passando xampu, com o cheiro de limão dançando no ar. Seus olhos se fecharam, em êxtase. Era por isso que ele sempre cheirava tão bem.

— Sei que você vira harpia quando está assustada. E quando está excitada? Ou atingindo o clímax?

Que pergunta mais pessoal e descarada. Mas ele escolhera um bom momento. Como estavam nus, ela não se importou em responder:

— Às vezes, ela tenta surgir... Mas eu tento ser cuidadosa, e detê-la.

— Não tente detê-la quando estiver comigo. — E, antes que ela pudesse responder, ele mudou mais uma vez de assunto. — William contou a você sobre o meu demônio. — Ele mudou o corpo de posição, deixando sua ereção roçar a curva da coluna de Gwen. Um acidente? — E Anya, ela lhe falou sobre o meu passado?

Gwen sentiu seu corpo tremer.

— Você quer saber se ela me contou que você apunhalou seu amigo pelas costas? Não. Ela não me contou isso.

As unhas de Sabin mergulharam fundo no couro cabeludo de Gwen, e ela reclamou. Imediatamente, ele a soltou e murmurou:

— Sinto muito.

Droga. A língua sarcástica de Gwen sempre aparecia nos piores momentos. Qualquer dia desses, alguém, talvez Sabin, se cansaria e tentaria cortá-la. E, para falar a verdade, esconder esse lado de sua personalidade não devia ser tão complicado. Ela fizera isso a vida inteira. Mas pela primeira vez, no entanto, sentia uma espécie de ressentimento no peito. Se ela não fosse uma criança chorona e covarde, não temeria a reação dos outros, não temeria suas próprias reações e poderia ser ela mesma.

Ela mesma. Será que ainda sabia quem era?

— Coloque a cabeça debaixo da água — disse Sabin, de repente, em tom áspero.

Ele não deu tempo para que Gwen obedecesse, agarrou sua nuca e a empurrou para debaixo da água quente. Água com sabão entrou em sua boca, e ela cuspiu.

— Feche os olhos ou...

— Ai, ai, ai! — Ela fechou imediatamente os olhos, com força.

— Vai arder — concluiu ele, rindo.

Gwen esfregou os olhos, perturbada com a atitude tranquila de Sabin em relação a tudo aquilo. Ele demonstrara tanto ciúme de William; pelo menos, era o único sentimento que fazia algum sentido. E seu olhar quase a queimara enquanto ele a despia, numa promessa de prazeres incomparáveis.

Então por que ele não estava tentando nada a mais?

Com movimentos estudados, burocráticos, ele a ensaboou do pescoço aos pés. Suas palmas passaram por seus seios e pelos seus mamilos eretos sem se deterem. Em seguida, entre as suas pernas. Ainda que o seu toque fosse de alguma maneira distante, ela ficou trêmula e sem fôlego, carente de algo mais.

— Eu posso me lavar — murmurou ela.

— Teve a chance de fazer isso ontem e ontemem. Ah, e hoje de manhã também. E nada. — Ele voltou a mover o corpo, roçando mais uma vez seu membro ereto no corpo de Gwen. — Por que isso?

O sangue de Gwen ferveu e ela pressionou os lábios. Não havia motivo para ela dizer o que ele queria saber. Ele mesmo deduziria a resposta a qualquer momento. E, para ser honesta, ela estava curiosa para ver qual seria sua reação. Sabin já admitira que ela era atraente. Mas o que acharia dela quando estivesse livre daquela capa de sujeira? Será que finalmente tomaria alguma iniciativa?

Quando terminou de limpá-la e enxaguá-la, ele parou. Parecia sem fôlego, e ela sentiu um calor invadindo o seu corpo, cada vez mais forte. Ele estava reagindo. Ele notara.

— Sua pele...

— Eu tentei avisar.

— Deveria ter tentado melhor. — Ele a girou, olhando-a rapidamente, e depois com mais calma.

Observando-o, ela percebeu quanto estivera equivocada. Não havia nada tranquilo nele. Seus olhos estavam brilhando, quentes como o fogo, e finas linhas de tensão se abriam ao lado de sua boca.

— Sua pele... — repetiu ele.

Ela não precisava de espelho para saber que, sem a sujeira, sua pele brilhava. Havia um brilho resplandecente nela, que a fazia parecer uma opala recentemente polida.

Hesitante, como se estivesse em transe, Sabin estendeu a mão. Seus dedos traçaram o contorno de seu queixo, depois mergulharam em seu pescoço, entre seus seios. Ela não se afastou. Na verdade, deu um passo à frente. Mais um. Queria mais. Não podia parar. Seus pelos se eriçaram e toda a determinação de resistir a ele desaparecera.

— Macia, quente e luminosa — murmurou ele, reverente. — Por que você esconde... — Ele trincou os dentes e sua reverência se transformou em raiva diante dos olhos de Gwen. — Os homens não conseguem manter as mãos longe de você, conseguem?

Ela sentiu um nó na garganta, que não a deixou responder. Balançou a cabeça. O que Sabin faria ou diria em seguida? Ele mudava de humor mais rapidamente do que qualquer pessoa que ela conheceria. *Toque-me.*

Mas ele não terminara de fazer suas perguntas:

— Suas irmãs têm a pele assim?

— Sim.

— Todas as harpias?

— Sim. — Ela esperou que ele tivesse terminado.

— Você ligou para elas?

Não, ele não terminara.

— Ainda não.

— Então vai ligar assim que sairmos do chuveiro. Quero que elas estejam aqui, nesta fortaleza, ainda essa semana.

Ela estava boquiaberta com a atitude dele, profundamente chocada. Ela estava nua, sua pele mais sedutora do que nunca, e ele queria conversar sobre suas irmãs? *Conhecê-las?* Por que Sabin... Ela percebeu a resposta e seu choque desapareceu. Claro que queria suas irmãs ali. Provavelmente porque imaginava que elas o ajudariam na sua guerra. Ou talvez quisesse montar um harém de harpias.

Algo obscuro e poderoso floresceu no peito de Gwen. Algo venenoso. Algo que fez suas unhas ficarem mais longas, a harpia fazer um barulho agudo e seus dentes tomarem formas pontiagudas. Sua visão ficou vermelha.

— Você está irritada. — Ele piscou os olhos, confuso. — Por quê?

— Não estou irritada. — *Vou matá-lo se tentar levá-las para a cama.*

— Está me agarrando com muita força, a palma da minha mão está sangrando!

Parte dela notava que ele não parecia chateado ou amedrontado. Mas o resto de seu corpo continuava muito furioso para admirar tanta coragem.

— Você quer dormir com as minhas irmãs — rosnou ela. Rosnou? Ela, Gwendolyn, a Tímida?

Ele virou os olhos.

— Não, quero que meus amigos durmam com elas.

Gwen piscou os olhos, assim como ele fizera antes, sem... Entender. Ah. *Ah.* Toda sua fúria desapareceu tão rapidamente quanto seu choque, deixando o mais doce sentimento de prazer. Se os seus amigos se ocupassem com suas irmãs, deixariam *Gwen* em paz. Sabin era *tão* possessivo assim?

— Você estava com ciúme? — perguntou ele, embora a possibilidade o intrigasse.

— Não. Claro que não. — Ele não precisava dessa informação, ela poderia ser usada contra ela, e naquele momento uma mentira seria muito mais apropriada que a verdade. — Eu estava... pensando em Tyson, queria estar com ele.

Sabin estreitou os olhos, mas através de seus longos cílios ela pôde ver suas íris castanhas ficando vermelhas.

— Você não vai pensar nele. Entendeu? Está proibida.

— Eu... Tudo bem. — Ela não sabia mais o que dizer. Sabin nunca antes parecera tão capaz de

matar. Mas por que ela não sentia medo?

Mesmo que sua resposta tenha sido tão pouco enfática, ele parecia mais calmo.

— Eu já tinha resolvido que iria marcá-la. — Seu tom era determinado. Uma determinação tão fria e dura que ela imaginou que nem uma lâmina poderia cortá-la. — Mas isso... — E olhou para o seu corpo. — Pelos deuses, eu a marcarei todos os dias, se for preciso. Você só pensará em mim.

— O que você quer dizer com... me marcar? — Marcar, com um corte? Punir? Agora, ela não via problema nenhum em se afastar. E o que ele quis dizer com todos os dias? Quanto tempo esperava que ela suportasse?

Ele estendeu a mão rapidamente, curvou os dedos em volta de seu pulso e a puxou de volta.

— Vou mergulhar meus dentes nessa linda pele, gentilmente, mas o suficiente para deixar uma marca.

Mais uma vez, o medo de Gwen desapareceu, dando lugar a pulsações incandescentes de extremo êxtase. Fazia tanto tempo. Tanto tempo que um homem não a abraçava, fazendo-a se sentir desejada, especial e atraente o suficiente para querer tê-la colada ao seu corpo.

— Você quer que eu faça isso? — perguntou ele suavemente.

Se ela queria? Claro que sim. Ela podia não saber mais quem era, mas sabia que seu corpo desejava aquele homem. Mas seria capaz de permitir?

Precisava de um tempo para pensar logicamente. Sabin era forte, imortal e dizia que podia lidar com qualquer coisa que ela lhe oferecesse. Ela era forte o bastante para aproveitar o melhor dele e ainda manter alguma distância. A “marca” manteria os outros guerreiros longe dela. E seria interessante dar à harpia algo que ela quisesse de vez em quando, para que, em troca, ela se comportasse.

Lógica alcançada.

Porém, antes que pudesse formalizar uma resposta, as narinas de Sabin se alargaram, como se pudessem farejar seu desejo.

— Se alguém mais tocar em você, vai morrer.

Ele seria capaz de ferir seus amigos por Gwen? Uau, só de pensar nisso, ela se derretia por dentro.

Lentamente, ele aproximou seu corpo do dela, sem parar, até que seus mamilos começaram a roçar contra a força do seu peito. Ele gemeu.

— O seu demônio...

— Será mantido em rédea curta. Não se preocupe. Agora. Escolha.

Ela nem precisou pensar mais no assunto:

— Sim — respondeu Gwen, sem fôlego. Engolindo em seco, ela se aproximou ainda mais, passou os braços ao redor do pescoço de Sabin, pressionando seu corpo molhado contra o dele. — Você também não precisa se preocupar. Vou ser cuidadosa com você.

— Por favor, não seja... — Ele atacou, e seus lábios tomaram os dela. Não era o beijo suave e unilateral do avião. Aquele a consumia, era algo primitivo, e a língua dele mergulhava nela, *participativa*, profunda e firme, exigindo uma resposta. Que ela deu, incapaz de fazer diferente. Com uma das mãos mergulhada em seus cabelos negros e sedosos, a outra massageava suas costas, provavelmente deixando suas próprias marcas.

Não se deixe levar por completo. O aviso explodiu sua mente. *Aproveite o momento, mas mantenha o foco.* A harpia ronronava, feliz com o que estava acontecendo, querendo mais, mais e mais. Porém, quando Gwen pediu que ela diminuísse o ritmo de sua respiração, que seu corpo ficasse calmo, que aceitasse o toque de Sabin, para assim aproveitar um pouco mais, o ronronar se transformou em uivos. Mais, mais, mais.

Sabin agarrou seu queixo e virou a cabeça dela para o lado, fazendo com que sua boca se abrisse ainda mais, recusando-se a permitir qualquer tentativa dela de se afastar, mesmo que mínima. Os dentes de ambos se encontraram, tamanha foi a força de seu próximo impulso. E ela gemeu, mas ele não se afastou. Não suavizou o toque. E o beijo continuou, até que ela estivesse sem fôlego, tremendo, curvando-se sobre ele, gemendo e suspirando, preparada para implorar por mais, exatamente como a harpia.

Pela segunda vez — ou seria a terceira? — ela tentou se afastar, acalmar seu corpo, para que não caísse completamente no feitiço de Sabin.

— Ah, não... Fique comigo.

— Não, eu...

— Apenas sinta, não pense. Deixe isso para mais tarde. — E, lentamente, ele apoiou o corpo de Gwen contra a parede de azulejos, e o frio a fez arquejar. Ele engoliu aquele som, sua boca mais uma vez colada à dela, aceitando tudo o que ela poderia oferecer e exigindo mais. Atrás deles, o chuveiro continuava ligado, com a água batendo no chão.

Com uma das mãos, ele agarrou seus dois punhos e os colocou acima da cabeça dela. Com a outra mão, segurou um dos seus seios, roçando os dedos no mamilo. Ela sentiu um frio na barriga, suas pernas enfraqueceram. Ela teria caído no chão, mas ele segurou seu corpo enfiando a coxa entre suas pernas, mantendo-a de pé. Mas seu sexo roçou contra a pele áspera do joelho de Sabin, e ela ficou ainda mais fraca.

— Gosta?

— Sim. — Não havia razão para mentir. Não poderia esconder as reações do próprio corpo.

Lá embaixo, os dedos de Sabin traçavam os contornos de seu umbigo. Para a frente e para trás, ela roçava contra a perna dele, e pequenos gemidos escapavam de seus lábios. *Mais. Mais. Mais!* Os gritos da harpia se misturavam aos seus, até se fundirem em uma única voz dentro de sua cabeça.

— Vou mordê-la agora.

E não deu tempo para que Gwen aceitasse ou recusasse, mergulhando seus dentes na suave base do pescoço dela. Ao mesmo tempo, tirou sua coxa do meio de suas pernas e a substituiu por sua mão. Dois dedos mergulharam fundo no corpo de Gwen, maravilhosamente fundo.

— Sabin!

— Por todos os deuses, querida. Você é incrível. Estreita.

— Eu vou... Eu não posso... Eu não deveria... — Já estava muito perto. E aqueles dois dedos, bombeando e penetrando seu corpo.

— Relaxe. Nada de ruim vai acontecer. Eu juro.

E se ela... E se a harpia... Droga! Seus pensamentos se fragmentavam, sua mente estava focada simplesmente no prazer de ter aqueles dois dedos se mexendo dentro dela.

— Goze para mim. — O polegar dele roçava seu clitóris, e ela não tinha mais como se controlar. Ela chegou ao êxtase, gritando, atirando seu corpo contra o dele, mordendo suas costas até sentir o gosto de sangue.

Enquanto ela ainda tinha espasmos de prazer, ele soltou suas mãos e agarrou seu quadril, puxando-o para perto, forçando-a contra seu pênis ereto. Sem penetração, apenas fricção, mas a sensação era ótima. Ela mergulhou as unhas nas costas de Sabin, e elas cortaram fundo.

Ele deixou escapar um suspiro entre os dentes, voltou a pressionar seu corpo contra o dela, e suspirou outra vez. Ela adorava ouvir aquele som. Precisava ouvi-lo novamente. E novamente. Logo começou a se mover sozinha, fazendo o que ele antes fizera, atirando-se contra ele com toda sua força, cravando os dentes nas costas de Sabin, com sangue tomando conta de sua língua.

— Desse jeito... — elogiou-a. — Continue assim. Você é maravilhosa, simplesmente maravilhosa. — Ele balbuciava. Ele queria que ela se lembrasse de onde estava, de que estava com ele? — Eu não iria deixar que as coisas fossem tão longe, não para mim. Mas vou explodir. Sei que vou. Isso não deveria ser tão bom. Não deveria...

Então ele a beijou novamente, mergulhando sua língua, enquanto seu sêmen quente jorrava contra a barriga de Gwen, fazendo seu corpo tremer e levando-a ao êxtase mais uma vez, só de pensar no prazer que ele sentia. E seus corpos se uniram, ofegando, gemendo.

Finalmente, ela se deixou cair em seus braços, maravilhada por ter perdido o controle. Maravilhada por eles não terem feito amor, mas por aquele simples banho juntos ter feito a terra tremer sob seus pés. Maravilhada por sua harpia não ter surgido. Maravilhada ao ver que ela apenas queria mais. Acima de tudo, estava maravilhada, pois, mesmo tendo atingido dois orgasmos tão intensos, ela também queria mais.

Capítulo Treze

SABIN CARREGOU GWEN até a grande cama do seu quarto e se aconchegou ao lado dela. Nenhum dos dois disse nada enquanto, através da única janela do quarto, observavam o céu noturno dando lugar ao amanhecer. Ficaram deitados, nus, entrelaçados, cada um perdido em seus próprios pensamentos.

— O que aconteceu com a história de dormir no chão? — finalmente perguntou ela, quebrando o silêncio.

— Na verdade, eu não dormi. Tecnicamente, mantive minha palavra.

— É verdade.

Depois disso, o silêncio voltou a reinar. Mas nenhum deles dormiu.

Ele esperava que Gwen caísse rapidamente no sono; ela estava com olheiras, mais aparentes do que nunca, e Sabin notara um bocejo pouco tempo antes. Mas, como sempre, Gwen o surpreendeu. Ela fingiu dormir uma ou duas vezes, mas não o fizera de verdade.

Ele sabia por que *ele* não conseguia relaxar: seu demônio estava enlouquecido dentro de sua cabeça, mais desesperado que nunca de vontade de alcançá-la e machucá-la, fazendo-a questionar tudo o que acontecera entre eles. Assim como fizera com todas as outras antes dela. Mulheres que o haviam abandonado, ou que se mataram.

Eu deveria abandoná-la antes que algo assim aconteça. Mas, no momento em que pensou nisso, um sentimento de negação tomou conta dele, um sentimento afiado, cortante, como se tivesse dentes, e todos os motivos pelos quais deveria ficar ao lado dela surgiram em sua mente. Um: Paris poderia aparecer procurando por ele, a encontraria e a seduziria. Luxúria simplesmente não conseguiria evitar. Dois: um Caçador poderia escapar da masmorra, tomá-la e fugir com ela. Três: ela poderia começar a se arrepender do que tinham feito no chuveiro e fugir sozinha.

Eram todos motivos excelentes. Mas não eram o motivo real pelo qual ele afundara ainda mais o corpo no colchão. Gwen estava tão macia e quente ao lado dele, ela cheirava tão bem, como limões, seu cheiro favorito, e não parava de soltar pequenos e lascivos suspiros que ele desejava engolir.

Ele já a queria novamente. Queria tê-la *por completo* dessa vez. Queria entrar e sair do seu corpo, primeiro suavemente, depois de forma mais dura, num ritmo infinito que os uniria completamente. Nenhuma mulher o excitara tanto, tivera um gosto tão bom e se encaixara tão perfeitamente em seu corpo. E nenhuma delas o deixara com uma sensação tão grande de abandono, nenhuma o mordera,

experimentara seu sangue e o deixara implorando por mais.

Mesmo que ele não tivesse confirmado isso, os dois tinham encontrado liberdade. Ele suspeitara que uma vez não seria suficiente, e tinha razão.

Ouvir seus gritos fora mais incrível que penetrar qualquer outra mulher. E aquela pele... Era como uma droga para seus olhos. Olhava uma vez, e tinha de repetir o movimento várias e várias vezes. Desviar os olhos era doloroso, e o desejo de olhar novamente era constante.

Ela provavelmente odeia você agora, provavelmente não quer nada com você. Eu não ficaria surpreso se ela tiver pensado no namorado humano enquanto você a beijava, e por isso ela foi tão ardente. Ela não lhe disse que estava pensando nele? Claramente, o humano é tudo o que ela quer para a sua vida. E não você.

Sabin abraçou Gwen com mais força, apertando-a, e ela soltou um gemido de dor. Instantaneamente, ele soltou um pouco os braços e bloqueou o demônio em sua mente. Não haveria mais nenhum pensamento sobre ex-namorados, ênfase no *ex*; disso ele tinha certeza, e nem as palavras de Dúvida nem as de Gwen o convenceriam de outra coisa. Ela dissera o nome de Sabin. Dúvida estava mal-humorado, era isso, louco para encontrar um alvo. Pelo menos, assim como ele, Gwen era capaz de distinguir entre o demônio e suas próprias inseguranças.

— Podemos parar de fingir que estamos relaxados como dois amantes felizes agora? — perguntou ela de repente, mais uma vez quebrando o silêncio.

Ele suspirou, desemaranhando vários fios de seu cabelo e deixando-os dançar sobre seu peito, roçando sua pele. Se pelo menos *fossem* amantes felizes. Nenhum demônio, nenhuma harpia, nenhuma guerra... Apenas duas pessoas aproveitando o tempo que passavam juntas.

Sabin piscou os olhos, aquele pensamento lhe era totalmente estranho. Nunca, em seus milhares de anos de vida, ele quisera ser algo que não fosse. Um guerreiro imortal. Poderoso, extraordinário, eterno. Sim, ele cometera um erro ao ajudar os Senhores a roubar e abrir a caixa de Pandora. E, sim, fora expulso do céu e sofrera muito ao receber o demônio em seu corpo. Mas era um sofrimento que ele aceitava e merecia. Um sofrimento que queria amargar, pois o deixaria mais forte do que jamais fora enquanto servia a Zeus. Por que desejar outra coisa agora?

— Sim, podemos parar de fingir. Podemos até conversar. E quando eu digo conversar, isso significa que eu faço as perguntas e você responde. Podemos começar? Você nunca dorme. Por quê?

— Muito mandão — murmurou ela. — Para sua informação, eu não preciso dormir. — E, num movimento fluido que ela deveria estar esperando horas para fazer, virou-se de costas, deixando apenas seus ombros tocando os dele. Sabin já notara que ela costumava querer todo o contato possível. O que tinha mudado?

Não importava, imaginou ele. Depois de Darla, prometera a si mesmo que sempre manteria distância das mulheres que o atraíssem. E fizera isso por 11 anos. Naquele momento, a própria Gwen o estava ajudando. Havia uma centelha de irritação em seu peito ao pensar que *ela* fora a responsável pelo afastamento.

— Você se recusou a comer, mesmo estando com fome. Recusou-se a tomar banho, ainda que estivesse suja. Não acredito nem um pouco que seu corpo — *o seu corpo maravilhoso* — não precise de descanso.

Ele está dizendo isso porque você parece um zumbi? Porque está cansada, exausta, extenuada?

Sabin notou o pensamento depreciativo sair de sua cabeça em direção à de Gwen. E não foi capaz de detê-lo.

Um momento depois, ela comentou:

— O seu demônio é um idiota.

— Você tem razão. — *E é melhor que cale a boca, seu bosta. Você já foi avisado uma vez. Lembra-se da caixa?*

Seguiu-se uma longa pausa, depois um pesado gemido de aceitação.

— Mas... — disse ela. — Pareço mesmo?

Se ela parecia um zumbi? De jeito nenhum.

— Você é a mulher mais adorável que já contemplei. — Verdade. E ele não se importava de parecer Lucien, dizendo coisas bonitas e sem sentido no ouvido de Anya; coisas para as quais Sabin sempre virava os olhos, entediado.

— Eu não acredito em você. — Gwen se virou novamente, olhando para ele com a mão apoiada no queixo. — Você tem que dizer que sou bonita.

— Sim, porque sou um cavalheiro — disse ele, seco. Ele também se virou e a encarou. Aqueles cachos exóticos continuavam emoldurando seu rosto e seus ombros delicados, com sua pele incrível refletindo a cor vermelha em seu rosto, deixando-a deliciosamente corada.

— Você acha que sou sempre educada, que nunca gosto de ferir os sentimentos de ninguém nem dizer qualquer mentira, porque gosto que as pessoas ao meu redor sejam dóceis? Ah, e se eu acidentalmente insultar alguém, pois nunca faria isso de propósito, me recusaria veementemente a conseguir o que eu quero deles à força?

Seus lábios estonteantes se abriram num meio-sorriso, lábios que ele beijara, chupara e mordiscara, e seus olhos se moviam hipnoticamente. Olhos nos quais ele quase se afogara. Vendo aquele sorriso, Sabin notou uma ereção instantânea e não desejada, e ficou imensamente grato ao notar que os lençóis cobriam a metade inferior do seu corpo. E pensar que ele deveria ser a parte perigosa da relação, disse a si mesmo.

Não é uma relação, lembrou-lhe seu instinto de autopreservação. Ele não permitiria que aquilo fosse mais que uma transação de negócios. Convenceria Gwen a lutar por ele, ele a protegeria de seus amigos enquanto ela estivesse em missão, e quando a guerra terminasse, pararia de pensar nela, de desejá-la.

— Talvez você não se importe com o sentimento das outras pessoas, mas quer a minha ajuda. Está tentando me bajular.

— Você vai concordar em lutar contra os Caçadores, com ou sem bajulação — disse ele, buscando um tom confiante. Uma confiança que ele não sentia, mas na qual tinha de acreditar. Não poderia aceitar nada menos. — Será que eu preciso lembrar-lhe de que já prometeu ajudar?

Cansado de permanecer à sombra, Dúvida se manifestou: *Ela quase desmaia só de ver sangue. Ajudá-lo a lutar? Acho que não...*

— Vai, sim — repetiu ele, confirmando ao demônio e a si mesmo.

— Eu não me importo em ajudá-lo nos aspectos burocráticos da sua luta. Como fazer pesquisas na internet e preencher papéis. Se você mantiver um arquivo com seus... assassinatos... eu posso

cuidar disso. Posso até mesmo pesquisar os artefatos que você está procurando. Eu fazia isso antes de ser abduzida. Trabalhei num escritório tomando notas, checando fatos, esse tipo de coisa. E era muito boa nisso.

Ele nunca ouvira tanto orgulho no tom de voz de alguém. Mas será que ela estava orgulhosa do seu trabalho ou de sua capacidade de se mesclar ao mundo normal?

— E você gostava desse trabalho? — perguntou ele.

— Claro.

— E não ficava entediada? — A pergunta de verdade era: como sua harpia aguentava tamanha monotonia? Sabin imaginava que o lado obscuro de Gwen fosse muito parecido com o seu; uma força louca, uma maldição, uma doença, mas uma parte dela sempre em busca de animação e perigo. Uma parte dela que entraria em convulsão se fosse ignorada por muito tempo.

— Um pouco, talvez — admitiu ela, enrolando um cacho de cabelo entre os dedos.

Ele quase gargalhou. Apostaria dinheiro que ela ficava quase louca de tão entediada no trabalho.

— Vou pagar por sua ajuda — ele disse, lembrando-se das palavras de Anya de que as harpias precisavam roubar ou merecer sua comida. Ele queria tê-la no campo de batalha, lutando, mas não se importaria de usar sua habilidade em pesquisa também. Pelo menos no começo. — Diga o que quer, e será seu.

Vários minutos se passaram em silêncio antes que ela dissesse:

— Está me dando um branco agora. Vou ter que pensar no assunto.

— Não há nada que queira?

— Não.

Sabendo o quanto ele desejava a vitória, ela poderia ter pedido qualquer coisa, até mesmo a lua e as estrelas. Mas não conseguia pensar em uma única coisa. Estranho. Muitas pessoas pediriam de cara uma quantia astronômica e barganhariam em cima dela. Ele ficou pensando no que pessoas como ela gostavam. Dinheiro? Joias?

— Com o que suas irmãs trabalham?

Ela pressionou os lábios.

Mas o que aquele gesto significava? Ela não queria contar nada ou não gostava do que suas irmãs faziam?

— Elas são prostitutas? — perguntou ele, querendo testar quão longe poderia ir antes que a harpia começasse a exigir a cabeça dele em uma bandeja.

Ela respirou fundo, deu um tapa nele, depois afastou sua mão rapidamente, como se não acreditasse no que tinha acabado de fazer. Estaria com medo de que ele retaliasse por uma coisa tão pequena? Garota boba.

— Você mereceu, então não vou pedir desculpas. Elas não são prostitutas.

— Assassinas?

Ela não suspirou. Não bateu nele. Simplesmente estreitou os olhos, unindo suas pálpebras. Bingo!

— São mercenárias — disse Sabin. E não foi uma pergunta. Que sorte a dele.

— Sim — confirmou ela, entre os dentes. — Elas são mercenárias.

Sabin queria rir. Se uma harpia era capaz de destruir um exército, o que fariam quatro delas? Ele poderia pagar por seus serviços. Tinha dinheiro, não importava qual fosse o preço delas.

— Vejo as engrenagens da sua cabeça trabalhando — disse ela, usando sua mão livre para arrumar o travesseiro que tinha debaixo da cabeça. — Mas saiba que elas me amam e não aceitariam um trabalho se eu pedisse a elas que o recusassem.

Agora foram os olhos *dele* que se estreitaram. A expressão no rosto de Gwen era inocente, talvez um pouco irritada.

— Isso é uma ameaça, querida?

— Interprete como quiser. Eu não quero vê-las lutando com esses desprezíveis Caçadores por motivo nenhum.

— Por quê? Como você mesma disse, eles são desprezíveis. Malvados. Eles teriam encontrado uma forma de drogá-la, estuprá-la e roubar seu bebê, se eu não a tivesse resgatado. Deveria implorar às suas irmãs para que lutassem contra eles.

— Você já os torturou pelo que fizeram contra mim e as outras mulheres.

— E isso é suficiente para você? Quando alguém me faz mal, eu gosto de revidar com minhas próprias mãos. Gosto de ter certeza de que o serviço seja benfeito. Você não sentiu nem *um pouco* de satisfação quando arrancou a garganta daquele...

— Certo, tudo bem. Sim. Mas permitir que outra pessoa faça isso *tem* de ser suficiente. Caso contrário, eu vou passar a vida toda caçando-os e matando-os, e nunca vou viver de verdade. — As narinas de Gwen inflaram, seu peito arfava. Cada vez que inspirava, o lençol baixava um pouco, revelando um mamilo rosado. Ele tinha de se obrigar a olhar para o outro lado antes de terminar a conversa.

Ela estava dizendo que sua vida era vazia? Mas não era. Era uma vida bem agitada.

— Melhor viver caçando e matando do que enterrar a si mesma no medo.

Ela levantou a mão, como se fosse bater nele mais uma vez. Gwen tremia, pois a raiva que irradiara antes se transformara em fúria. Ele finalmente a fizera chegar ao seu limite. A harpia estava ali, nos seus olhos.

— Vá em frente — disse-lhe ele. Seria bom para ela. Mostrar-lhe que ela poderia atacá-lo, e ele resistiria. Era o que Sabin esperava.

Lentamente, ela baixou a mão e parou de tremer. Respirando fundo, seus olhos voltaram ao normal.

— Você gostaria disso, não é mesmo? Gostaria que eu fosse como você? Mas isso não vai acontecer. Ninguém sobreviveria se eu fizesse isso. Ninguém. Nem mesmo as minhas irmãs.

Ele entendeu o sentido oculto do que disse e ergueu uma sobrancelha.

— Você lutou com elas e as feriu, não foi?

Ela assentiu, relutante.

— Eu era apenas uma criança, e elas só estavam brincando comigo, zombando de mim, como as irmãs sempre fazem. Eu perdi o controle e as feri bastante.

— Pensei que elas fossem mais fortes do que você. Não foi o que me disse?

— E são. Elas conseguem controlar quem matam, mesmo quando estão inteiramente tomadas

pelas harpias. *Isso* é força de verdade.

Ele pensou por um momento, passando uma das mãos pelos cabelos.

— Aposto que eu aguentaria a sua harpia. Quero dizer, eu sou imortal como suas irmãs, e posso me curar rapidamente. — Sim, ele se lembrava do que Gwen fizera ao Caçador, e sim, ele se lembrava de seus movimentos muitos rápidos. Mas por que ele não incluía a si mesmo antes, mesmo que por um instante? Ele era dono de uma força bruta, milhares de anos de experiência e uma determinação demonstrada por poucos. Contanto que ela não arrancasse sua cabeça, ele se recuperaria.

— Você é um idiota.

Ela não deve ter notado o que dissera imediatamente, pois se passaram alguns segundos, até que ficasse gelada ao ouvir as palavras ecoando pelas paredes.

— Nada que você disser me provocará o suficiente para que eu a machuque — ele disse, perdido entre a exasperação e a doçura.

Pouco a pouco, ela relaxou, mas a tensão entre eles permaneceu.

— Você se arrepende do que aconteceu no chuveiro? — perguntou ele, em parte para mudar a conversa de rumo, em parte porque sua curiosidade era grande. Ela deixara bem claro que não gostava de quem ele era e do que fazia.

— Sim — respondeu ela, corando.

Gwen não hesitou, e isso o irritou profundamente.

— Por quê? Você gostou de cada momento.

Ou não tinha gostado?

As mãos de Sabin se transformaram em punhos, seus ossos ficaram repentinamente frágeis. Dúvida, aquele idiota. Mas ele temia, pela primeira vez, que a insegurança fosse sua, e não do demônio que sempre espalhava seu veneno.

Ela afastou os olhos de Sabin e disse:

— Foi bom. Eu acho.

Ele trincou os dentes. Foi bom. Ela achava. Era o que ela achava! Pelos deuses, ele lhe daria mais uma demonstração. Ele a beijaria, dessa vez cada centímetro de seu corpo, exatamente como queria. Ele faria sua língua dançar entre as pernas dela, depois a morderia, colocaria seus dedos dentro dela, faria com que ela implorasse por seu pênis e então, só então, ele lhe ofereceria seu membro. Ele a viraria de barriga para baixo, agarraria seus quadris e...

Teria feito amor com ela, se tivesse seguido em frente. Um erro, um erro, um erro. Mas valeria a pena, pensou ele em seguida. Nada o deteria, e ela adoraria cada instante. Ele a penetraria com força, jorraria seu sêmen quente nas profundezas e...

Mais uma vez, ela diria que foi bom. Ela achava. Dúvida riu, e naquele momento o demônio realmente a respeitava.

— Foi mais do que bom, mas vamos guardar esse assunto para mais tarde. — Sabin se levantou da cama, e não sentiu vergonha quando o lençol caiu no chão, deixando-o completamente nu diante dos olhos de Gwen. Repentinamente tímida, ela colocou as mãos na frente dos olhos. Mas, se ele não estava enganado, ela espiava por entre os dedos. Sabin podia sentir o calor dos seus olhos, seu desejo

quente.

Ele foi até o armário e vestiu suas armas, como era o costume. Muniu-se cuidadosamente de 15 lâminas, amarradas aos tornozelos, pulsos, cintura e costas, o que lhe dava o diploma de cuidadoso do ano. Em seguida, vestiu uma calça jeans e uma camiseta onde estava escrito *Vejo você no além*.

Ele pegou uma calça de moletom e uma camiseta branca e as jogou para Gwen.

— Levante-se e coloque isso.

— Por quê? — perguntou ela, sentando-se na cama, com seus cabelos caindo em seus ombros, e pegou a roupa.

— Você vai ligar para suas irmãs. — Era hora de fazer aquela tarefa de uma vez por todas. — Anya me contou algumas coisas sobre sua cultura, e se você está com medo de que elas lhe façam mal por ter permitido ser capturada, não fique mais. Eu não vou permitir que façam isso. — Ele não deu tempo para que Gwen respondesse. — Quando terminar a ligação, vamos descer para comer. E você vai comer, Gwen. Isso é uma ordem. — Não haveria nenhuma bobagem de só comer o que roubava. Ele tinha até pensado em deixar algumas coisas por ali, para que ela imaginasse estar roubando, mas estava sem paciência para isso naquele momento.

— E depois — disse ele —, vou chamar todos os homens para uma reunião e contar a eles o que descobri sobre os Caçadores. Você também estará presente, pois é parte integrante da missão agora.

Ela ergueu o queixo, teimosa.

— Não sou um dos seus homens para ficar recebendo ordens suas.

— Se você fosse um dos meus homens, eu estaria com vergonha dos meus pensamentos agora mesmo — disse, baixando os olhos, observando seus seios, sua barriga... A área entre suas pernas. Ele se virou antes que fizesse o que realmente queria fazer, correr até ela, cobri-la com seu corpo e penetrá-la. — Agora, ande logo!

Seguiu-se uma longa pausa, depois ouviu o roçar dos lençóis, um barulho da cama, um suspiro.

— Tudo bem, estou pronta — disse, resignada.

Mais uma vez, Sabin a encarou e ficou sem fôlego. Mais uma vez, as roupas ficaram enormes nela. Agora que estava limpa, no entanto, o algodão branco fazia sua pele brilhar como uma pérola. Ele ficou com água na boca; uma única lambida seria suficiente. *Tinha de ser suficiente*, pensou ele, hipnotizado, já caminhando na direção dela, estendendo a mão.

Que diabos está fazendo? Saia daí, seu idiota! Ele parou abruptamente, rangendo os dentes. Precisou de um momento para se lembrar do que queria que ela fizesse. Quando conseguiu se lembrar, atravessou o quarto em direção ao armário e pegou seu celular. Tinha uma chamada perdida e uma mensagem de texto. Ele acessou o menu. A chamada era de Kane. A mensagem de texto... Também era de Kane. O guerreiro estava passando o dia na cidade, mas disse que era para ligarem se precisassem dele, e voltaria correndo para casa. Era um milagre que Kane tivesse conseguido usar o celular duas vezes seguidas sem jogá-lo longe.

Após limpar a tela, Sabin atirou o telefone para Gwen, que não conseguiu segurá-lo.

— Comece a discar — disse ele.

GWEN PEGOU O aparelho com a mão trêmula, e lágrimas queimavam em seus olhos. Durante todo o ano em que estivera confinada, tudo o que queria era poder fazer isso, pois *precisava* ouvir a voz das irmãs. Mas ainda sentia vergonha do que acontecera com ela, e não queria que elas descobrissem nada.

— Está de manhã aqui, então no Alasca é madrugada — disse ela. — Talvez fosse melhor esperar um pouco.

Sabin não demonstrou compaixão:

— Disque.

— Mas...

— Não entendo sua relutância. Você ama suas irmãs. Quer tê-las aqui, chegou a estabelecer isso como condição para permanecer ao meu lado.

— Eu sei. — Ela tocou as teclas brilhantes do telefone com os dedos. Sua culpa estava voltando. Culpa por fazer suas irmãs esperarem por notícias... Ou, caso elas realmente não soubessem que ela tinha sido capturada, culpa por não ter entrado em contato.

— Elas vão culpá-la pelo que aconteceu? Vão querer punir você? Eu já disse que não vou permitir.

— Não. — Talvez. O que ela realmente sabia era que exigiriam que Sabin permitisse que elas entrassem na guerra, exatamente como ele queria. *Elas* iam querer servir o trazeiro de Caçador numa bandeja. Mas se forem feridas por culpa de Gwen... Ela ficaria com ódio de si mesma por toda a eternidade.

— Ligue — disse Sabin.

Ah, pare com isso, pensou ela. E, com um suspiro, discou o número de Bianka. Das três, Bianka era a mais gentil. E por gentil Gwen queria dizer que Bianka seria capaz de jogar um copo de água em alguém em quem acabara de atear fogo.

O telefone tocou três vezes até sua irmã atender.

— Não tenho ideia de quem está me ligando desse número, mas é bom que seja importante ou...

— Alô, Bianka. — Seu estômago deu um nó ao ouvir aquela voz assustadoramente familiar e tão amada que as lágrimas que queimavam seus olhos finalmente escorreram pelo seu rosto. — Sou eu.

Houve um silêncio, um suspiro.

— Gwennie? Gwennie, é você?

Gwen secou as faces com as costas do pulso, notando o olhar quente de Sabin sobre ela, praticamente devorando-a. No que ele estaria pensando? Sendo o guerreiro que era, não devia estar gostando nada daquela sua demonstração de fraqueza, ainda maior que antes. E isso era bom. Era mesmo. Eles tinham se beijado e se tocado no chuveiro, e ela estava pronta para seguir adiante, tomando-o por inteiro, *oferecendo-lhe* tudo, não importando o tipo de homem que ele era e as coisas que lhe dissera, as coisas que faria por ela.

— Ei, ainda está aí? Gwennie? Você está bem? O que está acontecendo?

— Sim, sou eu. Gwen — respondeu ela finalmente.

— Meus deuses, garota! Sabe quanto tempo se passou?

Doze meses, oito dias, 17 minutos e 39 segundos.

— Tenho uma vaga ideia. Como vai você?

— Melhor agora que escutei sua voz, mas muito chateada. Você vai ouvir muito quanto Taliyah descobrir que reapareceu. Nós ligamos para seu celular há pouco tempo, você sabe, para dizer oi e ameaçar bater em você se não voltasse para casa. Mas não tivemos resposta. Então ligamos para Tyson. Ele disse que você tinha se mudado e não sabia como encontrá-la. Procuramos por todos os lados, por todo o maldito mundo, mas não tivemos sorte. Finalmente, fizemos uma visita pessoal a Tyson, e ele nos disse que você tinha sido levada contra a sua vontade.

— Vocês o torturaram? — Ela não estava com raiva dele, não queria machucá-lo. Tyson apenas protegera a si mesmo, e Gwen entendia isso.

— Bem... talvez um pouco. Mas não foi culpa nossa. Ele nos fez perder um tempo precioso.

Ela murmurou, depois pensou na imagem de Bianka, com seus cabelos negros emoldurando o rosto, seus olhos cor de âmbar brilhando, seus lábios vermelhos se abrindo num sorriso maldoso, e não conseguiu evitar um sorriso.

— Ele está vivo, pelo menos?

— Por favor, menina. Você acha que nos rebaixaríamos a ponto de matar aquele idiota? Nunca entendi o que você viu nele.

— Que bom. Ele não sabia onde eu estava. Não sabia mesmo.

— Quem levou você, então? O que você fez para puni-los, hein? Hein? Eles estão mortos, certo? Diga que estão mortos, garotinha.

— Ahn, vou chegar lá. — E isso era verdade. — Em outro momento. — Mais uma vez, dizia a verdade. — Ouça — disse antes que Bianka perguntasse mais coisas. — Agora eu estou em Budapeste, mas quero vê-las. Sinto falta de vocês. — Bem no final, sua voz falhou.

— Venha para casa, então. — Bianka nunca implorava por nada, não que Gwen soubesse, mas parecia a ponto de fazê-lo. — Queremos tê-la em casa. Ficar sem saber onde você estava quase nos destruiu. Mamãe se mudou há alguns meses, pois não parávamos de incomodá-la sobre você. E não se preocupe com o tratamento frio.

Gwen as deixara esperando por mais tempo que o necessário... Mais uma vez, sentia culpa, agora mais forte, e Gwen se viu numa espiral de vergonha. *Eu fiz isso. Eu fiz isso às minhas fortes e orgulhosas irmãs.*

— Não me importo com mamãe. — E não se importava mesmo. Nunca tinham sido próximas. — Mas vocês vão ter que vir aqui. Eu estou com os, ahn... Senhores do Mundo Subterrâneo, e eles querem conhecer vocês. Você sabe, eles são os caras que...

— São possuídos por demônios? — perguntou Bianka, animadíssima, e depois, repentinamente, sombria. — O que você está fazendo com eles? Foram eles que capturaram você? — Havia morte em seu tom.

— Não. Não. Eles são os mocinhos da história.

— Mocinhos? — Ela riu. — Seja lá como forem, não têm nada a ver com seu gosto para homem. A menos que sua personalidade tenha sofrido grandes alterações no último ano e meio.

Mas não tinha.

— Apenas... Vocês virão?

Bianka não hesitou:

— Estamos a caminho, garotinha.

Capítulo Catorze

A COZINHA PARECIA ter sido bombardeada. Os guerreiros, quando tinham fome, eram selvagens, pensou Sabin. Antes de descer, ele enviara uma mensagem de texto a cada um deles... Pelos deuses, Sabin adorava a tecnologia; conseguira introduzir Maddox, que sempre tivera aversão à tecnologia, ao século XXI. Convocou uma reunião para o meio-dia, a fim de dizer a todos o que os Caçadores lhe contaram sobre Desconfiança e sobre a escola para as crianças semi-humanas e semi-imortais; e aproveitaria para anunciar a iminente chegada das irmãs de Gwen.

As irmãs. Os olhos de Gwen haviam ficado cheios de lágrimas no momento em que uma das harpias atendeu ao telefone. O dourado brilhante dera lugar a um tom de ouro derretido. Alívio, esperança e tristeza passaram pelo seu rosto, e Sabin teve de lutar contra a necessidade de ir até ela, tomá-la nos braços e oferecer todo o conforto possível. Precisou reunir todos os instintos de guerreiro que possuía para manter-se quieto.

Esperava que o restante do dia fosse mais fácil. Com um movimento de punho, fechou a porta da geladeira e sentiu o ar quente envolvê-lo. Olhou para Gwen, que observava os balcões de mármore. Ou talvez a pia de aço inoxidável, quem sabe imaginando como uma casa tão antiga fora modernizada em alguns pontos e deixada com ar tão antiquado em outros.

Ele pensara a mesma coisa ao chegar a Budapeste, alguns meses antes. Mas fizera melhoras desde então, e planejava ter a monstruosidade inteiramente transformada até o final do ano. Era divertido. Ele viajara por todo o mundo, tinha bases de operações em vários lugares, mas aquela fortaleza rapidamente se transformara em seu lar.

— Vazia — anunciou ele.

Gwen olhou para ele, mas demorou um pouco para processar o que dissera. Quando conseguiu, passou uma das mãos por seus cabelos ainda molhados e embaraçados.

— Vou ficar bem sem comer.

— Não.

Ele não permitiria que Gwen abrisse mão de comida. Passara fome por um ano. Mas não sofreria nem mais um dia, pelo menos enquanto estivesse sob seus cuidados. Sabin queria suprir todas as suas necessidades. Porque queria sua ajuda e cooperação.

Ele estava com um humor melhor do que antes, então talvez pudesse ajudá-la a “roubar” comida.

— Vamos até a cidade — disse ele. Paris, cujo trabalho era fazer compras, devia estar exausto de tantas mulheres. — Depois que a cobrirmos dos pés à cabeça. — Não queria que ninguém visse aquela preciosidade de pele.

— Um pouco de maquiagem resolverá o problema no meu rosto — disse Gwen, adivinhando suas intenções. — E, mesmo assim, Anya levou uma bandeja para você... Ahn, quero dizer, é que comi hoje, mais cedo.

Então foi assim que Anya a fizera comer. Dizendo que a comida era para ele, assegurando-a de que, se comesse, estaria roubando de outra pessoa. Sabin aplaudiu a imaginação da deusa.

— Mas uma refeição não a deixará satisfeita para sempre. Além do mais, podemos conseguir algumas roupas perfeitas para você na cidade.

O prazer tomou conta da sua expressão e sua pele incrível parecia brilhar com todas as cores do arco-íris. O pênis de Sabin ficou duro, tão duro que doía. Seu sangue esquentou de forma perigosa, e imagens do corpo de Gwen nu, molhado e cintilando, surgiam em sua mente. De repente, ele podia sentir o gosto do desejo em sua boca, ouvir seus gritos nos ouvidos.

— Roupas? — perguntou ela. — Para mim?

A felicidade de Gwen era demais para Dúvida, que decidiu atacar, usando a distração de Sabin para tomar vantagem e se livrar de suas amarras. *Roupas novas não vão melhorar sua situação. Podem até mesmo piorá-la. Como você pagará por elas? Com seu corpo? Ou talvez suas irmãs farão o pagamento? E se Sabin as desejar? Ele não a penetrou, mesmo estando pronto para isso. E se ele levar suas irmãs para a cama, em vez de você?*

Normalmente o demônio era mais cauteloso, com um sussurro gentil, uma calma suposição, todos eles designados para destruir a confiança do seu ouvinte. Mas, naquele momento, usava o que acontecera entre os dois no chuveiro para despertar o ciúme e o ressentimento feminino. Gwen nem precisaria gostar de Sabin ou desejá-lo com mais força para que aquilo funcionasse. Ninguém gostava de pensar em seu amante em potencial na cama com outra pessoa. Sabin já estava preparado para arrancar os olhos de quem simplesmente admirasse Gwen.

Você sabia que isso ia acontecer. Sabia que Dúvida continuaria atrás dela.

— Gwen — disse ele, com a mandíbula tensa. — Esses pensamentos... Sinto muito. — *Vou acabar com você por ter feito isso, seu idiota.* — Você não vai ficar me devendo nada pelas roupas. Ninguém vai.

As pupilas de Gwen estavam aumentando de tamanho, o preto consumia o dourado... O branco... Logo se transformaria em harpia. Sem saber mais o que fazer, ele agarrou a nuca de Gwen e aproximou seu corpo do dela. Funcionara no avião. Talvez...

Passou a outra mão ao redor de sua cintura, trazendo-a para mais perto de seu membro ainda ereto.

— Está sentindo isso? É por você. Por ninguém mais. Não posso controlar minhas reações a você, quero apenas você — disse, encostando o nariz no lado do pescoço dela. — Isso é ridículo. Não podemos ficar juntos, mas não posso fazer nada contra isso. Só quero você. — Repetiria mil vezes, se fosse necessário. Ele apenas queria que tais palavras fossem mentira.

Nada. Não houve resposta.

Ele deu um beijo suave e prolongado em seus lábios, saboreando-os. Mesmo sendo casto, o beijo mexeu com ele. Só de senti-la... Reconhecendo a pele que o desejava por baixo daquelas roupas largas, seus pequenos mamilos rosados que adorariam ser lambidos.

Lentamente, ela aceitou seu toque e passou os braços em volta dele, segurando-o firme, puxando-o para mais perto. E as pupilas de Gwen começaram a diminuir, sua respiração ficou mais calma e menos ofegante, seus músculos, menos rígidos.

As palavras dele não a alcançaram; seu toque, sim. A harpia se acalmava ao contato físico. Ele precisava se lembrar disso.

Porém, ao notar esse detalhe, foi invadido por uma fúria tão ardente que seus órgãos borbulhavam. Um ano, um ano inteiro sem contato deve ter sido um inferno para essa menina que tanto odiava seu lado obscuro. A harpia deve ter sido uma voz que gritava constantemente em sua cabeça, uma companhia odiosa.

Outra coisa em comum entre eles; ainda que Sabin não odiasse seu demônio, pelo menos não o tempo todo. Até porque gostava do tormento que ele poderia causar nos Caçadores. Naquele exato momento, se fosse honesto, e tinha de ser, não poderia negar o ódio. O idiota se recusava a deixar Gwen em paz, provocando-a quando ela merecia um pouco de paz.

— Você está bem? — perguntou ele.

Um suspiro entrecortado escapou dela. Abruptamente, ela se livrou de Sabin, com suas faces pegando fogo.

— Depende. Você colocou uma mordaca no seu amigo?

— Estou cuidando disso. E como já disse, o demônio não é meu amigo.

— Então, sim. Estou bem.

Havia uma pitada de ressentimento em sua voz.

— Tem certeza? — perguntou ele, traçando a linha de seus cabelos com o polegar.

— Claro. Pode me soltar agora.

Ele não queria; queria ficar abraçado a ela para sempre. E exatamente por isso, ele a soltou, dando um passo atrás. Ele já a marcara. Tudo o mais seria um exagero. Desnecessário e perigoso frente ao seu objetivo final.

Dúvida murmurava, desapontado, voltando aos confins de sua mente e preparando o próximo ataque.

QUANDO ELA JÁ tinha aplicado uma camada de maquiagem para cobrir sua pele, maquiagem que Sabin pegara emprestada de uma das moradoras, Gwen e Sabin deixaram a fortaleza. Ele a tocava constantemente. Um roçar de braços aqui. Uma carícia com os dedos ali. Ela não queria que ele parasse nunca. Sabia que a magia funcionaria, no final das contas.

Ela tremeu. O estímulo e as lembranças eram quase, quase suficientes para distraí-los da beleza de Budapeste. Havia casas em forma de castelos, edifícios modernos, árvores verdejantes, ruas de paralelepípedos e pássaros comendo migalhas à frente deles. Um rio turvo, uma ponte com grades de ferro e uma capela que tentava alcançar o céu com seus pináculos. Havia colunas, estátuas e luzes de

várias tonalidades.

Sabin também quase conseguiu distraí-la dos habitantes da cidade. Eles o olhavam assustados, saindo do seu caminho, mas ainda assim tentando manter contato com qualquer parte dele. Alguns chegavam a murmurar “anjo” quando ele passava.

Eles fizeram compras por horas, e nem por um momento ele parecia irritado com sua necessidade de experimentar tudo, passar todos os tipos de tecido no rosto e rodopiar em frente aos espelhos que refletiam o corpo inteiro. Frequentemente ela o flagrava sorrindo.

Após se decidir por várias calças jeans, algumas camisetas coloridas e sandálias cor-de-rosa, além de um kit de maquiagem só para ela, foram comer. Mas quem queria comer? Estava usando suas roupas novas! Uma calça jeans apertada e confortável e uma linda camiseta rosa.

Ela nunca estivera tão feliz com a própria aparência. Depois de um ano vestindo aquela camiseta branca rasgada, sentia-se bonita, confortável e... normal. Humana. Quando saíram da loja de comidas, Sabin a olhou como se ela fosse seu sorvete preferido.

E, é claro, os murmúrios começaram:

Você tem certeza de que está bem? Talvez esteja com mau hálito. Com quantas mulheres Sabin esteve? Quantas eram mais bonitas, inteligentes e corajosas que você?

O bom humor de Gwen desapareceu, e uma preocupação começou a ganhar espaço. Os murmúrios continuaram, e logo a harpia despertaria. Se um ataque de fúria acontecesse, a devastação tomaria conta daquela cidade adorável, e Sabin seria ferido. Mas por mais que ele a irritasse, Gwen não queria ver uma gota do seu sangue derramada.

Naquele momento, ele estava guardando as compras no porta-malas do carro, com os músculos tensionando a cada movimento. Pães, carne, frutas e vegetais, tudo em grandes quantidades. Os cheiros eram maravilhosos. Por várias vezes, dentro da loja, a tentação fora muito grande, ela ficara com água na boca e roubara. Mas suas habilidades estavam seriamente enferrujadas, pois Sabin a flagrara todas as vezes. Mas não dissera nada. Na verdade, a encorajara com um sorriso ou uma piscadela, como se estivesse orgulhoso dela. Isso a chocara, e ainda a chocava.

Ela se inclinou sobre a lanterna do carro.

— O seu demônio está a um passo de arruinar o meu dia.

— Eu sei disso, e sinto muito. E só para constar, você está linda, seu hálito está refrescante, eu nem estive com tantas mulheres assim e nenhuma delas era mais bonita ou mais inteligente que você.

Ele não mencionou o “corajosa”, notou Gwen.

— Quero que você me distraia. Conte mais sobre os artefatos que está procurando.

Ele fez uma pausa, deixando uma bolsa suspensa no ar. A luz do sol o envolvia, fazendo seus cabelos brilharem, soltos na brisa. Ele estreitou os olhos e a encarou, algo que faziam muitas vezes, pensou ela.

— Não posso falar sobre isso aqui, num lugar aberto como esse.

Seria uma desculpa para não lhe contar nada?

Ou a dúvida nascia de seu demônio, que fazia com que ela duvidasse?

Ahh!

— Pode me contar, eu trabalho para você agora. — Não trabalhava? Não tinham chegado ao

acordo de que ela cuidaria dos serviços burocráticos? Ela ainda não dissera o seu preço, mas porque ela só tinha pensado em ter um quarto e refeições naquela fortaleza. Tipo, para sempre. Quão ridículo era isso? — Vou ajudá-lo a encontrá-los.

— E eu vou lhe contar tudo sobre eles. Mais tarde.

Tudo bem, talvez o demônio a *estivesse* perturbando.

Sabin voltou a guardar as bolsas, esquecendo-se dos cuidados ao jogá-las com um movimento brusco dos pulsos. Ela se contraiu ao ouvir os ovos se quebrando.

— Aliás, não chegamos a um acordo sobre as suas tarefas — disse ele.

Gwen ergueu um dos cotovelos acima da cabeça e repousou a cabeça em uma das mãos, com as unhas cravando o próprio couro cabeludo.

— Você acha que não sou capaz de fazer o trabalho burocrático, ou não me respeita o suficiente para permitir que eu prove ser capaz de fazer isso?

— Espere. Você acaba de lançar a palavra com *R* quando falamos sobre trabalho burocrático? — Ele moveu o queixo da esquerda para a direita, fazendo estalos. — Qual o problema das mulheres? Você dá uns amassos e, de repente, qualquer coisa que você faz é falta de respeito por elas.

— Isso não é verdade. — Ele tinha que mencionar aquilo, não tinha? Só de falar sobre o que aconteceu, Gwen sentiu as gotas de água quente sobre a pele, sentiu suas mãos acariciando-a, seus dentes mordiscando sua pele. *Ele não é o tipo de homem que você quer para si mesma*. Era triste que precisasse ser lembrada disso. E provavelmente precisaria do lembrete mais uma vez. E novamente. — Um: eu estou oferecendo ajuda e você aceitou, mas nunca me disse realmente como devo começar. Dois: o chuveiro não tem nada a ver com isso. Na verdade, precisamos fechar um acordo: nunca mais vamos falar sobre o que aconteceu lá de novo.

Sabin olhou para ela, esquecendo completamente as bolsas:

— Por quê?

— Porque não quero lutar fisicamente contra o seu inimigo.

— Não, isso não. Não quero saber por que acha que eu não a respeito, ou por que eu quero que faça o trabalho burocrático, mas por que não quer voltar a falar sobre o que aconteceu no chuveiro?

Com as faces quentes, ela esticou o corpo e desviou o olhar.

— Porque não.

— Por quê? — insistiu ele.

Porque eu vou querer mais.

— Porque misturar negócio e prazer é mais perigoso que nós dois juntos — respondeu ela, seca.

Um músculo se mexeu abaixo dos seus olhos e ele a encarou, analisando-a, ela tinha certeza, e esperando que ela voltasse atrás. Mas ela não voltou, e Gwen não se surpreendeu com isso. Ela não tinha medo dele, percebeu. Nem um pouco.

— Entre no carro — ordenou ele.

— Sabin.

— Carro.

Maldito homem dominador!

Quando já estavam dentro do carro, com os cintos de segurança colocados, ele ligou o motor,

mas não deu a partida. Colocou os óculos de sol no rosto, pousou uma das mãos na coxa de Gwen e a encarou.

— Agora que estamos a sós, não me importo de lhe contar sobre os artefatos. Mas, assim que souber de tudo, estará definitivamente ligada a mim. Não poderá fugir com as suas irmãs, nem sair da fortaleza sozinha. Entendido?

Espere. O quê?

— De quanto tempo estamos falando aqui?

— Até que eles sejam encontrados.

O que poderia significar poucos dias ou uma eternidade. O que ela secretamente preferira, e não por não ter outra escolha.

— Não concordo com isso. Fiquei presa por um ano e não quero voltar a viver em confinamento. Eu tenho uma vida para recuperar, você sabe. — Bem, mais ou menos. Ela nem tentara voltar à velha vida. E também não quisera. — Tenho coisas a fazer, pessoas a visitar.

Ele deu de ombros.

— Então, você não vai tirar nenhuma informação de mim. — Com isso, ele fez uma manobra, entrando com o carro na pista. Dirigia devagar, seguindo o tráfego. Seu cuidado era... Estranho. Não combinava com a personalidade de quem vivia sempre à beira do abismo. Seria por ela? Para mantê-la a salvo? Esse pensamento até que era fofo.

Não ouse amolecer em relação a ele!

— Você gosta de ficar na fortaleza. Admita — disse ele.

Essa informação poderia ser usada contra ela? Sim. Mantê-la em segredo poderia ser uma vantagem para ela? Sim. Uma mentira serviria igualmente, ou seria ainda mais apropriada? Sim. Porém, quando abriu a boca, foi a verdade que escapou de seus lábios.

— Certo. Eu admito. Estive sozinha e com medo por um ano. E você e seus amigos apareceram. De repente, eu já não estava sozinha. Continuei com medo, mas ninguém me fez mal ou me ameaçou, e me sentir em segurança é tão maravilhoso que não pensei em ir embora.

— Você poderia receber o mesmo sentimento estando perto de suas irmãs — disse ele, num tom de voz mais tranquilo, massageando a perna de Gwen com os dedos. — Certo?

— Certo. — Mais ou menos. — Poderia ter mentido sobre o que aconteceu, eu acho, pois assim não haveria tensão, mas elas sempre percebem quando não falo a verdade. Posso mentir para qualquer pessoa, menos para elas. — E para Sabin, como tudo indicava. — Estar com vocês é como estar de férias da minha vida. Com a diferença de que vocês querem que eu trabalhe nas minhas férias. Mas, tudo bem — acrescentou ela rapidamente —, desde que seja trabalho de escritório.

Ele deu um suspiro alto e longo, e o som dele ecoou por todo o veículo.

— Preste atenção, pois só vou dizer isso uma vez. São quatro artefatos. A Jaula da Coação, o Cetra Divisor, o Manto da Invisibilidade e o Olho que Tudo Vê. De alguma maneira, quando esses quatro objetos estiverem reunidos, eles indicarão o caminho para a caixa de Pandora. Já temos dois artefatos: a Jaula e o Olho.

— E o que eles são exatamente? Nunca ouvi falar neles.

— Qualquer um que é colocado na Jaula é forçado a fazer qualquer coisa que lhe seja ordenada.

Seja lá o que for. Nada é sagrado, desde que não atinja Cronos. Como ele a tinha construído, de alguma forma conseguiu fazer com que não pudesse ser usada contra si mesmo.

Uau! Gwen não podia deixar de admirar qualquer um com tanto poder. Ela não conseguia dominar nem seu lado obscuro.

— Não sabemos exatamente o que faz o Cetro. O Manto é autoexplicativo e o Olho nos mostra o que está acontecendo no céu. E no inferno. — Ele apoiou a cabeça nas costas do assento, com os olhos presos à rua. — Danika é o Olho.

Puxa, uau duplo! Aquela menina loira e delicada, que parecia tão normal, podia ver as maravilhas do céu e os horrores do inferno? Coitada. Gwen sabia o que era ser diferente, ser... Mais. Talvez elas pudessem ser amigas e conversar sobre seus problemas. Isso não seria legal? Ela nunca tivera amigas.

— E como encontraram a Jaula e o Olho?

— Seguimos pistas deixadas por Zeus, para que ele mesmo, um dia, pudesse encontrá-los.

Como uma caça ao tesouro. Supermaneiro.

— Posso ver a Jaula? — Ela não conseguia esconder a excitação em sua voz. Suas irmãs, mercenárias, muitas vezes a deixavam sozinha em casa enquanto assombravam o mundo em suas caçadas. Ela sempre quis participar. Ou pelo menos aproveitar os lucros de suas vitórias. Mas suas irmãs sempre repassavam o item ao seu novo dono antes de voltar para casa, e por isso Gwen nunca via nada.

Sabin desviou a atenção para ela por um instante, e Gwen sentiu o calor de seu olhar.

— Não é necessário — disse ele, firme.

— Mas...

— Não.

— Poderia me fazer mal?

— Muito, na verdade.

— Certo. — Mais uma vez, ela seria deixada de fora. Tentou esconder sua decepção. — O que vocês pretendem fazer com a caixa de Pandora quando a encontrarem?

Os dedos dele empalideceram ao redor do volante do carro.

— Fazê-la em pedacinhos.

A resposta de um guerreiro. Ela ficou feliz.

— Anya disse que a caixa poderia retirar os demônios de vocês, matá-los ou prendê-los do lado de fora.

— É verdade.

— O que acontece se vocês forem mortos sem a caixa? Os demônios também morrem?

— Quantas perguntas — disse ele, estalando a língua.

— Desculpe-me. — Ela traçou um círculo em volta do próprio joelho. — Sempre fui muito curiosa. — E aquela curiosidade quase a matara várias vezes. Certa vez, ainda criança, ela estava explorando a montanha onde vivia sua família e encontrou um rio calmo, sereno. Se mergulhasse, poderia ver os peixes nadando lá dentro? Ela imaginou quantos seriam, pensou, e que cor teriam? Poderia pegar um deles com as mãos?

No momento em que ela mergulhou, a água gelada eliminou todas as suas forças. Nem

importava o fato de não haver correnteza. Ela não tinha energia para se manter na superfície. A harpia acabou assumindo o controle, mas as águas congelaram suas asas, não permitindo que voasse. Kaia ouviu seus gritos de pânico e a salvou. Acabou levando a maior bronca de sua vida. Mas isso não fez com que parasse de imaginar como eram aqueles peixes idiotas.

— ... está me ouvindo? — perguntou Sabin, interrompendo seus pensamentos.

— Não. Sinto muito.

Ele moveu os lábios. Ela adorava quando Sabin fazia isso. Fazia aquele homem imortal ficar com aparência... humana.

— O que estou contando é informação privilegiada, Gwen. Você entende isso, não entende?

Ah, claro. Ela entendia. Podia ser usada contra ele, dando aos Caçadores uma chance de feri-lo.

— Você me salvou. Não vou traí-lo, Sabin. Mas se acha que sou capaz de fazer isso, por que me quer na sua equipe? — O fato de ele não acreditar nela a magoava mais do que ela imaginava ser possível. *Talvez ele não consiga evitar. Talvez seu demônio não permita que confie em ninguém.* Ela piscou os olhos. Fazia sentido, e não doía tanto.

— Eu confio em você. Mas você poderia ser capturada e torturada para dar a informação. Sei que é forte e ágil, e que isso não aconteceria, mas se eles conseguiram capturá-la uma vez...

A boca de Gwen ficou seca.

— Eu... ahn... — Torturada?

— Não que eu fosse permitir que isso aconteça.

Lentamente, ela se acalmou. Claro que ele não permitiria que isso acontecesse. Nem ela. Ela era covarde, mas também era muito má quando queria ser, e aprendera sua lição.

— Continuo querendo a informação.

— Ótimo, pois isso era um teste, e você passou. O que eu lhe contei não pode ser usado contra mim, pois os Caçadores já conhecem a história. Se eu morrer e a caixa não estiver por perto, o demônio ficará livre. Enlouquecido, perdido e mais perigoso e destrutivo que nunca, mas livre.

Ela arregalou os olhos.

— Por isso eles preferem capturá-lo, em vez de matá-lo.

— Como você sabe disso?

— Tropas diferentes entravam e saíam constantemente nas catacumbas, mas sempre que um regimento saía para lutar, eu não sabia contra quem naquela época, eram lembrados de que não deveriam matar, apenas ferir e...

— Droga! — disse ele, de repente, interrompendo-a. — Estamos sendo seguidos. Droga! — E bateu o punho contra o volante. — Devo ter me distraído, ou já os teria visto antes.

Ignorando a acusação na sua voz e a nova sensação de dor que vinha com ela, Gwen endireitou o corpo no assento, olhando através dos vidros escuros. Com certeza, havia três carros atrás deles virando a esquina. Todos com os vidros escuros, então ela não conseguia ver quantas pessoas havia dentro deles.

— Caçadores?

— Com certeza. Droga! — Ele rosnou mais uma vez, e foi o único aviso que ela teve antes que um quarto carro surgisse na frente deles. *Bum! Crash!* Metal se chocou contra metal.

Ela foi atirada para a frente, mas se salvou por causa do cinto de segurança e do airbag.

— Você está bem? — perguntou ele.

— Estou — ela conseguiu responder. Seu coração batia descontroladamente, seu sangue corria como gelo pelas veias.

Sabin já buscava suas lâminas presas ao corpo, as pontas de prata brilhavam contra a luz do sol.

— Fique trancada aqui dentro — disse ele, deixando duas facas no espaço entre os dois bancos.

— A menos que queira lutar. — E não deu tempo para que ela respondesse, saindo do carro e batendo a porta atrás de si.

A bile chegou à garganta de Gwen quando ela trancou a porta. Bile misturada à vergonha e ao medo. Como poderia ficar ali, sentada, permitindo que ele lutasse... Ela passou os olhos pelos grupos que saíam dos veículos agora parados, correndo na direção dele, com as armas em punho... Catorze homens e ele sozinho! Meu Deus! Catorze!

Ela não podia.

Pop. Whiz.

Eu sou uma harpia. Posso lutar. E posso vencer. Posso ajudá-lo.

Suas irmãs não teriam hesitado. Estariam em cima dos carros, destroçando os capôs antes que as rodas parassem de girar. *Eu posso fazer isso. Eu posso.* Com as mãos trêmulas, ela levantou as armas. Eram mais pesadas do que pareciam, queimavam como lava contra sua pele muito fria.

Só uma vez. Ela lutaria apenas dessa vez. Mas era isso. Depois se dedicaria integralmente ao trabalho burocrático. Após vários sons de golpes, ela soltou um uivo. *Sim, eu posso fazer isso. Talvez.*

Onde diabos estaria a harpia? Sua visão estava normal, não infravermelha, e não sentia sede de sangue na boca.

A vagabunda preguiçosa devia estar sedada pela comida e por tantos toques, dormindo talvez. Se Gwen não tivesse passado tanto tempo suprimindo seu lado obscuro, talvez soubesse como ativá-lo. Mas, agora, parecia estar sozinha.

Pop. Um grito.

Não posso ficar aqui para sempre. Engolindo em seco, tremendo, ela saiu do carro. E o que viu era horrível. Sabin, preso numa dança letal, com os braços esticados, facas cortando, sangue jorrando. Caçadores abrindo buracos de bala em seu corpo. Para seu crédito, ele não fugira.

— Demônio estúpido, saindo sozinho — disse um dos estranhos. — Devolva nossas mulheres e seguiremos nosso caminho.

Gwen deveria saber que os Caçadores retaliariam pelo que acontecera nas catacumbas.

Sabin bufou.

— Suas mulheres se foram.

— Não a de cabelos vermelhos. Nós a vimos com você. Aquela prostituta deve ter se envolvido bem rápido.

— Chame-a assim mais uma vez. Eu o desafio.

Havia tanta fúria em sua voz que Gwen ficou surpresa de os Caçadores não o atacarem imediatamente.

— Ela é uma prostituta, e você é um idiota. Vou misturar você com cobre, fazê-lo reviver e passar

o resto dos meus dias fazendo-o pagar pelo que fez no Egito.

— Você matou nossos amigos, seu desgraçado — gritou outro Caçador.

Sabin não disse mais nada. Continuou a desafiá-los, com os olhos brilhando, vermelhos, um pedaço de osso pontudo e torto de repente ficou visível sob sua pele. Os corpos formavam um círculo ao seu redor, mas por quanto tempo aguentaria? Havia... Mais oito. Ainda atirando nele. Não para matar, mas para deixá-lo incapacitado, miravam nas panturrilhas e nos braços.

Gwen quase podia ouvir o seu demônio dizendo coisas perigosamente inseguras nos ouvidos deles: *Vocês não podem vencê-lo, e sabem disso, certo? Há uma grande chance de sua esposa ter de identificar seu corpo hoje à noite.*

Bloqueando o som, reunindo toda a coragem que tinha, distrairia os Caçadores, permitindo que Sabin atacasse. Isso, isso. Um bom plano. Certo. Mas como distraí-los enquanto Sabin avançava e trabalhava com sua magia? Sem ser morta ou mutilada no processo?

Mas a resposta veio rapidamente, e ela quase vomitou. Não, não, não. *Mas não temos outra saída,* disse outra parte sua.

Isso é estúpido e suicida, respondeu a outra parte. Não importava. Ela faria alguma coisa, seria corajosa pela primeira vez na sua vida, e isso era... Bom. Muito bom, na verdade. Ela sentia medo, ainda tremia, mas nada a deteria. Não daquela vez. Sabin a salvara dos Caçadores, ela lhe devia uma. Mais do que isso, ao olhar para os homens parcialmente responsáveis por seu ano no cativeiro, sentiu o direito e o dever de machucá-los.

Sabin tinha razão. Seria prazeroso destruir o inimigo, bem de perto e pessoalmente. O único problema era que ela não fora treinada como suas irmãs. Sabia o que fazer, mas será que conseguiria mesmo vencer?

Precisava tentar. O que poderia ser pior do que o que estava a ponto de acontecer? Bem, ela poderia morrer. Gwen respirou fundo, esticou o corpo e balançou os braços no ar, com as lâminas brilhando sob o sol.

— Vocês me querem? Venham me pegar.

A dança da morte cessou. Todos os olhares se voltaram na sua direção. Ela atirou uma das facas, que decolou no ar como se estivesse a ponto de causar algum dano. Mas acabou caindo no chão, inutilmente. Droga!

Gwen se curvou, mas um dos Caçadores atirou antes que ela conseguisse se cobrir completamente, com seu amigo gritando “Não a mate”, e empurrando os braços dele para que mudasse a direção de sua mira. Mas era tarde demais. A bala se alojou no ombro de Gwen, e uma dor aguda tomou conta do seu corpo, jogando-a para trás.

Ela ficou ali deitada por um momento, confusa, ofegando, com o braço doendo muito. Mas ser atingida não fora tão ruim quanto imaginara, pensou. Sim, doía muito, mas a dor era contornável. Especialmente quando sua visão começou a voltar ao normal e ela pôde ver o céu azul e as nuvens mais uma vez. Ouviu passos distantes, carros desviando. Esperava ter conseguido distrair os Caçadores o suficiente para que Sabin conseguisse vencer.

— Agarre-o — gritou alguém. — Eu vou pegar a menina.

Sabin rugiu, um som infernal que quase fez explodir os tímpanos de Gwen. Depois uma bala

ricocheteou no aro da roda do carro e atingiu diretamente o seu peito. Outra dor fortíssima tomou conta dela. E essa dor não era tão contornável. Seu corpo tremia por inteiro, os músculos se contraíam dolorosamente. Porém, o que mais a chateava era o fato de ver o sangue quente manchando sua camiseta nova. Uma camiseta que ela mesma escolhera. Uma camiseta que Sabin gostava de vê-la vestindo.

Está destruída. Minha camiseta nova está destruída. Nesse momento, a harpia acordou, raivosa, finalmente.

Mas era tarde demais. A força de Gwen se esvaía dela junto com seu sangue. Sua visão ficou completamente escura. Sentiu muito sono, mas relutou. *Não posso dormir. Não agora, não aqui.* Havia muita gente ao seu redor. Estaria mais vulnerável que nunca. Seria uma desgraça para sua vida. Voltaria a ser um alvo.

— Gwen! — gritou Sabin. A distância, ouviu-se um corte repugnante, como se membros estivessem sendo arrancados, — Gwen, fale comigo.

— Eu estou... Bem.

A escuridão finalmente a engoliu por completo. E dessa vez não tinha como evitá-la.

Capítulo Quinze

A REUNIÃO COM Sabin ia começar a qualquer momento, e Aeron ainda não vira qualquer sinal de Paris. Ninguém vira, e os casais de apaixonados saíam de seus quartos em momentos distintos, vindo de várias direções.

Ele se preocupava com o guerreiro todas as noites. Nunca vira o guerreiro, normalmente tão otimista, tão pálido. Algo estava errado. E não seria tolerado. E por isso Aeron estava de pé na frente do quarto de Paris, batendo com insistência na porta.

Não houve resposta. Nem mesmo o som de passos.

Levantou o punho para bater novamente na porta, dessa vez mais forte, mais alto.

— Meu Aeron, meu querido Aeron.

Ouvindo aquela voz familiar e infantil, ele recuperou a esperança e se virou. Lá estava ela. Sua menina. Legião. Ele só a conhecera pouco tempo antes, mas ela já se tornara a parte preferida do seu ser, conseguindo penetrar em seu coração graças à sua fidelidade inquestionável. Era a filha que, secretamente, sempre quis ter.

Quando olhou para o pequeno demônio que batia na sua cintura, careca, de olhos vermelhos, com garras e uma língua bifurcada, todas as suas preocupações desapareceram, se esqueceria de Paris por um tempo.

— Venha aqui — disse, em tom áspero.

Era tudo o que ela precisava ouvir. Sorrindo abertamente, mostrando aqueles dentes pequenos e afiados, pulou no seu colo, agarrando-se aos seus ombros e envolvendo seu pescoço. Ela o abraçava com força, tirando-lhe o ar, mas ele não se importava. Aquele abraço forte era a sua versão de um abraço.

— Sssssenti sssua falta — disse ela. — Muito.

Ele coçou a parte de trás das orelhas de Legião, como ela gostava. Em pouco tempo, ela estava ronronando.

— Onde você esteve?

Ele gostava de tê-la por perto, gostava de saber que estava bem.

— Inferno. Você sabe disso. Mim avisou.

Sim, ele sabia, mas esperava que tivesse mudado de ideia e ido a outro lugar. Ela odiava o inferno,

mas Sabin continuava convencendo-a para que voltasse, a fim de... “Ajudar” Aeron em seu trabalho de reconhecimento de território. Os companheiros dela por lá percebiam suas boas intenções e a ameaçavam, assustando-a como se fosse uma alma perdida, e não uma deles.

— Alguém machucou você? — perguntou ele.

— Tentaram. Mim correu.

— Ótimo. — Ele encontraria uma forma de entrar naquela caverna flamejante, se tivessem tocado em um centímetro do corpo dela.

Legião deslizou o corpo, pousando seus cotovelos nos ombros dele e encostando a face contra a dele. O toque era quente, como ferro em brasa, mas ele não se afastou. Nem recuou quando ela roçou a ponta do canino envenenado em seu queixo. Não importava o motivo, Legião o adorava. Preferiria morrer a machucá-lo, e ele preferiria morrer a decepcioná-la.

A única vez em que ela ficara chateada com Aeron foi quando ele viajou até os limites da cidade para observar os cidadãos. Um hábito dele. A fraqueza e fragilidade dos humanos o deixavam desgostoso e extasiado. Pareciam alheios ao fato de que estavam destinados a morrer, qualquer dia, e Aeron queria muito entender o que isso significava naquelas cabeças.

Legião imaginou que ele estaria buscando uma potencial amante e ficou louca: *Você me pertence. A mim!* E somente após garantir que nunca se ofereceria a criaturas tão frágeis, ela se acalmou.

— Osss olhossss... Desapareceram — disse ela, demonstrando alívio.

Os olhos... seu perseguidor. Sim, os tais “olhos” tinham desaparecido. Mas por quanto tempo? Aquele olhar o perfurava várias vezes, mas nunca na mesma hora do dia ou da noite. Na última vez em que o sentira, estava tirando a roupa para entrar no banho. Antes de tirar a cueca, estava sozinho.

— Não se preocupe. Eu vou descobrir quem ou o que é isso. — Seja lá como for. — E vou detê-lo. — Fazendo o que fosse preciso.

— Rá-rá. Eu aprender para você! — disse Legião, batendo palmas, feliz, mas começando a fazer beicinho. — Ela sssser uma menina. Um anjo. — Sufoco, tremedeira.

Ele piscou os olhos, ela devia estar enganada.

— O que você está dizendo? Um anjo?

— Do... — Outra sensação de sufoco. — Do céu. — Outra tremedeira.

Por que um anjo dos céus o observaria? Uma fêmea? Em aparência, ele devia ser deplorável. Tatuado, com piercings... Bruto.

— Como você sabe disso?

— Todos esstão comentando no inferno. É por issso que eu voltei, para avisssá-lo. Essstão dizendo que anjo essstá em apurossss por ssseguir SSSSenhor do Mundo Subterrâneo. Dizem que ela essstá a ponto de cair.

— Mas... Por quê? — E o que acontece com os anjos quando eles caem?

— Não ssssei. Mas ela esstá em grande perigo. Grande, grande perigo.

— Eles só podem estar enganados. — Aeron entenderia que um deus ou uma deusa estivesse observando seus movimentos. Eles queriam os artefatos, queriam a caixa. Cronos, rei dos Titãs, adoraria ter os guerreiros para ele outra vez, exigindo que matassem seus inimigos ou os fizessem sofrer.

Como Aeron sabia muito bem.

— Eu odeio ela — disse Legião.

Se a tal sombra que o seguia fosse mesmo um anjo, isso certamente explicaria por que Legião não podia permanecer em sua presença. Os anjos, ele soube por Danika, eram demônios assassinos. Não eram controlados pelos deuses, mas por um ser único que ninguém podia ver. Apenas... Sentir.

— Talvez ela esteja aqui para me matar — refletiu ele. Claro, agora fazia sentido, considerando o que ele era. Mas por que ele, por que não outro Senhor possuído por um demônio? Por que agora? Ele e os outros guerreiros caminhavam pela Terra havia milhares de anos. Aqueles anjos sempre os deixaram em paz.

— Não! Não, não, não. Eu matar *ela*! — Foi a resposta fervente.

— Eu não quero que você a desafie, querida — disse Aeron, acariciando a cabeça de Legião. — Vou pensar em alguma coisa. Você tem a minha palavra. E sou grato pela sua informação. — Ele não aceitaria uma sentença de morte tão facilmente; precisava proteger Legião. Não aceitaria que os artefatos fossem roubados de seus amigos, se era isso o que o anjo queria. Havia muitas vidas em jogo.

O que ele *faria* era conversar com Danika, descobrir tudo o que pudesse sobre sua nova sombra. E saber como destruí-la.

Gradualmente, Legião relaxou contra seu corpo. Ele estava grato ao ver que podia tranquilizá-la, assim como ela o tranquilizava.

— O que esssstá fazendo aqui? Eu querer brincar de pegar e arranhar.

— Não posso. Agora não. Preciso ajudar Paris.

— Ah... — disse ela, esfregando as mãos animadamente mais uma vez, com suas longas unhas roçando umas contra as outras. — Vamosss brincar com ele!

— Não. — Ele não gostava de recusar suas ofertas, mas queria manter seus amigos vivos. E quando o assunto envolvia Legião e suas brincadeiras, a morte normalmente estava em jogo. — Preciso dele.

Seguiu-se um momento de silêncio, depois ela suspirou:

— Certo. Mim ficar chateada sssssó por você.

Aeron sorria ao se virar para a porta. Ao ver que Paris não respondeu aos seus chamados seguintes, girou a maçaneta. Estava trancada.

— Afaste-se, querida. Vou derrubar isso.

— Não. Não. Mim resolver.

Legião desceu pelo peito de Aeron, com a parte de baixo do corpo ainda ancorada ao seu pescoço, enquanto usava as garras para desmontar o cilindro. *Clique*. Um barulho de dobradiças e a porta se abriu. Risadinhas.

— Essa é minha menina.

Ela se empertigava enquanto Aeron entrava no quarto. Um dia, aquele lugar fora um ninho sensual, com várias bonecas infláveis, brinquedos sexuais e lençóis de seda por todos os lados. Mas as bonecas passaram a ter buracos pelo corpo... E não eram os buracos normais. Tinham sido cortadas. Os brinquedos estavam empilhados na lixeira e a cama perdera todas as futilidades.

Após uma rápida busca, encontrou Paris no banheiro, debruçado sobre o vaso, gemendo. Seus cabelos, uma linda mistura de fios negros e castanho-dourados, estavam presos com um nó na base de seu pescoço. Normalmente clara, sua pele agora estava pálida, e suas veias estavam grossas e brilhantes. Havia sombras escuras sob os seus olhos, e suas íris tinham um azul sombrio.

Aeron se agachou ao seu lado, olhando para os frascos e bolsas espalhados pelo chão de ônix. Ambrosia e álcool humano, em grande quantidade.

— Paris?

— Fique quieto — disse ele, gemendo com mais força, depois vomitando o que restava em seu corpo.

Quando terminou, Aeron disse:

— Posso fazer alguma coisa por você?

— Sim — disse ele, num tom quase inaudível. — Vá embora.

— Veja como fala, sssseu...

Aeron fez um sinal para que Legião ficasse em silêncio, e milagrosamente ela ficou. Saiu de perto dele e se recostou num canto do banheiro, com os braços cruzados sobre o peito e o lábio inferior tremendo. A intensidade de sua culpa repentina quase o fez buscá-la de volta. *Cuide de Paris antes.*

— Há quanto tempo não faz amor? — perguntou Aeron ao amigo.

Outro gemido.

— Dois... Três dias — murmurou Paris, limpando a boca com as costas das mãos.

O que significava que Paris não estivera com nenhuma mulher desde antes de seu retorno. Mas Aeron sabia que Lucien levava o guerreiro à cidade todas as noites que passaram no deserto exatamente por isso. Teria o guerreiro tido problemas para encontrar uma parceira?

— Vou levá-lo à cidade. Você pode...

— Não. Eu só quero Sienna. Minha mulher. Minha.

E agora? Pelo que Aeron sabia, Paris estava solteiro como nunca, pulando de mulher em mulher... Algumas vezes tendo duas ou três ao mesmo tempo. Devia ser efeito da ambrosia, pensou Aeron. Ainda assim, não resolveria nada estragar o humor dele.

— Diga onde ela está e vou buscá-la.

Uma risada amarga.

— Impossível. Ela está morta. Os Caçadores a mataram.

Certo, era uma informação muito específica para ser fruto da ambrosia. Mas Aeron nunca vira a tal Sienna, nunca ouvira falar dela.

— Cronos disse que me devolveria Sienna, mas eu escolhi você. Sabia que você odiava a sede de sangue. Sabia que Reyes morreria sem a sua loira. Então abri mão dela. Nunca mais a verei novamente.

Subitamente, todas as peças se encaixaram. A razão do comportamento recente de Paris, o motivo de a sede de sangue de Aeron ter desaparecido. Paris deve ter conhecido a garota na Grécia, enquanto procurava a caixa no Templo de Todos os Deuses. Pelos deuses. Ele abriu mão de sua amada por Aeron.

Aeron não tinha nenhuma mulher, nunca quisera ter, mas notava a forma como Maddox tratava

Ashlyn, como Lucien tratava Anya e como Reyes tratava Danika. Morreriam uns pelos outros. No caso de Ashlyn, ela já morrera. Eles sentiam falta dos seus amantes, os desejavam, ficavam loucos quando estavam longe deles.

Chocado, os joelhos de Aeron começaram a doer e ele se sentou no chão frio. A grandeza da ação de Paris assentou com um peso enorme sobre seus ombros.

— Por que você fez isso?

— Amo você.

Simples assim.

— Paris...

— Não. — O guerreiro ergueu suas pernas trêmulas, mesmo sem equilíbrio.

Aeron ficou de pé num instante, passando um dos braços pela cintura do amigo e segurando-o firme. Quando tentou dar um passo à frente, levando Paris à cama, o guerreiro grunhiu e apertou o estômago. Aeron o segurou contra o próprio peito.

Em vez de levá-lo para a cama, Aeron o levou à banheira. Logo a água quente e corrente batia em seu corpo, lavando as evidências de seu mal-estar. Quando Paris se livrou de suas roupas, Aeron lhe entregou um pano e um sabonete, e esperou que o guerreiro se lavasse dos pés à cabeça. Todo o tempo, Paris olhava para além das paredes do banheiro, como se mentalmente estivesse em vários lugares ao mesmo tempo.

— Paris, me dói muito você ter feito isso consigo mesmo — disse Aeron, em tom suave. — E por mim. Eu não merecia.

— Vou me recuperar — disse Paris, mas Aeron sabia que nenhum dos dois acreditava nisso.

Após ter desligado a água, entregou uma toalha ao amigo. Teria secado Paris com as próprias mãos, mas o orgulho daquele cara enorme talvez não gostasse disso.

— Vá embora — disse Paris, saindo da banheira.

— Ou você vai andando para a cama, ou eu mesmo vou carregá-lo — disse Aeron.

Paris grunhiu baixinho, mas não fez qualquer comentário. Deitou-se no colchão, quicando uma vez. Aeron o seguiu de perto, depois ficou olhando para ele, sem saber o que fazer. Paris nunca parecera tão perdido ou frágil, e ao notar isso ficou com lágrimas nos olhos. Não apenas pelo que Paris fizera por ele, mas por sua amizade, por lutar ao seu lado, por aceitar feridas de bala e faca por ele, por ouvi-lo reclamar da vida, da sua e da vida dos outros, de quando eram guerreiros sob o comando dos deuses, e queria mais.

Não poderia deixá-lo daquela maneira. E isso significava que deveria ir à cidade e encontrar uma mulher para Paris.

Inclinando-se sobre ele, tirou alguns fios de cabelo do rosto do guerreiro.

— Vou melhorar essa situação. Vou mesmo.

— Consiga mais um pacote de ambrosia. — Foi sua resposta frágil. — É tudo o que eu preciso.

— Rá-rá — disse Legião, contente, abandonando subitamente sua tristeza. Ela correu ao quarto e se jogou na cama. — Mim sssaber onde conssssseguir!

Paris soltou mais um murmúrio quando o colchão tremeu.

— Então, corra.

Aeron franziu a testa para Legião, e seu sorriso desapareceu. Com a cabeça pendendo, ela subiu em seus ombros.

— O que esssstá errado agora?

— Não o encoraje. Não queremos que fique pior, queremos que se recupere.

— Sssinto muito.

E ele coçou a parte de trás dos ouvidos de Legião.

— Voltarei — disse a Paris, saindo do quarto e fechando a porta. Por sorte, todos estavam na sala de entretenimento, esperando o início da reunião. Se é que já não tinha começado. Ele conseguiu chegar à sala sem cruzar com ninguém e abraçou Legião com muita força antes de deixá-la no espaço que Maddox construía para ela.

— Fique aqui — disse ele, seguindo para o seu armário. Em poucos segundos estava ornado com várias facas. Queria levar uma arma, para o caso de surgir a necessidade, mas não queria que a humana, quem quer que ele escolhesse, tivesse acesso a ela enquanto ele estivesse preocupado em voar.

— Masssss... Masssss... Mim acabar de chegar. Mim ssssentiu ssssaudades de você.

— Eu sei, eu também senti saudade de você. Mas as pessoas da cidade já têm medo de mim. Acho que começariam uma guerra se me vissem ao seu lado. — Isso era verdade. Nunca encararam o rosto tatuado de Aeron com a mesma reverência que demonstravam frente aos demais guerreiros. — Preciso encontrar uma mulher para Paris e trazê-la voando para cá.

— Masssss você pode carregar duassss: eu e ela.

— Não. Sinto muito.

— Não! — Ela bateu com o pé no chão, os olhos vermelhos brilhando. — Não quero mulheresss ssssozinhas com você.

Ele sabia que o ciúme de Legião não era romântico, mas sim o ciúme de uma criança, mais ou menos como o que acontece quando um pai volta a se casar com outra pessoa.

— Já conversamos sobre isso, Legião. Eu não gosto de mulheres humanas.

Quando se entregasse a uma mulher, seria uma forte imortal, uma que fosse dura, resistente, que dificilmente seria destruída.

O que ele não entendia era como Paris e os outros podiam levar humanas para a cama, sabendo que poderiam estar doentes ou envolvidas em coisas estúpidas, falta de cuidado ou crueldade de outros da mesma raça. Elas morreriam. Sempre morriam. Mesmo Ashlyn e Danika, a quem os deuses tinham prometido imortalidade, tinham suas fraquezas.

— Não vou demorar — disse ele. — Planejo pegar a primeira mulher que encontrar. Alguém nem um pouco atraente para mim.

— Promete? — perguntou ela, traçando uma das garras no veludo cor de esmeralda.

— Prometo — garantiu ele.

Isso a deixou um pouco mais tranquila, e ela suspirou.

— Certo. Mim ficar. Mim... — E seus lábios finos se curvaram.

Um instante depois, Aeron sentiu um par de olhos invisíveis sobre ele. Olhos quentes, curiosos, insistentes.

Legião tremeu e ficou pálida. O medo tomou conta do seu rosto.

— Não. *Nãããã!*

— Vá embora — ordenou ele, e ela foi sem hesitar, desaparecendo imediatamente.

Lentamente, ele girou o corpo, buscando outro sinal do... Anjo? Não havia nada, nenhuma luz, nenhum cheiro celestial. Tudo estava como sempre. Trincou os dentes. Queria encontrar aquela criatura, exigir que se mostrasse a ele e acabasse de uma vez com tudo aquilo. Mas não podia. Não tinha tempo. Mais tarde, pensou.

Tirou sua camisa e jogou-a no chão, olhando para seu peito tatuado. Cenas de batalha, rostos. Não queria esquecer as coisas que fizera. As pessoas que vira sendo massacradas. Ou temia se transformar no próprio mal contra o qual sempre lutara. Ele se transformaria em seu próprio demônio, Ira.

Não temos tempo para ficar pensando nisso. Com apenas uma ordem mental, suas asas saltaram dos compartimentos escondidos às suas costas, diáfanas, aparentemente muito frágeis, mas incrivelmente fortes. Naquele momento, imaginou ter ouvido um arquejo feminino. Logo depois, mãos quentes acariciavam suas asas, passando por cada curva e cada reentrância. Imediatamente, seu membro ficou ereto, era um traidor que precisava domar.

Droga. Não. Sentir desejo por um demônio assassino? Nem pensar.

— Não me toque — rosnou ele.

As mãos fantasmagóricas se afastaram.

Se ao menos a criatura fosse obedecê-lo sempre.

— Se machucar meus amigos ou pensar em roubá-los de mim, eu acabo com você, fazendo-a em pedacinhos. É melhor que desapareça para sempre.

Não houve resposta. Mas o olhar quente continuava presente.

Com os dentes rangendo, ele correu para as portas de sua varanda.

Do lado de fora, o ar quente o envolveu, perfumado com os aromas da natureza. Árvores tomavam conta dos arredores da fortaleza, buscando o céu. A distância, podia ver os telhados vermelhos das lojas e catedrais da cidade. Aquelas mãos quentes e suaves não voltaram a tocar seu corpo, pelo que ele estava grato. E não estava decepcionado, garantiu a si mesmo.

Determinado, saltou da varanda. Para baixo, para baixo. Ele bateu as asas uma vez e levantou voo, ganhando altitude. Fez uma curva para a esquerda, indo para o norte. Foi então que pôde ver a entrada da fortaleza e Sabin saindo do seu carro com Gwendolyn, sangrando e inconsciente, nos braços.

Aeron quis parar para ajudar, mas acabou batendo suas asas mais rapidamente e com mais força. Paris era mais importante. Naquele momento e sempre. Paris sempre viria em primeiro lugar.

Capítulo Dezesseis

SABIN TIVERA A intenção de manter pelo menos um Caçador vivo para interrogar, e talvez fazer uma pequena tortura. Mas eles atiraram em Gwen, e aquele desejo desaparecera. O segundo tiro fora um acidente, mas a ira o consumira. Era a maior raiva que já sentira na vida. Queria degolar todos eles, um a um, abrindo suas gargantas com a pressão de sua lâmina.

No caminho de volta à fortaleza, ligou para Lucien, que levou Maddox e Strider para limpar a cena do crime, voltando à fortaleza para reunir Gideon e Cameo numa busca pelos Caçadores que poderiam estar dando voltas por ali. Infelizmente, não havia qualquer sinal deles. O que não significava que não estavam lá, mas sim que estavam muito bem escondidos.

Queria assassinar mais uma dúzia deles, ou mais.

Nos dois dias posteriores, Gwen só recuperara a consciência poucas vezes. Confusa como estava, ele hesitou algumas vezes: levá-la ao hospital ou mantê-la na fortaleza? No final das contas, decidiu mantê-la em seu quarto. Ela não era humana. Os médicos poderiam fazer mais danos do que ajudá-la.

Mas *por que* ela não se recuperava mais rápido? Era imortal, uma harpia. Anya conhecia aquela raça e jurava que se recuperavam tão rapidamente quanto os Senhores. Porém, mesmo que ele tenha removido as balas, os buracos no corpo de Gwen permaneciam abertos, em carne viva.

Após analisá-la aquela manhã, Danika e Ashlyn sugeriram que ele colocasse Gwen na Jaula da Coação e exigisse que fosse curada. Encontrando uma esperança, ele fez isso. Mas ela piorou. A Jaula não funcionava dessa forma, e ele notou que, embora imaginassem conhecer as habilidades do artefato, na verdade ainda tinham muito o que aprender.

Sabin tentou clamar por Cronos, mas evidentemente o rei dos deuses o ignorava. Malditos deuses. Só apareciam quando queriam alguma coisa. E passou a torcer pela chegada das irmãs dela. Elas saberiam o que fazer, se não matassem todos os habitantes da fortaleza antes. O número que Gwen discara naquele dia ainda estava guardado no seu telefone, então ele resolveu ligar, pensando em pedir ajuda, em pedir que agilizassem a viagem. Mas a mulher que atendeu ficou louca ao notar que não era Gwen quem estava do outro lado da linha. E começaram as ameaças à sua masculinidade.

O que não foi um bom sinal do que estava para acontecer.

— Posso lhe trazer alguma coisa?

A pergunta veio da porta, e Sabin saltou de surpresa. Normalmente, nem uma aranha conseguia se aproximar de Sabin sem que ele percebesse. Mas ultimamente, qualquer coisa e qualquer pessoa conseguiam. Malditos Caçadores. Estavam espreitando pela cidade, observando-o, esperando que baixasse a guarda para tomarem Gwen. E ele não percebera nada.

— Sabin?

— Sim — disse ele, deitado na cama, com Gwen ao seu lado. Pelo menos, ela tinha parado de gemer de dor. *A culpa é minha, eu falhei com ela.* Pior: ele prometera a ela que os Caçadores nunca mais a machucariam. Não prometera? E se não prometera, deveria ter prometido. A culpa o consumia.

Você esperava menos?

Dúvida havia muito tempo torturava Sabin, sem deixar que descansasse nem por um momento.

— Sabin?

Com as mãos transformadas em punhos, olhou para Kane, que estava parado na entrada do quarto. Seus cabelos pretos, seus olhos castanhos. Havia uma mancha branca em sua face esquerda. Provavelmente era gesso. Os tetos adoravam soltar caquinhos sobre o guardião do Desastre.

— Você está bem, Sabin?

— Não. — Ele deveria estar planejando sua próxima investida contra o inimigo. Devia estar com seus homens, organizando a batalha. Devia estar nas ruas, caçando. Mas mal tinha forças para sair daquele quarto. Seus olhos, quando não estavam sobre Gwen, observando seu peito arfar, sua mente ficava imóvel, incapaz de defender-se de Dúvida logicamente.

O que estaria errado com ele? Gwen era apenas uma menina. Uma menina que ele queria usar. Uma menina que provavelmente morreria lutando contra seu inimigo, uma menina a que ele *pedira* que lutasse contra seu inimigo. Uma menina que não poderia ter. Uma menina que conhecia havia pouquíssimo tempo.

Estar com ela naquele momento, tomando conta dela, não era o mesmo que colocá-la em sua missão, garantiu a si mesmo. Após treiná-la, ela seria uma máquina mortífera. Nada a deteria. Por isso ele estava ali, por isso era incapaz de sair do seu quarto, desesperado pela sua recuperação.

— Como ela está? — perguntou uma voz feminina, de repente.

Mais uma vez, ele piscou os olhos, tentando se concentrar. Droga, sua mente estava muito confusa ultimamente. Ashlyn e Danika tinham voltado, ele perdera a conta de quantas vezes lhe visitaram, e estavam ao lado de Kane.

— Aguentando firme. — Mas por que não estava se curando, droga? — Como foi a reunião? — Por causa do ataque, a reunião fora adiada para aquela manhã.

Kane deu de ombros, e seu gesto pareceu irritar o abajur no canto do quarto, pois sua lâmpada soltou faíscas. As mulheres tomaram um susto e pularam. Acostumado a esse tipo de coisa, Kane continuou falando, como se nada tivesse acontecido:

— Todos estão de acordo. Baden não pode estar vivo. Tivemos sua cabeça em nossas mãos antes de queimá-lo. Alguém está se fazendo passar por ele, ou soltaram esse rumor para nos distrair de nosso propósito.

A segunda opção fazia mais sentido. Era exatamente como os Caçadores gostavam de agir. Por não serem tão fortes quanto os guerreiros, sua melhor arma era a trapaça.

Danika se aproximou de Gwen e tirou uns fios de cabelo do rosto da bela adormecida. Ashlyn a acompanhou e agarrou a mão de Gwen, provavelmente esperando ser capaz de passar suas forças para aquele corpo frágil. A preocupação delas o comoveu. Elas não a conheciam, não mesmo, e ainda assim se preocupavam. Porque ele se preocupava.

— Galen sabe que nós sabemos que ele lidera os Caçadores — disse ele a Kane. — Por que não voltou a atacar?

— Deve estar planejando alguma coisa. Reunindo suas forças. Espalhando mentiras sobre Baden para nos confundir, claro.

— Bem, eu vou matá-lo.

— Talvez mais rápido do que você pensa. Eu o vi ontem à noite, nos meus sonhos — disse Danika, sem erguer os olhos. — Estava com uma mulher. A cena era tão vívida que eu a pintei quando acordei essa manhã. Você quer ver?

Pobre Danika. Sofria com visões apavorantes quase todas as noites. Demônios torturando almas, deuses vencendo deuses, pessoas queridas morrendo. Sendo a mulher delicada que era, os horrores que via a assustavam, mas os enfrentava com um sorriso, pois eram úteis à causa do homem que amava.

O que Gwen faria se tivesse tais visões?, pensou ele. Tremeria como fizera aquele dia na pirâmide? Ou atacaria, com os dentes trincados, como a harpia que nascera para ser?

— Sabin? — disse Kane. — Sua distração está acabando com nossos egos.

— Sinto muito. Sim, por favor. Quero vê-la.

Danika estava a ponto de se levantar, mas Kane a deteve:

— Fique aqui. Eu vou trazê-la.

Ele desapareceu no corredor, voltando minutos mais tarde com um quadro que era maior que seu braço. Ele o ergueu, deixando que a luz iluminasse as cores escuras da pintura.

Parecia uma espécie de caverna, com paredes de pedra avermelhada e sujas de fuligem. Alguns ossos atirados ao chão sujo de poeira e com galhos espalhados. Ossos humanos, ao que parecia. E num canto estava Galen com as asas abertas. Seu rosto pálido encarava quem olhava para o quadro, e ele segurava um... Sabin teve que apertar os olhos para ver. Um pedaço de papel?

Havia ainda uma mulher ao lado dele, embora só uma parte do seu perfil pudesse ser vista. Era alta, magra, com cabelos negros. Sangue vertia do canto de sua boca. Sabin estudava o pedaço de papel.

— Nunca a vi antes.

— Nenhum de nós — disse Kane. — Mas existe algo de extremamente familiar nela, não acha?

Ele a observou mais de perto. Suas feições não eram familiares. Mas a forma como franzia a testa... O vinco no canto dos seus olhos... Talvez.

— Gostaria de ter tido uma visão melhor dela — disse Danika.

— Que você tenha visto o que quer que seja é um milagre — disse Ashlyn.

Kane concordou.

— Torin vai escanear o rosto com o computador e trabalhar com sua magia para formar um retrato completo e tentar descobrir de quem se trata. Se ela for imortal, provavelmente não estará em nenhum banco de dados humano, mas tentar não custa nada.

— Por que eles estão na pintura? — perguntou Sabin, tirando a mulher da sua mente e se concentrando no que havia ao redor.

— Não sei, mas estamos analisando isso também — disse Kane, apoiando o quadro nas botas. — Encontrar Galen se transformou na prioridade número um. Se pudermos matá-lo, talvez seja possível destruir os Caçadores de uma vez por todas. Sem a sua ajuda sobre os assuntos imortais, eles cairão.

Gwen se recostou nele, roçando sua coxa com o joelho.

Ele ficou gelado, não ousou respirar. Queria que ela despertasse, mas não queria vê-la sentindo dores. Mas vários minutos se passaram, e ela continuava na mesma posição.

Acho que ela vai morrer.

Dane-se.

Você é o culpado, não eu.

Isso, ele não poderia refutar.

— E quanto à nossa busca pela caixa? — perguntou a Kane. — E quanto aos treinamentos na escola especial ou seja lá para onde mandaram as tais crianças? Quero voltar ao Templo dos Impronunciáveis e procurar mais uma vez.

O templo ficava em Roma e apenas recentemente emergira do mar, um processo que começou quando os Titãs venceram os gregos e ganharam o controle dos céus. Por causa de Anya, ele sabia que tais templos eram usados como local de adoração, uma forma de fazer o mundo voltar a ser o que era: um playground para os deuses.

— São nossas prioridades dois, três e quatro — respondeu Kane. — Mas, conhecendo Torin, sei que ele deve estar fazendo várias buscas simultâneas em diferentes computadores. Alguns dias mais e provavelmente voltaremos à ativa.

Gwen estaria recuperada até lá?

— Alguma novidade sobre o terceiro artefato? — Algumas vezes, não havia horas suficientes no dia para fazerem tudo o que tinham de fazer. Lutar contra os Caçadores, buscar antigas relíquias dos deuses, se manterem vivos. Curar uma mulher delicada.

— Ainda não. Maddox e Gideon estão levando Ashlyn para fora, para que ela possa escutar.

Eles tinham esperança de que os Caçadores que vieram pegar Gwen tenham falado sobre seus planos. Como para onde planejavam levá-la. Ele explodiria o lugar apenas porque queria.

— Mantenha-me informado sobre os progressos.

Kane fez que sim novamente.

— Considere feito.

— Sabin!

Foi um chamado áspero e rouco, e viera de Gwen. Ele moveu a cabeça na sua direção. Os olhos dela estavam abertos, como se tentasse focalizar algo.

O coração de Sabin acelerou, seu sangue ficou quente.

— Ela está acordando — disse Danika, agitada.

— Talvez nós devêssemos... — Kane pressionou os lábios ao notar que a parte de baixo do quadro caíra no chão, mas ele agarrou o restante. — Sinto muito, Danika.

— Não se preocupe — disse ela, aproximando-se dele e segurando o quadro. — Pode ser colado. Ashlyn se aproximou dele, acariciando a própria barriga, que crescia.

— Vamos. Melhor deixarmos esses dois sozinhos.

E se foram, fechando a porta ao saírem.

— Sabin? — voltou ela a chamar seu nome, mais forte dessa vez.

— Estou aqui — respondeu ele, traçando seus dedos pelo braço de Gwen, oferecendo todo o conforto que podia. Seu alívio era palpável. — Como você está?

— Machucada. Fraca — respondeu ela, esfregando os olhos, tentando espantar o sono e dando uma olhada em si mesma. Estava coberta por uma camiseta preta e suspirou, aliviada. — Por quanto tempo estive apagada?

— Alguns dias.

Ela passou uma das mãos sobre o rosto cansado, ainda muito pálido para o gosto de Sabin.

— O quê? Sêrio?

Sua surpresa era genuína.

— Quanto tempo costuma demorar até curar suas feridas?

— Eu não sei. — Ela estava muito fraca, incapaz de segurar seu braço erguido por muito tempo.

— Nunca fui ferida. Droga, não acredito que caí no sono.

A afirmação dela o surpreendera.

— Isso não é possível. Nunca se machucou? — Todos, mesmo os mortais, esfolavam os joelhos, batiam com a cabeça e quebravam ossos em algum momento de suas vidas.

— Com irmãs como as minhas, protegendo-me o tempo todo, é o que acontece.

Então suas irmãs fizeram melhor trabalho que ele ao protegê-la. Isso o irritou.

Esperava algo diferente?

Eu o odeio hoje, e você sabe disso, certo?

Suas irmãs deixaram que fosse capturada, lembrou a si mesmo. *Ele* a salvara.

— Imaginei que tivesse pedido para você ficar no carro — disse ele, rosnando.

Aqueles olhos cor de âmbar pousaram sobre ele, um pouco perdidos de dor, mas, sobretudo, raivosos.

— Você me disse para ficar no carro ou para ajudá-lo. Eu escolhi ajudá-lo.

A cada palavra, a voz de Gwen ficava mais fraca. Seus cílios flutuavam novamente, prontos para voltar a se fechar para um longo sono.

A raiva de Sabin desapareceu.

— Fique acordada para mim. Por favor.

Os olhos de Gwen se entreabriram, e seus lábios se curvaram num meio-sorriso.

— Eu gosto quando você implora.

Não era um bom sinal que ele estivesse prestes a implorar por alguns beijos.

— Do que você precisa para ficar acordada? — Graças a Anya, Danika e Ashlyn, ele tinha tudo o

que uma paciente poderia desejar na mesa de cabeceira. — Água? Analgésicos? Comida?

Ela lambeu os lábios, e seu estômago roncou.

— Sim... Eu... Não. — Suas palavras eram desesperadas. — Nada. Não preciso de nada.

Suas malditas regras, pensou ele. Mesmo sem estar com fome, ele pegou um sanduíche de peru e deu uma mordida na ponta. Depois pegou um copo de água e bebeu um gole.

— Isso é meu, o resto é seu — disse ele, ainda em direção à tigela de uvas que restou.

— Eu já disse. Não tenho fome.

Ela não tirou os olhos da comida que estava na mão dele.

— Ótimo. Vamos comer mais tarde. — Ele deixou o sanduíche e a água na bandeja e pegou o celular, como se não pudesse esperar antes de enviar uma mensagem importante. — Volto já.

Ele rolou na cama, afastando-se do corpo quente de Gwen, e se levantou, digitando: “T, ligue quando tiver novas informações.”

A resposta foi quase imediata: “É óbvio.”

Ele voltou a se deitar na cama. O sanduíche havia desaparecido e a água, secado. E ele nem notara seus movimentos. Fingiu não dar falta da comida ao colocar o telefone no bolso.

— Tem certeza de que não quer nada?

Ela engoliu rapidamente, e ele quase sorriu.

— Preciso de um banheiro. E de um banho.

— Nada de banhos. Sozinha, não. Você está fraca e poderia cair — disse Sabin, ajeitando-a e esperando que ela protestasse, mas Gwen afundou sua cabeça no pescoço dele. Droga, ele gostava disso.

— Não vou tomar banho, então. Coisas acontecem quando tomamos banho juntos.

Como se ele precisasse ser lembrado.

— Vou me controlar — disse ele.

— Mas o seu demônio vai se controlar? Eu não tenho forças para lutar contra ele. Apenas... Me dê dez minutos — pediu ela, sentando-se ao seu lado. Seus cachos estavam revoltos pela cabeça. — Venha me resgatar se escutar um barulho de ossos caindo no chão — disse, tentando ficar equilibrada.

Ele sentiu certo alívio ao ver que Gwen já tinha forças para desafiá-lo.

— Certo.

Nove minutos depois, ela apareceu, com o rosto lavado e com cheiro de limão. Ele ficou com água na boca, com vontade de sentir o seu gosto. Queria ir ainda mais fundo do que fora na primeira vez. Ela secou os cabelos, que caíam em cascata pelas suas costas.

— Está se sentindo melhor?

Ela manteve os olhos fixos no chão, suas faces estavam coradas.

— Muito melhor. Obrigada.

Ela tentou andar, mas seus joelhos não aguentaram.

Sabin a segurou contra o peito antes que ela caísse no chão. Mais uma vez, ela aceitou sua atenção. E ele também.

— Estou um pouco desastrada, né? — disse ela, piscando os olhos ao se deitar entre os lençóis.

— Sim — respondeu ele, de pé ao lado da cama, com os braços cruzados sobre o peito. — Mas podemos dar um jeito nisso. Vou ajudá-la.

Ainda que ela nunca mais lutasse, precisava conhecer algumas habilidades para se defender.

Mesmo que ela não volte a lutar? Isso é uma opção? Imaginei que quisesse que ela lutasse, não importando as condições. Ele não poderia culpar Dúvida. Daquela vez, era a sua consciência que se expressava.

— Certo — disse Gwen, surpreendendo-o. Suas pálpebras se fechavam novamente. — Vou deixar que me ensine algumas coisas, pois você tinha razão. Eu gosto da ideia de ferir os Caçadores.

Não era o que ele esperava ouvir dela.

— Talvez mude de ideia antes que eu comece o treinamento. Vou machucá-la, mesmo não sendo intencional, fazer com que sangre, derrubá-la ao chão. — Mas ela ficaria mais forte após tudo isso, então ele não pegaria leve com ela.

Está tentando fazer com que ela desista?

Não, ele só queria que ela estivesse preparada. Não era durão como os outros guerreiros, que enxergavam as mulheres que serviam como soldados como fracas, frágeis e precisando de proteção. Não que as mimasse, isso não. Talvez por isso Cameo tenha escolhido segui-lo quando o grupo se separou entre ele e Lucien. Ele tratava as caçadoras da mesma forma como tratava os homens. Torturara algumas? Sim. E não estava arrependido. Voltaria a fazê-lo, se fosse necessário.

Com Gwen, no entanto, ficava um pouco desconfortável. Ela não era um soldado qualquer, nem era sua inimiga.

Não houve resposta.

— Gwen?

Um suspiro. Ela dormira novamente. Sabin cobriu seu corpo e se sentou ao seu lado, resignado à já familiar tarefa de esperar que ela acordasse.

— É só se mover um centímetro que eu arranco sua maldita cabeça fora.

Sabin acordou imediatamente. Um aço frio pressionava sua jugular. Uma fina linha de sangue corria por seu pescoço. Seu quarto estava escuro; as cortinas, fechadas. Ele respirou fundo e sentiu um cheiro... Feminino. A intrusa cheirava a gelo e céus inverniais. Seus cabelos longos roçavam no peito nu de Sabin.

— O que a minha irmã está fazendo na sua cama? E por que ela está dormindo... E ferida? Nem tente me dizer que ela está bem, ou farei com que coma sua própria língua. Eu posso sentir o cheiro das feridas.

As outras harpias tinham chegado.

Aparentemente, elas superaram o maravilhoso equipamento de segurança de Torin sem nenhum problema, pois os alarmes não soaram. Mais uma prova de que precisava daquelas mulheres na sua equipe, se ainda tivesse uma equipe.

— Meus homens ainda estão respirando?

— Por enquanto, sim — respondeu ela, pressionando a lâmina. — E então? Estou esperando, e

não sou uma criatura muito paciente.

Sabin ficou parado, sem tentar alcançar a arma que guardava debaixo do travesseiro. *Uma ajuda...*
Ele pediu a Dúvida.

Imaginei que me odiasse.

Qual tal apenas fazer o seu trabalho?

Poderia jurar aos deuses que o demônio suspirou dentro de sua cabeça. *Você tem certeza de que quer machucar esse homem?*, perguntou Dúvida à harpia. *E se ele for o amante de Gwen? Gwen a odiaria para sempre.*

A mão da harpia tremeu contra o pescoço de Sabin, fraquejando.

Bom menino. Em momentos como aquele, acabava gostando da maldição que carregava.

— Ela está aqui porque quer. E está ferida porque meu inimigo veio atrás de nós.

— E você não a protegeu?

— Quem é você para falar alguma coisa? — perguntou ele, trincando os dentes. — Não. Não a protegi. Mas aprendi com os meus erros, e isso nunca mais se repetirá.

— Você tem razão. Deu sangue a ela?

— Não.

Seguiu-se um rugido irritado.

— É por isso que ela está dormindo com você nesse quarto! Há quanto tempo está ferida?

— Três dias.

Um murmúrio de revolta.

— Ela precisa de sangue, idiota! Ou nunca vai se recuperar.

— Como você sabe disso? Ela me disse que nunca foi ferida antes.

— Claro que foi, mas não se lembra. Nós cuidamos para que isso acontecesse. E, como já deve saber, você pagará por todas as marcas no corpo dela. E se estiver mentindo, se tiver sido o responsável pelas feridas...

— Eu não a feri pessoalmente. — Ainda. E pensar assim o deixou lúcido como nada mais poderia deixar.

Ela o observou de cima a baixo.

— Olhe, eu realmente fiquei impressionada com as histórias que ouvi sobre vocês, mas isso não significa que seja estúpida a ponto de confiar em você.

— Converse com Gwen, então.

— Vou conversar. Em um minuto. Mas agora me diga: que demônio é você?

Sabin pensou duas vezes. Se ela soubesse a verdade, poderia driblar o poder de Dúvida.

— Estou esperando. — E a ponta da lâmina voltou a pressionar o pescoço de Sabin.

Dane-se, pensou ele. Se fosse preciso liberar o demônio, ela não teria chance de evitar o ataque, mesmo sabendo quem ele era. Ninguém teria, nem o próprio Sabin.

— Sou possuído por Dúvida.

— Ah — disse ela. Seria decepção? — Eu esperava por algo como sexo, ou seja lá como o chamam. As histórias sobre as conquistas dele são as minhas favoritas.

Sim, estava decepcionada.

— Vou apresentá-la a ele. — Talvez uma boainvestida de Paris acalmasse os ânimos daquela mulher. E talvez uma boa investida dela melhoraria o ânimo de *Paris*.

— Não se preocupe. Não vou ficar aqui por muito tempo, não quero lembranças. Gwen. — No instante seguinte, o corpo de Gwen chacoalhou contra o dele.

Sua irmã a estava sacudindo, ele notou. Sabin agarrou o pulso da harpia.

— Pare. Você vai machucá-la ainda mais.

Abruptamente, a faca saiu do pescoço dele, ela conseguiu soltar o braço da mão de Sabin e a luz foi acesa. Seus olhos ficaram confusos e ele piscou. A harpia estava mais uma vez no seu pescoço, e ele não tivera tempo de se mexer.

Quando sua visão clareou, ele a observou. Era bonita, sua pele tão luminosa quanto a de Gwen. Mas, por alguma razão, Sabin não ficou louco de vontade de levá-la para a cama. Ela tinha cabelos vermelhos e brilhantes, e não misturados ao loiro, como os de Gwen. Elas tinham os mesmos olhos âmbar-cinzentos e os mesmos lábios vermelhos sensuais. E embora Gwen fosse a rainha da inocência, aquela mulher exalava séculos de sabedoria e poder.

— Ouça — começou ele, para logo ser silenciado pela lâmina sendo mais uma vez pressionada contra sua pele.

— Não. Ouça você. Eu sou Kaia. E fique feliz por ser eu, e não Bianka ou Taliyah. Você ligou para Bianka e não deixou que ela falasse com Gwennie, e agora ela quer bater em você, com seus próprios membros. Taliyah quer jogá-lo às nossas cobras, pedacinho a pedacinho. Mas eu prefiro dar uma chance para que se explique. Quais são seus planos para ela?

Ele podia dizer, contar tudo o que ela queria saber, mas não o faria. Não dessa maneira. Se as irmãs de Gwen ficariam por ali, e apesar do que dissera Kaia, ele achava que ficariam, e se fossem lutar para ele, tinha de se impor como comandante.

Sem mover um músculo do rosto, sem alertá-la sobre seus planos, Sabin puxou Kaia para cima do próprio corpo. A lâmina afundou profundamente, atingindo um tendão, mas ele não diminuiu o ritmo. Rolou por cima dela, afastando-se de Gwen, amassando-a com o peso dos seus músculos.

Em vez de lutar contra ele, ela riu, e o som foi suave aos seus ouvidos.

— Bom movimento. Não é de estranhar que ela esteja na sua cama. Mas devo dizer que fiquei um pouco desapontada ao ver que não partiu diretamente em direção à minha cabeça. Esperava mais de um Senhor do Mundo Subterrâneo.

O balanço do colchão finalmente despertou Gwen, que gritou:

— Kaia?

Kaia virou o rosto, e um sorriso lindo se abriu em seus lábios.

— Ei, menina. Há quanto tempo não nos vemos. Eu sei que você deve estar pensando que estou chateada com você por estar dormindo, mas não. Sei quem devo culpar. Na verdade, o seu homem e eu estamos discutindo alguns detalhes sobre sua estada aqui. Como você está?

— Você está embaixo dele. Embaixo de Sabin. — As pupilas de Gwen mudaram de cor, dourado... branco... Suas unhas estavam crescendo, ficando mais afiadas. Seus dentes brilhavam, ameaçadores, sob a luz do quarto.

Kaia engoliu em seco.

— Ela... Ela está...

— Sim. Está se transformando em harpia.

Droga. Sabin empurrou Kaia da cama com toda a força. Ela caiu no chão pesadamente, mas ele não se importou. Seus braços estavam livres, e apertou Gwen contra o calor do seu corpo, com uma das mãos acariciando seu pescoço e seu rosto, e a outra, os contornos do seu ventre, onde a camiseta subira, deixando sua pele à mostra.

Suas garras afundaram nos ombros de Sabin, indo em direção aos ossos, mas ele não reagiu à dor. Ela poderia fazer coisas muito, muito piores.

— Estávamos apenas conversando. Eu não iria machucá-la. Fiz isso para me livrar de uma lâmina que estava presa à minha garganta, nada mais. Ela está aqui para ajudá-la, ela quer o melhor para você.

— Você a deseja? — perguntou Gwen.

Como ele era um canalha, estava feliz com aquela demonstração de ciúme.

— Não, não a desejo. E ela também não me deseja. Eu juro. Você sabe que eu só quero você.

Com o canto dos olhos, Sabin notou que Kaia já estava de pé, olhando para ele.

Pouco a pouco, as unhas de Gwen voltaram ao normal, deixando feridas profundas e sangrentas. Seu olhar clareou. No entanto, Dúvida se mantivera estranhamente silencioso. Como se estivesse escondido no recanto mais profundo da mente de Sabin.

— Nossa! — disse Kaia, e havia uma pontada em seu tom. — Impressionante. Você conseguiu controlar a raiva de uma harpia. Imagino que saiba o que isso significa, não sabe?

Ele não olhou para Kaia, manteve sua atenção focada em Gwen, passou as mãos pelas suas pernas, depois virou o seu corpo, deixando os joelhos de Gwen ficarem pressionados à sua cintura, unindo a parte inferior dos seus corpos.

— Não, não sei.

— Você é o consorte da minha irmã. Parabéns.

Capítulo Dezessete

GWEN JAMAIS ESTIVERA tão nervosa em toda sua vida. Nem na cela da prisão. Nem quando enfrentara os Caçadores com Sabin.

Após ter visto Sabin acalmar a harpia, Kaia chamara Bianka e Taliyah com um assobio alto. Aparentemente, elas estavam no corredor, garantindo que ninguém se aproximaria enquanto Kaia resgatava Gwen. Mas logo as três estavam entrincheiradas no quarto de Sabin para um “papo” rápido.

— Ninguém mais sabe que estamos aqui — disse Bianka. — Seremos só nós cinco.

Gwen teria protestado contra o papo que estavam a ponto de começar, contra o isolamento. Esse tipo de cenário costumava levar a derramamento de sangue entre os Skyhawks, mas foi detida por vários fatores. Um: Sabin estava colado nela, mantendo-a firme ao seu lado. Por quê? Ele achava que ela sairia correndo com suas irmãs, exigindo que elas o massacrassem? Dois: ela estava tão frágil quanto um gatinho recém-nascido, quase incapaz de manter seus olhos abertos. Além disso, seus ombros e peito doíam muito. Se Sabin a soltasse, ela desmaiaria no chão. E três: ela queria demonstrar que era forte mais uma vez, e agir como escudo de Sabin. Se suas irmãs, que estavam iradas com o seu tratamento e pareciam ter convenientemente se esquecido de que admiravam os Senhores, partissem para cima dele...

Mas por que se importava com isso, nem ela saberia dizer. Apenas vinte minutos antes, ele estava abraçando Kaia, certo? Sua memória estava meio confusa, como se tivesse visto o casal numa tela, e não na vida real. Real ou não, tinha ficado muito chateada. Sabin pertencia a ela. Por enquanto, pelo menos. E não por terem tomado banho juntos e porque ele a tivesse levado ao melhor orgasmo de sua vida. Mas porque, bem... Ela não sabia. Era assim e pronto.

— Antes de começarmos a conversar, vamos cuidar da nossa menina. — Kaia se aproximou dela, cortando seu pulso e colocando na frente da boca de Gwen. — Beba.

Ela bebera sangue das irmãs durante toda a infância “para se manter a salvo de todas as feridas que tivesse”, era o que lhe diziam. As harpias bebiam sangue de todos os namorados que tinham antes de começar uma missão ou um trabalho qualquer. Não, aquela não era uma ordem estranha para Gwen. Afinal de contas, os vampiros não eram a única raça que precisava de sangue, ainda que as harpias só precisassem dele para se curar ou prevenir problemas. Mas, quando seus lábios tocaram

o pulso da irmã, Sabin agarrou seu pescoço e a virou para ele.

— Ei — disse Kaia.

O pescoço de Sabin tinha uma ferida bem grande, que ele voltou a abrir passando suas unhas no local.

— Se ela precisa beber, beberá o meu sangue.

Ele não deu tempo para que ninguém protestasse, atirando Gwen para a frente, deixando-a completamente imóvel para evitar que virasse o corpo. Ela já podia sentir seu cheiro doce. Limões e sangue. O aroma invadiu suas narinas, entrou em seus pulmões e se espalhou pelo seu corpo, deixando uma trilha de calor.

Incapaz de se conter, com a boca cheia de água, ela traçou a língua sobre a ferida de Sabin. Êxtase. Uma sobremesa succulenta. Seus olhos se fecharam e ela pressionou o corpo contra o dele, abraçando-o, tornando-o cativo, com os joelhos pressionados contra suas pernas. O lado angelical de Gwen sabia que isso era errado, que não deveria fazê-lo, e que certamente não deveria gostar de fazê-lo, mas a harpia estava cantarolando alegremente, louca por mais, pois nada jamais tivera tanto sabor quanto *aquilo*. Era o céu e o inferno, perfeitamente unidos, e certamente o passo seguinte seria um desastre.

Ela continuava a sugar, sorvendo a malícia líquida para dentro de seu corpo, fazendo-a descer pela garganta. A cada dose, recuperava um pouco mais da sua força. A dor das suas feridas era amenizada, sua pele se recuperava. Como vivera sem isso? Ainda bem que o sangue não precisava ser roubado para ser apreciado. Era remédio, não comida. Deveria ter pensado em beber o sangue de Sabin antes.

Durante todo o tempo, Sabin ficou parado. No entanto, entre suas pernas, Gwen podia sentir uma impressionante ereção. Os dedos de Sabin estavam postos na sua cintura, com força, deixando-a imobilizada.

Ela podia ouvir sua respiração, podia até ouvir o som de seus pensamentos: *Sim, sim, mais, não pare, é tão bom, você tem que... Ser... Minha*. Ou talvez aqueles pensamentos não fossem dele, mas seus.

— Não o deixe seco, garotinha — disse Bianka, interrompendo o novo vício de Gwen. — Temos algumas perguntas para ele primeiro.

Unhas foram cravadas em seu couro cabeludo, e sua cabeça foi afastada do pescoço de Sabin. Ela uivou, com sangue pingando de seus lábios.

Ele rosnou, olhando para Bianka e apertando com ainda mais força o corpo de Gwen.

— Toque-a assim novamente e dirá adeus às suas mãos.

Sorrindo, Bianka brincava com um cacho dos seus cabelos.

— Eis o Senhor do Mundo Subterrâneo de que tanto ouvi falar. E eu quase acreditei que você faria isso, demônio. Bem, que tentaria fazer isso.

— Nunca faço uma ameaça que eu não pretendo realizar — disse ele, virando o rosto de Gwen e apertando-a contra o seu corpo mais uma vez.

Ela quase gemeu. Suas irmãs nunca, nunca!, rejeitaram qualquer desafio.

— Estou tão feliz que vocês estejam aqui — disse ela, tentando distraí-las.

— Esse cara grandalhão não está tomando conta de você? — perguntou Kaia, caminhando pelo

quarto, dando patadas, abrindo gavetas. — Ah, que lindo. Cuecas pretas, as minhas favoritas. — E mexeu na caixa de armas de Sabin, quebrando a fechadura com um movimento do punho e abrindo-a. — Olha só o que encontrei.

— Ele está cuidando de mim — disse Gwen, estranhamente o defendendo. Ele a libertara do cativeiro, depois a protegera, planejara ensiná-la como se defender. A história dos Caçadores fora culpa sua. Deveria ter ficado no carro. Mas não se arrependia de ter saído, pois estava viva, a salvo.

Você está mesmo contando a verdade às suas irmãs, pois eu me lembro de várias coisas que Sabin...

— Sinto muito — murmurou Sabin.

Seria bom se pudesse calar aquele maldito demônio, pois a harpia começara a tremer assim que a voz surgiu.

Bianka se aproximou de Kaia e as duas gritavam “ohs” e “ahs”, admirando as armas e facas que encontraram. Armas eram sua criptonita. Taliyah se aproximou da cama, olhando para a irmã com expressão nula, sem emoção alguma. Ninguém era mais bela que Taliyah. Seus cabelos eram brancos, sua pele também, seus olhos tinham o azul mais claro. Era uma espécie de rainha do gelo, e muitas pessoas já a acusaram de ter gelo nas veias. Embora não tivessem vivido muito tempo depois de terem feito tal acusação.

— Sei qual é sua situação com os Caçadores — disse ela a Sabin. — Ouvi histórias sobre sua crueldade e o admirei por isso. Sempre quis encontrá-lo. Mas agora quero matá-lo por ter envolvido minha irmã nessa confusão. Ela não é uma lutadora.

— Mas poderia ser — disse ele.

Vários segundos se passaram, e Sabin não disse nada mais. Não tentou se defender.

Ele iria deixar as coisas assim? Permitiria que elas pensassem que Gwen estava louca por ele, e que ele a colocara em risco sem razão aparente? Ou contaria a verdade, diria que era estúpida, e por isso fora aprisionada? E que ele a salvara.

Se ele contasse a verdade às suas irmãs, conseguiria que participassem da sua guerra. Uma guerra que colocava à frente de qualquer coisa em sua vida. Mas por que faria isso? Por ela?

Lágrimas brotaram dos olhos de Gwen, ameaçando cair. Ela poderia fazer algo por ele.

— Na verdade, os *Caçadores* me pegaram — admitiu Gwen, mexendo nos lençóis.

— Gwen — disse Sabin. Era um aviso.

— Elas precisam saber de tudo. — Para o bem dele, e para o dela também. Reunindo forças, contou às irmãs sobre o confinamento sem deixar escapar nenhum detalhe. Enquanto falava, as lágrimas rolavam livremente pelo seu rosto. Foram apenas alguns minutos, mas foram os minutos mais apavorantes de sua vida. Sabin, assim como suas irmãs, admirara sua força. Sua ferocidade. Ali estava ela, contando suas fraquezas às únicas pessoas que importavam para ela.

Ele a surpreendeu ao gentilmente secar as lágrimas que tomavam conta do seu rosto. E isso a fez chorar ainda mais.

Quando terminou de falar, um silêncio tomou conta do quarto. Havia tensão no ar; o tempo parecia suspenso.

Taliyah foi a primeira a falar:

— Como eles pegaram você?

O tom frio da irmã fez Gwen tremer.

— Certa manhã, ao sair para trabalhar, Tyson se esqueceu do celular, e eu sabia que lhe faria falta. Mas ele já estava longe para que eu o alcançasse à velocidade humana, então... — Ela engoliu em seco. Que erro idiota, se arrependeria daquilo todos os dias de sua vida. — Usei minhas asas e fui até o seu escritório. Os Caçadores me viram quando eu parei, mas, como eu desapareci magicamente, não notei. Acho que eles me seguiram até em casa, esperando até tarde da noite, quando eu e Tyson... — e engoliu em seco mais uma vez — ... dormíamos.

— Você dormiu na cama com Tyson? — perguntaram três vozes femininas ao mesmo tempo.

— Qual o problema das harpias com o sono? — perguntou Sabin. — Não que eu concorde que deveriam dormir com qualquer um. Aliás, quem deveria morrer era o idiota do Tyson. Ele não a protegeu.

— Nem você — disse Taliyah imediatamente.

— Eu estou viva graças a Sabin — disse Gwen, sorrindo para ele, trêmula. — E Tyson não é um cara ruim. Ele tentou salvar minha vida antes que os Caçadores me derrubassem. — Mesmo estando chateado com ela.

Quando voltou para casa naquela tarde, vindo do trabalho, ele não quis conversar sobre o que tinha acontecido. Claro que ela o deixara assustado ao aparecer no seu escritório, mas Tyson já começara a desconfiar de coisas estranhas sobre ela.

Gwen escondia seu lado obscuro o melhor que podia, mas algumas vezes ele emergia, mesmo sem ela querer, e quando ele chegava em casa havia buracos nas paredes, lençóis rasgados, louça quebrada. Certa vez, durante uma discussão boba sobre quem escolheria o filme a ser visto, ela o atirou contra uma parede e o reboco caiu em cima dele. Trocaram um beijo, deram uns amassos e tudo ficou resolvido, mas fora o começo do fim.

— De qualquer forma — disse ela —, eu terminei amarrada, incapaz de me mover, quase sem poder respirar, enquanto os caçadores me levavam para o Egito. Eles me trancaram e, 12 meses mais tarde, Sabin e os demais Senhores me libertaram e me trouxeram para cá.

— E você matou o homem que a torturou, claro? — perguntou Taliyah a Sabin.

Ele assentiu.

— Gwen matou um deles, eu matei alguns outros.

Os olhos azuis de Taliyah ficaram raivosos.

— Por que não todos? Aliás, bom trabalho, Gwen — acrescentou ela, com um aceno de aprovação.

Antes que pudesse admitir ter se tratado de um acidente, Sabin disse:

— Os sobreviventes estão presos no meu calabouço, sendo torturados, pois buscamos informações.

Taliyah relaxou um pouco os ombros.

— Tudo bem, então. — E se virou para Gwen. — Você comeu?

Gwen olhou de relance para Sabin. Ela se lembrava de ter roubado seu sanduíche e o enfiado na boca.

— Sim.

Por sorte, ele não demonstrou qualquer reação. Com Tyson, ela roubava comida em restaurantes próximos à casa deles e fingia ter cozinhado. Ele nunca percebeu. Se tivesse, ele a teria censurado. Sabin a censuraria? Ela achava que não. Sabin sorria para ela quando roubou as coisas na loja.

— Está pronta para voltar para casa, então? — perguntou Kaia, sentando-se numa ponta da cama, fazendo o colchão balançar. — Porque eu estou mais do que pronta para dar no pé. Sei que você gosta do seu pequeno demônio, e poderá trazê-lo, se quiser. Ele querendo ou não. Nós a manteremos segura em um lugar longe daqui e voltaremos para acertar as coisas com esses Caçadores. Eles vão pagar pelo que fizeram com você. Não se preocupe.

— Bem... Eu... — Ela queria voltar para casa? Não queria estar escondida, a salvo, com suas irmãs cuidando de tudo? Mas não fora para a Geórgia justamente para fugir de tudo isso? E, mesmo gostando de estar com Sabin, ela sabia que ele ficaria muito mal no Alasca, sem ter contra quem lutar. Ficaria ressentido com ela.

Então, se voltasse para casa, teria de voltar sozinha. E só de pensar isso sentiu um vazio no peito. O que ela e Sabin tinham feito no chuveiro... Queria fazer aquilo outra vez. Pensei *que isso não voltaria a acontecer, que fosse muito perigoso*. Porém, vendo a possibilidade de ir embora sem repetir aquela experiência, sem ele, sem saber como seria ser possuída por ele, total e completamente, nenhuma das razões para estar longe dele parecia importar.

— Ela não vai a lugar nenhum — disse Sabin.

Senhor amoroso e dominador. Algumas vezes.

— Isso. Eu vou ficar.

Gwen olhou para as irmãs, e silenciosamente tentava fazer com que entendessem, aceitassem. Suas irmãs a observaram por um tempo, tão quietas quando ela.

Bianka foi a primeira a falar:

— Certo. Mas onde poderíamos guardar nosso equipamento? — perguntou, suspirando.

Gwen sabia o que elas queriam dizer, e ficou feliz e preocupada ao mesmo tempo. Sabin, no entanto, não hesitou:

— Tem um quarto vazio ao lado deste. Vocês se importam de dividi-lo?

Ele estava oferecendo um quarto a elas, após negar o mesmo privilégio a Gwen?

— Não. Não nos importamos — disse Taliyah. — Mas me diga uma coisa: quais são os seus planos para os Caçadores?

— Matá-los. Todos. Nunca ficaremos em paz enquanto estiverem vivos.

Ela assentiu.

— Sorte sua, poderá contar com três novos soldados.

— Quatro — disse Gwen, antes que pensasse duas vezes. E notou que dissera o que queria dizer. Queria deter os Caçadores. Queria proteger suas irmãs e Sabin deles. E queria, de uma vez por todas, provar que era digna.

Mais uma vez, todos olharam para ela. Sabin, com raiva, embora ela não entendesse por quê. Ele queria que ela fizesse isso, não queria? Bianka e Kaia, com indulgência. E Taliyah, com determinação.

— Não fique deitada aí — disse Kaia, levantando os braços e depois deixando-os cair ao lado do corpo, irritada. — Levante-se. Temos uma guerra a vencer.

Sabin passou uma das mãos em seu rosto cansado.

— Sejam bem-vindas ao meu exército, meninas.

ELE ERA O consorte de Gwen, e isso fora dito por suas irmãs. Sabin enxergou essa informação como se Gwen o pertencesse. Ele não sabia se acreditava, mas gostava de pensar que sim. Porém, não poderia ficar ao lado dela sem destruí-la. Pelo menos, não na situação em que as coisas estavam.

Ela passou o resto do dia e da noite na cama, mas não voltou a dormir. Determinado a descobrir por quê, ele a deixou sozinha na manhã seguinte e foi em busca de Anya. Encontrou-a na sala de entretenimento, terminando outra partida de videogame com Gilly. Contou sobre a chegada das hóspedes, e ela bateu palminhas de felicidade.

— Lucien me disse que recebeu uma mensagem de texto sua sobre as hóspedes, mas eu não tinha ideia de que eram outras harpias!

— Agora já sabe. Elas estão na academia. Mas qual o problema das harpias com o sono?

Ela riu na cara de Sabin.

— Descubra você mesmo — respondeu ela, fechando a porta. — Tenho uma reunião de Skyhawk para ir.

Ele a seguiu até a academia, curioso para saber como seria a tal reunião.

O trio, que já se sentia em casa em todos os aspectos, olhou para a deusa, parou de se exercitar e se aproximou dela, correndo, atirando seus braços em volta de Anya.

— Anya! Você desapareceu sem dizer nada, sua cadela!

— Onde esteve?

— O que está fazendo aqui?

As perguntas foram simultâneas, mas Anya não parecia assustada.

— Sinto muito, meninas. Estive em todos os cantos do mundo. Vocês sabem, passeando, causando problemas e me apaixonando pela própria Morte. Estou aqui porque esta é a minha casa. Gostam do que fiz por aqui?

Elas continuaram com os abraços, perguntas e risos. Sabin tentou entrar na conversa algumas vezes, mas foi ignorado. Finalmente, ele desistiu e as deixou em paz, pensando em encontrar Anya mais tarde e voltar a perguntar sobre a história das harpias e do sono. Perguntar às irmãs estava fora de questão. As harpias, ele já sabia, viviam segundo regras próprias, e ele não queria que Gwen notasse sua ignorância.

Gwen.

Cada minuto ao lado dele era perigoso. A noite anterior fora a pior. Ficara ao lado dela, cheirando sua feminilidade, ouvindo o algodão do lençol roçando seu corpo, mas mantiveram distância um do outro, permanecendo em pontos separados do colchão. Ele a teria tomado nos braços, Sabin se sentia fraco frente àquele corpo luxuriante e àquela pele adorável; sim, ele admitia uma fraqueza, mas sempre que se aproximava, Dúvida começava a destilar seu veneno:

Ela vai morrer se você ficar com ela? Vai querer mais do que você pode oferecer, depois deixá-lo quando descobrir isso?

Mais uma vez, ele odiou o demônio.

O safado só se calava quando estava perto das irmãs dela, e Sabin não entendia por quê. Mas iria descobrir. Estava determinado. Porque, se conseguisse fazer com que Dúvida se calasse perto de Gwen, ele poderia tê-la. Talvez para sempre.

Após checar os prisioneiros, que ainda estavam muito fracos para novas torturas, Sabin foi à cozinha preparar algo para que Gwen comesse. Toda a comida desaparecera. Isso é que era um *déjà-vu*. Não restara nada, nem mesmo um saco de batatas. As harpias estiveram por ali, pensou ele.

Com um suspiro, ele entrou rapidamente no quarto. Gwen não estava mais na cama. Franzindo a testa, começou a procurar por ela. Encontrou-a no telhado, com Anya e suas irmãs, as quais brincavam de Quem Consegue Cair do Telhado e Quebrar o Menor Número Possível de Ossos.

— Eu a deixei sozinha por menos de uma hora — disse Sabin a Gwen. — Não se atreva a pular.

— Só estou olhando — garantiu ela, sorrindo. Um sorriso que fez o peito dele doer.

Vários guerreiros estavam no andar de baixo, observando a cena. Suas expressões eram resignadas e maravilhadas ao mesmo tempo. Estavam bebendo a pele das harpias como se fosse vinho.

— Chega — disse Sabin, antes que mais uma harpia pulasse. — Temos um treinamento a fazer.

Elas não concordaram de bom grado, mas aceitaram, e em pouco tempo quase todos os habitantes da fortaleza estavam reunidos, o cheiro de sangue e suor espantando os animais da redondeza.

Sabin ficou por perto, mais uma vez só observando os acontecimentos. Torin acabara de lhe enviar uma mensagem de texto e estava a caminho.

Finalmente, o guerreiro chegou. Mantendo boa distância entre eles, Torin parou ao seu lado.

— Estavam todos tão ocupados que pensei que não valeria a pena marcar outra reunião, e resolvi falar com um de cada vez.

— Descobriu alguma coisa?

— Ah, sim. — Ele ergueu as sobrancelhas negras, que eram um incrível contraste ao seu cabelo branco. — Encontrei um artigo obscuro em um tabloide, era sobre uma escola para crianças com dons especiais em Chicago. Crianças que conseguem levantar carros, convencer as pessoas a fazer o que elas quiserem simplesmente falando e outras que conseguem se mover mais rapidamente do que os olhos possam ver. E escute essa: tudo foi negado pelo Instituto Mundial de Parapsicologia.

Sabin arregalou os olhos.

— A Escola de Caçadores. Exatamente como nosso prisioneiro disse.

— Isso. Não pode ser coincidência, né?

— Nós temos de procurar essa escola.

— Eu concordo. É por isso que estou ajeitando tudo para que possamos partir em dois dias. Alguns de vocês precisam ir, mas outros precisam ficar e procurar pelas listas nos pergaminhos. Eu só preciso saber quem vai fazer o quê.

Sabin estava pronto para dizer que ele iria... Matar os Caçadores, resgatar aquelas crianças e talvez finalmente tirar Galen de seu esconderijo, quando o restante das palavras de Torin penetrou em sua mente.

— Espere aí. Pergaminhos?

Uma brisa suave passou entre eles, bagunçando o cabelo de Torin. Ele tirou os fios de seu rosto com uma das mãos coberta por uma luva.

— Cronos acaba de me fazer uma visita.

Sabin sentiu o estômago se revirar.

— Eu tentei invocá-lo, mas ele me ignorou.

— Sorte sua.

— O que ele disse?

— Você conhece o protocolo: “Faça como eu ordeno, ou torturarei as pessoas que você ama” — disse Torin num tom superior e arrogante.

A imitação estava perfeita.

— Sim, mas o que ele ordenou que você fizesse? Encontrar pessoas, foi o que disse?

— Estou chegando lá. Você sabe que ele quer ver Galen morto tanto quanto nós, certo? Desde que Danika previu que Galen o mataria. Bem, os pergaminhos que ele me deu fornecem uma lista de nomes. São os nomes de outros imortais possuídos por demônios. Você não acreditaria quantos são! No entanto, há algumas linhas em branco, como se alguns nomes tivessem sido apagados. Estranho, não? Será que isso significa que eles, de alguma forma, morreram?

— Talvez.

Apenas recentemente, através de Danika, ele e os amigos souberam que não eram os únicos imortais possuídos por demônios pelo mundo. Ao que tudo indicava, deveria haver mais demônios na caixa de Pandora do que guerreiros a serem punidos. Então, os demônios que sobraram foram colocados nos prisioneiros de Tártaro. Prisioneiros que estavam desaparecidos.

— Seja como for, Cronos acha que poderíamos encontrá-los e usá-los para deter Gallen de uma vez por todas. Eles poderão nos ajudar a prendê-lo, para que deixe de causar problemas.

Sabin balançou a cabeça.

— Eles eram prisioneiros, o que quer dizer que nem os deuses eram capazes de controlá-los. Não podemos confiar neles o bastante para usá-los. Além disso, por mais que queiramos ver Galen morto, todos sabemos quanto seria perigoso liberar o seu demônio no mundo. Mas como impedir que esses estranhos façam isso?

— Entendido. E, sim, somos piedosos o suficiente para permitir que ele continue com a cabeça no lugar por enquanto, mas Galen pode não ser tão gentil conosco. Esses homens são exatamente o tipo de criaturas que ele gostaria de ver no seu exército. Por isso, precisamos encontrá-los antes que Galen os encontre.

Sabin também sabia que precisavam deixar Cronos feliz. Coisas ruins aconteciam quando o rei dos deuses não conseguia o que queria.

— Precisamos encontrar os artefatos que faltam, e que parecem um pouco mais importantes nesse momento.

— Não podemos encontrá-los sendo perseguidos por imortais determinados a nos destruir — disse Torin. — Então, antes de qualquer coisa, precisamos encontrar essa escola e neutralizar a ameaça. Você vai ou fica?

— Eu... — Sabin olhou para Gwen, e naquele momento ela caiu sentada ao tentar se desviar da

irmã, que tinha a espada erguida. Suas mãos se transformaram em punhos. *Machuque-a e morrerá.* E olhou para a harpia, mesmo sabendo que ela não usava toda sua força. Mais do que isso, ele sabia que era um hipócrita só de pensar nisso, pois ele mesmo prometera que não daria moleza para Gwen.

Se fosse para Chicago, teria de deixá-la sozinha. E ela ainda não estava pronta para uma batalha. Poderia levar suas irmãs e usá-las para resgatar as crianças de forma segura. Crianças que provavelmente lutariam contra ele e os outros senhores, pois tinham sido criadas para odiá-los. Ou poderia deixar as harpias ali, cuidando de Gwen. Não gostava de nenhuma opção. Não gostava de pensar em deixar Gwen sozinha. Quer dizer, não sozinha, mas sem ele. E não gostava de pensar em ter de assustar aquelas crianças sem necessidade.

Um barulho de metal contra metal o tirou de seus pensamentos. Gideon e Taliyah lutavam com uma expressão dura no rosto. Até então, a luta era coreografada. Strider e Bianka socavam um ao outro, e Bianka sorria. Num primeiro momento, Strider resistiu a um soco certo e se esquivou, mesmo que perder para ela significasse ter de passar alguns dias na cama, cheio de dores e chorando por uma mãe que nunca tivera. Então Bianka quebrou seu nariz e lhe deu um chute que fez com que suas bolas subissem até a garganta. A luta subitamente começou.

Amun finalmente acordara; ele se sentou, polindo um machado e observando... Alguém. Sabin não tinha certeza de quem. Ainda. Imaginava que fosse uma das harpias.

— Quem você alistou até agora? — perguntou Sabin a Torin.

— Você é o primeiro.

Antes que pensasse duas vezes, Sabin respondeu:

— Eu vou com você. — A guerra sempre em primeiro lugar. — Consiga mais cinco guerreiros. Vou tentar levar uma harpia conosco. — E duas irmãs ficariam em Budapeste para proteger Gwen, e ainda assim ele teria alguma vantagem na luta.

Torin assentiu e se retirou.

Decisão tomada, Sabin seguiu em frente:

— Você está tratando Gwen como se ela fosse um bebê — disse a Kaia. Ele sabia que não era a forma correta de conseguir alcançar o lado bom daquela mulher, mas não ligou. Garantir o futuro de Gwen era algo muito importante para perder tempo com detalhes. Sabin estava feliz por não ter de *agradecer* à harpia por sua gentileza.

A harpia de cabelos vermelhos deu um giro, atirando uma adaga no coração dele.

— Até parece! Eu a derrubei no chão seis vezes.

Sim, e todas aquelas vezes ele sentira uma vontade louca de derrubar Kaia ao chão. Com uma expressão feia, Sabin conseguiu agarrar a lâmina antes que ela perfurasse o seu peito.

— Você tem que relaxar o cotovelo antes do golpe. Não está ensinando as técnicas certas a ela, nem permitindo que Gwen aprenda mais coisas sobre a própria força e capacidade de contra-ataque. Está demonstrando que lutar de forma injusta e ganhar a qualquer custo é errado. Vá procurar outra pessoa para brincar. Eu cuido das aulas de Gwen. Você já fez muitos estragos. E caso ouse interferir, vai se arrepender. Eu não me importo com as suas opiniões, não me importo se não está de acordo ou se não gosta, fique longe. Faço isso pelo bem dela.

Kaia ficou de boca aberta, como se não acreditasse que alguém estivesse falando com ela daquela

forma. Depois o seguiu, com olhar mortífero, unhas afiadas e dentes brilhantes sob o sol.

— Vou esmagar o seu pescoço como se fosse o de uma galinha, demônio.

— Pode vir — disse ele, acenando com os dedos, numa saudação zombeteira.

Um grito lancinante e ensurdecido saiu de repente da pequena e doce Gwen.

Sabin e Kaia ficaram imóveis. Até mesmo Taliyah e Biana pararam sua luta para olhar Gwen, que se agachava. Tinham os olhos postos na irmã de cabelos vermelhos. O branco dos seus olhos já estava negro.

— Você está brincando comigo? — disse Kaia. — Acho que ela vai me atacar. O que eu faço?

— Você ameaçou o homem dela — disse Taliyah, fria. — Já sabia o que poderia acontecer. Espero que ela enfie suas garras bem na sua espinha.

O homem dela. Aquelas palavras o atingiram em cheio, algo muito constrangedor. Não poderia permitir que ela machucasse a própria irmã. Ela nunca se perdoaria. Sabin aproximou-se de Gwen, lentamente, medindo os passos.

— Gwen, acalme-se. Está me ouvindo?

Gwen mostrou os dentes para ele, e quase enfiou as garras no seu queixo. Ele foi salvo por seus reflexos rápidos.

— Gwendolyn. Isso não foi nada bom. Posso mordê-la?

— Sim.

Certo, ele demonstrou ser *mais duro* que uma pedra.

— Não vou poder morder nada mais, se você não se acalmar.

De alguma forma, isso a tocou. Ela lambeu os lábios, seus olhos voltaram ao normal, seu corpo se endireitou. Um tremor tomou conta dela, que se levantou. Ele não a tocou, ainda não. Ele não iria querer parar, e eles tinham companhia.

Ela respirou fundo.

— Sinto muito — disse, arrasada, lembrando-se do que acontecera na pirâmide. — Sinto muito, eu não queria... Eu não deveria... Machuquei alguém? — E levantou os olhos marejados para ele, com o mesmo dourado solar de sempre, apesar do cinza, como nuvens de tempestade.

— Não.

— Eu... Eu vou voltar ao nosso quarto. Eu...

— Você vai ficar aqui e lutar comigo.

— O quê? — perguntou ela, chocada, dando um passo para trás. — Do que está falando? Pensei que quisesse me acalmar.

— E quero. Por enquanto... — respondeu ele, tirando a camiseta e jogando-a no chão. Automaticamente, ela olhou para as suas costelas, para as marcas da sua tatuagem. — Vamos lutar. Você não pode machucar ninguém mais além de mim.

— Prefiro observar sua tatuagem — disse ela, com a voz rouca. — Não tive a chance de tocá-la no chuveiro, e sonhei com isso.

Meus deuses. Vamos começar. Em vez de empurrá-la, como queria, ele se forçou a atingir suas pernas e jogá-la no chão.

— Lição número um: a distração vai levá-la à morte.

Ela suspirou pelos lábios entreabertos e olhou para ele, descrente. Traição?

Deuses. Ele tinha mesmo feito aquilo? *Endureça seu coração, idiota. Trate-a como trata Cameo.*

Como trata suas irmãs. Como trata qualquer outra mulher.

Ela vai odiar você. Ela vai...

Nem mais uma palavra.

Mas...

Silêncio!

— Você me deu uma rasteira — disse ela.

— Sim. — E ele faria muito, muito mais até que acabassem. Tinha de ser assim. Não poderia demonstrar pena. Ou ela nunca aprenderia. Nunca estaria a salvo.

Por sorte, suas irmãs mantiveram distância e não tentaram detê-lo.

— Levante — disse ele, oferecendo-lhe a mão, que ela segurou. Mas ele não a ajudou a levantar. Ele a puxou contra o seu corpo, sacudindo sua cabeça e prendendo seus braços ao lado do corpo. — Lição número dois: um inimigo nunca oferece ajuda. Ele pode fingir oferecer, mas nunca, nunca acredite nele.

— Certo. Agora me solte — disse ela. Sabin a soltou, e Gwen caiu mais uma vez no chão. Mas ficou de pé imediatamente, com os olhos fixos nele, queimando de raiva. — Você vai me matar!

— Não seja dramática. Seja mais agressiva. Você não é humana. É capaz de aguentar todos os meus golpes. E sabe disso muito bem.

— Veremos — grunhiu ela.

E durante a próxima hora, ele a atacou. Com as mãos, com adagas. E para mérito dela, ela não reclamou, não pediu que ele parasse. Ela até recuou algumas vezes, soltou um ganido de vez em quando, e por duas vezes Sabin achou que fosse cair em prantos. Seu peito doeu muito quando ele viu isso, e percebeu que não estava mais usando toda sua força.

Exatamente como Kaia fizera.

Covarde era o que ele era. Uma desgraça para si mesmo e para os seus homens. Estava pronto para desistir, algo que nunca fizera antes. Algo de que se arrependeria pelo resto da vida.

Todos os Senhores, todas as harpias, William, Ashlyn, Anya e Danika observavam avidamente. Alguns atiravam pipocas neles. Outros apostavam em quem ganharia. Gwen tremia, tentava bater, mas a verdade é que não sobreviveria cinco minutos em uma batalha real.

— Você não está nem perto de me atingir — disse ele. — Vamos. Faça com que eu tenha que suar a camisa. Eu vou com tudo e você me oferece o rosto. Deixe que eu faça qualquer coisa. Quase me dê as boas-vindas.

— Cale a boca! — O suor escorria em seu rosto e a camiseta estava colada ao peito. — Eu não vou lhe dar as boas-vindas. Eu odeio você.

Todas as pessoas que ele treinara haviam dito isso em algum momento, mas aquela era a primeira vez que tais palavras o atingiram em cheio, queimando sua alma, fazendo-o sofrer.

— Então, por que não desistiu? Por que está fazendo isso? Por que está querendo aprender a lutar? — perguntou ele, desafiando-a novamente. Queria ouvir as palavras saindo da boca de Gwen. Com as suas provocações, talvez a motivasse. — Você poderia ser ferida. Por mim. Pelos Caçadores.

Ela caiu, mas logo se levantou, limpando a poeira. Estava marcada dos pés à cabeça por cortes e machucados. Sua calça jeans estava cheia de rasgos por causa das muitas quedas.

— Os caçadores merecem morrer — disse ela, de pé, ofegando. — Além do mais, eu já fui ferida. E sobrevivi. Eu me curei.

Por causa do sangue dele. Fora a coisa mais excitante que já fizera na vida: oferecer sua essência a uma mulher. Ele queria lhe dar mais, cada gota do seu sangue. E essa vontade só aumentava a cada hora que passava.

Sabin passou uma das mãos pelo rosto, tentando limpar um pouco a sujeira.

— Isso não vai funcionar. — Ela não poderia aguentar muito mais, e ele tampouco sabia o quanto mais poderia oferecer. — Precisamos tentar algo novo.

— A única coisa que ainda não tentamos foi liberar a minha harpia. Mas você se arrependeria, porque ela está louca para colocar as mãos em você. — Seu tom era duro.

Ele arregalou os olhos. Claro.

— Você tem razão. Se planeja lutar contra os Caçadores — embora ele já não tivesse tanta certeza se realmente permitiria isso... Mas... De onde viera tal pensamento? —, terá de aprender a liberar rapidamente sua harpia. O que significa que deve invocá-la agora e treinar com ela.

O rosto de Gwen perdeu toda a cor. Ela balançou a cabeça.

— Eu estava testando você, tentando assustá-lo. Não estava falando sério.

— Talvez seja melhor pensar bem, demônio — disse Bianka, jogando os cabelos para trás dos ombros. — Ela ainda não sabe controlar a própria harpia. Sem querer, poderia devorá-lo.

Ele virou o rosto, ficando de lado para Gwen. Parte dele esperava que ela o atacasse, provando que o escutara e que partiria para uma luta sangrenta frente ao inimigo. Mas não. Seu coração era muito doce, pensou ele.

— E você? Aprendeu a controlar sua harpia?

Ela abriu um sorriso.

— Aprendi. Foram vinte anos, mas eu gosto desse lado que carrego dentro de mim, e Gwen nunca gostou.

Ótimo. Nesse momento ele percebeu que não poderia deixar Gwen para trás quando fosse para Chicago, nem mesmo com duas irmãs protegendo-a. Se ela, acidentalmente, perdesse o controle de sua harpia, poderia ferir os guerreiros que ficassem por ali. Ele era o único que parecia capaz de acalmá-la. Poderia levá-la com ele, deixando-a em algum lugar seguro enquanto guerreava? Desprotegida?

Droga. Teria de ficar ali com ela.

Mas, surpreendentemente, tal decisão foi um alívio, e não uma irritação.

— Como você aprendeu? — perguntou ele a Bianka.

— Prática. Arrependimentos. — A última palavra foi dita com uma pitada de tristeza. Ela provavelmente havia matado pessoas de quem gostava, assim como Gwen temia fazer.

Sabin se concentrou completamente em Gwen.

— Vamos ter que colocá-la num programa de aprendizado acelerado. Liberte sua harpia. Quero brincar um pouco com ela.

— Não. — Ela balançou a cabeça de forma violenta mais uma vez e se afastou dele, com as palmas para fora, para mantê-lo distante. — De jeito nenhum.

Certo. Ele trincou os dentes. *Isso é para o bem dela. Faça. Você precisa fazer.* E respirou fundo. *Dúvida. Ela é toda sua.*

Feliz por finalmente poder trabalhar sem restrições, o demônio a invadiu sem hesitar. *Ele esteve com sua irmã na cama ontem. Ela é tão bonita, tão forte. Será que ele pensou que você não voltaria a acordar? Teria pensado em nunca oferecer o seu sangue para fortalecê-la? Teria fantasiado em ter Kaia na cama, ao seu lado, com os cabelos roçando suas coxas enquanto ela o chupava com toda a força? Talvez por isso a esteja punindo tanto, para que você se afaste dele, deixando o caminho aberto para a sua irmã. Ou talvez queira que você fique muito ferida, incapaz de protestar caso decida fazer outra investida nela. Hoje à noite. A noite inteira.*

Num momento, Gwen estava à sua frente, e no segundo seguinte, o agarrava, atirando-o ao ar, ele voou por cima do bosque e só via um borrão. Após o que pareceu ser uma eternidade, suas costas bateram contra uma árvore, e respirar parecia um sonho impossível.

Os dentes de Gwen estavam expostos, suas garras trucidavam a calça de Sabin. Ele a agarrou pelos ombros, sem saber se queria empurrá-la para longe ou aproximá-la. Ela era uma harpia, total e completamente, e seus olhos estavam escuros como o céu noturno, seus cabelos se misturavam a penas, jogados para trás, deixando livre sua expressão selvagem.

— Gwen. Precisamos voltar ao campo.

— Não se mexa — disse ela com voz esganiçada, e fincou os dentes no pescoço de Sabin profundamente. Ele não poderia se mover para salvar a própria vida. — Você é meu. Meu!

Capítulo Dezoito

A MENTE DE Gwen era um furacão. Em grande parte turbulento, obscuro. Na noite anterior, ela tentara ignorar a atração que sentia por Sabin, pois ele não parecia desejá-la. Ele dormira ao seu lado, fazendo-a sentir seu cheiro de limão e menta, emanando seu calor, obrigando-a a ouvir sua respiração, com o corpo sintonizado a todos os seus movimentos, sua pele louca por um toque, um único toque, seu coração acelerado... Mas ele não fez qualquer movimento. Ignorá-lo já não seria uma opção.

Ela estava ficando obcecada por ele. Queria saber mais coisas sobre ele. Queria passar todos os minutos do dia ao seu lado. Queria possuí-lo. *E o possuiria*, disse uma voz em sua cabeça. A harpia. Que mostrava suas garras, levando-a a fazer tudo o que ela fantasiava. E qual era o problema se Sabin não era o que ela imaginava de um homem perfeito? Qual era o problema se ele a traísse, se isso o fizesse ganhar a guerra? Por que não aproveitar o momento? Com ele. Se ele pensava em levar suas irmãs...

Ela sabia que o Demônio da Dúvida murmurava tudo isso em sua cabeça. Reconhecia seus sussurros, mas fora incapaz de evitar o jorro de violência que tomou conta de seu corpo. Sabin e Kaia... Não! Ninguém poderia tocá-lo, nem mesmo suas irmãs queridas. Isso podia soar irracional, mas ela não ligava.

Ele repetira várias vezes que só desejava Gwen. Bem, ele teria que provar isso.

Ela o encurralara, não poderia fazer nada para escapar. Era seu. Seu, seu, *seu*, para que ela fizesse o que quisesse. E naquele momento, o queria nu. Ele já tinha tirado a camisa no campo de batalha, e tudo o que restava era sua calça. Ela cuidou dos botões, depois do zíper. Em poucos segundos, o jeans não era mais que um tecido ao vento agradável.

Ele não estava de cueca.

— Acho que roubaram minha cueca — disse ele, envergonhado, seguindo o olhar de Gwen.

Seu membro ereto ficou livre, comprido, grosso, orgulhoso, e ela arfou de prazer. Seus testículos estavam pesados e contraídos. A luz do sol o banhava, transformando o bronzado de sua pele em um tom dourado delicioso. Sabin a atirara ao chão naquele dia, e ela aceitara o desafio sem (muita) reclamação. No fundo, ela sabia que precisava daquele tipo de treinamento. Não queria ser vencida mais uma vez. E em parte queria vingar-se do homem que abusara dela. *Além do mais*, queria

impressionar Sabin. Ele valorizava a força.

— Meu — disse ela, agarrando o seu membro com os dedos. Nem ela reconhecia sua própria voz. Ela tinha um tom mais alto, mais ríspido. Sua mão ficou úmida.

Ele arqueou os quadris para a frente, forçando para que a mão de Gwen tocasse a base de seu pênis.

— Ah! — gemeu ele.

Ela o agarrou com mais força. Sua visão estava um pouco distorcida, misturada ao infravermelho, e por isso conseguia ver o calor emanando do corpo de Sabin.

— Diga ao seu demônio que fique de boca fechada, ou vou acabar com ele.

— Ele está quietinho desde que você me abateu.

Ótimo. Ela deve ter assustado os animais e insetos da floresta, pois não ouviam nada. Ela e Sabin estavam completamente sozinhos, a mais de um quilômetro de onde treinavam.

— Arranque minhas roupas. Agora.

Nada acostumado a seguir ordens, ele reagiu lentamente. Gwen resolveu cuidar disso sozinha, e ele rosnou:

— Tire suas mãos daí.

Quando ela o obedeceu, Sabin arrancou suas roupas, fazendo o máximo esforço possível para não romper a conexão entre eles. Finalmente, ela estava nua, a pele quente de ambos se tocava, e ele gemia.

— Linda — disse ele, passando as mãos nas costas de Gwen, até parar e perguntar: — Asas?

— Algum problema? — Um ar quente a acariciava, deixando seus mamilos rígidos, aumentando o calor entre suas pernas. O desejo que sentia por ele nessa região do corpo era constante. Na verdade, estivera presente desde aquele momento no chuveiro.

— Deixe-me ver — disse ele, girando-a. Por um momento não houve nenhum comentário ou reação. Ele nem respirava. Depois beijou uma de suas mínimas e palpitantes protuberâncias. — Elas são incríveis.

Nenhum homem jamais vira suas asas. Ela as mantivera escondidas até mesmo de Tyson, nunca permitindo que escapassem das aberturas nas suas costas. Suas asas eram uma prova de que ela era um ser diferente. Mas, sob os olhos de Sabin, ela sentia... orgulho. Tremendo, Gwen girou o corpo, voltando à posição anterior.

— Vamos começar.

— Tem certeza de que quer fazer isso, Gwen? — perguntou ele, e sua voz era rouca e densa.

— Nada poderá me deter. — Nada mesmo, nem mesmo uma recusa de Sabin. Ela o teria, conheceria seu gosto e o sentiria dentro dela, naquele momento, imediatamente. Em parte sabia que não estava agindo conscientemente, mas não se importava. Sabin já a marcara para mantê-la longe dos seus amigos. Agora *ela* o marcaria.

— Tem certeza de que é você, e não a sua harpia, quem quer fazer isso?

Ele não a faria se sentir culpada por isso.

— Pare de falar. Eu vou ter você. E não me importo com o que diga.

— Ótimo. — O mundo de Gwen girou e ela sentiu a casca de uma árvore nas costas. Sabin

chutou seus tornozelos, abrindo suas pernas. Rapidamente, ele introduziu uma de suas coxas, deixando seu clitóris bem acima do joelho dele.

— Vai haver consequências, espero que saiba disso.

— Por que está falando? — Como o pênis de Sabin era muito grosso, ela não conseguira fechar os dedos em volta do seu membro, então perdeu o controle sobre ele. Isso a irritou, e ela rosnou: — Devolva.

— Não.

— Agora!

— Daqui a pouco — prometeu ele, mordendo a orelha de Gwen. Para distraí-la? Que homem maquiavélico... Não importava, funcionou.

Enquanto ela gritava devido à sensação maravilhosa, ele desceu o rosto, buscando sua boca. Ele mergulhou a língua bem fundo, oferecendo, aceitando, exigindo, buscando, implorando, girando, marcando cada centímetro de sua boca. O gosto de menta a atingiu primeiro, depois o de limão, até que os sabores se transformaram em uma parte dela; o hálito de Sabin era o seu hálito.

Ele passou os dedos entre os cabelos de Gwen, aproximando-se. Os dentes de ambos rangeram uns contra os outros, e ele mergulhou ainda mais sua língua. Os seios de Gwen roçaram contra seu peito, numa fricção que fazia suas pernas tremerem. Era como se já não as estivesse sustentando. A perna dele a sustentava. Ela se jogara completamente contra o joelho dele, deslizando para cima e para baixo, enquanto uma torrente de sensações tomava conta do seu corpo.

— É isso o que eu chamo de agarrar firme — disse ele, num tom esgançado.

Ela precisou reunir cada centímetro de humanidade dentro dela, mas conseguiu afrouxar os dedos. Ficou desapontada, e a harpia gritou, exigindo que ela o *fizesse* gostar.

Sabin franziu a testa.

— O que você está fazendo? O seu pulso é firme mesmo, mas eu quero ainda mais força. Você não vai me machucar, Gwen. — Enquanto ele agarrava seu traseiro, abaixou a cabeça e sugou com força um dos seus mamilos.

Ela gritou, sua barriga tremia, suas mãos estavam cravadas no cabelo de Sabin, puxando com força. Suas palavras... Nossa, eram lindas como uma carícia, libertadoras, ela nunca ouvira nada igual.

— Eu adoro a sua força.

— Eu também. E quero tudo o que você puder me oferecer. — Ele chutou os tornozelos dela e a derrubou no chão. Depois foi atrás dela, nunca desacelerando a busca pelo seu centro de feminilidade. Quando a alcançou, abriu suas pernas o máximo que pôde, e apenas olhou para ela.

— Toque-me — ordenou ela.

— É lindo. Tão rosado e úmido. — Seus olhos estavam semicerrados. Ele lambeu os lábios, como se pudesse antever o gosto dela. Seus olhos escuros se iluminaram. — Você já esteve com um homem?

— Você sabe que sim. — Não teria razão para mentir.

Um músculo ficou tenso na mandíbula de Sabin.

— Aquele babaca do Tyson a tratou como você merece?

— Sim. — Ele era bom, mas a vida era monótona. E tudo o que ela não queria naquele

momento era monotonia. Como Sabin dissera: não poderia machucá-lo. Tudo o que ela pudesse oferecer, ele aceitaria... Ele queria. Mesmo sem ter penetrado seu corpo, o prazer que sentia alcançara um outro nível.

— Acho que vou matá-lo — murmurou ele, roçando seus dedos nos mamilos de Gwen. — Você ainda pensa nele?

— Não. — E também não queria ficar falando sobre Tyson. — Você já esteve com uma mulher?

— Não muitas, levando em conta a minha idade. Porém, talvez mais do que um humano jamais terá na vida.

Pelo menos, ele era sincero.

— Acho que vou matar todas elas. — Infelizmente, não era uma ameaça vazia. Gwen sempre odiou a violência, sempre fugiu das lutas, mas naquele momento ficaria feliz ao enterrar uma adaga no coração de todas as mulheres que já tivessem provado aquele homem. Ele a pertencia.

— Não precisa — disse ele com sombras nos olhos. Em seguida, mergulhou em seu sexo, lambendo-o e gemendo, com uma expressão que demonstrava o prazer que o inundava.

As costas de Gwen se arquearam, ela olhou diretamente para o céu. Que maravilha. Como aquilo era bom! Ela levou os braços para trás e se agarrou à base de uma árvore, pois sabia que deveria segurar firme antes que começasse a viagem mais prazerosa de sua vida.

— Mais? — perguntou ele, com voz rouca.

— Mais!

E ele a chupou repetidas vezes, depois passou a brincar com os dedos, abrindo-a, entrando em seu corpo profundamente. Gwen nem precisava perguntar se ele gostava do que fazia, pois Sabin a lambia como se fosse um doce, e ela enlouquecia com seus toques sensuais.

— Isso — elogiou ele. — É assim que se faz. Estou com o membro na mão, não posso evitar... Imaginando que a minha mão é a sua, e com um gosto celestial na boca.

Os gritos de Gwen ecoaram pela floresta, cada um mais forte que o outro. Estava quase lá... Tão perto...

— Sabin, por favor...

Os dentes de Sabin arranharam seu clitóris, e nada mais foi necessário. Ela chegou ao clímax, com a pele arrepiada, os músculos tremendo de alegria, os ossos trincando.

Ele a chupou até sugar a última gota.

Quando ela arfou, Sabin a virou de costas e a colocou sobre as mãos e os joelhos. Ele a provocou com a cabeça do seu membro, passando-a entre as suas dobras, mas sem penetrá-la.

— Quero ver você.

— Eu não quero machucar as suas asas.

Que homem mais doce.

— Deixe que *eu* sinta o *seu* gosto — disse ela, e Sabin gemeu. Ela queria lamber sua tatuagem também. Ela a atraía, era afrodisíaca por si só, mas nunca conseguira observá-la como desejava.

— Se sentir meu gosto, não poderei fazer amor com você. E quero fazer amor com você. Mas a escolha é sua. — Ele pressionou seu peito contra as costas de Gwen, seu rosto a apenas alguns centímetros do de Gwen.

Ter seu pênis na boca ou entre suas pernas? Que escolha mais dura, literalmente. No final, ela optou pelo que fantasiara toda a noite. Tinha de saber como seria ser sua mulher. Completamente. Ou se arrependeria pelo resto da vida. Fosse uma vida curta ou longa. Ao ter sido baleada e descobrir que queria ajudar a acabar com aqueles Caçadores, ela aprendera uma coisa: o tempo não era uma garantia, nem mesmo para os imortais.

— Da próxima vez, então.

Ela esticou os braços, agarrando seus cabelos e puxando a boca de Sabin até a sua. Ele voltou a mergulhar a língua, e dessa vez ele tinha o seu sabor.

Posicionou-o à entrada dela, mas pouco antes de escorregar para dentro, parou. E xingou.

— Não tenho camisinha.

— Nós, harpias, só somos férteis uma vez ao ano, e essa não é a época. — Mais uma razão para que Chris esperasse por tanto tempo. — Entre. Agora.

E no instante seguinte, o membro de Sabin estava enterrado até o final. O beijo foi interrompido quando ela soltou outro grito de prazer. Ele a penetrou, a preencheu, tocando todas as partes do seu corpo, e foi muito melhor do que ela sonhara.

Sabin mordeu o lóbulo da sua orelha. Ela fincou as unhas no seu ombro, sentindo o sangue quente gotejar enquanto ele suspirava. Humm... O cheiro doce do sangue chegou às suas narinas, e ela ficou com água na boca.

— Eu quero... Preciso...

— Tudo o que quiser será seu.

Ele continuava investindo dentro dela, diversas vezes, entrando e saindo, rápido, duro, com os testículos batendo contra seu corpo.

— Eu quero... Tudo. Tudo. — E ao senti-lo, sua mente ficou vazia, perdida; já não era Gwen nem a harpia, mas sim, uma extensão de Sabin. — Quero o seu sangue — disse ela. E apenas o dele. Pois só de pensar no sangue de outra pessoa, ela já se sentia vazia, insatisfeita.

Sabin saiu completamente do corpo dela.

Ela deixou escapar uma lamúria:

— Sabin...

No instante seguinte, ele estava deitado no chão, encaixando-se por baixo dela, penetrando-a bem fundo, investindo, deslizando. Um dos joelhos de Gwen se cortou num arbusto, mas até isso parecia lhe proporcionar uma sensação mágica. Prazer, dor, não importava. Uma coisa alimentava a outra, e ela estava sendo arrastada por um mar de felicidade.

— Beba — disse ele, agarrando sua cabeça e dirigindo-a ao seu pescoço.

Os dentes de Gwen já estavam afiados. Sem hesitar, ela o mordeu. Ele rosnou alto, por muito tempo, e ela sugou o líquido quente para dentro de sua garganta, com sua língua dançando sobre a pele de Sabin. Como se fosse uma droga, o líquido se espalhou pelo seu corpo, e a sensação de calor se transformou em um chiado que invadiu suas veias. Ela começou a tremer, colando seu corpo ao dele.

— Mais — pediu ela. Queria tudo o que ele tinha para lhe dar, cada gota. Precisava daquilo. Ela... O mataria, percebeu, forçando-se a se levantar. O membro de Sabin penetrou-a ainda mais

profundamente, e ela estremeceu.

— Eu quase bebi sangue demais.

— Bobagem.

— Você poderia ter...

— Não vou. Agora, me dê mais. Quero tudo, como você disse.

Ela cavalgava em cima dele, e Sabin tinha os dedos tão cravados nela que quase rompia sua pele. O medo de machucá-la desaparecera, dando lugar apenas a uma intensa sensação de necessidade.

— Assim. Que delícia... Que maravilha... — dizia ele, sem fôlego, colando-se ao corpo de Gwen, acariciando seu clitóris com o polegar. — Não quero que isso... termine.

Nem ela. Nada a consumira tanto antes. Nada tomara conta de sua mente de forma tão violenta, a ponto de nada mais importar. Suas irmãs poderiam encontrá-los, podiam estar procurando por eles naquele exato momento. Eram rápidas, talvez já estivessem por ali. *Não posso parar, preciso de mais.*

Ela deixou a cabeça cair para trás, e as pontas dos seus cabelos roçavam o peito de Sabin. Levantando-se, ele agarrou e massageou seus seios, e com um pouco de pressão jogou o corpo de Gwen para trás. Ela aceitou e segurou nas coxas dele.

— Vire-se — disse ele, rude. — Quero o *seu* sangue.

Ela deve ter hesitado muito, o que exatamente ele queria? Ela tinha ouvido bem? Ele agarrou seus joelhos, erguendo-a, e a girou. Seu membro permaneceu dentro dela. Quando Gwen olhava em outra direção, e não para ele, os dedos de Sabin envolveram seu pescoço e o inclinaram. Ela estava de costas para ele. Os dentes de Sabin logo pousaram em seu pescoço, e começou a se contrair, gritando de prazer.

Ele não a sugou por muito tempo, só o suficiente para chegar ao orgasmo, elevando o quadril em direção a ela, penetrando-a bem fundo, com uma das mãos coladas ao seu ventre, mantendo-a firme contra ele. Nada se comparava àquilo. Nada era tão selvagem, tão necessário, tão libertador. Ela e a harpia foram aos céus, perdidas no prazer de mais um clímax.

Uma eternidade se passou até ela se deixar cair, completamente exausta, incapaz de respirar. Seu peito arfava. Sabin também não conseguia controlar a respiração, e afrouxou o peso da mão sobre ela.

A harpia estava quieta, provavelmente desmaiara. Gwen não se afastou dele, mesmo com vontade de desmaiar também. Não dormia havia muito tempo, pois estava assustada com a dor e as feridas, mas agora o sono estava determinado a vencê-la.

Ficou deitada exatamente onde estava, com a cabeça descansando no pescoço de Sabin, que tinha os braços em volta do seu corpo e o pênis ainda dentro dela. Estrelas brilhavam diante dos seus olhos, ou talvez fosse o sol dançando entre as estrelas.

O que eles tinham acabado de fazer... As coisas que tinham feito...

— Eu não o estupro, certo? — perguntou ela suavemente. Suas faces queimavam. Já sem a nuvem da luxúria, ela admitiu ter ficado com ciúmes, ter atacado Sabin e decidido transar com ele, mesmo se ele não quisesse.

Sabin riu.

— Você está brincando comigo?

— Bem... Eu forcei um pouco. — As pálpebras de Gwen pesavam, e ela piscou os olhos...

Fechou, abriu, fechou... Recusando-se a abri-los novamente, como se tivessem sido colados. Se suas irmãs a encontrassem dormindo, ficariam loucas. E muito desapontadas, com toda a razão. Não aprendera nada durante o tempo em que ficou presa?

— Na verdade, você foi perfeita.

As palavras deveriam fazê-la derreter. Em vez disso, ela ficou paralisada, lutando para permanecer acordada por um pouco mais de tempo. Assim que os dois relaxassem, quando não restasse qualquer ira entre eles, Dúvida poderia surgir.

— Qual o problema? — perguntou ele, subitamente preocupado.

— Eu estava esperando que Dúvida tentasse me assombrar. — Será que suas palavras eram tão incompreensíveis quanto soavam para ela? — É só você dizer uma coisa bonita que ele está batendo na minha porta, para me convencer de que você está errado.

Sabin deu um beijo suave ao lado de seu pescoço.

— Ele tem medo da sua harpia, eu acho. Quando ela aparece, ele se esconde. — O tom de voz de Sabin passava felicidade e admiração, como se, com essas palavras, tomasse alguma decisão. Mas qual?

— Alguém tem medo de mim? — perguntou ela, abrindo um sorriso tímido. — Que coisa boa de ouvir.

— É verdade — disse ele, acariciando seus seios, agarrando um de seus mamilos entre os dedos. — As harpias têm alguma fraqueza sobre a qual eu precise saber?

Sim, mas admitir isso seria punir a si mesma. Suas irmãs deixariam de falar com ela, assim como sua mãe fizera. Era uma regra que não poderia quebrar. E uma letargia tomou conta de sua mente antes que ela pudesse pensar logicamente. Ela bocejou e se aninhou ainda mais contra ele, entregando-se... Mas ainda lutando...

— Gwen?

Um chamado suave, mas que penetrou sua mente, e ela se agarrou a ele como se fosse um salva-vidas.

— Sim?

— Você apagou por um momento. Mas estava me contando sobre as maiores fraquezas das harpias.

Estava mesmo?

— O que você quer saber?

— Quero ter certeza de que está protegida, e que ninguém poderá fazer nada contra você.

Boa ideia. *Mas não acredito que você esteja realmente pensando em lhe contar.* Mas era Sabin, o homem que beijara e tocara todos os cantos do seu corpo. O homem que queria vê-la forte, invencível. E ela não gostava de saber que tinha uma fraqueza, claro. Por causa dela, os Caçadores a capturaram, embora não soubessem exatamente como. E era essa mesma fraqueza que a fazia se preocupar sempre que suas irmãs partiam em alguma missão.

— Pode me contar — disse ele. — Não vou usar isso contra você, eu prometo.

Ele já admitira uma vez que faria qualquer coisa para vencer uma batalha, até mesmo esquecer-se de sua honra. Ele também se esqueceria também dessa promessa? Ela suspirou, entregando-se ainda

mais à escuridão. *Fique acordada. Você precisa ficar acordada.* Isso exigiria tomar uma decisão: confiar ou não nele. Sabin queria que Gwen a ajudasse a derrotar seu inimigo. E ele não colocaria essa oportunidade em risco traindo-a.

— Nossas asas. Se forem cortadas, quebradas ou presas, perdemos toda a força. Foi assim que os Caçadores me pegaram. Eles não sabiam, mas quando me amarraram naquele lençol para me capturar, paralisaram minhas asas, consequentemente me enfraquecendo.

Ele apertou sua coxa. Para confortá-la?

— Talvez possamos pensar em algo para protegê-las, mas que permita que se movimentem livremente. Mas você vai precisar treinar muito com elas. É a única forma de...

Sua voz falhou completamente, e a escuridão ficou maior que antes. Senhor, ela fizera tantas, tantas coisas ruins naquela última hora. Oferecera seu corpo e se aninhara contra ele como se fosse um sofá macio. Regra das harpias: sempre vá embora depois.

Se ela caísse no sono, Sabin teria de carregá-la pela floresta e passaria por suas irmãs, que a veriam vulnerável, exatamente como ela temia.

Sou um desastre em todos os sentidos.

— Não deixe... que elas... vejam. — conseguiu Gwen falar antes de desmaiar de sono.

Capítulo Dezenove

NÃO DEIXE QUE elas vejam... O quê? Sabin ficou imaginando enquanto tomava Gwen, que dormia, em seus braços. Um som escapou de seus lábios, suave e estranhamente erótico. Ele a segurou com mais força, sentindo-se também estranhamente protetor.

Não deveria deixar que os Senhores vissem o seu corpo nu? Claro. Ele morreria antes que outro homem pudesse contemplar aquela beleza.

Não deveria deixar que suas irmãs a vissem daquela maneira? Claro. Elas fariam perguntas que ele não seria capaz de responder. Mais do que isso, provavelmente reagiriam de forma negativa à ideia de Gwen estar dormindo. Por quê? Isso ainda não fazia sentido para ele. Outro gemido, dessa vez mais baixinho, sussurrado. O estômago de Sabin trincou de desejo, pois era o mesmo som que Gwen fizera ao agarrar seu membro ereto. Ela fora atingida pelo sol, acentuando o brilho de sua pele e de seus mamilos rosados. Gwen cruzara as mãos sobre a barriga, seu corpo estava relaxado, sua cabeça pendia. Os cachos cor de morango caíam entre os braços de Sabin, sobre seu peito; era como se ele estivesse envolvido em seda.

Deveria vesti-la? Não. Não queria acordá-la acidentalmente. Ela finalmente estava descansando. Descansando de verdade. E tudo o que ele teve de fazer foi saciar os seus desejos, pensou. Depois sorriu. Se fosse preciso, faria isso todas as noites. Aquela menina precisava descansar, no final das contas. E (cof, cof) ele estava acostumado a fazer sacrifícios.

Ele não pensou nem em se vestir. Teria de colocá-la no chão, o que não era uma boa ideia, pois arriscaria que um galho de arbusto roçasse sua pele, ou que um mosquito a picasse.

Sabin beijou sua têmpora, incapaz de evitar, e seguiu em frente. Permanecendo nas sombras, seguiu em direção à parte de trás da fortaleza, sempre cuidadoso com as câmeras, as armadilhas e os arames farpados que ele e os outros guerreiros tinham arquitetado para manter os Caçadores distantes.

O que tinha acabado de acontecer entre ele e Gwen.... Nunca experimentara nada parecido em toda a sua vida. Nem mesmo com Darla, a quem tanto amara.

E, ao contrário de Darla, Gwen só queria ser forte o suficiente para lidar com o seu demônio. O que fora uma revelação surpreendente e bem-vinda.

Você realmente acha que pode ficar com ela? Por quanto tempo ela o amará, se é que alguma vez foi

estúpida o suficiente para amá-lo? Você poderá traí-la. E está sempre saindo em busca de uma guerra. Pior: você pretende lutar ao lado de suas irmãs. E se elas forem mortas? Gwen o culpará, justificadamente.

As dúvidas não resvalaram nele. Elas gritavam, entravam por suas têmporas, massacravam seu crânio. Ele tremeu, tamanha a dor que elas provocaram. Com Gwen dormindo e sua harpia saciada, o demônio de Sabin saíra do seu esconderijo, desesperado para se alimentar.

E nada melhor do que fomentar medos secretos, coisas que Sabin nem notara existir. Com tais segredos levados à sua consciência, não poderia bloqueá-los; e eles quase o engoliram por inteiro.

Ele queria que Gwen o amasse?

Queria ter aqueles olhos âmbar em cima dele, suavemente, naquele dia, no dia seguinte, para sempre... Queria ter aquele corpo sensacional em sua cama todas as noites... Queria ouvir aquela risada alegre... Queria protegê-la... Queria despertá-la para a força de sua verdadeira natureza...

Sim, ele queria que Gwen o amasse. E ela poderia fazer o seu demônio se esconder, como acabara de descobrir. Gwen assustara Dúvida.

Parte dele amara Gwen desde a primeira vez em que a vira, ele sabia disso. E, naquele momento, Gwen era uma cativa, sem esperança, e todos os seus sentidos se voltaram para salvá-la. Depois, enquanto lutava para manter a sua harpia sob forte controle, seguindo as regras do seu povo, descobriu-se maravilhado por ela. Mas nunca a entendera verdadeiramente, enganara-se pensando que ela era fraca. Porém, sabia como ela realmente era: mais forte do que as suas irmãs, mais forte do que ele.

Por grande parte de sua vida, Gwen suprimira uma brutalidade impressionante. Sabin tinha problemas em esconder seu demônio por mais de um dia. Ela deixou a própria família para seguir o seu sonho. Ela não o deixara, não fugira, nem quando descobriu quem ele era, e mesmo estando com medo.

Ah, sim. Havia mais coragem naquele pequeno ser do que alguém jamais poderia pensar. Até mesmo ela. E naquele momento, por causa dele, ela queria atacar os Caçadores. Queria se colocar em perigo, todos os dias.

Se ela fosse ferida, se curaria. Disso ele sabia. Racionalmente, pelo menos. Mas só de pensar em vê-la machucada, ensanguentada, quebrada ou algo do tipo, fez com que Sabin rosnasse enquanto entrava pela porta dos fundos da fortaleza. *Sou um grande idiota!*

Fico sem argumentos quanto a isso.

Franzindo a testa, ele seguiu por uma passagem secreta, uma passagem que Torin monitorava.

Sabin olhou para uma das câmeras escondidas e balançou a cabeça, o que era uma ordem para que seu amigo mantivesse a boca fechada. Mas não diminuiu o passo. Ao chegar ao seu quarto, abriu a porta com o pé. Gwen o amava? Ela se sentia atraída por ele, ou não teria se entregado tanto nem tão apaixonadamente, oferecendo a ele o melhor orgasmo de sua vida, de sua longa vida. E confiava nele, ou não teria revelado sua maior fraqueza. Mas amar?

Se ela o amava, esse amor seria capaz de se sobrepor ao que eles teriam de encarar? Ele não sabia, mas não a deixaria escapar. Ela era sua, e ele, dela. Sabin a avisara que haveria consequências caso se oferecesse.

Ele queria saber tudo sobre ela. Queria saciar todas as suas necessidades. Queria mimá-la. Mataria

qualquer um que a ferisse, até mesmo suas irmãs.

Ele já lhe dissera que seria capaz de dormir com outra mulher se isso ajudasse sua causa. Que tolo ele tinha sido. Que ingênuo. Só de pensar em estar com outra mulher, ficava gelado. Doente. Nenhuma delas seria, soaria ou teria o mesmo gosto de Gwen. Mais do que isso: estar com outra mulher a magoaria, e ele não seria capaz de magoá-la. E só de pensar em Gwen com outro homem, beijando-o, tocando-o, abraçando-o, divertindo-se com ele... Para ganhar uma batalha, Sabin morria de raiva.

E se ela desejasse outro homem? Ansiasse por ele...

Mais uma palavra e juro por todos os deuses que encontrarei a caixa de Pandora e o arrastarei lá para dentro pelas bolas.

Você morreria. Havia um tremor nessas palavras.

E você sofreria. E nós dois sabemos que eu daria a minha vida para destruir meu inimigo.

Quem cuidaria da sua preciosa Gwen?

Suas irmãs. Devo chamá-las? Deixar que fale com elas?

Silêncio. Um doce silêncio.

Sabin deitou Gwen gentilmente na cama e a cobriu com lençóis. Uma batida alta ecoou na porta, e ele inclinou o corpo para a frente. Gwen não se mexeu, não fez qualquer som nem demonstrou ter notado a interrupção. Isso salvou a vida do intruso.

Deu três passos largos e chegou à porta, abrindo o trinco.

Kaia tentou entrar no quarto.

— Onde ela está? Espero que não a tenha machucado, Sr. Vamos Bater na Gwen por Diversão.

— Eu não estava me divertindo. Fiz aquilo tudo para fortalecê-la, e você sabe disso. Deveria me agradecer, pois falhou ao fazer o seu trabalho. Agora vá embora.

Kaia olhou para ele com as mãos na cintura.

— Não vou sair daqui até vê-la.

— Estamos ocupados.

E aqueles olhos dourados, tão parecidos com os de Gwen, observaram seu corpo nu.

— Estou vendo. Mas, ainda assim, quero falar com ela.

Não deixe que elas me vejam, pedia Gwen.

— Ela está nua. — Verdade. — E quero voltar para o lado dela. — Mais uma vez, verdade. — A conversa de vocês pode esperar.

Um sorriso largo se abriu no lindo rosto da harpia, e seus ombros pareciam aliviados. Graças aos deuses, o sexo não era proibido às harpias.

Ele e Gwen teriam uma longa conversa quando ela acordasse, e ela teria de contar exatamente tudo o que era ou não permitido. E as regras com as quais ele não concordasse seriam abolidas.

— Mamãe ficaria tão orgulhosa! A pequena Gwennie pegando um demônio malvado.

— Saia daqui — disse ele, batendo a porta na cara dela. Depois fez uma careta e girou o corpo. Felizmente, Gwen ainda não se movera.

Durante todo o dia, guerreiros, mulheres e harpias bateram à sua porta. Ele não foi capaz de relaxar, pois não conseguia tirar as palavras de Gwen da cabeça. Não deixe que me vejam. Mas *quem?*

As suas irmãs já a tinham visto dormindo ao seu lado, na noite em que chegaram, e ele não entendia qual era o grande problema. Não tentaram puni-la nem nada parecido. Estaria Gwen envergonhada das mordidas no seu pescoço? Talvez não devesse ter feito aquilo.

Os primeiros visitantes foram Maddox e Ashlyn, sorridente com um prato de sanduíches.

— Após uma sessão tão intensa de treinamentos, imaginei que você e Gwen estariam famintos.

Maddox não sorria, mas também não insistiu que Gwen deveria ir embora.

— Obrigado — disse Sabin, pegando o prato e fechando a porta. E vestiu um roupão, querendo dar àquilo tudo uma aparência de maratona sexual. Kaia parecia feliz ao pensar nisso, então não deveria ser uma vergonha para as demais harpias... Enquanto ele ainda mantivesse sua dignidade.

Depois vieram Anya e Lucien.

— Você e Gwen querem ver um filme conosco enquanto fingimos ler aqueles pergaminhos empoeirados, mas acabamos fazendo com que todos trabalhem para nós? — perguntou Anya, erguendo as sobrancelhas. — Vai ser divertido.

— Não, obrigado. — E, mais uma vez, fechou a porta.

Pouco depois, veio Biana.

— Preciso falar com minha irmã.

— Ela ainda está ocupada. — *Dormindo*, pensou, e fechou a porta na cara dela.

Finalmente, as visitas pararam. Sabin enviou uma mensagem de texto para Torin, para dizer que ficaria por ali enquanto os demais iam para Chicago.

“Imaginei” foi sua resposta. “Por isso já consegui um substituto. Gideon vai participar da missão.”

Seu alívio era quase palpável. Deixar Gwen daquela forma não era nem uma opção.

Se algum dos homens for ferido, você se culpará, disse Dúvida.

Sabin não tentou negar. *E com razão.*

E se começar a sentir ressentimento por Gwen?

Não vou sentir. E revirou os olhos.

Como você sabe? Estava chateado, ranheta.

Ela não deve ser culpada. Eu devo ser culpado. Caso eu fique ressentido com alguém, será comigo mesmo.

Como poderia se ressentir com aquela mulher tão doce? Se soubesse da viagem a Chicago, ele suspeitava que ela se ofereceria para ir com ele.

Sabin observou o sol se pondo, a lua nascendo e o sol reaparecendo, incapaz de relaxar ou descansar. Por que Gwen não acordava? Ninguém precisava descansar *tanto*. Precisava de sangue novamente? Ele pensou ter oferecido o suficiente no calor de sua paixão.

Sabin recostou-se na cadeira que deixara ao lado da cama. A madeira do encosto afundava em sua pele, mas ele não se importava. Dessa forma ficaria atento, sua mente se manteria ativa.

Olhe para você. Está começando a se transformar em tudo o que sempre desprezou, pensou ele. *Fracamente, por causa de uma mulher. Preocupado, por causa de uma mulher. Vulnerável a um ataque, por causa de uma mulher.*

— Sabin — ouviu um murmúrio chamando seu nome.

E se ergueu na cadeira, batendo os pés no chão com um barulho. Seu coração ficou acelerado,

seus pulmões quase ficaram sem ar. Finalmente!

Os olhos de Gwen se abriram, mas ela teve de esfregar as mãos contra as pálpebras para abri-las, pois pareciam coladas umas às outras. Os dois se olharam, e Sabin ficou sem fôlego. Como ela reagiria ao acordar na sua cama? Devia ter pensado em como *ele reagiria*... Poderia ter se preparado. Ele tremia, e seu sangue esquentou só de vê-la, tão sensual, amarrotada e preparada.

Ela franziu a testa, olhando atentamente para o quarto.

— Como eu vim parar aqui? Espere. Responda quando eu voltar.

E girou as pernas para uma das bordas da cama, levantando-se.

Sabin já estava de pé, segurando-a em seus braços.

— Eu posso andar — protestou ela.

— Eu sei — disse ele, deixando-a no banheiro, voltando ao quarto e fechando a porta, oferecendo-lhe um momento de privacidade.

E se ela cair e se machucar?

Cale a boca. Você não vai me afetar agora.

Ouviu um suspiro através da porta e sorriu. Só agora ela deve ter notado que estava nua. Segurá-la daquela forma o afetara muito. Ele estava excitado, como se seu membro fosse feito de aço, e o cheiro feminino não saía de suas narinas.

Quando ouviu o chuveiro sendo ligado, pegou uma muda de roupa e seguiu para o quarto ao lado. A porta estava aberta, então entrou sem pedir licença. As três harpias estavam sentadas em círculo no chão, com várias guloseimas no centro. Riam sobre alguma coisa... Até que o viram.

Os olhos de Kaia começaram a ficar escuros, e o demônio de Sabin se escondeu.

— É a nossa comida. — Ela deu um grito agudo, e ele fez uma careta. Estranho. Ele não se importava quando Gwen soava assim. Na verdade, ficava com vontade de agradá-la. — Nós a roubamos. É nossa.

— Fique calma — disse Bianka, batendo no braço da irmã, sem nunca deixar de olhar para Sabin. — Já era hora de você aparecer. Onde está Gwennie?

— Tomando banho. E eu preciso usar o chuveiro de vocês.

Não esperou que lhe permitissem, entrou no banheiro e pegou uma toalha.

— Após horas e horas de sexo ininterrupto, vocês não podem dividir um chuveiro? — comentou uma delas. Algumas vezes, quando ele não estava olhando para as irmãs, era difícil saber quem falava.

— Talvez eles comecem uma nova maratona se usarem o mesmo chuveiro — disse outra.

E riram.

— Ela o deixou em coma? Esteve escondendo você por tanto tempo para que não ficasse com vergonha? — perguntou Taliyah. Ele reconheceu o timbre frio que sempre o fazia estremecer.

Taliyah sabia a verdade, percebeu ele. E ficou imaginando se dormir daquela maneira era contrário ao protocolo das harpias.

— E se tivesse feito isso? — perguntou ele, sem pensar.

Bianka e Kaia murmuraram alguma coisa.

— Arrasou, irmãzinha! — disse uma delas.

Sabin chutou a porta e pulou para o chuveiro, rapidamente, com medo de que aquelas mulheres

entrassem no seu quarto e começassem a perguntar coisas a Gwen. Porém, ao sair do banheiro, notou que elas permaneciam exatamente no mesmo lugar que antes, comendo e rindo.

Taliyah, a única que não sorria, acenou para ele. Em gratidão?

Ele seguiu rapidamente para a cozinha; alguém tinha feito compras, ótimo, e pegou um saco de batatas, um brownie, uma barra de granola, uma maçã e uma garrafa de água. Voltou para o quarto, fechando a porta com um chute, e encontrou Gwen sentada na beirada da cama. Ela vestia um short de moletom e uma camiseta azul, duas peças que escolhera no passeio à cidade, e seus cabelos estavam úmidos e amarrados num coque acima de sua cabeça.

Dúvida reapareceu num canto da mente de Sabin, mas resolveu não se arriscar a irritar a harpia, e voltou a se esconder.

Forçando sua expressão para parecer natural, ele se sentou na mesma cadeira onde estivera por tanto tempo. Equilibrou a bandeja contra o estômago.

— Precisamos conversar — disse ela, olhando para a comida, desejando-a. — Sobre o que aconteceu na floresta...

Antes que ela continuasse, Sabin lhe disse que estivera dormindo por muito tempo, que tomara conta dela, que ninguém vira a marca em seu pescoço e que ninguém sabia o que realmente tinham feito, embora todos pensassem que tivessem feito amor como dois animais.

— Graças a Deus — disse ela, aliviada.

Ou graças aos deuses. Mas não importava. Qualquer outra mulher teria ficado horrorizada, pensou ele, sorrindo. Aquela era mais uma prova de que Gwen era a mulher certa para ele.

— Agora quero que me responda algumas coisas.

Ela engoliu em seco, com os olhos brilhando sob a luz do sol que conseguia entrar por uma fenda nas cortinas pesadas.

— Tudo bem.

— Por que vocês só podem comer coisas roubadas?

Ela franziu a testa.

— Eu não devo falar sobre isso.

— Acho que já passamos dessa fase.

— Eu também acho... Mas por que você quer saber?

— Para que possa entender. — Ele pegou um brownie e deu uma mordida. — Você me confiou o seu corpo. Deixou que eu cuidasse de você enquanto dormia. Chegou até a me contar qual é a sua maior fraqueza. Agora, me conte os seus segredos.

O peito de Gwen arfava, sua respiração estava entrecortada. Seu estômago rugia, e ela o acariciava sem parar de olhar para Sabin. Ou, melhor, para a comida.

— Eu... Eu... Certo. Tudo bem — disse, lambendo os lábios. — Você vai me pagar?

— Pagar? Quanto e por quê?

— Diga apenas que sim! — pediu ela.

— Sim?

E Gwen voltou a lambar os lábios, com as palavras escapando da sua boca.

— Os deuses desprezam as harpias e nos consideram uma abominação, já que nascemos de um

príncipe das trevas. Muito tempo atrás, pensaram em como conseguir a nossa ruína sem serem afetados. Queriam que ficasse parecendo que nós mesmas nos destruímos. Então nos jogaram essa maldição, dizendo que nunca mais poderíamos comer algo que nos fosse oferecido ou que nós mesmas tivéssemos preparado. E que ficaríamos muito mal se fizéssemos isso. Algumas chegaram a morrer. Bastava fazer isso uma vez para aprender a lição. Como você mesmo viu no acampamento do Egito. Enfim, após várias tentativas e erros, os primeiros da minha espécie descobriram que poderiam comer, mas só coisas roubadas ou que lhes fossem oferecidas como pagamento. Enfim, os deuses não conseguiram nos destruir, só dificultaram a nossa vida. Então, me pague. Eu lhe dei a resposta que queria, agora você me deve.

O pedido por pagamento de repente fez sentido. E Anya mencionara algo sobre comer o que ganhavam, certo? Pelos deuses, ele precisava ficar mais esperto e aprender a ouvir melhor.

— Pelo segredo — disse ele, jogando o brownie para ela, que o agarrou com um movimento rápido do pulso. A sobremesa foi consumida em um segundo. Mais uma coisa que compartilhavam, pensou ele: suas vidas tinham sido afetadas por uma maldição.

— Você poderia ter me avisado que eu poderia lhe pagar com comida — disse ele. — Eu poderia tê-la alimentado todo o tempo assim.

— Eu não o conhecia tanto para contar detalhes fundamentais da minha raça. Como sempre dizem as minhas irmãs: conhecimento é poder. E você não precisa de mais poder sobre mim.

Ele costumava dizer a mesma coisa, embora na verdade pensasse que precisava *sim* ter mais poder sobre ela.

— Mas agora você me conhece — disse ele, em tom suave, feliz com o que ouvira. — Agora você me conhece, não é isso?

As faces de Gwen ficaram vermelhas.

— Bem... Agora eu o conheço *melhor*.

Era justo. Sabin pegou o saco de batatas.

— Diga-me uma coisa: quem você não queria que a visse, o que você não queria que eles vissem?

— Minhas irmãs. Não queria que elas me vissem dormindo.

Então era por *isso*.

— Espere. Mas como você acabou dormindo com aquele franguinho? Responda e eu lhe dou as batatas.

— Sabin. Batatas!

— Você não respondeu tudo o que eu queria.

— Eu nunca dormi com um frango... Ah, você quer dizer Tyson. Por um bom tempo, não dormi com ele. Não descansava, quero dizer. Isso conta? Posso comer as batatas? — E aproximou os dedos do saco, desesperada.

Ele o segurou firme.

— Por quanto tempo esteve com ele?

— Seis meses.

Seis meses! Ele trincou os dentes, não gostava nada de saber que ela estivera com outro homem por tanto tempo.

— E ficou acordada durante todo esse tempo?

— Não. Num primeiro momento, ele imaginou que eu sofria de insônia. Ficava acordada a noite toda. Porém, quando o cansaço era muito grande, dizia que estava doente, não ia trabalhar e ficava dormindo nas árvores. Esse é o único local onde deveríamos dormir, pois é quase impossível sermos vistas ou alcançadas. Mas os meses se passaram, e eu pensei: por que não dormir ao lado do homem em quem eu confiava? E comecei a dormir na mesma cama que ele. Mas, antes que você pergunte, não dormir junto a outras pessoas não é uma exigência ou maldição dos deuses, mas sim uma medida de segurança que todas nós, harpias, aprendemos desde o berço.

Ele não se lembrava de ter visto suas irmãs indo para a floresta à noite. Mas, como se moviam tão silenciosamente, poderiam perfeitamente ter feito isso.

— Por quê?

Ela suspirou, frustrada.

— Nossas asas podem ser amarradas enquanto dormimos. Uma prova disso é o tempo em que fiquei no cativeiro. Agora me dê essas batatas!

Ele atirou o saco para Gwen.

O plástico se abriu e as batatas voaram para todos os lados. Gwen pôs uma delas na boca, fechando os olhos e gemendo. Sabin teve de engolir o próprio gemido.

— Quer ganhar a maçã?

A ponta da língua de Gwen saiu de sua boca, passeando sobre seus lábios.

— Sim. Por favor.

— Então me diga o que pensa de mim. O que pensa sobre o que fizemos na floresta. E não minta. Só quero a verdade.

Ela hesitou.

Por que não queria que ele soubesse? O *que* não queria que ele soubesse? Após um minuto de silêncio, ele temeu que Gwen poderia se contentar com a comida que já recebera. Mas ela o surpreendeu.

— Eu gosto de você. Mais do que deveria. Estou atraída por você e quero estar com você. Quando não estou com você, estou pensando em você. Isso é ridículo. Eu sou ridícula. Mas adoro o jeito como me sinto quando estou ao seu lado. Quando o seu demônio está quieto, eu não fico envergonhada, assustada, nem sinto que posso ser esquecida. Sinto-me valiosa, desejada e protegida.

Sabin atirou a maçã para ela, que a agarrou, evitando o seu olhar.

— Eu sinto o mesmo por você — admitiu ele bruscamente.

— Sério? — perguntou ela, encarando-o, com esperança.

— Sim.

Lentamente, ela abriu um sorriso, que logo desapareceu, e Gwen arqueou os ombros. Mordeu a maçã, mastigou, engoliu.

— Diga o que você está pensando — pediu ele.

— Não sei se isso daria certo. Você já me disse que poderia trair a mulher que ama se isso o ajudasse a ganhar uma batalha. Não que eu pense que você me ama. Eu só... Mas se você estivesse com alguém mais, eu a mataria. E depois mataria você, também. — O seu tom era ácido ao dizer as

últimas palavras, aço afiado.

— Não. Eu não seria capaz. Não acredito que seja capaz. — E passou uma das mãos sobre o rosto. — Só consigo pensar em você. Duvido que fosse capaz de fingir com outra pessoa.

— Mas por quanto tempo isso vai durar? — perguntou ela, em tom suave, rolando a maçã entre as mãos.

Para sempre, ele imaginou, cheio de culpa. Já devotara muito mais tempo a ela do que deveria. Não estudara os nomes nos pergaminhos de Cronos, nem fizera nada para encontrar os demais artefatos. Não procurara por Galen.

Por muitos anos, sempre colocara a guerra contra os Caçadores acima de qualquer coisa, e exigira que os seus homens fizessem o mesmo. Distrações não eram toleradas. Eles lhe entregavam tudo o que Sabin pedia, e mais. Então como, sendo o líder que era, poderia entregar-se inteiramente a Gwen?

Mas, em vez de respondê-la, ele ficou de pé e disse:

— Eu negligenciei as minhas tarefas para cuidar de você, e agora tenho muito o que fazer. — E a deixou sozinha. Se quisesse ficar com ela, tinha muita coisa em que pensar antes.

Capítulo Vinte

E EU QUERIA ser um soldado? Gwen ficou pensando pela milésima vez após mais uma sessão de treinamento. Estava machucada, suada e ofegante ao cair na cama de Sabin.

Nos últimos dias, Sabin dividira seu tempo entre os deveres, seja lá quais fossem, e o treinamento de Gwen. Ela passara as últimas horas apanhando muito. Mais uma vez. Ele não tivera pena, não demonstrara compaixão. Foi um saco!

— Você é mais forte que isso, não é? — perguntava ele, como se pudesse ler seus pensamentos.

— Sou. — E era mesmo.

— Não vou pedir desculpas. Você sabe que pode levar um soco agora.

— E também distribuir o meu — respondeu ela, lembrando que mandara o musculoso guerreiro para voar sobre as árvores, sem poder respirar, apenas uma hora antes. Também sabia quando recuar e quando atacar.

— Você só precisa aprender a invocar sua harpia mais rapidamente. Coisas boas acontecem quando consegue. — Ele se sentou na beira da cama, pousando uma das mãos na base do seu pescoço e girando a cabeça de Gwen na sua direção. — Agora beba.

Quando ela fincou os dentes em sua artéria, as faces de Gwen ficaram quentes ao se lembrar da forma como o tivera na floresta. Depois fechou os olhos e ficou simplesmente se deliciando com o sabor daquele homem.

Ele a puxou para o seu colo sem interromper o contato, e ela imediatamente abriu as pernas, aceitando-o contra seu corpo. Sabin esfregou seu membro ereto entre as coxas de Gwen. Ela gemeu de prazer, de desejo. Porém, quando passou os dedos entre os cabelos de Sabin, aproximando seus dentes para mergulhar em seu sangue, ele a deitou de costas no colchão, levantou-se com as pernas ainda trêmulas e seguiu em direção à porta.

— Chegou a hora do segundo round — disse ele. — Encontro você lá fora. — Ele desapareceu.

— Você está começando a me deixar chateada — gritou ela.

Não houve resposta.

Ela quase berrou de frustração. Já fizera isso duas vezes. Treinava ao seu lado, levava-a ao seu quarto para curar suas feridas com aquele sangue maravilhoso, deixava-a excitada, pronta, e depois a abandonava por causa de seus “deveres” ou de mais treinamento. Por quê? Desde que tiveram aquele

breve papo, Sabin nunca mais fizera amor com ela. Por quê?

Tinham declarado seus sentimentos um ao outro, certo? Ela sabia que o desejava, e que o teria pelo tempo que fosse possível. Não voltaria a negar. Se não durassem muito tempo, pelo menos teria tentado. E, claro, o afastamento seria culpa dele, e Gwen não teria qualquer arrependimento.

Só de pensar em culpá-lo por qualquer discórdia futura, Gwen notou sua frustração desaparecendo e abriu um sorriso forçado. Pensar em um futuro ao lado dele a fez sonhar acordada, e ela agarrou o travesseiro. Ele era o tipo de homem com o qual qualquer harpia sonhava. Poderoso, um tanto selvagem, bem perverso. Poderia matar um inimigo sem culpa. Não tinha medo do trabalho duro. Podia ser rude, impassivo, mas era gentil com ela.

A única pergunta era: Sabin colocaria Gwen à frente de sua guerra?

Espere. Na verdade, eram duas perguntas: ela queria que Sabin fizesse isso?

Suspirando novamente, levantou-se e saiu. O sol estava alto no céu e ela procurou por Sabin. Assim que o encontrou, sentiu uma onda de orgulho. *É meu.* Ela estava armada com duas adagas, com as lâminas afiadas.

Não há motivo para treinar com coisas de mentira, ele lhe dissera. E planejavam trabalhar com armas no dia seguinte. A luz dourada acariciava o peito nu de Sabin, intensificando seu bronzeado. O suor escorria por seus músculos, fazendo-os brilhar... E Gwen ficou com água na boca. As feridas ainda doíam no pescoço de Sabin. Gwen gostaria que permanecessem ali para sempre, com uma marca.

Eu tive toda essa força sobre mim, dentro de mim.

E ela queria ter tudo aquilo de novo. O mais rápido possível. As noites eram o momento mais complicado. Ele não entrava no quarto até de manhã, e ela não precisava do demônio de Sabin para ficar imaginando por onde ele estivera, o que estivera fazendo, depois se deitava ao lado dela, mas se recusava a tocá-la. Ela sentia seu calor, ouvia sua respiração suave, e tremia. Depois caía no sono antes que fizesse qualquer outra coisa.

Naquela noite, se ele continuasse tentando resistir, ela resolveria o problema com as próprias mãos. Literalmente. Ele já lidara com sua harpia uma vez e sobrevivera. Poderia muito bem lidar com ela de novo.

— Droga — disse Ashlyn, esposa do Guardião da Violência. Era surpreendente ouvir aquela mulher sempre educada xingar. — De novo, não!

Como sempre, Ashlyn e Danika estavam sentadas por perto, torcendo por Gwen. Também gostavam de vaiar quando Sabin a atirava ao chão. Mesmo que não tivesse passado muito tempo com elas, Gwen as adorava. Eram abertas e honestas, gentis e espirituosas, e, apesar de tudo, tinham conseguido que um relacionamento com um Senhor do Mundo Subterrâneo funcionasse. Gwen planejava perguntar qual era o segredo das duas, mas ainda não tivera tempo.

Estavam um tanto distraídas, brincando com Anya, Biana e Kaia, que também gostavam de assistir aos seus treinamentos. Ashlyn e Danika deram as boas-vindas às suas irmãs com os braços abertos, dizendo que a fortaleza precisava de mais hormônios femininos para balancear o excesso de testosterona.

— É a minha vez — disse Biana, fazendo uma careta. — Afaste-se ou terá os dedos decepados.

A escolha é sua.

Maddox estava dentro de casa, ou teria desafiado sua irmã, Gwen tinha certeza. Fosse ou não de brincadeira, ele não gostava de ver ninguém desafiando sua mulher.

O guerreiro chamado Kane estava de pé em um canto, observando as mulheres com um meio-sorriso no rosto e os olhos castanhos brilhando. Estava em campo aberto, e não recostado a uma árvore, debaixo de uma sombra. Ainda assim, quando Gwen o notou, um galho fino surgiu por trás, atingindo-o diretamente no rosto.

Ele e alguns outros permaneceram em Budapeste para ler os pergaminhos que Cronos, o rei dos deuses, lhes entregara — seria essa uma das tarefas de Sabin? —, enquanto os demais tinham ido para Chicago numa missão, destinados a “destruir Caçadores”. Era estranho, mas ela estava com saudade deles.

— ... se concentrando? — Ela recebeu um soco no estômago, fazendo com que caísse sentada no chão.

Sabin se colocou imediatamente em cima do seu corpo, com as adagas voltadas para seus ombros.

— Já conversamos sobre o que acontece quando nos perdemos em nossos pensamentos.

Como os pulmões de Gwen tinham sofrido com a batida, ela demorou um pouco para responder.

— Nós ainda... Não tínhamos começado.

Você realmente acha que é... forte o suficiente para isso?

A voz de Dúvida passou pela cabeça de Gwen, mas o demônio soava relutante, com medo de ser reconhecido. Tinha mesmo muito medo dela, como Sabin lhe dissera.

— Sinto muito por usar o demônio contra você, mas quero treiná-lo também. Ou você acha que um Caçador pedirá licença para começar a lutar, esperando o nosso consentimento?

Ótimo. Talvez fosse o momento de dizer alguma coisa.

— Primeiro: o seu demônio parece um gatinho assustado ultimamente. Segundo...

Como os braços de Gwen estavam livres, ela fechou as mãos em punhos e bateu nas têmporas de Sabin. Ele grunhiu, surpreso, balançando a cabeça ao cair para trás. Ela não perdeu tempo. Deu-lhe um chute tão forte no peito que quebrou suas costelas.

A harpia riu. *Mais!*

Pela primeira vez, Gwen não ficou horrorizada ao ouvir aquela voz, e piscou os olhos, surpresa. Ela... Seria capaz de... aceitar seu lado negro?

— Vamos, Gwennie! — gritou Kaia.

— Chute-o enquanto está caído! — encorajou Bianka.

Ele ainda agarrava suas adagas enquanto piscava os olhos, tentando clarear a visão. Gwen se levantou, abrindo suas asas. Felizmente, elas eram pequenas e não rasgaram sua camiseta. Movendo-se mais rápido do que qualquer pessoa pudesse ver, correu até as costas de Sabin e imobilizou suas mãos.

Ele não teve tempo de resistir.

Antes que percebesse onde ela estava e o que fazia, as lâminas afiadas de suas adagas estavam sobre seus ombros. Uma mancha de sangue se formava ao redor de cada um deles.

Seguiu-se um momento de absoluto silêncio.

— Certo. Oficialmente, você acabou comigo. — Alguns homens se sentiriam humilhados com isso, mas havia um tom de orgulho na voz de Sabin.

Ela explodiu de alegria. Assim, mais rápido do que um piscar de olhos, ela conseguira. Realmente conseguira. Ganharia qualquer luta, fosse qual fosse seu oponente; algo que antes ela considerava impossível. Acabara de vencer um maldito Senhor do Mundo Subterrâneo, um dos guerreiros mais habilidosos deste mundo, e de qualquer outro. Os deuses tremiam com a mera menção de seus nomes.

E se não tremiam, deveriam tremer.

— Da próxima vez que lutarmos, deixe sua harpia completamente livre — disse ele.

Ela assentiu, relutante. Deixar a harpia livre para fazer amor era uma coisa, para lutar era outra.

— Pense no que em breve você estará fazendo aos Caçadores — disse Kaia, impressionada. — Garotinha, nunca vi ninguém se mover como você.

— Mamãe ficaria orgulhosa — disse Taliyah ao seu lado, batendo nas suas costas. — *Se* soubéssemos onde ela está, ela talvez a aceitasse de volta.

Gwen sentiu vontade de sair dançando. Sempre fora a estranha, a fraca, o erro. Com uma vitória, finalmente se sentia parte integrante da família.

Em silêncio, Sabin pegou as adagas de suas mãos trêmulas. O que ele estaria pensando?

— Bom trabalho — disse Ashlyn, acariciando sua barriga de grávida. — Estou impressionada de verdade.

Sorrindo, Danika disse:

— Sabin, você deveria estar sem graça. Foi vencido em menos de um minuto.

— E por uma mulher — disse Kaia, mas a alegria logo desapareceu de seu rosto. — E agora que o treino foi interrompido, eu tenho uma pergunta. Quando vamos começar a ver alguma ação por aqui? — E pousou a mão no quadril. — Estamos entediadas. Desde que chegamos. E estamos esperando muito bem comportadas.

— É verdade. Os Caçadores machucaram nossa irmãzinha, agora vão ter que pagar por isso — disse Bianka.

— Em breve — respondeu Sabin. — Eu juro.

Isso deixou Gwen um pouco assustada. Mas não tanto para querer desviar do caminho que traçara para si mesma.

— Agora vou ficar um tempo com a mulher do momento. Sozinho. — E ninguém disse nada quando Sabin levou Gwen à sua alcova privativa, onde já instalara um refrigerador. Fez um sinal para que ela se sentasse no centro de um círculo de sombras. — Quer mais sangue?

— Não. — Sério, o que ele estaria pensando? Estava sendo educado, mas muito mais distante que antes. Claro que “ficar um tempo sozinhos” não significava que estariam nus na cama. Que decepção. — Eu estou bem. Na verdade, estou com o máximo das minhas forças. — Para provar isso, ela também ficou de pé.

— Ótimo. Mas apesar de eu querer muito lhe dar o meu sangue, quero que você se recupere das feridas menores sem ele.

— Eu não tenho nenhuma ferida, pequena nem grande.

— É verdade. — Seu olhar afiado se voltou para um dos seus braços.

Ela olhou para baixo e viu sangue escorrendo do antebraço.

— Ah! — Nossa. Levar um tiro devia tê-la feito se acostumar às outras dores.

— Avise-me quando sarar.

Sempre o treinador. Ela gostava disso. Tudo o que dizia era uma lição para fortalecê-la, prepará-la para o que pudesse acontecer. E assim demonstrava quanto se preocupava com Gwen, pois não teria feito isso com mais ninguém. Só com ela, na verdade.

Agora que pensava nisso, ele só reagia com violência quando alguém a ameaçava. Kaia e Bianka, por exemplo, tinham insultado seus amigos verbal e fisicamente em várias ocasiões, e ele sorria e até se unira a elas algumas vezes, para provocá-los. Porém, quando as irmãs voltavam sua munição para Gwen, o humor de Sabin se endurecia. Para ele, homens e mulheres eram iguais em todos os sentidos, e mereciam o mesmo tratamento. E isso era outra coisa que Gwen admirava muito nele.

— Sente-se — pediu ele. — Preciso conversar com você.

— Está bem.

Quando ela se sentou, ele segurou uma garrafa de água bem gelada.

— Se quiser beber isso, vai ter que me contar o que acontece quando uma harpia assume um consorte. Quero que me diga por quanto tempo ela costuma ficar com ele e o que espera dele.

Ele... Ele... Estaria pensando em se candidatar para o cargo? Os olhos de Gwen se arregalaram quando Sabin apareceu na sua frente, esticando o corpo.

— Então?

— Os consortes são para sempre — disse ela, em tom baixo. — E são muito raros. Uma harpia é um espírito livre, mas algumas poucas vezes encontram homens que... as encantam. Acho que essa é a melhor palavra para descrever a obsessão. O seu cheiro e toque se transformam em vícios para ela. Sua voz a deixa louca como nenhuma outra, como se atingisse as suas entranhas. E o que esperam deles? Não sei. Nunca conheci nenhuma harpia com um consorte.

Ele arqueou uma das sobrancelhas.

— Você nunca teve um? Um consorte, quero dizer. E se ousar dizer que aquele franguinho...

— Não, não era meu consorte. — Tyson não encantava sua harpia, disso não havia dúvida. Ela moveu os dedos em direção à água. — Eu mereço. — A garrafa ficou suspensa no ar por um segundo. O líquido frio tocou em seus braços quando ela a agarrou. Em poucos segundos, estava vazia.

— As harpias devem obedecer aos seus consortes?

Um sorriso escapou dos lábios de Gwen.

— Não. Você acha mesmo que uma harpia deve obediência a alguém?

Sabin deu de ombros, e ela pôde notar decepção e determinação em seu olhar.

— Por que você quer saber isso? — perguntou ela.

— Suas irmãs acham... — Um músculo se contraiu no seu queixo. — Deixe pra lá.

— O quê?

Os olhos dele ficaram penetrantes.

— Quer mesmo saber?

— Sim.

— Elas acham que *eu* sou seu consorte.

Ela ficou de queixo caído, sua boca formando um enorme O.

— O quê? — repetiu ela, soando mais idiota do que nunca aos seus próprios ouvidos. — Por que elas pensam isso? — E por que não haviam dito nada *a ela*, só a Sabin?

— Eu acalmo você. Você me deseja. — O tom de voz de Sabin era quase defensivo.

Mas e se ele... E se ela... Que inferno! Ele *realmente* a acalmava. Desde o primeiro momento. E ela o desejava, queria seu sangue, sua presença, seu corpo. Gwen sempre fora um fracasso em tudo o que envolvia o mundo das harpias, e sempre imaginou que um consorte seria algo totalmente fora da sua realidade. Será que estava errada?

Quando Sabin não estava com ela, Gwen sentia sua falta. Quando ele estava com ela, queria estar colada a ele, aproveitando sua presença. Dividira seus segredos com ele e não se sentia culpada.

Anyalhe dissera que Sabin lhe pertencia, mas Gwen não acreditara na deusa. Mas... Nossa!, agora ela estava confusa.

Por que Sabin estivera tão distante dela? Não queria ser o seu consorte? Ela sentiu uma dor profunda no estômago.

— Mas eu não... Eu não sei se amo você — disse ela, tentando dar-lhe uma incerta.

Algo fez os olhos de Sabin ficarem escuros. Algo duro e quente.

— Você não precisa me amar. — A palavra “ainda” ficou suspensa no ar, não dita, mas entendida.

E *ele*, será que *a* amava? Era ter esperança demais para Gwen. Pois, se Sabin a amasse, a teria tocado outra vez, não teria?

— Vamos conversar sobre a guerra — disse ela automaticamente, em vez de perguntar o que realmente queria: *Por que não fez amor comigo?* — Não será um assunto tão desconfortável.

Ele suspirou:

— Como quiser. Eu não vou para Chicago com os outros, estou trabalhando na busca de nomes de outros imortais possuídos por demônios nos pergaminhos e nos livros que Lucien coletou ao longo dos anos, e aprendendo coisas sobre eles.

Ele não ficara por ela. Ela sabia disso e não poderia conter a alegria que a consumia. Talvez ele não odiasse a ideia de ser seu consorte, afinal.

— Encontrou alguma coisa?

— Reconheci vários nomes do tempo em que estive no céu. Grande parte dos prisioneiros de Tártaro está listada por minha causa e pelos outros Senhores, o que significa que não devemos ser suas pessoas preferidas. Seria melhor se nos uníssemos para matá-los, pois assim eles não ajudariam Galen. Como eu já disse, ele também ajudou a prendê-los quando era um de nós, mas isso talvez seja irrelevante. — Parou e suspirou mais uma vez. — Veja bem, eu toquei no assunto do consorte, pois quero conversar com você sobre uma coisa.

A decepção e a ansiedade duelavam pela supremacia. A ansiedade ganhou. Ela esticou o corpo, apurando os ouvidos. Era um assunto claramente importante para ele.

— Estou ouvindo.

Com o corpo rígido, ele foi até a geladeira e pegou mais uma garrafa de água.

— Pagamento? — perguntou ela, rindo. — Eu já concordei em ajudá-lo. Não precisa me pagar.

Em silêncio, ele abriu a garrafa e bebeu o líquido.

Seu sorriso desapareceu do rosto, o silêncio se transformou em tensão.

— O que está acontecendo?

Ele olhava para todos os lados, menos para ela.

— Quando chegar o momento da batalha, e ele chegará em breve, quero que esteja aqui, longe de toda a movimentação.

Ah, claro... Ela riu mais uma vez, restaurando seu humor.

— Que engraçado.

— Estou falando sério. Já tenho as suas irmãs. Não preciso de você.

Ele... Não podia estar falando sério. Poderia? Aquele guerreiro determinado, que usaria qualquer coisa contra os Caçadores, ficaria feliz com três harpias quando poderia ter quatro?

— Eu nunca brincaria sobre algo assim — acrescentou ele.

Não, não brincaria. E ela sentiu como se milhares das adagas de Sabin perfurassem o seu peito, todas apontando diretamente para o seu coração. E várias atingindo o alvo, que latejava e queimava, destruído.

— Mas você disse que precisava de mim. Fez tudo o que pôde para conseguir a minha ajuda. Eu venho treinando. E melhorei.

Ele passou uma das mãos sobre o rosto, subitamente parecendo exausto.

— Sim, eu disse isso. E você realmente melhorou.

— Então?

— Droga! — rosnou ele, de repente, batendo com o punho contra o chão. — *Eu* não estou pronto para vê-la estreando nesse tipo de missão.

— Eu não entendo. O que está acontecendo? O que fez você mudar de ideia desse jeito? — Devia ser algo grande, ela sabia.

— Eu só... Droga — repetiu ele. — O que quer que aconteça em Chicago, deixará os Caçadores enfurecidos. Veja o que aconteceu depois da batalha no Egito. Eles virão até aqui. Tentarão retaliar. Eu não vou poder me concentrar, se você estiver ao meu lado, entende? Vou ficar preocupado. Distraído. E a minha distração colocará todos os meus homens em perigo.

Gwen não saberia dizer de onde tirou forças, mas se levantou, estreitando os olhos. Ele ia ficar preocupado. A mulher dentro dela gostou do que ouviu. Muito. Mas a guerreira que despertava, a harpia que agora ela *queria* ser, odiou e acabou com qualquer traço de alegria. Ela nunca mais voltaria a ser uma covarde.

— Então você pode ir treinando para não se preocupar, porque eu vou com vocês. É um direito meu.

Ele também ficou de pé, com as narinas infladas, as mãos em punhos.

— E é o meu direito, como seu amante... ou *consorte*, acabar com o inimigo para você.

— Eu nunca disse que você era o meu consorte. Então escute uma coisa: eu esperei a minha vida

inteira para ser alguma coisa. Para provar que tenho valor. E você não vai tirar isso de mim. Eu não vou permitir!

— Não, ele não vai lhe tirar nada — disse Talyiah, que subitamente interveio. Ela estava com Kaia e Bianka ao seu lado. Todas irradiavam fúria. — Ninguém detém uma harpia. Ninguém.

— Grande erro, Dúvida — disse Kaia. — E é uma pena... Pois estávamos começando a gostar de você.

— Eu sabia que escutar atrás da porta era a melhor coisa a se fazer — disse Bianka através dos dentes trincados. — Você pode ser maravilhosamente cruel, mas ainda assim é um homem, e sabe mais do que ninguém que não devemos confiar nos homens. Veja o que aconteceu na última vez que Gewn seguiu por esse caminho.

Talyiah passou a língua pelos dentes brancos e perfeitos.

— Gwen finalmente ofereceu o que você queria, e agora você decidiu que não quer mais isso. Típico.

— Gwen — disse Kaia. — Venha. Nós vamos embora dessa fortaleza. Vamos cuidar dos Caçadores sozinhas.

— Não — disse Sabin. — Nada disso.

Pelo que pareceu uma eternidade, Gwen ficou simplesmente olhando para ele, implorando silenciosamente que dissesse às suas irmãs que elas estavam erradas. Gwen estava sendo consumida por dúvidas, dúvidas que eram só suas. Ele estava fazendo isso para protegê-la, pois se preocupava com ela? Ou simplesmente não acreditava nas suas habilidades, mesmo após tanto trabalho duro? Ou planejava fazer algo que a deixaria chateada, algo com uma caçadora, e não queria que ela visse?

Ou seria o demônio dele rondando sua cabeça? Se fosse isso, devia haver uma forma de combater o problema.

— Sabin — disse ela, esperançosa. — Vamos conversar sobre...

— Quero que você fique dentro dessas paredes — disse ele, direto. — Em todos os momentos.

— Você vai me deixar aqui, mas vai utilizar as minhas irmãs, certo?

— Duas delas. Uma ficará aqui com você.

As mulheres em questão riram.

— Como se... — disseram em uníssono.

Gwen levantou o queixo, encarando-o.

— Elas não vão ajudá-lo sem mim. Ainda pensa em me deixar aqui?

— Sim. — Sem hesitar.

Como ele poderia fazer isso? Como, se tivera tanto trabalho para conseguir convencer Gwen e suas irmãs a aderir à sua causa. Ela ficou com um nó na garganta, que queimava como ácido.

— Quer mesmo vencer a sua guerra? Finalmente? Pois você poderia. Conosco, com *todas* nós, será bem possível.

Silêncio. Um silêncio que a fez sentir como se estivesse sendo forçada a engolir decepção, arrependimento e tristeza, uma colherada de cada vez.

— Gwen — disse Talyiah, sendo dura dessa vez. — Venha.

Traída até a alma, Gwen se afastou de Sabin e seguiu suas irmãs.

Capítulo Vinte e Um

CHICAGO ERA LEGAL, só ventava um pouco demais. Ainda assim, o sol brilhava, seguindo todos os movimentos de Gideon. Mas ele gostava dos altos edifícios e de ter água por perto; assim imaginava estar numa cidade grande e na praia ao mesmo tempo. O melhor dos dois mundos.

Ele e os outros guerreiros estavam ali havia vários dias, e só agora tinham encontrado o lugar que procuravam. E pensar que haviam passado por ele várias e várias vezes. Talvez porque os números estivessem arrancados, ou porque os vinte e poucos edifícios de tijolos vermelhos eram cópias exatas uns dos outros. Era um prédio estreito, mas alto, com pelo menos 14 andares, e duas janelas quadradas em cada um deles.

Ainda que estivesse muito bem escondido, eles não deveriam ter passado por ali tantas vezes sem vê-lo, como fizeram. Isso fez Gideon pensar que algo mais estava acontecendo, algo mais do que simples “talvez”. Algo como magia.

Um feitiço de proteção, talvez? Ele conhecera algumas bruxas ao longo dos anos e sabia que eram uma raça poderosa. Mas por que resolveriam trabalhar para os caçadores ele não conseguia entender.

Finalmente, chegaram à brilhante conclusão de deixar Lucien por ali, sozinho, em sua forma de espírito, esperando que um Caçador passasse por perto. Mais um atraso: os caçadores nem sempre eram tão fáceis de ser localizados, com suas roupas comuns, suas armas escondidas... Então Lucien seguiu o rastro de muitos humanos. Seus esforços foram eventualmente recompensados, e Lucien notou um possível candidato entrando num edifício que nenhum deles tinha percebido, ou se tinham percebido, não se lembravam. Lucien marcou o edifício com uma pequena mancha de seu próprio sangue, algo que Anya poderia farejar com os olhos fechados.

Agora, estavam todos na calçada do outro lado da rua, escondidos numa obra e observando entre grossas vigas de madeira. Os trabalhadores passavam por ali, mas poucas pessoas teriam coragem de pedir que fossem embora. Com seus olhos diferentes e girando, Lucien os hipnotizara deixando escapar no ar um cheiro de rosas, e todos se esqueceram de que estavam ali. Gideon poderia gritar e eles nem piscariam os olhos.

Gideon queria ter um poder assim. Ou talvez uma super-raiva, como Maddox, capaz de transformar o mundo em farrapos simplesmente por estar nervoso. Ou talvez a habilidade que Amun tinha de ler a mente das pessoas. Ou de se deliciar com cada corte, ferida ou machucado,

como Reyes. Ou mesmo de transar com várias mulheres, como fazia Paris. Ou de voar, como Aeron. Ou de ganhar tudo, como Strider. Ou... Ele poderi fazer uma lista das coisas que invejava em cada um dos Senhores do Mundo Subterrâneo. Até Cameo, o clímax da infelicidade, podia limpar um recinto usando apenas a voz. Podia deixar homens grandalhões de joelhos, chorando como bebês.

O que Gideon era capaz de fazer? Ele podia mentir, era isso. E isso era um saco. E não era mentira. Ele não podia dizer a uma mulher que ela era bonita, a menos que fosse feia. Não podia dizer aos amigos que os amava. Tinha de dizer que os odiava. Não podia dizer aos Caçadores que eram uns imbecis. Tinha de dizer que eram incríveis. E quanto aos pesadelos, era obrigado a chamá-los de sonhos que se transformavam em realidade.

E apesar de tudo isso, não podia dizer que lamentava por ser um guerreiro possuído por um demônio. Usava isso como um distintivo, orgulhoso. Gostaria de poder agir como se isso o deixasse revoltado, pois assim teria algo em comum com os outros, menos Sabin e Strider, claro, mas ele nunca mentia para si mesmo.

Algumas vezes pensava ser o único guerreiro que *aceitava* sua maldição. Não havia nada de errado em ter um demônio dentro de si. Nada de errado em gostar disso, de não estar sozinho, embora seu demônio não conversasse com ele, como faziam os demônios dos outros. Não, o seu era uma espécie de presença oculta no fundo da mente. Mas, droga, os deuses morreriam se o escolhessem para ser o guardião de Ira ou Pesadelo? É verdade que, naquele momento, Pesadelo seria maravilhoso. Ter a capacidade de transformar os pesadelos dos Caçadores em realidade seria como estar no céu.

De repente, uma vontade dolorosa tomou conta dele, e piscou os olhos, surpreso. Vontade? De quê? De ter habilidade ou o próprio demônio?

Gideon espantou a estranha sensação. Ele nem sabia se Pesadelo estivera mesmo dentro da caixa, e sentiu outra pontada.

— Estivemos vigiando o lugar por mais de uma hora, nosso homem já saiu com as mãos vazias e não vimos nenhum outro movimento. Acho que está abandonado — disse Anya, com uma pitada de confusão em seu tom de voz. — Mas estou sentindo um certo caos. Um grande caos, na verdade. — Caos era uma das mais poderosas fontes do seu poder; então, se havia alguém capaz de reconhecê-lo, era essa linda deusa.

— Não poderiam ser bruxas e seus feitiços — disse Gideon.

Anya arquejou.

— Bruxas. Claro. Como não pensei nisso antes? Já tive um ou dois mil atritos com elas ao longo dos anos. Pense em abuso de poder... — disse ela. — Imagine como elas vão se sentir quando eu abusar do meu poder e usar seus corações negros como peças de centro de nossas mesas.

— Talvez eu devesse dar uma olhada lá dentro — disse Lucien, que podia ser invisível às pessoas à sua volta, e checar tudo sem ser visto.

— Não. Já conversamos sobre isso — disse Anya, determinada. Ela balançava a cabeça. Gideon, que estava à sua direita, sentiu o roçar dos seus cabelos. — Tem algo de errado com esse prédio, e não quero seu espírito lá dentro. Ainda mais agora que bruxas podem estar envolvidas...

Gideon adorava as mulheres e sentiu sua pele pegar fogo quando os cabelos de Anya o roçaram. Estivera com uma mulher pela última vez poucas horas depois de voltarem do Egito. As mulheres de

Buda sabiam, de alguma forma, que ele e os outros Senhores eram diferentes. Eram considerados “anjos”. Ele não precisava falar, apenas estalar os dedos e uma delas vinha correndo. Mas uma não era suficiente para aplacar o seu desejo. Nenhuma delas seria.

— Então vamos continuar aqui, sem fazer nada — disse ele. O que na verdade significava: vamos metralhar o edifício, e seus amigos sabiam disso. Eles eram fluentes na língua de Gideon. Tinham de ser.

Se tentasse falar a verdade, qualquer tipo de verdade, uma dor intensa tomava conta dele. Uma dor bem pior que a dor de qualquer outra pessoa. Como facas mergulhadas em ácido, cobertas com sal e salpicadas de veneno, depois cravadas em sua garganta, abrindo seu corpo da cabeça aos pés, repetidas vezes.

— Nós não sobrevivemos a uma bomba pouco tempo atrás — acrescentou ele. Porque sim, eles tinham sobrevivido. Poucos meses antes, acontecera a tal explosão, e ele ainda se lembrava do medo e da dor que causara. Mas enfrentaria tudo de novo. Muito tempo se passara desde que mergulhara sua lâmina no inimigo. A maldição o deixara inquieto. — E com certeza não sobreviveremos a qualquer outra coisa que atirem em nós. Nem mesmo feitiços.

Gideon era uma prova de que os Senhores não eram capazes apenas de sobreviver a um monte de desastres, mas também de sair deles sorrindo. Certa vez, os Caçadores conseguiram capturá-lo. Passara três meses sofrendo torturas. Literalmente. Preferia ter queimado no inferno a ter aguentado os murros, picadas, empurrões, surras e testes, o que o levou à beira da morte.

Sabin o encontrara e o resgata, carregando-o sobre os ombros, pois Gideon não conseguia andar. Os Caçadores tinham cortado seus pés para vê-los se regenerando. Talvez por isso Gideon amasse tanto aquele guerreiro. Faria qualquer coisa por Sabin. *Vou matar alguns Caçadores só para ele.* Mas Sabin não estava lá, e quando o patrão passava por esse tipo de coisa...

A culpa era da harpia, ele tinha certeza. Sabin nunca estivera tão obcecado por uma mulher, trancado com ela, ignorando seus deveres. Gideon estava feliz por seu amigo ter encontrado alguém, mas não sabia muito bem o que isso significaria para a guerra que travavam.

— Tenho uma ideia — disse Strider, que sempre tinha ideias. Como a vitória era necessária à manutenção da sua saúde, ele planejava e montava estratégias por horas seguidas, dias, semanas, antes de seguir para a batalha. — Foi Ashlyn quem encontrou os imortais para os Caçadores. Na verdade, ela provavelmente encontrou bruxas para eles. Então, devemos encontrar uma para nós. Uma única bruxa poderia desfazer qualquer feitiço lançado pelas outras, se estivermos realmente lidando com bruxaria. E pronto: vitória.

— O tempo não é nosso aliado nesse momento. Precisamos tirar essas crianças das mãos dos nossos inimigos. Precisamos voltar a procurar a caixa — disse Lucien.

— Mas, querido... — disse Anya, em tom preocupado.

— Eu vou ficar bem, meu amor. Se ganhei o seu coração, sou capaz de qualquer coisa — disse Lucien, dando um beijo nela, desejando-a, mesmo com tanta urgência em seu coração, antes de desaparecer completamente. Os trabalhadores humanos continuavam em volta deles, cegos. Se podiam ver ou ouvir os guerreiros, não davam qualquer sinal disso.

Anya suspirou, sonhando:

— Meus deuses, esse homem me tira do sério.

Reyes sorriu.

Strider virou os olhos.

Amun permaneceu estoico, como sempre.

Não, estoico não, pensou Gideon, envolto em algo obscuro. Linhas de tensão marcavam os olhos negros e a boca de Amun. Seus ombros estavam paralisados, como se os músculos tivessem sido amarrados. Sua última viagem pelo interior da mente daquele Caçador na pirâmide deve tê-lo deixado realmente confuso.

Se Gideon pudesse fazer alguma coisa para ajudá-lo... Ele adorava aquele gigante calado. Ninguém era mais generoso, mais cuidadoso. Enquanto os pés de Gideon se recuperavam, fora Amun o responsável por levar comida, limpar suas feridas e levá-lo para tomar ar fresco.

Sem saber o que mais fazer, trocou de lugar com Strider para ficar ao lado de Amun, e deu um tapinha nas costas do gigante. Amun não olhou para ele, mas seus lábios se curvaram num breve sorriso.

— Rápido, alguém me distraia, por favor — disse Anya. — Estou ficando entediada.

Todos se assustaram. Anya entediada era Anya problemática. Mas Gideon sabia a verdade. Notara a preocupação no tom da deusa. Ela não gostava de ser afastada de Lucien.

— Que tal *não* brincarmos de “Como Vou Matar os Caçadores”? — sugeriu ele.

— Vou apunhalá-los — disse Reyes instantaneamente, com seus olhos brilhando de ferocidade.

— Vou atirar neles — disse Strider. — Na virilha.

— Eu vou torcer o pescoço deles — disse Anya, esfregando as palmas das mãos —, depois vou cortar seus intestinos. — Sim, ela faria isso. Qualquer pessoa que ameaçasse Lucien entraria em sua lista de torturados. — Nem precisa dizer que você os *beijaria*, Gideon. Nós já sabemos disso.

E seguiu-se uma sinfonia de risos.

Gideon desistiu de tentar ser gentil com Anya. Mostrou o dedo do meio para todos eles.

— Sei o que podemos fazer — disse Reyes. Normalmente, levava uma adaga em cada uma das mãos e se cortava enquanto falava. Mas não naquele dia. Não enquanto estava longe de Danika. Isso já era dor suficiente, como ele sempre dizia. — Vamos tentar imaginar o que Sabin está fazendo com sua harpia.

— O cara é corajoso, isso é verdade — disse Strider. — Gwen é bonita, mas qualquer uma que pudesse cortar o meu pescoço... — Ele deu de ombros.

— Ei! — disse Anya. — Não foi culpa de Gwen. Não que eu veja algo de errado em arrancar a garganta de um Caçador. Mas pelo que eu ouvi, ela estava assustada. E quem assusta uma harpia não sai ileso. Isso é uma das primeiras coisas que aprendemos sobre elas nas escolas de divindades. As harpias são violentas por natureza. Vocês conheceram as irmãs dela, certo?

Dessa vez, *todos* deram de ombros.

— Sabin é um idiota muito sortudo — disse Gideon.

Anya olhou para ele, mas sua expressão era confusa, como se visse além de Gideon.

— Tome cuidado — disse ela —, ou será destinado a amar uma mulher bem pior que uma harpia. Os deuses gostam de brincar com esse tipo de coisa.

O calor sumiu das faces de Gideon, e suas mãos se transformaram em punhos.

— Você sabe de alguma coisa? — Anya era uma deusa e talvez tivesse acesso a informação privada.

— Talvez — respondeu ela, dando de ombros levemente.

— *Não* ouse me contar! — Ele adorava as mulheres, e como. Porém, ficar com uma para sempre... Quando nunca se satisfizera com nenhuma? Não, isso não. Violenta como sua vida era, precisava de algo extremo, que o levasse ao limite. Quando suas parceiras lhe perguntavam como satisfazê-lo, ele tinha de dizê-las o contrário. E seria muito pior se estivesse com apenas uma mulher, certo? Nunca teria o sexo que desejava, nem mesmo acidentalmente.

— Eu certamente contaria, se soubesse.

Anya mentia. Ele sabia que ela mentia. Mentir era uma obsessão para ela. Como Lucien a aguentava? *Ei, espere um momento*, pensou ele.

De repente, Lucien se materializou, com seu rosto cicatrizado confuso, e todos se reuniram à sua volta.

— Esse prédio está mobiliado, mas abandonado. Não vi papeladas, mas, sim, roupas. De tamanhos que só poderiam ser usados por crianças. Devem ter fugido às pressas.

Franzindo o cenho, Strider coçou a testa.

— Isso significa que chegamos tarde demais, que viajamos para nada.

— Também vi marcas estranhas nas paredes — disse o guerreiro, assustado. — Não consegui decifrá-las. Vou levar vocês lá dentro, se quiserem, mas alguém terá que ficar do lado de fora, para que a área exterior continue sendo monitorada. Com certeza algum de nós já deve ter visto as tais marcas e poderá dizer o que significam.

Não demorou muito. Em cinco minutos estavam dentro do prédio. Gideon se sentia mal após a viagem, Strider ria, Reyes, pálido, acariciava o estômago, Anya dançava pelo salão vazio e Amun observava a distância.

— Por aqui — disse Lucien.

Eles caminharam por corredores estreitos, com seus passos ecoando. Gideon passou um dedo pela parede; a pintura era estranha, cinzenta. Da mesma cor da sua cela, quando estivera em cativeiro. A única mobília que havia na cela era uma cama com amarras para seus pulsos e joelhos.

Más lembranças. Ele não gostaria de voltar lá, a menos que estivesse no meio de uma guerra. Olhou em volta. Havia vários quartos. Na verdade, eram mais como dormitórios, com 15 camas cada um. Também havia algo que lembrava salas de aula.

Direita, esquerda, direita, esquerda e chegaram a uma academia. Ficaram a postos. Uma das paredes era espelhada, com uma barra de ferro na frente. Para... Balé? Ele imaginou. Claro, pensou em seguida. Os assassinos flexíveis são mais eficientes.

Outras três paredes eram cinza, assim como o corredor. E a última estava pintada com várias cores ao mesmo tempo. Gideon não entendia nada, via apenas linhas e arcos. Uma confusão.

— Isso é lindo — murmurou ele.

— E também um feitiço, como suspeitamos — replicou Anya.

Corpos se fecharam à sua volta. Dedos logo traçavam, olhos se moviam, buscando padrões.

— Já vi isso antes — disse Reyes, soturno. — Nos livros que costumava ler para aprender coisas sobre Anya.

Quando Anya aparecera entre eles pela primeira vez, ninguém sabia dizer se era ou não inofensiva. O que não era culpa deles, claro. A mulher era reconhecida ao longo das eras pelos problemas que causava.

— Ah, Dorzinha. O seu interesse por mim ainda me fascina, mas, realmente, é melhor esquecer isso. Eu já tenho dono. E quanto à bruxaria. Eles definitivamente usaram linguagem antiga. Mas acrescentaram símbolos próprios, e é complicado decifrar certas palavras. Esta significa escuro, esta, poder, e aquela... Impotente, eu acho.

— Não quero ir embora agora — disse Gideon, assustado. O perigo estava por perto.

Reyes suspirou:

— Essa história de mentir está me tirando do sério.

— Eu me preocupo, juro — disse Gideon. — Meu coração está sofrendo por você. E só para você saber, posso parar de mentir assim como você pode parar de se machucar.

Outro suspiro.

— Sinto muito — disse Reyes. — Eu não deveria ter dito isso. Minta o quanto quiser.

— Não vou mentir.

Strider soltou uma risada e bateu no seu ombro.

Gideon sabia que era irritante. Sabia. Mas não podia evitar.

De repente, Anya, que murmurava algumas coisas, disse:

— Ai, meus deuses!

Dando um, dois passos, afastou-se da parede. Ela tremia. Após tanto tempo e tantas batalhas juntos, nunca a vira daquela maneira. Ela era corajosa, nunca tremia.

— Leve-nos daqui imediatamente, Lucien. Agora. Todos nós juntos, se possível.

Lucien não hesitou, não tinha tempo para perguntar por quê. Passou os braços de Anya ao redor do seu corpo, demonstrando claramente quem levaria primeiro, pois não poderia teletransportar mais do que pudesse tocar. Mas era tarde demais. Sombras metálicas e escuras caíram sobre as duas janelas do lugar, acabando com toda a luz que antes havia.

No fundo do corredor, podia ouvir as mesmas sombras cobrindo as outras janelas.

Gideon girou o corpo, apalpando suas adagas. Queria brandi-las, mas estava tudo tão escuro que não veria a própria mão à frente do rosto, muito menos os seus amigos. E não queria ferir a pessoa errada.

— Lucien — gritou Anya.

— Estou aqui, querida, mas não posso sair. Não consigo forçar meu corpo a se desmaterializar novamente. — Lucien nunca soara tão triste. — É como se uma espécie de campo magnético estivesse prendendo o meu corpo, aprisionando o meu espírito.

— É verdade — disse Anya. — É magia. Eu a ativei ao ler o feitiço em voz alta.

Seguiu-se uma pausa quando todos perceberam o que ela queria dizer. Gideon não conseguia respirar direito.

— O que significam aqueles desenhos? — finalmente perguntou Strider.

— Em grande parte, é um feitiço que nos prende no escuro, anula os nossos poderes e deixa nossos corpos impotentes. Mas a última linha é uma mensagem a todos vocês. Ela diz: “Bem-vindos ao inferno, Senhores do Mundo Subterrâneo. Vocês ficarão aqui até morrer.”

Capítulo Vinte e Dois

PARIS JÁ DORMIRA com a primeira mulher encontrada por Aeron. Não que o guerreiro tenha notado isso imediatamente ao olhar para ela. Mas a falta de reação de seu corpo o delatara. E ela voltara à cidade. Desde o momento em que recebera seu demônio, o membro de Paris só tinha ficado ereto duas vezes para uma mesma mulher em uma ocasião. E exatamente para a mulher que morrera e não poderia renascer. *Por minha culpa.*

A segunda mulher encontrada por Aeron também não servia. Pela mesma razão. A terceira era uma turista, nova na cidade, e por sorte nunca se encontrara com o guerreiro. Aeron a abduziu em seu quarto de hotel enquanto ela dormia, para que não se assustasse com seu rosto tatuado e suas asas, nada humano. Ela acordou ao lado de Paris, e quando viu seu rosto bonito aceitou participar da aventura de sua vida.

Hoje, Aeron estava levando o amigo à cidade voando. Nada mais de leva e traz de mulheres. Isso era perda de tempo. Assim Paris poderia escolher quem quisesse, e Aeron a buscaria rápida e eficientemente. Os dois podiam se divertir no apartamento de Gilly, o lugar mais seguro que Aeron conhecia, pois Torin cercara o prédio como se fosse uma prisão de segurança máxima, para manter a amiga de Danika a salvo. Aeron não gostou quando ela se mudou da fortaleza, era muito frágil, pequenina, mas os guerreiros a tiravam do sério, e o tempo não parecia curar esse problema. Aeron a levaria ao café do outro lado da rua e, se ela permitisse, ficariam por ali o tempo que fosse preciso.

Um plano perfeito. Quer dizer, perfeito enquanto ele pudesse controlar.

Se ao menos Paris e as harpias tivessem se encontrado. Mas Luxúria dera uma olhada naquelas lindas mulheres e pensara: muito trabalho. Aeron imaginava saber o que ele sentia. Porém, havia mais de cem anos não se relacionava com nenhuma mulher, e passaria outros cem da mesma maneira. Se é que algum dia se encontraria com alguma. Como dissera à sua querida Legião, elas eram muito fracas, muito facilmente destruídas, e ele não queria passar o resto da vida se arriscando.

Não saberia como sobreviver se, ao mesmo tempo, fosse obrigado a ver mais uma pessoa amada morrer.

Falando em amadas, será que Legião tinha voltado para o inferno? Estaria em perigo? Ela nunca ficava feliz, a menos que estivesse ao lado de Aeron, e ele não se sentia completo, a menos que ela estivesse dependurada em seus ombros.

O tal anjo não o visitava havia dias. Com sorte, teria desaparecido para sempre, e Legião retornaria.

Ele inclinou o corpo para a esquerda. O céu tinha tons de rosa e lilás, e o sol se punha perfeitamente. O vento soprava em sua nuca, mas seus cabelos eram muito curtos para voar. Já o cabelo de Paris estava sempre batendo em seu rosto. O guerreiro estava apoiado contra seu peito, com os braços em volta de suas costas, debaixo de suas asas.

Ele continuou voando baixo, entre as sombras, fora da vista.

— Não quero fazer isso — disse Paris, seco.

— Que pena... Mas você precisa.

— Quem é você? O meu cafetão?

— Se for preciso... Você já encontrou uma mulher que poderia levar para a cama mais de uma vez. Com certeza poderá encontrar outra. Tudo o que precisamos fazer é procurá-la.

— Droga! Isso é como dizer a um homem cujo braço foi arrancado que o braço de outra pessoa será colado no seu corpo. Mas não vai ser a mesma coisa. Não terá a cor certa, o tamanho certo... Nada vai ser tão perfeito quanto o outro.

— Então vou pedir a Cronos pela volta de Sienna. Você disse que a alma dela estava nos céus, é isso?

— Sim. — Foi sua resposta, num grunhido. — Ele vai dizer que não. Vai dizer que eu tive uma chance, e que não a aproveitei, e por isso ela nunca voltará à Terra. Ele deve tê-la matado. Mais uma vez.

— Eu posso tentar dar uma espiada no céu. Procurar por ela.

E seguiu-se uma longa pausa, enquanto Paris pensava em suas palavras.

— Você poderia ser pego e ficar preso. E o meu sacrifício teria sido em vão. Esqueça... Esqueça Sienna.

O problema era que Aeron não poderia se esquecer dela até que Paris também se esquecesse. Ele teria de ponderar isso, decidir o que fazer. E tudo o que sabia era que queria ter seu amigo de volta, nada mais. Queria de volta aquele guerreiro antes sempre tão sorridente.

— A cidade está lotada esta noite — disse ele, com a esperança de ter encontrado um assunto seguro.

— É.

— O que será que está acontecendo? — E assim que falou, sentiu um calafrio. Na última vez que a cidade estivera tão cheia, os Caçadores a tinham invadido. Olhou as pessoas abaixo de si com mais atenção, buscando o sinal dos Caçadores. Uma tatuagem com o símbolo do infinito. Mas todo mundo estava de relógio e usava roupas de mangas compridas. Era impossível ver os pulsos. Além do mais, ele sabia que os Caçadores cuidavam muito bem de suas marcas, que poderiam ter começado a escondê-las, ou fazê-las em locais mais discretos. Isso seria inteligente da parte deles.

— Sinto muito, mas precisamos voltar à fortaleza.

— Ótimo.

Aeron já estava fortemente armado, e nunca escapava de uma luta, mas tinha Paris ao seu lado. Paris, que ainda estava tonto de tanta ambrosia e seria mais uma dor de cabeça do que uma ajuda

naquele momento.

— Espere! — disse Paris, com um tom de voz inacreditável, maravilhado.

— O quê?

— Eu acho que vi... Acho que era... Sienna. — E disse seu nome como se fosse uma oração.

— Isso não é possível. — Aeron olhou com atenção para o solo. Havia tantos rostos por ali, e ele se movia tão rapidamente que não poderia distingui-los. Mas se Paris *vira* Sienna, se ela realmente estivesse viva outra vez, isso significava que os Caçadores estavam mesmo por ali.

— Onde?

— Lá atrás. Volte. Ela estava indo para o sul — disse Paris, com voz excitadíssima. Tanto que Aeron não foi capaz de resistir.

Mesmo com o perigo, ele mudou de direção. Queria mandar um aviso, *Não fique muito esperançoso*, mas não conseguiu. Coisas mais estranhas já tinham acontecido.

De repente, Paris se sacudiu e murmurou:

— Encontre um abrigo! *Agora!*

Aeron sentiu algo quente e úmido escorrer por seus braços onde agarrava a cintura de Paris. Em seguida, várias flechas atingiram as asas de Aeron, rasgando a membrana. Suas pernas e braços foram atingidos em seguida, seus músculos foram rasgados, e os ossos, quebrados. Enquanto se contorcia de dor, entendia o que acontecera. Os Caçadores de fato estavam ali, e o tinham visto. Provavelmente estariam observando, esperando uma oportunidade.

Culpa minha, pensou ele. *Mais uma vez*. E começou a cair... Cair... Girando e se virando. Até bater contra o chão.

TORIN SE RECASTOU na sua poltrona, com as mãos atrás da cabeça. Estivera colado ali havia dias, mal saindo para comer, tomar banho ou... Viver. Cameo não retornara desde o dia em que voltara à fortaleza, e talvez fosse melhor assim. Ele não conseguia se concentrar quando ela estava por perto, e tinha mais trabalho do que nunca.

Mantinha os guerreiros bem pagos, brincando com bolsas de ações e investimentos. Monitorava a área em volta da fortaleza para evitar intrusos. Resolvia todos os assuntos das viagens. Buscava indícios da caixa de Pandora, dos artefatos e dos Caçadores. E esquadrihava a internet em busca do homem com asas. Mais conhecido como Galen. Pelo que sabia, Galen e Aeron eram os únicos guerreiros capazes de voar.

Torin não se importava de ter tantas tarefas, pois tinha tempo para tudo; nunca saía da fortaleza. Fazer isso provavelmente mataria todas as pessoas da Terra. *Dramático*, pensou ele, seco. Mas era verdade. Um toque de sua pele contra a de outra pessoa era tudo o que faltava para desatar uma praga. A última, graças aos Caçadores, acontecera ali mesmo, em Buda. Mas pelo menos fora contida pelos médicos antes que causasse muito estrago.

Mas... Ah, ele adoraria tocar Cameo. Daria tudo para poder fazer isso. Pensou nela, na sua imagem. Pequena, elegante, seus cabelos negros e longos, aquele olhos tristes e cinzentos.

Ainda a desejaria se pudesse escolher suas mulheres? Imaginou isso pela milésima vez naquele dia.

Ainda a desejaria se pudesse tocar qualquer outra pessoa? Ir à cidade quando quisesse? Como homem, sim, a desejaria. Ela era bonita, inteligente e divertida, se conseguisse ignorar aquela voz suicida. Mas algo permanente? Ele simplesmente não sabia. Pois... Seu olhar encontrou o monitor à sua esquerda.

Frequentemente ele conseguia ver uma mulher bonita caminhando pela cidade. Dona de cabelos negros e longos, de olhos exóticos, que brilhavam num momento e se apagavam no seguinte. Ela parou, sorriu, franziu a testa, depois voltou a caminhar. Quando o vento a acariciou, balançando seus cabelos, Torin notou suas... Orelhas pontudas? Estivesse ou não imaginando coisas, ao ver aquelas orelhas pontudas seu membro ficou imediatamente ereto. Sentiu uma vontade estranha e louca de lambê-las.

Ela vestia uma camiseta que dizia Casa de Diversão Nixie IAE, e tinha fones nos ouvidos. O que era uma Nixie? Fez uma busca rápida no Google e descobriu que — ela? — era uma espécie de “imortal após o escuro”. Interessante. Pois ele adoraria explorá-la depois que tudo ficasse escuro.

Que música estaria escutando? A julgar pelo balançar da cabeça, seria algo com batidas fortes e rápidas. De onde ela estava vindo? O *que* era ela? *Deliciosa, posso apostar...*

Ficar desejando aquela mulher o tirou do sério e fez com que todos aqueles questionamentos sobre Cameo viajassem em sua cabeça. Se estava desejando outra mulher, não estava apaixonado por Cameo. E, se não estava apaixonado, seria cruel de sua parte se envolver com ela? Poderia magoá-la em algum momento? Magoar a si mesmo?

Ele nunca poderia tocá-la. E Cameo era muito passional, acabaria precisando de um homem que a tocasse. Torin nunca precisara se preocupar com essas coisas antes, pois nunca estivera com mulher nenhuma. Nem mesmo antes de sua possessão. Estava muito ocupado naquela época, muito envolvido com seu trabalho. Talvez precisasse se unir ao Viciados em Trabalho Anônimos, pensou. Deveria ser o único homem da história virgem aos mil anos de idade.

Um dos monitores piscou, e ele olhou detalhadamente para a tela. Nada fora do comum. Nenhum sinal de sua morena com orelhas pontudas. Outra pergunta tomou conta de sua mente: se Cameo não se preocupasse que o seu demônio deixasse outras pessoas incrivelmente infelizes, teria escolhido outro homem para saciar seus desejos?

E pensou nela com outro homem, sem sentir nem uma ponta de ciúme, como uma pessoa apaixonada sentiria. Certo, era mais uma confirmação. Por mais que a adorasse, por mais que a desejasse sexualmente, por mais que não conseguisse resistir quando ela entrava naquela sala, não a teria escolhido se as circunstâncias fossem outras.

Droga. Que tipo de idiota ele era?

À sua direita, piscou uma luz azul-celeste. Torin virou o rosto para vê-la, e o medo já causava um nó no seu estômago. Cronos.

Quando a luz se apagou, o deus já estava no meio da sala de Torin.

— Olá, novamente, Doença — disse a voz imperial. Uma túnica branca disfarçava os ombros com aparência frágil de Cronos, chegando até os tornozelos. Nos pés, usava sandálias de couro. Mas o que sempre chamava a atenção de Torin era a curva das unhas dos dedos do imortal, que pareciam garras. Simplesmente não combinavam com a nobreza antiga daquele Senhor.

— Sua Santidade — disse Torin, sem se levantar, como sabia que Cronos esperava que fizesse. Aquele deus já tinha poder demais sobre ele e seus amigos. Poderia manter alguma distância. Mesmo num pequeno detalhe.

— Está em busca dos prisioneiros possuídos, como eu ordenei?

Torin o observou mais intensamente. Havia algo de diferente naquele deus. Ele parecia... mais jovem, talvez. Sua barba prateada não estava tão farta como antes, e havia fios loiros misturados aos seus cabelos brancos. Se o soberano dos céus colocara botox e fizera mechas nos cabelos, deveria ter aproveitado para ir à pedicure.

— Então?

Espere. O que Cronos queria saber? Ah, claro.

— Alguns guerreiros estão procurando por eles, sim.

Um músculo se moveu no queixo do rei.

— Isso não é suficiente. Quero que encontrem os outros homens e mulheres possuídos o mais rápido possível.

Bem, Torin queria tocar uma pele feminina diretamente sem matá-la. Ou, no caso de uma imortal, sem arruinar o resto de sua existência. Mas a verdade era que nem todo mundo conseguia o que queria, certo?

— Estamos um pouco ocupados nesse momento.

E aqueles olhos azuis se estreitaram diante dele.

— Desocupem-se.

Como se isso fosse fácil.

— Não adiantaria, mesmo se eu tivesse todo o tempo do mundo para fazer isso. Alguns dos nomes foram apagados da lista, então é impossível encontrar todos eles.

Seguiu-se uma pausa, depois:

— Eu apaguei esses nomes. Você não precisa deles.

Tu-do bem.

— Por quê?

— Muitas perguntas, demônio. E pouca ação. Encontre os possuídos, ou sofra as consequências da minha fúria. Isso é tudo o que você precisa saber. Não estou querendo nada impossível. Eu já entreguei os nomes de que precisa. Agora tudo o que precisa fazer é encontrá-los. Poderá identificá-los pela borboleta tatuada em seus corpos. — E o tom de voz do deus era bem seco. Quase... divertido.

Mais uma vez, era como se tudo aquilo fosse muito simples.

— Aliás, por que borboletas? — perguntou, mesmo sabendo que a pergunta não seria bem-vinda. Ninguém era mais teimoso do que Cronos. Mas ele também sabia que Cronos precisava encontrar os guerreiros e manter Galen sob controle. O que ele *não* sabia, e que, na verdade, ninguém sabia, era que o rei dos deuses não poderia fazer isso sozinho. Cronos não era exatamente uma pessoa sociável.

— Por muitas razões.

— Estou me desocupando, como você mesmo ordenou, e tenho tempo suficiente para escutar

cada uma das razões.

Cronos apertou a mandíbula.

— Acho que alguém está se considerando mais útil do que é...

— Minhas desculpas — disse ele, entre os dentes. — Sou um nada, um zero à esquerda, desnecessário, inútil.

Cronos inclinou a cabeça, concordando.

— Já que o meu bichinho de estimação reconheceu o seu lugar tão prontamente, vou lhe dar uma recompensa. Você quer saber sobre as borboletas. Borboletas que meus filhos, os gregos, lhes entregaram. — Torin assentiu, sem ousar interrompê-lo. — Antes de serem possuídos, vocês eram seres limitados no que podiam fazer, para onde podiam ir. Estavam presos num casulo, por assim dizer. Agora, olhe para você. — Ele fez um gesto em direção ao corpo de Torin. — Vocês surgiram como algo obscuro, mas bonito. Por isso escolhi essa marca. Os meus filhos... — E abriu a boca para dizer algo mais, depois inclinou a cabeça para um lado. — Você tem um novo visitante. Mas da próxima vez que *eu* visitá-lo, Doença, espero encontrar resultados. Ou não serei mais tão tolerante. — Então o deus desapareceu, e ele ouviu alguém bater à porta.

Torin olhou para o monitor à sua esquerda. Cameo acenava para ele, como se os seus pensamentos anteriores a tivessem chamado. Tirou Cronos e suas ameaças da mente. Planejava ajudar o rei, mas não sairia correndo simplesmente porque ele ordenara. Bichinho de estimação...

Com o corpo em chamas após ter visto aquelas orelhas que ficara louco para lambe, apertou o botão que destrancava sua porta. Cameo entrou, fechando a porta com um clique determinado. Ele girou a cadeira, olhando-a com novos olhos. Ela era alta, bonita e emanava certa tensão. Mas era só isso. Tensão. Necessidade de se aliviar.

Não, ela também não o escolheria.

— Quero perguntar uma coisa — disse ele, tamborilando os dedos na barriga.

Os quadris de Cameo dançavam enquanto ela se aproximava, e seus lábios se curvaram num pequeno sorriso.

— Tudo bem. — Ela provavelmente pretendia soar sexy, rouca, mas aquela voz trágica parecia dizer “acho que não vou me matar, no fim das contas”.

— Por que eu? Você poderia ter qualquer homem que quisesse.

Isso a fez parar. Em seguida, seu sorriso se transformou numa testa franzida enquanto ela pulava para se sentar sobre a mesa dele, balançando as pernas, longe do chão.

— Você quer mesmo falar sobre isso?

— Sim.

— Não vai ser nada agradável.

— E o que é agradável atualmente?

— Tudo bem, então. Acho que você me entende, meu demônio. Minha maldição.

— Os outros também têm demônios.

Ela tamborilou os dedos no colo e perguntou:

— Mais uma vez eu pergunto: quer mesmo falar sobre isso? Especialmente quando poderíamos estar fazendo outra coisa...

Ele queria? Poderia atrapalhar o que havia de bom entre os dois. Que era prazeroso para ambos. Prazer que ele não teria, não poderia ter, em outro lugar.

— Sim, quero. — *Idiota*. Mas, todos os dias, ao ver Maddox e Ashlyn, Lucien e Anya, Reyes e Danika, e agora Sabin e a harpia, desejava algo assim para si mesmo.

Mas não poderia ter. Tentara uma vez, quatrocentos anos antes. E tudo o que teve de fazer para arruinar o encontro foi tirar as luvas que usava, acariciar o rosto de sua futura amante... E vê-la morrer no dia seguinte, com o corpo marcado pela doença que ele lhe passara.

Não queria sofrer isso novamente.

Desde então, afastou-se de tudo o que era feminino. Até conhecer Cameo. Ela era a primeira mulher para quem olhara, olhara de verdade, em inúmeros anos.

Ela afastou os olhos dele.

— Você está aqui. Você nunca sai. Não será morto numa batalha. O homem que eu amava foi arrancado de mim, torturado por meus inimigos e enviado de volta em pedaços. Mas, com você, não preciso me preocupar com isso. E eu gosto de você. Gosto mesmo.

Mas não o amava, e aquele potencial para o amor, aquele amor eterno, do tipo “vou morrer sem você”, não estava presente.

Mas isso não estaria de acordo com o resto de sua vida?

— Então... Você quer parar? — perguntou ela com voz suave.

Ele voltou a olhar para o monitor. Nenhum sinal da sua belezinha de orelhas pontudas.

— Eu pareço um idiota?

Uma risada escapou de Cameo, afastando sua eterna tristeza.

— Ótimo. Então vamos continuar do mesmo jeito que estávamos, certo?

— Certo. Mas o que vai acontecer quando você encontrar um homem que possa amar?

Ela mordeu o lábio inferior e deu de ombros.

— Nós vamos parar com isso. — Ela não perguntou a mesma coisa a ele. Embora, claro, tivesse de trocar o “homem” por “mulher”. Os dois sabiam que ele nunca encontraria uma mulher que pudesse passar a vida ao seu lado.

Um dos computadores soltou um *bipe*, atraindo sua atenção. Ele ficou rígido, buscando a tela correta. E soltou um suspiro entre os dentes, dizendo:

— Pelos deuses, eu consegui!

— O quê? — perguntou Cameo.

— Encontrei Galen. Droga, você não vai acreditar ao saber onde ele está.

— VOCÊ NÃO vai me deixar — disse Sabin a Gwen. Depois, às suas irmãs, disse: — Vocês não vão levá-la embora daqui.

Tinham passado a última hora arrumando as coisas de Gwen, e também algumas coisas dele, e estavam de pé no hall da fortaleza.

Estavam prontas para sair, mas Gwen não parava de “se lembrar” de algo que deixara no quarto de Sabin.

Ele sabia que as harpias planejavam levá-la embora, já tinham falado sobre isso antes. Estavam vendo a irmã quebrar muitas regras, abrindo a guarda a um homem que não poderia estar na sua lista de prioridades. Mais do que isso: elas não gostavam de saber que Sabin fizera amor com ela ao ar livre, onde qualquer pessoa, qualquer inimigo, poderia ter visto.

Elas gostavam de Sabin, estavam gratas pelo que fizera à sua irmã, o que admitiram à meia-voz, mas ainda assim não o consideravam bom para ela. Nada bom.

Ao ouvi-las conversar, imaginando que poderia ficar sem Gwen, ele estava ficando louco. *Não poderia* viver sem ela. *Não viveria* sem ela. Não a perderia para suas irmãs, muito menos para sua guerra. Precisava dela.

— Vamos fazer o que quisermos — disse Bianka, mas o tom de sua voz voltava a contradizer o que dizia. — Assim que Gwen encontrar o que... Seja lá o que tenha esquecido dessa vez, nós vamos embora.

— Veremos... — disse ele, e seu telefone tocou, era uma mensagem. Franzindo a testa, tirou o aparelho do bolso. Recebera uma mensagem de texto de Torin:

“Galen em Buda. Com um exército. Prepare-se.”

Em seguida, Cameo desceu correndo as escadas.

— Você já sabe? — perguntou ela a Sabin.

— Sei — respondeu ele.

— O quê? — perguntaram as harpias.

Mesmo planejando ir embora, elas ainda se sentiam envolvidas em tudo aquilo.

— Ele talvez nunca tenha ido embora — disse Cameo, como se as harpias não tivessem perguntando nada. — Deve ter ficado aqui o tempo todo, esperando, observando, fazendo cálculos. E agora que *nosso* número está reduzido à metade...

— Droga — disse Sabin, esfregando a mão no rosto. — Escolheram um bom momento para nos punir pelo que aconteceu no Egito. E não podemos nos esquecer de que eles querem aquelas mulheres de volta. — Inclusive Gwen.

— Eu sei. Torin está avisando aos outros — disse ela. — Mas eles não estão aqui, estão reunidos na cidade.

— O que está acontecendo? — perguntou Bianka.

— Os Caçadores estão aqui, prontos para uma batalha — respondeu Sabin. — Vocês disseram que lutariam por mim, que me ajudariam a vencê-los. Chegou a sua chance. — Mas primeiro teria de pensar no que fazer com Gwen enquanto estivessem fora. Caso os Caçadores ousassem fazer algo com ela enquanto Sabin não estivesse por ali...

Sentiu um nó na garganta afetar sua voz.

E, claro, pensar em deixar ali um guerreiro forte, capaz de protegê-la, não passava pela sua cabeça. Era uma ideia ridícula, na verdade. Especialmente porque, desde o primeiro momento, pensara em levar Gwen à batalha. E não mudaria de ideia. De alguma maneira, Gwen se transformara na coisa mais importante de sua vida.

Já a deixara sozinha nos últimos dias, tentando diminuir essa importância, tentando cuidar de suas prioridades. Mas não funcionara. Ela se tornara ainda mais importante, sua prioridade número

um.

Naquele instante, Kane passou correndo por eles. Carregava o quadro ainda quebrado de Galen, pintado por Danika.

— O que está fazendo com isso? — perguntou Sabin.

— Torin quer que eu o guarde — respondeu Kane. — Por segurança.

Kaia segurou Kane pelo braço, detendo-o.

— Onde conseguiu isso? Espero que saiba que vai pagar por ter estragado esse quadro, seu idio...

— Ela o soltou com um movimento forte, esfregando a palma da mão. — Como ousa me assustar assim?

— Eu não...

— Ah, meu Deus! — Gwen descia as escadas quando viu o quadro. Ficou pálida, com a boca aberta. — Como conseguiu isso?

— Qual é o problema? — perguntou Sabin, aproximando-se de Gwen. Depois passou uma das mãos pela sua cintura. Ela tremia.

O olhar frio de Taliyah mudava de Gwen para o quadro, do quadro para Gwen. Ela também estava pálida, era possível ver suas veias azuis por baixo da pele.

— Precisamos ir embora — disse ela, e pela primeira vez desde que Sabin a conhecesse, havia alguma emoção na sua voz. Medo. Preocupação.

Bianka deu um passo à frente e agarrou o pulso de Gwen.

— Não diga nada. Vamos embora daqui, vamos para casa.

— Gwen — disse Sabin, agarrando-a com força. — O que está acontecendo?

Uma queda de braço começou, mas Gwen nem parecia notar.

— Meu pai — disse ela finalmente, e tão baixinho que ele teve de fazer força para ouvi-la.

— O que tem o seu pai? — perguntou ele. Nunca falara sobre ele antes, então Sabin imaginou que não fizesse parte de sua vida.

— Elas não gostam que eu fale sobre ele. Ele não é como nós. Mas como conseguiu isso? Estava no meu quarto, no Alasca.

— Espere — disse ele, olhando para o quadro. — Você está dizendo que...

— Aquele homem é o meu pai, sim.

Não. *Não.*

— Não pode ser. Olhe mais de perto e verá que está enganada. — *Enganada. Por favor, diga que está enganada.* E agarrou os seus ombros, forçando-a a olhar para a pintura.

— Não estou enganada. É ele. Eu nunca o conheci, mas estudei essa pintura a vida inteira. — E seu tom era melancólico. — É a única coisa que me atém ao meu lado bom.

— Impossível.

— Gwen! — gritaram as harpias em uníssono. — Chega!

Ela as ignorou.

— Estou dizendo que ele é o meu pai. Por quê? Qual é o problema? E como conseguiu esse quadro? Por que ele está quebrado?

Uma nova onda de desespero o atingiu em cheio, misturada ao choque e à aceitação, ainda que

lenta. E com a aceitação, veio a fúria. Muita fúria, tudo isso em meio ao medo e à preocupação que Taliyah expressara. Galen era o pai de Gwen. Galen, seu maior inimigo, o imortal responsável pelos piores dias de sua vida, de sua longa vida, era o maldito pai de Gwen.

— Droga — disse Kane. — Droga. Droga. Droga. Isso é muito ruim. Muito ruim.

Sabin trincou a mandíbula e fez o melhor que pôde para manter a compostura.

— Esse quadro estava no seu quarto? Esse mesmo quadro?

Ela fez que sim.

— Minha mãe me deu. Ela mesma o pintou anos atrás, quando percebeu que estava me esperando. Quis que eu visse o anjo, para que eu quisesse ser diferente dele.

— Gwen — disse Kaia, puxando a irmã com mais força. — Já falamos para você parar.

Ela não parou. Era como se as palavras escapassem de sua boca por vontade própria. Ficaram aprisionadas por muito tempo e explodiram. E talvez, por ter aprendido a lutar, já não tivesse medo de fazer o que queria.

— Minha mãe quebrou uma das asas e entrou numa caverna para se curar. Ele estava perseguindo um demônio disfarçado de humano, um demônio que entrara naquela caverna e tentara usá-la como escudo. Ele a salvou, livrando-a do tal demônio. Depois, ele a seduziu e dormiu com ela, embora minha mãe detestasse o que ele era. Disse que não foi capaz de evitar, que notava a possibilidade de um futuro ao lado dele. Um futuro que ela, de alguma forma, tinha se convencido de que queria. Mas logo a mulher de cabelos negros que vemos no quadro apareceu por lá, e ele teve que ir embora. Pediu à minha mãe que o esperasse, pois ele voltaria. Porém, quando ele foi embora, minha mãe recuperou os sentidos, percebendo que não queria ter nada a ver com um anjo de verdade, e foi embora. Ela é uma artista, e quando eu nasci, pintou este retrato dele com a tal mulher. A última visão que minha mãe teve dele seria a minha primeira. Foi o que ela disse.

Meus Deuses.

— Você sabe quem é o seu pai, Gwen? — perguntou ele.

Finalmente, ela tirou os olhos do quadro e olhou para Sabin, confusa.

— Sim. Um anjo, como eu já disse. Um anjo que seduziu minha mãe. Por isso, eu sou como sou. Mais fraca, menos agressiva.

Ela já não era tão fraca, mas não era hora de discutir.

— Galen não é um anjo — disse Sabin, sua aversão era clara. — O homem que você está vendo, e que diz ser o seu pai, é um demônio, Guardião da Esperança. Posso garantir que por isso sua mãe sentiu aquela falsa esperança de um futuro ao seu lado, e que, por isso, despertou quando ele já não estava por perto.

Ela soluçou e balançou a cabeça, violentamente.

— Não. Isso não pode ser verdade. Se eu tivesse sangue demoníaco, seria mais forte, como as minhas irmãs.

— Você sempre foi forte, mas se recusava a ver — disse Bianka. — Mamãe destruiu sua confiança, é o que eu acho.

Sabin fechou os olhos, depois abriu novamente.

Por que isso tinha de acontecer *agora*?

— Esse homem é exatamente como eu, mas com uma diferença importante. Ele é o líder dos Caçadores. É o responsável pelo estupro de todas aquelas mulheres. É o comandante dos homens que a sequestraram. E está aqui, em Buda, em busca de uma batalha.

Enquanto falava, Sabin notou seu erro. Ela ficara maravilhada ao saber que seu pai estava por perto.

Pouco tempo antes, Sabin imaginou que os Caçadores a poderiam ter posto naquela cela como isca, para que descobrissem seu segredo e matassem. Mas descartou isso imediatamente. E continuava descartando, mesmo com Dúvida gritando em sua cabeça, anunciando várias outras possibilidades.

Ela era mais perigosa que uma isca. Galen poderia brincar com o papel de pai para fazer com que traísse Sabin.

Maldição!

— Isso não pode ser verdade — repetia ela, com a alegria sendo substituída por descrença ao olhar para as irmãs. — Eu nunca fui como vocês, apesar do que Bianka disse. Sempre fui muito doce. Quase um anjo. Como meu pai poderia ser um demônio? Eu seria pior que vocês, certo? Quero dizer... Eu não posso... Vocês sabem alguma coisa sobre isso?

Ignorando-a, Kaia deu um passo à frente, aproximando-se do rosto de Sabin, tocando seu nariz no dele.

— Você está mentindo. Eu também gostaria que fosse verdade, mas o pai dela não é um demônio. E ele não é o líder desses Caçadores. Se Gwen fosse metade demônio, você saberia. Ela não teria... Deve haver algum erro. O pai de Gwen não pode ser o líder dos seus inimigos, então nem pense em machucá-la!

O maldito pai de Gwen. As palavras ecoaram em sua mente, embora mal pudesse processá-las. Qualquer futuro que tivesse pensado em compartilhar com ela estava praticamente arruinado. Mesmo que ela fosse completamente inocente, o que ele sabia que era, Sabin planejava encarcerar seu pai para sempre. Como ela poderia viver com o guerreiro que colocara seu pai numa prisão?

Além do mais, a maior parte das pessoas não se volta contra a própria família, não importando as circunstâncias. Nem ele se voltaria. Seus amigos, sua família adotiva, eram tudo para ele. Sempre foram. E teria de continuar sendo assim.

Não importava o quanto sua mente continuasse gritando para que não fizesse o que estava planejando naquele momento.

Gwen talvez não tivesse ajudado o pai, mas isso poderia mudar a qualquer momento, pois ela já sabia quem era. Maldito destino!

— Talvez Kaia tenha razão e você esteja equivocado — disse ela, esperançosa, agarrada à sua camisa. — Talvez...

— Passei mil anos ao lado desse homem, protegendo o rei dos deuses no céu. E passei mil anos mais odiando-o com toda a força do meu ser. Sei muito bem quem ele é.

— Por que um demônio lideraria os Caçadores? Por que ele quer encontrar a caixa e destruir todos vocês, se fazendo isso acabaria destruindo a si mesmo? Por quê?

— Não sei o que ele pensa fazer para se salvar. Mas sei que *ele* nos fez abrir a maldita caixa! E faria

qualquer coisa, até mesmo enviar a própria filha ao nosso meio, para arruinar as nossas vidas. Desde a nossa possessão, ele sempre enganou os humanos com essa história de que é um anjo. Por isso conseguiu liderá-los.

Gwen passou uma das mãos pelo rosto, imitando o gesto de Sabin.

— Talvez você tenha razão, talvez não. Seja como for, eu não sabia. — Seus olhos brilhavam. —

E não conspirei contra vocês.

Ele respirou fundo, depois expirou o mesmo ar.

— Eu sei que não.

— Então, qual o problema? Você acha que eu o ajudaria algum dia, agora que sei quem ele é?

Não vou. Eu nunca faria isso com você. Sim, estou indo embora, como planejado — e sua voz falhou —, porque você não confia em mim para lutar ao seu lado. Mas saiba que pode confiar em mim para manter seus segredos a salvo.

— Guarde esse discurso — disse ele. — Você não vai a lugar nenhum. — E rapidamente foi em direção às suas asas.

Capítulo Vinte e Três

UM CALABOUÇO. SABIN a trancara num maldito calabouço. Pior: a trancara num calabouço ao lado dos Caçadores, que gemiam, gritavam e imploravam para serem soltos. E fizera isso após atar suas asas, depois que ela lhe confiara seus segredos.

— Sinto muito — dissera ele, e havia algo de remorso em suas palavras. — Mas será o melhor para você.

Como se isso importasse naquele momento.

Gwen sabia que ele faria qualquer coisa para ganhar a guerra. Ela sabia disso, e odiava isso, e mesmo assim se sentia uma boba por ter começado a acreditar nos seus sentimentos, a acreditar que algo mudara desde quando ele a conhecera. Sabin ficara com ela, não viajara com os amigos para Chicago. Ele a ensinara a lutar. Fizera perguntas sobre a história dos consortes das harpias. E depois resolvera deixá-la para trás, e Gwen não sabia se fizera isso porque se preocupava, ou porque não acreditava na sua habilidade.

Mas finalmente entendera: Sabin não se importava. Provavelmente pensava que, se o pai dela era seu inimigo, *ela* também devia ser sua inimiga.

Ela era?

Se ele tivesse razão, e o homem no quadro fosse Galen, o líder dos Caçadores, então Galen era mesmo o seu pai. Ela passara dias, meses, anos, olhando para aquele homem tão parecido: os mesmos cabelos claros, os mesmos olhos cor do céu, os mesmos ombros fortes e as mesmas asas brancas. As mesmas costas largas e o mesmo queixo talhado. Passava os dedos na pintura, imaginando sentir sua pele verdadeira. Quantas vezes sonhara em vê-lo chegando, tomando-a nos braços, implorando por perdão por ter passado tanto tempo longe, depois levando-a aos céus? Inúmeras vezes. Agora ele estava próximo... Poderiam se encontrar...

Não. Não haveria nenhum reencontro feliz. Ao saber que, na verdade, seu pai era um demônio, que fazia mal às pessoas, que queria matar Sabin... Sabin, o homem que ela desejava constantemente, mas que a deixara presa como se não significasse nada para ele.

Gwen girou o corpo, soltando uma risada amarga. O chão estava sujo. Três das paredes da cela eram feitas de pedras, sem nada de argamassa, apenas pedras lisas. A outra parede era feita com grossas barras de metal. Não havia nem mesmo uma cama dobrável para dormir ou uma cadeira

onde se sentar.

E qual fora a última coisa que lhe dissera antes de deixá-la ali?

— Falamos sobre isso quando eu voltar.

Eles conversariam no inferno. Um: ela não estaria ali. Dois: ela destruiria a mandíbula de Sabin, e ele nunca mais poderia dizer uma palavra. E três: ela o mataria. E sua raiva não era nada comparada à da harpia, essa criatura que estava presa dentro dela, exigindo retaliação. Como Sabin pôde fazer isso? Por que resolvera apagar sua praticamente desperta chama de vingança? Por que a deixara ali, após terem feito amor tão apaixonadamente?

A traição de Sabin era uma bomba ainda pior do que a recente descoberta de que seu pai era um demônio.

— Filho da mãe! — gritou Bianka, caminhando de um lado para o outro, levantando grãos escuros de areia com suas botas. — Ele prendeu as nossas asas antes que eu entendesse o que estava acontecendo. Não poderia ter feito isso. Ninguém poderia ter feito isso.

— Vou enforcá-lo com os próprios intestinos — disse Kaia, batendo com o punho em uma das barras, que ficou parada, pois sua força era como a de um humano naquele momento. — Vou arrancar suas costelas, uma a uma. Vou dar sua carne como alimento à minha cobra e deixar que apodreça no seu estômago.

— Ele é meu. Eu vou cuidar dele. — Mas o triste era que Gwen não queria que suas irmãs o punissem. Queria fazer isso sozinha. Sim, era parte do plano. E também, apesar do seu desejo de matá-lo, ela não queria vê-lo machucado. Como isso era ridículo! Quando Sabin a prendeu, Gwen notou um alívio nos seus olhos, mesmo que aliado a um sentimento de culpa. Então ele merecia tudo, menos que ela baixasse a guarda.

Gwen precisou de alguns minutos para pensar em por que ele se sentira tão aliviado, mas finalmente entendeu. Sabin tinha o que queria: ela não poderia sair da fortaleza e não poderia lutar contra os Caçadores. Para ele, isso era mais importante do que permitir que ficasse livre, ainda que usasse o mesmo artifício que antes seus inimigos tinham usado.

Gwen também bateu nas barras de metal. E a barra fez um barulho e se dobrou.

— E eu vou... Ei, vocês viram isso? — Chocada, ela olhou para o próprio pulso. Havia uma marca vermelha pelo impacto, mas seus ossos estavam inteiros. Bateu mais uma vez, hesitante. E mais uma vez a barra se dobrou. — Ah, eu vou me mandar daqui.

Kaia olhou para ela.

— Como isso é possível? Eu também bati, mas não aconteceu nada.

— Ele atou as nossas asas, tirou a nossa força — disse Talayah. O que deve ter doído muito. — Mas ele só amassou as asas de Gwen até nos colocar aqui. Ela continua tão forte quanto antes. Mas como ele soube que, atando nossas asas, conseguiria nos controlar, e por que foi tão gentil com Gwen?

A primeira parte da pergunta deixou Gwen menos confiante.

— Sinto muito, foi culpa minha. Eu não tive a intenção... Eu achei que... Eu sinto muito, muito mesmo. Eu contei a ele. Imaginei que me ajudaria a lutar contra ela.

— Ele é o seu primeiro amor — disse Bianka, surpreendendo-a. — Nós entendemos.

Grata pela compreensão da irmã, Gwen ficou feliz ao ouvir essas palavras. O que talvez significasse que no futuro teria muito mais amantes, embora ela nem pensasse em estar ao lado de outro homem. Não queria beijar ou abraçar outra pessoa. Especialmente porque ainda não tivera o suficiente de Sabin. Será que o amava, então?

Não! Não após ter sido colocada numa cela por ele.

— Vocês não me culpam?

As irmãs se reuniram à sua volta e a abraçaram, e seu amor por *elas* aumentou. Honestamente, era o melhor momento família que já tivera. Elas a apoiaram, mesmo que tivesse quebrado as regras e estragado tudo.

Quando se afastaram, Taliyah fez um movimento em direção às barras da cela e disse:

— Bata mais uma vez, mais forte agora.

— Chegou a hora de destruir isso — disse Kaia, batendo palmas.

O coração de Gwen saltava do peito ao bater repetidas vezes na barra de metal, que se curvava um pouco mais.

— Mais — disseram Kaia e Bianka em uníssono. — Está quase lá!

Reunindo toda sua força, fúria e frustração nos golpes, ela aumentou a velocidade, a ponto de ver apenas uma imagem borrada de seus punhos. Sabin, ao não ter deixado um guarda por ali, deve ter imaginado que ela perderia toda a força. Ou talvez todos os guerreiros estivessem fora, lutando, menos as mulheres e Torin. Gwen não ouvira falar muito sobre o recluso durante o tempo em que estivera por ali, mas Sabin mencionou que ele nunca saía da fortaleza, que sua ligação com o mundo exterior eram os monitores que tinha em seu quarto.

Poderia haver uma câmera ali? Provavelmente.

Mas Gwen não se deixou levar por esse pensamento. *Bum! Bum! Bum!*

Finalmente a barra se contorceu completamente, deixando um bom espaço para que elas pudessem sair. Um sucesso, e que sensação maravilhosa. Elas saíram uma de cada vez. Quando os Caçadores as viram do lado de fora, ficaram loucos.

— Solte-nos.

— Por favor, demonstre mais compaixão do que nós demonstramos com vocês.

— Não somos maus. Eles são. Ajudem-nos!

As vozes eram familiares. Gwen as ouvira por um ano, o pior ano de sua vida. Caçadores! Gwen sentiu sua harpia tomando espaço, sua visão passou a enxergar apenas as cores vermelha e preta. Ferir. Destruir. Sob a camiseta, suas asas já se agitavam completamente.

Aqueles homens haviam roubado 12 meses de sua vida. Eles estupraram outras mulheres na sua frente. *Eles* eram o demônio. Eram seus inimigos. Inimigos de Sabin. Liderados por seu pai. Um homem que não era o anjo benevolente que ela sempre imaginara que fosse. Deveria matá-lo também. Ele destruíra todos os seus sonhos. Mas no momento em que imaginou agarrar sua garganta, até mesmo a harpia se assustou. Matar o próprio pai? Não... Não.

Por isso Sabin a trancafiara.

— Socorro!

O grito a fez sair de seus pensamentos. Por que Sabin ainda não os matara? Eles tinham de ser

mortos. Gwen tinha de matá-los. Sim, matar... Matar...

No fundo de sua mente, ela sabia que suas irmãs tentavam segurá-la, mas estavam muito fracas. Normalmente era ela quem tentava se segurar. Mas não dessa vez. Não mais. Ela estava aprendendo a controlar sua harpia, certo?

E bateu em mais uma barra da metal, com os punhos em brasa, a boca cheia de água. Os dentes ficaram afiados. As unhas, mais longas. Vê-la deve ter assustado os Caçadores, pois eles se afastaram das barras.

Inimigo... Inimigo...

Finalmente as barras se curvaram sob seus movimentos, e ela entrou na cela com um grito agudo. Os homens que um minuto antes estavam de pé, afastando-se dela, no minuto seguinte estavam no chão, imóveis. Mais. Ela queria mais...

Sua harpia arrulhava alegremente enquanto Gwen ofegava, tentando controlar a respiração, quando uma voz profunda e masculina penetrou sua consciência:

— ... Aeron e Paris estão desaparecidos. Sabin, Cameo e Kane estão na cidade. William e Maddox estão escondendo suas mulheres, protegendo-as com a própria vida. Então eu sou o único por aqui, mas não posso tocá-la, pois sou Doença. Por favor, acalme sua harpia ou eu mesmo terei de fazer isso, e você não vai gostar dos meus métodos.

Aquela voz profunda não lhe era familiar. Havia alguém mais a ser destruído. Onde estaria...? Seu olhar percorreu a sala. Ah, olhe ali! Três corpos estavam de pé. E pareciam mais femininos que masculinos. O que significava que teriam um gosto mais doce.

Mais. Ela saiu da cela, determinada a destruí-las, como fizera com os Caçadores.

— Gwen.

Ela reconheceu a voz. Não vinha de seus pesadelos, mas não foi capaz de detê-la. Atingiu a mulher na têmpora com o punho, ouviu um gemido, observou-a sair voando e bater contra a parede de pedras. A poeira deve ter se levantando ao redor da mulher, pois o nariz de Gwen ficou cheio de pó.

— Gwen, querida, você precisa parar com isso — disse outra voz. — Já fez isso antes. Lembra-se?

— Na verdade, já fez isso duas vezes, mas estamos falando sobre aquela vez em que quase nos matou, e tivemos de prender suas asas — disse uma terceira voz familiar. — Nós a hipnotizamos para que perdesse a memória, mas pense, Gwennie. Bianka, qual é mesmo a frase que devemos usar para que ela se lembre?

— Rum de doce de manteiga? Bumbum de passas e manteiga? Alguma idiotice dessas.

A memória de Gwen se elevou, mais alto, mais alto... Até que as nuvens se dissiparam e uma luz forte surgiu. Ela estava com 8 anos de idade. Algo a chateara... Uma prima comera seu bolo de aniversário. Sim. Fora isso. E a tal prima sorria, irritando Gwen, após quase ter sido capturada ao roubar o bolo.

A corrente com a qual prendera a harpia dentro de si quebrara, e a próxima coisa que viu foi sua prima e suas irmãs à beira da morte. Só sobreviveram porque Taliyah, de alguma forma, conseguira cortar suas asas durante a briga.

Ela levava semanas para recuperar as asas. Semanas que as irmãs também tinham arrancado de sua

memória. *Minhas lembranças*, chiou a harpia. *Minhas*.

Vagabunda possessiva. *Perder a memória foi a melhor opção*, disse sua parte racional. *Viver com essa culpa teria me destruído*.

Eles estão enfraquecidos, não poderão machucá-la dessa vez. Você pode...

— Meus deuses, quem poderia imaginar que eu gostaria de ter aquele maldito demônio de volta na vida de minha irmã?

— Torin, cara, você poderia encontrar Sabin? Ele é único capaz de acalmá-la sem machucá-la.

Sabin. *Sabin*. Seu desejo de lutar arrefeceu, deixando espaço para a consciência de Gwen. *Você não quer matar as suas irmãs. Você as ama*. Ela respirou fundo, lenta e pausadamente. E as cores começaram a voltar à sua mente... O preto e vermelho desapareciam. Paredes cinzentas, piso marrom. Os cabelos brancos de Taliyah, os ruivos de Kaia e os castanhos de Bianka. Estavam assustadas, mas vivas, graças aos céus.

Em seguida veio a constatação. *Você conseguiu, você se acalmou sem matar ninguém mais na sala*. Ela arregalou os olhos, e mesmo com todo o caos à sua volta, ficou alegre. Isso nunca acontecera antes. Sempre que perdia o controle naquela fortaleza, Sabin tinha de acalmá-la. Talvez já não precisasse temer sua harpia. Talvez, finalmente, pudessem viver em harmonia. Mesmo sem Sabin.

Pensar nisso quase a fez cair de joelhos. Não queria viver sem ele. Queria ir embora, sim, mas, para ser sincera, tinha de admitir que esperara que ele tivesse vindo resgatá-la... Ou talvez ela mesma acabaria voltando à fortaleza, sozinha.

— Você está bem? — perguntou Bianka, surpresa.

— Estou — respondeu ela, evitando olhar para a cela dos Caçadores, e não ouvir a voz dos homens que antes falavam. — Onde está Torin?

— Ele não está aqui, na verdade — disse Kaia. — A voz saía de um alto-falante.

— Então ele sabe que escapamos — disse ela, passando a mão sobre a barriga e se afastando. E se ele viesse atrás delas? E se ela o matasse para que não as colocasse numa cela outra vez? Sabin nunca a perdoaria. Pensaria, sem dúvida, que ela estava ajudando os Caçadores. *Espere, você não tem mais medo de sua harpia, lembra-se?* Mas a verdade é que velhos hábitos são difíceis de ser superados, pensou ela.

— Ele sabe — disse Taliyah.

E Torin confirmou:

— Sim, eu sei.

Kaia agarrou os ombros de Gwen, forçando-a a ficar calma.

— Ele não pode fazer nada, pois não pode nos tocar.

— Bem, eu posso atirar em vocês — lembrou-lhes a voz sem corpo.

Gwen tremeu. Tiros não eram brincadeira.

— Vamos atrás de Danika e Ashlyn — disse Kaia, sem se preocupar com seu público nem com as ameaças de Torin.

— Torin disse que elas estão sendo vigiadas por Maddox e William — disse Bianka. — Vamos pegá-los também.

Gwen, nervosa, ainda sentia uma energia pelo corpo, mas aquelas palavras fizeram seu sangue

gelar.

— Por quê? — As meninas eram doces e gentis, não mereciam ser machucadas.

— Para dar o troco. Agora venha. — E Bianka girou o corpo, subindo as escadas, caminhando em direção à casa principal.

— Eu não entendo — disse Gwen, com voz trêmula. — Dar o troco agora?

Kaia a soltou e disse:

— Sabin machucou nossas asas, agora vamos dar um jeito em seu exército precioso. Quando os demais voltarem, verão que as meninas e seus amigos estão desaparecidos, e enlouquecerão.

Não, ela pensou. Não.

— Já disse que Sabin é meu. Eu mesma vou cuidar dele.

Kaia e Taliyah a ignoraram, seguindo Bianka.

— Não se preocupe, nós estamos enfraquecidas, mas para isso é que as armas servem — disse Kaia, olhando diretamente para a câmara de Torin. — Certo, Tor-Tor?

— Não vou deixar que façam isso — respondeu ele, em tom ácido.

— Então fique de olho na gente — respondeu Taliyah, com voz tão fria quanto o gelo. Que par esses dois fariam!

Gwen observou suas irmãs desaparecendo nas escadarias. Queriam capturar aquelas mulheres inocentes, machucar o seu homem. Bem, não era o seu homem. Não mais. Mas ela percebeu que deveria fazer uma escolha. Deveria permitir que tudo isso acontecesse, ou deter suas irmãs, e talvez as machucasse no processo, e precisasse resolver a situação com as próprias mãos.

— Gwen — disse Torin. — Você não pode permitir que elas façam isso.

— Mas eu amo as minhas irmãs. — Suas irmãs sempre estiveram por perto, sempre cuidaram dela. E a perdoaram rapidamente por ter contado seus segredos. Tentaram protegê-la das suas próprias lembranças. Fazer isso...

— Os homens vão lutar até a morte para proteger suas mulheres. E se suas irmãs conseguirem vencê-los, o que é o grande *se*, já que elas estão bem enfraquecidas, haverá uma guerra entre os Senhores e as harpias.

Isso era verdade.

— Isso vai gerar uma divisão entre os guerreiros, pois suspeito que Sabin ficaria ao seu lado. E isso nos deixaria vulneráveis frente aos Caçadores. Eles teriam uma vantagem. Se é que já não têm. Não consegui falar com Lucien. Nem com Strider, Anya ou com qualquer dos outros que foram a Chicago. Eles não costumam agir assim, e tenho medo de que algo possa ter acontecido com eles. Preciso de Sabin, preciso que ele vá buscá-los, mas está preso aqui, lutando.

Seu primeiro pensamento? Esperava que os Senhores estivessem bem em Chicago. O segundo? Sabin... Ficaria ao seu lado? Improvável.

— Ele poderia ter a minha ajuda, mas não confia em mim.

— Ele confia em você. Só usou isso como desculpa para protegê-la. Até eu sei disso, e nem sou tão próximo dele. — Ele parou, respirando fundo. — Bem, é melhor que tome uma decisão já, pois as suas irmãs estão pegando as armas e se aproximando de seus alvos.

SABIN SE AGACHOU nas sombras. Kane estava à sua esquerda, Cameo, à sua direita. Estavam tão cheios de armas que poderiam tomar um pequeno país. Mas, infelizmente, talvez não fosse o suficiente para a batalha que estava por vir.

Os Caçadores estavam por todos os lados. Saíam das lojas, caminhavam pelas calçadas, comiam nos restaurantes. Eram como mosquitos, fazendo um barulho irritante ao seu redor.

Via mulheres de boa aparência com facas e armas por baixo das roupas. Ao mesmo tempo, homens altos e musculosos, que pareciam recém-chegados de uma guerra e loucos por mais luta, estavam postos em cima dos edifícios, observando tudo o que acontecia na cidade. Além deles, para a surpresa de Sabin, havia crianças, dos 8 aos 18 anos. Sabin já vira uma delas atravessando um muro. *Atravessando!* Como se o tal muro não estivesse por ali.

O que os outros poderiam fazer?

Ele estava em menor número e sabia disso. Mesmo sendo louco por luta, também sabia que não poderia machucar as crianças. Os Caçadores deviam contar com isso. Poderia *usar uma harpia naquele momento*.

Passou os dedos em suas armas, seus ossos rangiam. *Não vá até lá*. Observava a cena havia algum tempo, tentando decidir, bolar um plano. Em vez de se sentir poderoso, ele se sentia mais impotente do que nunca. Não sabia o que fazer.

A pior parte era que deixara Gwen trancada, e outra batalha começaria em casa. Burro. Deixara sua preocupação por ela vencer sua consciência. Eis o perigo de amolecer frente a uma mulher. As emoções destroem nossos planos, nos fazem cometer erros estúpidos. Mas Sabin não poderia voltar, pedir desculpas e esperar que ela o ajudasse. Ele machucara suas irmãs. E tão leais quanto eram umas às outras, ela nunca o perdoaria.

Várias vezes, tentou se convencer de que seria melhor assim. Que lutaria contra os Caçadores e venceria, pois já fizera isso antes e voltaria a fazê-lo, com ou sem ela. E, seja lá como fosse, Gwen estava relacionada a Galen. Sabin não poderia confiar em suas motivações. Não poderia confiar em sua ajuda, nem ajudar sua família.

Gwen não poderia fazer parte da sua família. Ele fez uma careta para o pensamento voluntarioso, e intensificou sua expressão quando Dúvida se intrometeu:

Você não a merece. Não agora. E, de qualquer forma, ela não vai querer estar ao seu lado mesmo. Então, assunto encerrado.

— Cale-se — murmurou ele.

Kane o olhou de relance.

— Seu demônio está lhe causando problemas?

— Sempre.

— Então, o que vamos fazer agora? Somos apenas três.

— Já lutamos em piores condições — disse Cameo, e Sabin se encolheu um pouco. A voz da guerreira sempre provocava essa sensação nele. Mas dessa vez o efeito não foi tão forte. Talvez porque ele já estivesse se sentindo mal. Como pôde ter feito isso com Gwen?

Eu só queria protegê-la.

Mas falhou.

— Não lutamos, não — respondeu ele —, pois dessa vez precisamos nos assegurar de uma coisa: não podemos machucar as crianças.

Cameo tinha o dedo no gatilho.

— Mas precisamos dar algum jeito nisso. Não podemos deixá-los soltos por aí.

Sabin deu mais uma olhada em volta. Estava cheio de gente, era muito perigoso. E aquelas crianças... Droga. Elas complicavam tudo. Era hora de tomar uma decisão.

— Certo. Eis o que vamos fazer. Vamos nos dividir. Seguir em direções diferentes. Ficar nas sombras e pegar os adultos um a um. Apenas... Não sejam mortos. Quero que me façam um favor e... — Parou de falar abruptamente quando viu dois Caçadores colocando dois homens inconscientes em sua caminhonete estacionada no final da rua. Várias crianças os cercavam, formando uma parede.

Cameo seguiu a linha de seu olhar e disse:

— Aquele é...

A terra sob os pés de Kane se abriu e ele caiu em um buraco.

— Aeron e Paris? Droga. Sim, eram eles.

Sabin xingou, sussurrando:

— Novo plano. Matem o máximo de homens possível, eu cuido das crianças. Se puderem, levem Aeron e Paris de volta à fortaleza. Eu encontrarei vocês por lá.

Capítulo Vinte e Quatro

GWEN PRENDERA SUAS irmãs. *Sou tão má quanto Sabin.*

Ele estava no quarto de Torin, de pé atrás dele, com os braços cruzados sobre o peito. Ele estava de costas, como se assim não precisasse se preocupar com sua proximidade. Mas deveria temer que lhe enviasse uma bala diretamente ao cérebro. Afinal de contas, Gwen era uma harpia.

— Acho que acabei de cometer o pior erro da minha vida, mas é tarde demais para consertar. — *Se as suas irmãs a perdoassem, e se ela perdoasse Sabin, ainda assim elas a puniriam pelo que fez. Ah, a quem estava enganando? Todas as pessoas que ela amava, bem, que ela gostava, às vezes, no caso de Sabin, eram teimosas como mulas.*

Não, não haveria perdão.

Gwen olhou para um dos monitores, para o que mostrava suas irmãs. Elas caminhavam de um lado para o outro, xingando e batendo nas barras de aço, sem resultado. Mas elas se recuperavam rapidamente e em poucos dias poderiam escapar. E puni-la pela traição, claro. Gwen sentiu um nó no peito.

Taliyah lutara pesado, e Gwen ainda tinha feridas. Várias, nas costelas e no pescoço. Não acreditava que tinha conseguido vencê-las, mesmo que elas estivessem enfraquecidas. Sempre foram o modelo que Gwen queria seguir. Mais fortes, mais bonitas, mais espertas. Comparava-se às irmãs constantemente e sempre saía perdendo.

Mas ali estava ela, era uma guerreira nata. Se tivesse êxito com os Caçadores, suas irmãs sentiriam orgulho dela?

Em um dos monitores, Maddox e William caminhavam, cheios de armas. Ashlyn e Danika estavam atrás deles, de mãos dadas.

— Estou preocupada — disse Danika. — O sonho que tive ontem à noite... Vi Reyes numa caixa preta, trancado, com seu demônio gritando, implorando para ser libertado.

Ashlyn acariciou seu ventre redondo, pálida.

— Talvez devêssemos viajar até Chicago. Eu poderia tentar ouvir, e assim talvez descobrisse onde os caçadores os prenderam.

— Não — disse Maddox.

— Boa ideia — disse Danika, falando mais alto que ele. — E quanto ao que Torin nos contou?

Os Caçadores estão aqui em Buda.

— Melhor irmos à cidade — disse Torin, de repente, olhando para os monitores. — Acabei de receber uma mensagem de texto de Sabin. Aeron e Paris estão machucados e foram colocados numa van. Os Caçadores são muitos, e Sabin está a ponto de começar uma batalha.

Gwen sentiu uma forte dor no estômago.

— Onde eles estão?

— Tenho um localizador do celular de Sabin, estão três quilômetros ao norte daqui. Saia pela porta de trás e desça a colina. Não se desvie da linha reta e os encontrará.

— Obrigada. — Ela precisava de armas. Muitas, muitas armas. A imagem das armas guardadas no armário de Sabin tomou conta de sua mente. Perfeito! Girou o corpo, como se fosse sair correndo do quarto de Torin.

— Ah... E Gwen.

Ela se virou e olhou para ele.

Na tela do computador, Torin abriu um mapa da floresta ao redor da fortaleza, com uma linha vermelha iluminando o caminho.

— Existem armadilhas por aqui, por aqui e por aqui, então muito cuidado ao descer, ou será atingida.

— Obrigada. — Com um suspiro, ela correu para o quarto de Sabin. A caixa de armas não estava trancada como da outra vez, graças às suas irmãs, e estava quase vazia. Havia apenas uma arma e uma faca. Ela pegou as duas. Ainda não tivera tempo de treinar com uma semiautomática, mas apontar e atirar não devia ser muito complicado.

— Aí vou eu — murmurou ela, movendo as asas freneticamente. E saiu da fortaleza, descendo a colina, sem nem olhar para o carro estacionado na parte dos fundos da casa. Em forma de harpia, poderia chegar mais rápido.

Demorou menos de um minuto para percorrer os três quilômetros. E poderia ter sido mas rápido, se não tivesse tido que desviar das armadilhas colocadas pelos Senhores. A cidade estava lotada de pedestres. Felizmente, como era uma presença enevoada, ninguém a vira até então. Alguns a sentiam e pareciam confusos ao notar uma brisa passando ao seu lado.

Assim que chegou ao seu destino, ela continuou a se mover sorrateiramente, com os olhos pregados na cena. Um grupo de militares cercava uma van aberta. Como Torin dissera, havia dois homens inconscientes deitados lá dentro. Três guardas agacharam ao lado deles, com armas em punho e fumaça escapando de seus canos.

A van não tinha motorista. Que estranho, pensou ela, até o momento em que notou Kane atrás de um prédio, matando qualquer um que se aproximasse do volante. O para-brisa já tinha sido atingido, havia sangue no volante. Quatro corpos se amontoavam pela porta aberta.

Quando um Caçador se aproximava, Kane simplesmente mudava de posição e se escondia, mantendo sua arma apontada contra a van.

Onde estava Sabin?

Por que os humanos não gritavam?

Enquanto se perguntava essas coisas, seu olhar recaiu sobre uma jovem menina com os braços

abertos. Uma voz suave murmurou na mente de Gwen: *Fique calma. Vá para casa. Esqueça que veio até aqui. Esqueça tudo o que viu.*

E a tal voz estava conseguindo o que queria. Ela já se esquecia de tudo e começava a voltar para casa. Talvez tivesse obedecido completamente, se não fosse por sua harpia. O lado negro de sua natureza ressurgiu e tomou conta de sua mente, fazendo desaparecer a tal voz e lembrando-a de seu objetivo.

O que devo fazer? E o que estava acontecendo com todas aquelas crianças que de repente começou a ver? Uma delas, um menino pequeno, movia-se pela cidade quase com tanta agilidade quanto ela. Mas notara sua presença por ter deixado para trás um rastro de luz. Estava obviamente na cola dos Senhores, e quando viu um deles, Cameo, dessa vez, parou e começou a gritar.

Franzindo a testa, claramente relutando em machucá-lo, Cameo agarrou o menino e apertou sua carótida. Ele caiu como um tijolo. O suor escorria pelo rosto e pelo peito da guerreira, molhando sua camiseta e seu corpo. Gwen nunca vira Cameo tão chateada e cansada.

Mas pelo menos uma das perguntas estava respondida. As crianças obviamente ajudavam os Caçadores.

Soou um grito enfurecido atrás dela:

— Saia, saia de onde estiver. Você não pode nos vencer e não pode pedir reforços. Nós estamos com os seus amigos. Vocês nunca estiveram tão perto da derrota.

Gwen ficou assustada, mas outra voz disse:

— Por que não se entregam e evitam a humilhação da derrota?

— Vocês dizem que não são maus. Bom, chegou a hora de provar isso! Entreguem-se e nos devolvam a garota. Deixe que nós encontremos uma forma de arrancar os demônios dos seus corpos. Ajudem-nos a fazer com que o mundo volte a ser o que era antes... Bom, justo, puro.

— E talvez vocês nos implorem por perdão, também... — gritou uma voz masculina. — Se tivessem ficado trancados, como queríamos, a doença nunca teria invadido o mundo e meu filho ainda estaria vivo.

Uau, Gwen refletiu. Os Caçadores eram realmente fanáticos. Falavam como se os Senhores fossem os responsáveis por todos os males do mundo. Os humanos tinham livre-arbítrio. Os Caçadores, também. E escolheram trancafiar Gwen. E estuprar mulheres. Isso fez com que ficassem maus e indignos de compaixão.

Alguém gritou, chamando a atenção de Gwen. Seus olhos se arregalaram quando ela viu Sabin em meio a vários homens, com adagas nas mãos. Seus braços se moviam com graça, atacando os Caçadores em meio a humanos, e com precisão afiada. Um a um, todos ao seu redor caíam.

Tinha praticamente toda a roupa manchada de vermelho brilhante e o corpo cheio de feridas. Mas, felizmente, o sangue era dos seus inimigos.

Gwen sentiu a recente e já familiar necessidade de despertar sua harpia, deixando que ela tomasse conta de seu corpo e mente, sem pensar duas vezes. Primeiro, sentiu seu medo instintivo. Mas logo ele desapareceu. *Eu posso fazer isso. Eu vou fazer isso.* E sua visão ficou preta e vermelha, sua boca ficou cheia de água e com um gosto de néctar vermelho, doce. Suas mãos estavam loucas para ferir... Mutilar.

Mas pouco antes de se transformar por completo, pensou: *Por favor, não machuque Sabin e seus amigos. Por favor, não machuque as crianças. Por favor, leve o maior número possível à fortaleza e prenda-os por lá.* Era o que Sabin gostaria que fizesse.

Suas asas se moviam mais freneticamente do que nunca. Gwen pegou a criança controlada por Cameo no colo — *Não a machuque, não a machuque, não a machuque* — e colocou seu corpo imóvel contra o dela enquanto atacava a massa de Caçadores, atingindo seus joelhos para que não pudessem ficar de pé e passando a lâmina de sua adaga em suas têmporas.

Deveria ter trazido o carro, pensou ela, ao pegar outro Caçador inconsciente nos braços e levá-lo à fortaleza. Depositou a carga numa das celas do calabouço e voltou ao campo de batalha. A viagem durou cinco minutos no total. Ela repetiu o mesmo caminho 16 vezes antes de notar que começava a tremer e a diminuir seu ritmo. Mas a multidão, pelo menos, era cada vez menor.

Sabin ainda estava de pé, e Cameo estava na retaguarda, cada um deles despachando ameaças de uma direção diferente. Kane mantinha a arma apontada para a van.

Gwen pensou em Aeron e Paris e se aproximou deles. Tinha de levá-los embora dali. Estavam claramente machucados e precisando de ajuda. Mas um Caçador surgiu no seu caminho e ela se chocou contra ele, ficando sem fôlego enquanto voava para trás. Quando ela aterrissou, caiu contra pedaços quebrados de concreto, que cortaram suas costas.

Sabin despachou o Caçador e, um momento depois, surgiu ao seu lado, como se, apesar da sua velocidade, soubesse exatamente onde ela estava, e a levantou.

— Torin me enviou uma mensagem de texto. Você está bem? — perguntou ele.

Sentir suas mãos sobre ela... Era maravilhoso. Momentaneamente, Gwen se esqueceu de onde estava e do que estava fazendo. Mas o suor e o sangue que escorriam de Sabin a fizeram se lembrar.

— Sim — respondeu ela. Estava ofegante, cansada, quente, tremendo. — Estou bem.

Ele passou uma das mãos sobre o rosto, como se tentasse clarear sua visão. Gwen nunca antes vira aquele guerreiro incansável a ponto de perder a paciência.

— Você pode levar Aeron e Paris em segurança?

Pelo menos, ele não estava tentando se livrar de Gwen.

— Sim. — Era o que ela esperava. Mas preferia salvar Sabin antes de salvar seus amigos.

Sabin pegou a pistola semiautomática da cintura de Gwen.

— Você se importa?

— De jeito nenhum.

— Vou te levar até a van — disse ele antes que ela pudesse agarrá-lo. Seguiu-se um rápido *bum, bum, bum!*

Mesmo com os bloqueadores, os ouvidos de Gwen eram sensíveis, e o som dos tiros retumbou em sua mente. Na verdade, ela sentiu um líquido quente escorrer de suas orelhas. Ainda bem que o sangue de alguma forma amenizava o volume dos tiros.

Mais uma vez, corpos caíam ao redor deles. Gwen seguiu em frente, notando que uma única criança permanecia de pé. A menina pequena mantinha os humanos a distância. Gwen já levava várias das crianças à fortaleza, mas os Caçadores deveriam ter fugido com algumas outras. Que tipos de monstros levavam crianças para a guerra?

Ao aproximar-se da van, Sabin continuava atirando, mesmo não havendo mais Caçadores ao redor do veículo, pois os últimos já estavam fugindo. Ou talvez tivessem sido atingidos por Kane. Gwen carregava um guerreiro em cada ombro, quase encurvado com o peso deles. Não poderia levar os dois ao mesmo tempo.

Deixou Aeron no assento com o maior cuidado possível e pegou Paris, que estava sangrando mais.

— Preciso voltar — disse ela, esperando que Sabin a tivesse escutado, e correu por entre as árvores. Essa viagem foi um pouco mais longa, pois sua velocidade diminuía. Finalmente, chegou ao seu destino.

Arfando, deixou o guerreiro desajeitado na entrada da fortaleza. Torin deve ter visto que ela estava se aproximando e alertado Maddox e William, pois os homens deixaram que suas mulheres aparecessem por ali. Quando Ashlyn e Danika viram Paris, correram na sua direção.

O medo tomou conta dos olhos verdes de Danika.

— Ele...

— Não. Ele está respirando.

— O que está acontecendo...? — começou Danika a perguntar.

— Não temos tempo para isso agora. Preciso voltar e buscar os outros. — Gwen não esperou por uma resposta, e voltou correndo à cidade.

Sabin continuava na van, e um grupo de Caçadores voltou a cercar o automóvel, munido de escudos e aproximando-se dele. Claramente, estavam preparados para qualquer coisa. Ainda tremendo e mais cansada do que nunca, Gwen pegou Aeron e saiu correndo.

Antes de chegar ao limite da floresta, uma bala perfurou sua coxa esquerda.

Ela gritou e caiu no chão. Aeron fez um barulho, mas não acordou, e sangue escorria do corpo da harpia. Droga! Uma artéria fora atingida. O tremor ficou muito violento, mas ela se levantou. *Siga em frente. Você consegue.* E continuou. Precisou de dez minutos dessa vez, mas chegar à fortaleza nunca fora tão recompensador.

Mais uma vez, Danika e Ashlyn esperavam por ela, medicando Paris ali mesmo no hall, enquanto Maddox e William corriam para conseguir tudo o que fosse necessário.

Gwen jogou Aeron ao lado do amigo, mas já não tinha forças para ser muito cuidadosa. Ao partir mais uma vez para a porta, Danika agarrou seu braço.

— Você não pode voltar, mal consegue ficar de pé.

— Eu preciso — disse ela, soltando o braço.

— Mas não vai conseguir. Vai desmaiar na descida.

— Vou dirigindo, então. — Parada, ali, não ficaria. Sabin estava lá, precisava dela.

— Não. — O tom de Danika era decidido. — Eu vou levá-la. Apenas me dê as chaves.

— William — gritou Maddox.

— Sei o que isso significa — respondeu ele, suspirando. — Eu vou ter que dirigir.

Quando Danika se afastou, Ashlyn colocou dois dedos sobre o pescoço de Gwen e disse:

— Suas pulsações estão muito rápidas. Respire mais lentamente. Isso. Inspire. Expire. Muito bem, menina.

Ela deve ter fechado os olhos por um momento, pois ao abri-los tinha a perna enfaixada, e William estava ao seu lado, agarrando sua mão e levando-a em direção à porta.

— Danni me deu as chaves. E se vamos fazer isso, vamos agora.

— Com cuidado — disse Ashlyn.

Quando estavam sentados no carro, William pisou fundo no acelerador e entraram pela floresta. Gwen se chocou contra a porta, e sua têmpora bateu no vidro da janela. *Isso vai deixar uma marca*, pensou ela, tonta.

— Está segurando firme?

— Sim — respondeu ela com voz fraca, que ela mesma mal escutava.

— Escute uma coisa. Obrigado por trazer Aeron e Paris para casa. Anya adora aqueles dois e poderia ficar muito mal se eles morressem. Por mais que ela me irrite, quero vê-la feliz.

— De nada — respondeu Gwen, morta de dor.

Quando chegaram ao seu destino, a batalha já estava bem avançada. Sabin, Kane e Cameo sangravam muito, estavam cheios de cortes e praticamente destruídos, mas continuavam lutando.

Vendo o carro, eles correram. Gwen abraçou o próprio corpo quando William acelerou, atropelando os humanos.

— Meus deuses, isso é divertido — disse ele, sorrindo. O carro engasgou duas vezes antes de parar. Antes que parasse, Gwen abriu a porta, e Sabin se sentou ao seu lado rapidamente. Os outros subiram no banco de trás ao mesmo tempo.

— Vá, vá, vá — ordenou Sabin, e William voltou a pisar no acelerador.

Sabin passara um dos braços na cintura de Gwen, agarrando-a firme.

Ao seu lado, vendo que Sabin estava vivo, o pouco de energia que lhe restava desapareceu do seu corpo. A fraqueza a consumia, destruindo tudo o mais. Até mesmo a harpia estava em absoluto silêncio.

— Gwen — disse Sabin, com um tom de preocupação na voz. — Gwen, está me ouvindo?

Ela tentou responder, mas não conseguiu dizer nada. Nenhum som ultrapassava o nó repentino em sua garganta. Mas ela não saberia o que dizer mesmo. Ainda estava furiosa com ele, ainda queria que pagasse pelo que lhe fizera, ainda queria jogar na sua cara que não confiara nela.

— Gwen! Fique comigo, querida! Fique comigo, só isso.

William deve ter atingido mais um corpo pelo caminho, pois Gwen quicou no assento. Ou talvez fosse Sabin sacudindo-a. Ela estava com ataduras nos antebraços.

— Fique comigo! Isso é uma ordem!

Gwen salvara sua vida e ainda assim Sabin se sentia no direito de lhe dar ordens?

— Vá para... o inferno... — conseguiu ela dizer, depois a escuridão tomou conta dos seus olhos, e ela não via nem ouvia nada mais.

Capítulo Vinte e Cinco

SABIN PRESSIONOU SEU pulso contra a boca de Gwen, fazendo com que os dentes dela se cravassem fundo nas suas veias. Sentir aqueles lábios suaves, aquela sucção quente, fez seu membro ficar tão duro que poderia ser considerado uma arma perigosa. Aquela era sua segunda refeição, e Gwen se recuperava bem. Ela se recusara veementemente a sugar seu pescoço, mesmo que assim recebesse um melhor fluxo de sangue, curando-se mais depressa. Pior: ela se recusava a falar com ele.

Então ele falava pelos dois. Contou que as crianças que ela capturara continuavam ali, mas a salvo e bem-cuidadas. Disse também que suas irmãs tinham escapado do calabouço uma hora antes e voltado para o quarto ao lado do dele. Mesmo raivosas, permaneciam estranhamente quietas.

Assim como Dúvida, aliás.

Ele sabia que o demônio tinha medo das harpias. Sabia que aquele merdinha se escondia no fundo de sua mente sempre que Gwen aparecia. Mas naquele momento permanecia em silêncio, mesmo com Gwen calma. A distância parecia ser tudo o que seu demônio queria naquele momento. Era quase como se Dúvida duvidasse de si mesmo e de sua habilidade para duelar com a harpia. Uma espécie de justiça poética, como diria Sabin.

Mas, claro, o demônio surgia sempre que ele se afastava de Gwen, buscando constantemente por novas vítimas. Mas Gwen não, nunca mais. Dúvida nunca ousou dizer nada *sobre* ela. Depois de ver a forma como ela atacou aqueles Caçadores... O demônio também parou de tentar convencer Sabin de que não poderia tê-la, pois tinha medo de deixá-la irritada.

No entanto, um pouco de raiva da parte dela não seria má ideia. Qualquer coisa era preferível àquele silêncio.

Sabin suspirou. O que mais queria era pegar um avião e buscar os guerreiros perdidos. Mas, antes, precisava se recuperar da batalha do dia anterior. Ele e os outros não seriam úteis para ninguém naquele momento. E sabia que não poderiam dividir ainda mais as suas forças. Os Caçadores continuavam em Buda, e os Senhores deveriam dar um jeito neles antes que tomassem a fortaleza, ou que as mulheres fossem feridas.

Naquela manhã, Torin conseguiu ver um Caçador de relance e “acidentalmente” deixou que escapasse. Observou seus movimentos pelas telas e esperou que o idiota seguisse em direção ao esconderijo dos demais Caçadores.

Mas esperar era difícil. Sabin tentou pedir às harpias que fossem a Chicago, prometendo uma fortuna, mas elas fecharam a porta na cara dele. Ele sabia que não queriam dinheiro. Queriam Gwen. Mas isso ele não poderia oferecer.

Ele a amava. Até mais do que antes.

Mais do que aquela guerra, mais do que o ódio que nutria pelos caçadores, ele a amava. Ela era filha de Galen, e daí? A verdade era que Sabin carregava o Demônio da Dúvida dentro dele, e havia muito espaço para questionamentos. Gwen não ajudaria o pai. Não poderia. Sabin a conhecia bem. E, claro, também sabia que Gwen abriria mão de um relacionamento com o pai para ficar com ele, e exatamente por isso deveria demonstrar a ela quem era realmente a sua família.

Gwen era a prioridade número um na sua vida. Prendê-la fora um erro. Devia ter confiado nela, permitido que lutasse. Droga, teria perdido sem a sua ajuda... Mas, na verdade, preferiria ter perdido uma guerra a ganhar e viver sem Gwen ao seu lado.

A pressão de sua boca amainou, e Gwen se afastou dele. Sabin estava sentado numa poltrona que levava para o quarto. Pois, mais do que se recusar a tomar sangue do pescoço dele, Gwen se recusou a tomar seu sangue com ele deitado na cama. Estava sentada ao seu lado, em outra poltrona, pois tampouco aceitara sentar-se no seu colo.

Seus lábios estavam vermelhos, brilhantes, como se acabasse de ser beijada.

— Obrigada — murmurou ela.

Obrigada. Sua primeira palavra desde aquela manhã. Ele fechou os olhos, sorrindo ao ouvir aquela linda voz ecoando em sua mente.

— O prazer foi todo meu.

— Eu sei — disse ela, seca.

Lentamente, ele voltou a abrir os olhos. Gwen não se deitou mais uma vez, como fizera mais cedo, mas permaneceu na poltrona, com as costas eretas, olhando acima dos ombros de Sabin, com determinação. Mas o que, exatamente, ela estava determinada a fazer? Ainda queria deixá-lo?

— Como estão Paris e Aeron? — perguntou ela.

— Recuperando-se, como todos nós. Graças a você — respondeu ele. Mas ela precisava mesmo tocar nesse assunto?

— Graças a William. Eu me cansei muito e não teria conseguido...

— Graças a *você* — repetiu ele. — Você lutou com força, com mais força do que qualquer outra pessoa que eu jamais tenha visto lutar. E não tinha nenhum motivo para fazer isso... E todos os motivos do mundo para não fazer. Nunca poderei agradecê-la o suficiente.

— Não quero seu agradecimento — disse ela, com as faces vermelhas. Mas não estavam rubras de vergonha nem de desejo. Mas sim... De raiva? Por que ficaria com raiva da gratidão de Sabin? Respirou fundo, e isso pareceu acalmá-la.

— Estou curada, já recuperei quase toda a minha força.

— Eu sei.

— E isso significa... que eu vou embora. — Mas sua voz falhou no final da frase.

Pronto. Ele suspeitara que isso estava por vir, mas ainda assim as palavras eram devastadoras. *Você não pode ir embora*, quis ele gritar. *Você é minha. Agora e sempre.* Porém, mais do que ninguém, ele

conhecia as consequências de tentar controlar uma guerreira tão poderosa.

— Por quê? — Foi tudo o que Sabin conseguiu dizer.

Ela jogou um cacho de cabelo para trás do ombro e disse:

— Você sabe por quê.

— Quero que me diga.

Finalmente, Gwen olhou para ele. O fogo a consumia.

— Você quer ouvir? Ótimo. Você usou a minha fraqueza contra mim, usou os meus *segredos*.

Você machucou as minhas irmãs, forçou-me a machucá-las e a deixá-las presas para o seu bem. Você não confiou em mim e quase morreu por isso. — Ela se levantou, colocando as mãos na cintura. — Você quase morreu!

Certo, pensar na morte de Sabin a deixava ainda mais nervosa. E ela a mencionara duas vezes. Uma esperança surgiu no íntimo de Sabin, que se levantou e a jogou na cama antes que ela tivesse tempo de piscar. Enquanto o corpo de Gwen ainda balançava pelo impacto da queda, ele atirou seu próprio corpo em cima dela.

Em vez de lutar contra Sabin, Gwen ficou olhando para ele.

— Eu poderia acabar com o seu pescoço.

— Eu sei. — Mas, na verdade, quem ficava vulnerável naquela posição era ela. Suas asas estavam imobilizadas, o que a deixava sem forças. Ele já fizera isso antes. Não voltaria a usar o mesmo truque. Virou o corpo, colocando-a em cima dele. — Pensei que estava fazendo aquilo para o seu bem. Não queria que lutasse. Não queria que se ferisse. Não queria que tivesse de combater o seu próprio pai.

— Mas, no final, o motivo principal não foi esse.

— Eu sei — repetiu ele. — Para ser honesto, fiz isso por mim. Eu precisava saber que estava em segurança. Sei que foi uma estupidez. Eu agi mal, fui um burro. Mas nunca mais a deixarei para trás. Você é o melhor soldado que já vi na vida, melhor do que eu nos meus melhores tempos.

As pernas de Gwen estavam ao redor de sua cintura, deixando a área mais quente do seu corpo diretamente contra sua ereção, que latejava. Ele grunhiu e agarrou sua cintura para mantê-la naquela posição.

— Já não posso confiar em você — disse ela.

— Pode sim. Você pode confiar em mim. Mais do que ninguém.

— Mentiroso! — Ela deu um tapa nele, com força o suficiente para quebrar um osso. Sua face explodiu de dor, mas ele não fez nenhum som, não tentou retaliar, nem a soltou. Lentamente, voltou a olhar para ela, preparado para o que fosse. Deixaria que ela arrancasse a pele do seu corpo, se isso significasse que tudo ficaria bem entre eles.

— Passei a questionar tudo o que você diz, e não fazia isso nem quando o seu demônio tentava entrar na minha cabeça a cada oportunidade. Na verdade, nunca mais vou conseguir confiar, nunca mais imaginarei que *você* confia em mim. E depois de tudo o que você fez...

— Eu também tenho as minhas fraquezas — disse ele, desesperado, interrompendo-a. — Você me contou os seus segredos, agora eu vou lhe contar os meus. Para provar que nunca mais a deixarei para trás. — E não deu chance para que ela dissesse nada. — Enquanto vigiava o rei dos deuses, perdi um olho. Zeus me deu outro. E por isso não sou capaz de enxergar a uma grande distância,

como os outros guerreiros.

Enquanto ele falava, os ombros de Gwen relaxaram um pouco. Seus dedos passeavam pela camiseta de Sabin, tocando o tecido e levantando-o na altura de sua barriga. As esperanças dele aumentavam.

— Você poderia estar mentindo.

— Eu já disse. Não posso mentir. Vou morrer se tentar. É parte da minha maldição... Ou seja, outra fraqueza.

— Você disse que não usaria os meus segredos contra mim. Isso foi uma mentira, e você não morreu.

— Eu realmente tinha a intenção quando disse aquilo.

Ela permaneceu em silêncio.

— Eu seguro duas adagas enquanto luto, porque tenho a tendência de agarrar o oponente quando estou com uma das mãos livre. Já perdi alguns dedos assim antes. Caso o inimigo me deixe sem uma das armas, é muito mais fácil me vencer. — Ele nunca contara isso a ninguém. Nem aos seus homens, embora eles já devessem ter notado havia muitos anos. Mas ainda assim, ficou surpreso pela facilidade com que contava tudo a Gwen.

— Eu... Acho que já tinha notado isso — disse ela, em tom mais suave, gentil. — Durante os treinos.

Encorajado, ele continuou:

— Todos somos sensíveis em algum ponto, de alguma maneira. É uma fraqueza, um calcanhar de aquiles. O meu é o joelho esquerdo. A menor pressão pode me atirar ao chão. Por isso luto com o corpo um pouco de lado.

Ela piscou, como se relembresse os exercícios que fizeram juntos, tentando decidir se o que ele dissera era verdade. Passaram alguns minutos em silêncio. Sabin se concentrou em respirar ainda mais fundo, sentindo o cheiro de Gwen em suas narinas.

— Para ser sincero, tenho uma fraqueza que é maior do que qualquer outra. E essa fraqueza, nesse exato momento, é você. — E sua voz era intensa, profunda, áspera. — Se ainda quer ir embora, vá. Mas saiba que irei com você. Tente escapar, e vou persegui-la. Aonde quer que você vá, eu vou atrás. Mas se quiser ficar e pedir que eu pare de lutar, nunca mais voltarei a lutar contra os Caçadores. *Você* é mais importante. Prefiro morrer a viver sem você, Gwendolyn.

Ela balançou a cabeça e sua expressão era uma mistura de descrença e esperança.

— O meu pai...

— Não importa.

— Mas... Mas...

— Eu amo você, Gwen. — Mais do que ele jamais amara qualquer outra pessoa. Mais do que amava a si mesmo. E, normalmente, Sabin era um homem que se amava muito. — Nunca imaginei que seria grato a Galen por nada, mas agora sou. Quase seria capaz de perdoá-lo por todos os erros que cometeu por ter incluído você na minha vida.

Ela passou a língua pelos lábios, ainda hesitante em aceitar o que ouvia.

— Mas outras mulheres...

— Não adianta me tentar... Eu sou o seu consorte. Por nada nesse mundo, nem para ganhar uma batalha, eu a trairia. Nunca. Prefiro perder uma batalha a perder você. Você é única para mim. Machucá-la me destrói. E agora eu sei muito bem disso.

— Quero acreditar em você. Quero mesmo. — E olhou para o peito de Sabin, com os dedos traçando os contornos do seu corpo. — Mas tenho medo.

— Dê-me um tempo. Deixe-me provar isso. Por favor. Sei, não mereço uma segunda chance, mas estou implorando... O que você quiser, qualquer coisa...

— O que eu quero é você. — Seus olhos se encontraram, suas pupilas consumiam as íris. — Você está aqui e está vivo, e isso é tudo o que importa agora. Quero ter você — disse, rasgando a camisa de Sabin em duas partes e repentinamente sugando um dos seus mamilos. — Não sei nada sobre o futuro, mas sei que preciso de você. Demonstre o que quer me fazer acreditar. Demonstre que me ama.

Sabin passou as mãos entre os cabelos de Gwen. Sentiu uma explosão de felicidade dentro de si. Felicidade e choque, amor e desejo. Ela não fizera uma declaração para toda a vida, como ele esperava, mas isso serviria. Por enquanto.

Ele tirou a roupa de Gwen, e depois a própria roupa. Em pouco tempo, os dois estavam nus, e suas peles quentes se esfregavam.

Sabin suspirava de felicidade. E ela gemia, com as unhas cravadas nos seus ombros.

Sabin traçou todo o caminho até o peito de Gwen com beijos, passando a língua sobre cada mamilo, acariciando seus seios, depois seguiu a trilha de beijos. Sua língua chegou ao umbigo de Gwen, e ela tremeu.

— Agarre a cabeceira da cama — ordenou ele.

— O quê?

— A cabeceira. Agarre-a. E não solte.

Ela piscava os olhos, confusa, mas um cheiro de desejo emanava do seu corpo. Estava perdida entre tanto prazer, mas obedeceu. Arqueou as costas, seus seios estavam erguidos ao ar e os mamilos, duros como pequenas pérolas.

— Apóie suas pernas nos meus ombros — disse ele, pondo um dos mamilos entre dois dos seus dedos, acariciando-o.

Dessa vez ela obedeceu sem hesitar, contorcendo-se contra o corpo dele. Quando Sabin sentiu os saltos do sapato de Gwen pressionando suas costas, abriu as camadas que guardavam o novo centro do seu mundo e mergulhou para prová-lo.

O sabor de Gwen era inebriante. Viciante. Forte e doce, perfeito, exatamente como ele lembrava. Fez movimentos circulares em seu clitóris, brincando com ele, enquanto mergulhava dois dedos em seu corpo. O grito de Gwen ecoou no quarto.

— Não acredito que tenha resistido a você, nem por um segundo — disse ele.

— Mais — pediu ela.

— Eu já disse o quanto você é bonita? O quanto eu a amo?

— Mais!

Ele soltou uma risadinha. E mergulhou sua língua nela várias vezes, enquanto seus dedos não

paravam de se mover. Gwen sacudia a cabeça para a frente e para trás, e seus cachos cor de morango voavam em todas as direções. Seu corpo tremia.

— Mais — pedia ela. — Mais, mais, mais.

Quando ele incluiu um terceiro dedo na brincadeira, ela imediatamente começou a sentir espasmos, segurando-o dentro do seu corpo, apertando seus dedos com os músculos. Ele chupava seu clitóris com mais força, por mais tempo, levando-a ao clímax.

E só quando ela gritou o seu nome, quando caiu contra o colchão, ele a soltou. E partiu para cima dela, com seu membro implorando para penetrá-la. Mas não a penetrou. Não naquele momento.

Ela abriu os olhos. Suas íris, brilhantes, o observavam, e mordiscava o lábio superior com os dentes brancos.

— Não vou machucá-la, nunca mais — jurou ele, depois atirou-se ao seu estômago. — Quero provar isso.

Ela arfou e imediatamente se afastou para liberar o peso de Sabin de cima dela, mas ele apoiou seu peito contra as costas de Gwen, detendo as suas asas, que batiam freneticamente. Ela ficou imóvel. *Não entre em pânico, querida.* Ele pousou suas mãos sobre as dela, roçando seu membro entre as pernas de Gwen. Ele estava sem ar, seu hálito quente pousava sobre os ombros dela.

— Devo uma desculpa decente a essas preciosas asas — disse ele, afastando-se e liberando um pouco do seu peso de cima dela. — Posso tocá-las?

Felizmente, ela não tentou se afastar de novo. No entanto, parou de respirar. Incapaz de dizer qualquer coisa, ela assentiu.

— Faça com que parem — pediu ele. — Por favor.

Pouco a pouco, as asas se acalmaram.

Centímetro a centímetro, ele começou a cobrir as delicadas asas com beijos. Eram suaves, sedosas e frias ao toque, em contraste perfeito com o seu calor. Não havia nenhuma pena, o que o surpreendeu. Eram praticamente translúcidas, com veias azuis por todos os lados, fluindo como rios de cristal.

Naquele momento, ficou com ódio de si mesmo pelo que lhe fizera. Como pôde ter amarrado aquelas lindas asas, nem que fosse por um momento?

— Sinto muito — disse ele. — Sinto muito mesmo. Não devia ter feito isso. Nenhuma desculpa será suficiente.

— Eu... Eu o perdoo. — E suas palavras eram densas, roucas. — Entendo por que fez isso. Não gosto do que fez, mas entendo.

— Eu vou compensar meus erros, juro. Eu...

— Preciso ter você dentro de mim. Agora. — Freneticamente, ela moveu a parte de trás de seu corpo contra Sabin, buscando a cabeça de seu membro. — Você me deixou louca. Preciso de mais.

— Sim. Sim. — Espere. *Devagar.* — Já está no seu período fértil?

— Não.

Pode acelerar. Sabin agarrou seus quadris e a penetrou por completo. Eles soltaram um grito em uníssono. Foi incrível. Que sensação maravilhosa. Melhor do que nunca, mais quente, mais molhado. Mais gratificante. Estavam conectados, eram um só ser, unidos. Ela lhe pertencia, e ele, a

ela.

Curvando o corpo, Sabin pressionou a barriga sobre as costas de Gwen. Com os dedos de uma das mãos tocou seu clitóris, com a outra mão, tomou um dos seus seios, atingindo todos os pontos de prazer possíveis. Ela ergueu o corpo, agarrando mais uma vez a cabeceira da cama e mergulhando ainda mais fundo em seu membro.

Ele não aguentaria muito tempo. Estava no limite. Na verdade, já estava no limite havia dias. Mas não parava de penetrá-la, uma e outra vez, entrando, saindo. Já não era Sabin, era apenas o homem de Gwen.

Um grito repentinamente ecoou no quarto, e ela mais uma vez curvou o corpo contra o dele. Aquela sensação o consumia, enviando ondas de prazer pelo seu corpo.

E permaneceram unidos por um bom tempo antes de caírem sobre o colchão. Rapidamente, Sabin rolou para o seu lado, pois não queria esmagá-la com o seu peso. Na verdade, não queria esmagá-la *mais uma vez*.

Incapaz de soltá-la, nem mesmo por um segundo, aproximou-se do corpo de Gwen, e ela imediatamente se colou ao dele. O paraíso devia ser algo parecido com aquilo, pensou ele.

— Você já me perguntou duas vezes se estou no período fértil, e isso me faz pensar que você pode ter filhos — disse ela, com a respiração entrecortada, quebrando o silêncio. — Ashlyn está grávida, mas eu imaginava que já estivesse antes de chegar aqui. Ah, claro! Galen me teve, então vocês podem *sim* ter filhos.

— Sim, claro. O filho de Ashlyn é de Maddox. As condições para a reprodução devem ser exatas, mas podemos ser pais. Tenho certeza de que você já ouviu histórias sobre deuses engravidando humanos.

— Claro, mas vocês não nasceram de forma tradicional — disse ela. — Foram criados pelo próprio Zeus. Eu imaginava que vocês... Que não tivessem... Você sabe... Fluido de bebê...

Fluido de bebê? Ele teve que engolir uma risada.

— Temos muito mais hormônios, células brancas e qualquer outro componente que os humanos. E essa é uma das razões que nos permitem curar tão rapidamente as nossas feridas. Grande parte dos corpos femininos é incapaz de aguentar um... Fluido tão potente. E acabam lutando contra ele, matando-o.

— E você acha que eu poderia aguentar?

— Acho que você poderia aguentar qualquer coisa.

Pouco a pouco, ela relaxou o corpo. Talvez tenha até mesmo sorrido.

— Você já pensou em ter filhos?

Nunca. Sua vida sempre fora muito turbulenta. Mas ele gostava da ideia de criar um bebê com Gwen. Um bebê assim como ela, aumentando aquela benção em sua vida.

— Sim. Um dia. Agora não. Não até estarmos em segurança.

Ela ficou pensativa.

— Segurança... — disse ela, depois suspirou e mudou de assunto. — Não quero que deixe de lutar contra os Caçadores, mas não sei se quero ficar com vocês.

— Isso é justo — disse ele, embora pretendesse usar todas as suas armas para mantê-la ali. E não

mentira. Ele a seguiria. Aonde quer que fosse. Livrar-se de Sabin seria um problema. — Mas não espere que eu fique olhando você partir sem dizer nada.

— Não se preocupe com isso... Ainda. Primeiro vou ajudar a encontrar os seus amigos. Você confia em mim para fazer isso?

— Claro. Mesmo que eu visse você abraçando Galen, não duvidaria disso — disse ele, seguro. E estava falando sério. Gwen era a única coisa que importava na sua vida, e nunca teria dúvidas sobre ela.

— Só vendo para crer — disse ela, sorrindo, depois traçou os dedos pelo seu peito. — Preciso conversar com as minhas irmãs.

— Boa sorte — disse Sabin, capturando os dedos de Gwen e levando-os aos seus lábios.

Outro suspiro.

— Por um lado, eu esperava que elas fossem embora. Mas no fundo sabia que ficariam, para me punir pelo que fiz.

— Elas não vão machucá-la.

Ele não permitiria.

Gwen apertou suas mãos, gentil.

— Como estão Danika e Ashlyn?

— Gratas a você, mas preocupadas com os homens desaparecidos.

Franzindo a testa, Gwen se sentou, com os cabelos caindo gloriosamente pelas suas costas.

— Vou tomar um banho, lavar a cabeça. Você pode reunir todos aqui em... uma hora?

Ele não perguntou por quê, simplesmente confiou nela e disse que sim.

— Claro.

Capítulo Vinte e Seis

POUCO A POUCO, Gideon estava ficando louco. Perdera a noção de tudo, não sabia há quanto tempo estava preso. Um dia? Dois? Um ano? Não havia nenhum raio de luz a que se ater, nada que o lembrasse da existência de um mundo exterior, um mundo ao qual logo retornaria, pelos meios justos ou por alguma loucura.

Mas, antes, precisava de um pouco de paz e tranquilidade para pensar num plano de fuga.

O seu demônio, normalmente apenas uma presença no fundo de sua mente, precisava parar de gritar dentro de sua cabeça.

— Dentro, dentro, dentro — gritava ele, mas queria dizer “Fora, fora, fora”. — Preciso do escuro, preciso do escuro — soluçava, mas queria dizer “Preciso de luz, preciso de luz”. Mentira imaginava estar mais uma vez preso na caixa de Pandora, de onde não poderia escapar, esquecido, abandonado.

Aparentemente, os outros demônios sentiam o mesmo. Lucien gemia frequentemente, mas Anya estava sempre por perto para consolá-lo. Reyes estava surpreendentemente calmo. Murmurava o nome de Danika, depois ficava horas sem dizer nada. Amun rosnava baixinho, como se lutasse contra uma horda de demônios que Gideon não poderia imaginar existir. Os segredos que tinha guardados na sua cabeça...

Strider, que fora sobrepujado e perdera um jogo mental, batia constantemente a cabeça contra a parede. Seu demônio devia estar berrando sem parar, e seu corpo certamente agonizava. Gideon já vira os guerreiros vencidos uma vez, centenas de anos antes, e as consequências da derrota estavam gravadas na sua mente. Nunca vira homens crescidos gritando tanto, com lágrimas escorrendo por seus rostos maltratados, os olhos exalando angústia, e não o orgulho habitual, e os dentes trincando com tanta força que sangue escapava de suas raízes.

Concentre-se, imbecil! Várias vezes, o grupo tentou abrir as janelas ou derrubar os muros de tijolos. Anya, a única que ainda conservava suas habilidades, lançara tornados contra as paredes, mas tudo o que conseguiu foi machucar os homens. O edifício fora fortificado e refortificado — com feitiços? —, até ficar aparentemente impenetrável.

— Vou buscar uma saída outra vez — disse Anya, a mais calma de todos. O que era irônico, pois ela costumava odiar o caos. Seguiu-se um barulho de roçar de roupas, um gemido de Lucien, um

arrulho de Anya, e logo depois o som de passos.

Gideon sempre fora relutante à ideia de se comprometer com uma única mulher, sempre preferira a variedade. Mas, naquele momento, isso parecia uma ideia estúpida. Ele não tinha ninguém em quem pensar ou com quem sonhar. Ninguém que o mantivesse focado, como era o caso de Reyes. Ninguém para confortá-lo, como era o caso de Lucien.

Que mulher o aceitaria a longo prazo?

O que era aquilo: estaria possuído por Dúvida?

Um barulho seco.

— Sinto muito — murmurou Anya. — Em quem eu bati?

— Eu preciso... — disse Strider, sem fôlego, dolorido. — Preciso de ajuda. Ajudem-me. *Por favor.*

— Daqui a pouco — prometeu Anya. E ouviram mais passos.

Bang. E um arranhão.

— Muito bem. O que temos aqui? — disse uma voz, que para Gideon parecia vir de alto-falantes escondidos por ali. Não era a voz de ninguém que ele conhecia. — Já é meu aniversário...

A sala ficou quieta, até que Anya voltou para o lado de Lucien, com seus saltos batendo contra o chão de ladrilhos.

As luzes se acenderam, acabando com as sombras. Naquele momento, uma paz tomou conta de Gideon. Ele piscou os olhos frente às luzes que turvavam sua visão. Via seus amigos pela primeira vez desde um bom tempo. Lucien estava atirado no chão, com a cabeça pousada no colo de Anya, que o protegia. Reyes estava agachado contra a parede, com um sorriso sinistro. Strider estava ao seu lado, ajoelhado, coçando o estômago. E logo Amun, coçando a cabeça, com expressão de pismo.

No entanto, não havia qualquer sinal dos Caçadores. As janelas continuavam bloqueadas, a porta fechada.

— Fico imaginando quem teria mexido no meu alarme silencioso. Precisei dar um jeito nos seus amigos em Buda antes de voltar aqui. — E seguiu-se uma risada cruel. — Esperávamos que viessem para Chicago desde a publicação do artigo. Mas agora vejo que termos negado a existência deste local acabou surtindo o efeito desejado, e vocês pensaram que não poderia ser uma armadilha.

Ao conseguir acalmar a mente, Gideon foi capaz de pensar em quem seria o dono daquela voz. Claro! Era a voz de alguém conhecido. Dean Stefano. O segundo no comando dos Caçadores, que só respondia às ordens daquele maldito do Galen. Stefano odiava Sabin por ter roubado Darla, sua esposa. Segundo ele, Darla ainda estaria viva se os Senhores e o mal não os tivessem assombrado.

A maldade de Stefano não conhecia limites. Ele enviara Danika, uma inocente, para espia-los, planejando usá-la para capturar, e torturar, os Senhores, um a um. Mas o plano não funcionara. Porém, ela já estava por lá, então ele planejou explodir a fortaleza com Danika dentro.

O terror tomou conta de Gideon, seguido por uma onda de raiva e outra de dor quando ouviu as palavras de Stefano: *Você precisa cuidar dos seus amigos.* Os Caçadores tinham ido a Budapeste. Lutaram, e ganharam, ou não estariam ali de volta, pois Sabin não os teria deixado escapar.

Onde estaria Sabin? Até a caixa ser encontrada, os Caçadores não matariam os Senhores, pois imaginavam que seus demônios escapariam e causariam ainda mais problemas. Teria sido feito

prisioneiro? Estaria sendo torturado? Levantar-se era algo complicado, mas Gideon conseguiu. Cambaleou, mas se manteve de pé. Todos, menos Strider, fizeram o mesmo, mostrando suas armas, prontos para fazer o que fosse preciso, mesmo enfraquecidos.

— Venha aqui — disse Reyes, movendo os dedos, desafiante. — Eu o desafio.

Stefano riu mais uma vez, mas estava verdadeiramente assustado.

— Por quê? Eu posso matá-lo de fome e vê-lo definhando. Posso envenenar o ar que você respira e vê-lo sofrer. E posso fazer tudo isso sem jamais tocar em seus corpos sujos. — O tom de sua voz endureceu, ficando cortante.

— Deixem as mulheres saírem — disse Lucien. — Elas não fizeram nada contra vocês.

— Não, isso não — disse Anya, balançando a cabeça, com seus cabelos brancos esvoaçando em todas as direções. — Eu vou ficar aqui.

— Que amorosa... — disse Stefano, debochando deles. — Ela quer ficar com o seu demônio. Estou pensando em deixar que ela saia. Por você, Morte. Acho que você não vai gostar do que vou fazer aqui.

Rosnando, Lucien se agachou, preparando-se para lutar. Suas pistolas semiautomáticas foram erguidas. Ele estava pronto. Parecia brutal e selvagem, totalmente tomado por Morte.

— Tente.

Foi então que um menino de cerca de 11 anos surgiu na parede mais distante, como se fosse um fantasma. Gideon arregalou os olhos, tentando processar aquele acontecimento extraordinário.

— Venha comigo — disse o menino a Anya. — Por favor.

— Boa tentativa — disse ela, abrindo os braços. — Você envia uma criança à toca do leão. Que covardia! Mas realmente acha que o seu pequeno menino de estimação pode me forçar a fazer algo que eu não quero fazer?

— Sim, acho — respondeu o menino, muito sério. — Mas não há necessidade de partirmos para a violência.

Lucien empurrou Anya para trás dele, com os olhos vermelhos, brilhando, e os dentes afiados. Ver o normalmente estoico guerreiro em tamanho frenesi foi algo quase doloroso. Ele amava sua mulher e poderia morrer por ela. Na verdade, preferia estar morto a vê-la machucada.

Furtivamente, Gideon aproximou-se de Morte, inseguro sobre o que fazer, mas sabendo que não poderia ficar observando passivamente. Aliás, quem cheirava a demônio por ali? Os guerreiros presos ou Stefano?

Reyes, Strider e Amun ficaram ao lado de Gideon, formando um muro de proteção em volta de Anya.

— Venha — disse o menino mais uma vez, franzindo a testa. — Por favor. Não quero machucá-la.

— Ele não é maravilhoso? — perguntou Stefano, sorrindo. — Espero mesmo que goste dele. É a minha nova arma contra vocês. Não planejava usá-lo ainda, mas vocês foram ao Egito e roubaram minhas incubadoras. Incubadoras que *vou* encontrar e voltar a usar. Especialmente uma delas... A que seu amigo Sabin gostou tanto.

— Fico feliz em ouvir isso de você, Stefano — disse Gideon, ignorando os insultos. — Isso é

incrível... “Doentio”... Mesmo vindo de você.

Seguiu-se uma pausa. Depois Stefano disse:

— Ah, Mentiras. Um *prazer*, como sempre. Seu demônio deve ser tedioso. Mas tenho boas notícias para você. Encontramos uma forma de tirar os demônios de seus corpos, colocando-os nos de outras pessoas. Pessoas mais fracas, capazes de aceitá-los pelo bem da humanidade. Já fizemos isso com Sabin. Após vencê-lo, claro. Ele lutou muito, mas caiu no final. Assim. Como. Vocês.

Droga. Não. Sabin não podia estar morto. Ele era muito viril, muito determinado. Mais que isso: tirar o demônio dos seus corpos e colocar nos de outras pessoas não era possível. Não poderia ser possível.

— Vocês não acreditam em mim — disse Stefano, rindo mais uma vez. — Tudo bem. Vão acreditar quando acontecer com vocês. Além do mais, por que acham que seu amigo não está aqui, salvando vocês?

Gideon já pensara nisso e ficara com medo. *Não deixe Stefano convencê-lo. Ele está mentindo. Mais tarde você poderá...*

Gideon bateu com o punho na parede mais próxima. Uma nuvem de poeira se levantou ao seu redor. Bateu uma e outra vez, enquanto as lágrimas queimavam seus olhos. Bateu tantas vezes que seus ossos fizeram barulho e seus músculos doíam. Passara milhares de anos ao lado de Sabin, e pretendia passar muitos mais.

— Pobre Mentiras — disse Stefano, estalando a língua no céu da boca. — Sem o seu líder... O que vão fazer agora?

— Dane-se! — gritou Gideon. — Eu vou matar você. Matar! — E não mentia, falava sinceramente, com toda sua força. Aquilo era verdade, algo que planejava fazer, que queria fazer, que *ia* fazer. — Você morrerá nas minhas mãos, desgraçado!

Quando as palavras cheias de ódio ecoaram à sua volta, seu demônio soltou um grito, um grito de dor. Uma dor que atingia todas as células do seu corpo. Era como se todos os seus órgãos estivessem se partindo, seus ossos estivessem se separando das juntas. Mentiras cravava suas garras em seu crânio, caindo aos seus pés, buscando uma âncora onde se agarrar, mordendo seus polegares enquanto a dor o deixava louco. Mas isso não foi tudo. O demônio arrasava cada parte do seu corpo, rasgava suas veias, deixando somente ácido para trás.

Os joelhos de Gideon fraquejaram e ele caiu no chão. A adaga estava fora do seu alcance. Ele sabia que, quando deixava suas emoções assumirem o controle, isso sempre significava sua derrota. Por isso aprendera a se esconder numa nuvem de sarcasmo. Idiota! *Stefano derrotou você. Seu inimigo está em vantagem. Ele poderá vir aqui, agarrá-lo, bater em você, cortar suas pernas e braços, e você não poderá fazer droga nenhuma contra isso.*

— Eu... odeio... você — disse ele por entre os dentes. Droga, já dissera a verdade uma vez. Por que não repeti-la? Por que não dizer o que havia tanto tempo planejava dizer? — Eu o odeio com todas as minhas forças.

Mais uma vez, o demônio gritou. Gritou, gritou e gritou. Mais uma vez, a dor tomava conta dele, acabava com ele.

Ele abriu a boca para revelar outra verdade:

— É mentira! — disse Amun. — Ele está... mentindo... Sabin... Vivo.

Eram as primeiras palavras que o Guardião de Segredos dizia havia séculos. Sua voz era áspera, como se suas cordas vocais tivessem sido arrancadas. Era como se as suas palavras se diluíssem no vento.

— Você não sabe de nada — disse Stefano. — Não estava lá. Ele está morto. Eu juro.

Gideon ficou imóvel. Mesmo agonizando de dor, mesmo atormentado, ficou paralisado. Stefano mentira para ele. Mentira! E ele acreditara. Logo ele, Gideon, que podia sentir o cheiro de mentira a quilômetros de distância. Dissera tantas mentiras ao longo da vida que elas acabaram parecendo coisas tão naturais quanto a respiração.

Amun rosnou e caiu de joelhos ao lado de Gideon. As comportas estavam sendo abertas, ao que parecia. Primeiro uma palavra, depois uma frase, uma história após a outra escapavam da boca do guerreiro, todas contadas com as vozes originais dos seus criadores. Ele falava sobre morte, estupro e abuso de todo tipo. Sobre ciúme, gula e infidelidade. Incesto, suicídio e depressão.

Nenhum dos crimes era seu, mas poderiam ser. Estavam relacionados a pessoas que conhecera ao longo dos anos, aos Caçadores cujas memórias sorvera, e por isso eram muito vívidas em sua memória, como se formassem parte do seu próprio passado.

Fechou os olhos com força, esfregou os dedos nas têmporas, contorcendo-se, fazendo cara feia, mas a torrente de veneno não amainava.

— Ele já não me ama. Eu tentei de tudo.

Sua voz era doce, como a de uma mulher. Gideon imaginou ter ouvido algo pelos alto-falantes, mas não sabia ao certo.

— Eu cozinhava, limpava e dormia com ele, mesmo quando estava muito cansada. Mas ele só se preocupava com a maldita guerra. Embora sempre encontrasse tempo para se envolver com a prostituta da nossa vizinha, várias vezes. Ele me tratava como se eu fosse lixo!

— Como está conseguindo projetar essa voz? É a voz de Darla. Como consegue? — perguntou Stefano. Mas não teve resposta, seguiram ouvindo mais segredos de Darla. Gideon não tinha ideia de como o guerreiro sabia de tudo aquilo. — Faça-o se calar. Imediatamente!

O menino ficou assustado, depois começou a correr. Quando Lucien e Reyes o agarraram, gritando de agonia, o som de sua dor se mesclou às vozes de Gideon e de Amun. Os dois homens caíram como chumbo no oceano, com seus corpos tremendo, como se tivessem acabado de sofrer um choque infernal. Anya estava atrás deles, pronta para atacar, se o menino se aproximasse mais uma vez.

Não posso deixar o menino machucar Amun dessa forma, pensou Gideon, forçando-se a ficar de pé. Ele cambaleava, tonto, com tanta dor que lágrimas brotavam em seus olhos. Teve de colocar uma das mãos sobre o estômago para não vomitar. Com sua mão livre, brandiu a adaga, num aviso. Mas como poderia deter alguém que seria incapaz de atingir?

Anya estendeu um dos braços em direção ao menino, que naquele momento estava agachado ao lado de Amun, pronto para entrar na sua garganta. O que fazer? Ela parou pouco antes de alcançá-lo.

— Não toque nele — gritou Anya. E faíscas douradas saíam de seus dedos, que, no entanto, estavam paralisados. — Eu tenho poder neste mundo e no outro. Toque nele, e você arderá. Acredite

em mim. Eu não pensaria duas vezes. Já fiz coisas piores.

Olhos castanhos, como os de um cachorrinho, imploravam para que Anya entendesse, para que permitisse que fizesse o que lhe fora pedido. Pobre menino. Seus braços tremiam, e o remorso era evidente.

— Temos dois mentirosos por aqui — disse Stefano. — Não me importo com os poderes que você tenha. Esse menino é filho de uma nigromante, bruxa capaz de viver entre os mortos. Ele pode entrar em todos os mundos e ninguém será capaz de tocá-lo enquanto estiver em outro.

— Eu dormi com um nigromante, seu idiota. Lucien também é capaz de caminhar entre os mortos — disse Anya, erguendo o queixo, com seus olhos azuis cheios de lágrimas e desafiantes ao mesmo tempo. — Além do mais, sou a deusa da Anarquia e não costumo me destacar pela capacidade de perdoar. Caso o seu menino de estimação se aproxime um centímetro, vou entrar em ação.

Conhecendo-a bem, Gideon sabia quando estava mentindo. E aquela mulher era pura pose. Nunca poderia machucar uma criança. Em casa, acariciava constantemente a barriga de Ashlyn e dizia ao bebê: *Tia Anya vai ensinar você a roubar tudo o que o seu coraçãozinho quiser.*

Gideon se aproximou, cambaleante, com a visão enevoada, tocando a mão dela.

— Eu não gostaria nada de ter que cuidar disso — conseguiu dizer.

— Eu... Eu... Sim. — Lentamente as chamas se apagaram, e Anya assentiu. Havia uma pitada de alívio em seus olhos. Ela se abaixou e agarrou os ombros de Lucien, afastando-o do menino. Amun ainda balbuciava coisas, e Stefano exigia que o menino fizesse algo para que ele se calasse.

Ao se levantar, Gideon olhou nos olhos do menino, determinado.

— Não vou fazer o guerreiro se calar.

Ainda que dissesse uma mentira, o menino pareceu entender e assentiu. Lutando contra a fraqueza e a dor, Gideon curvou o corpo, colocando os lábios próximos ao ouvido de Amun. E, pela primeira vez em séculos, foi capaz de dizer algo sem ter de esconder a verdade:

— Você está bem. Tudo vai ficar bem. Todos vamos sair dessa vivos. Shhh... Shhhh... Fique quieto, agora. Vai ficar tudo bem.

Pouco a pouco, a voz de Amun foi amainando, até virar um murmúrio ininteligível. Ele baixou a cabeça, fechou os olhos, curvou-se em posição fetal. E balançou o corpo para a frente e para trás.

Um braço tomou conta da cintura de Gideon, e ele girou o corpo. Isso fez o seu estômago se revirar e sua visão se escurecer momentaneamente, antes de ver quem o tocara. Anya. Por quanto tempo ainda poderia se manter de pé? Por quanto tempo poderia agir como se estivesse em perfeitas condições?

Sentiu seu cheiro de morango nas narinas enquanto ela o sustentava.

— Eu estive pensando, acho que vou embora com o menino — disse baixinho. Para que Lucien não ouvisse?

— Certo — disse Gideon, embora fizesse um sinal de *não* com a cabeça. Sentiu outro nó no estômago, e sua visão voltou a ficar enevoada.

Ela ergueu o rosto, aproximando-se dele como se o quisesse beijar, e realmente o beijou suavemente, depois pousou a boca em seu ouvido, dizendo:

— Fora daqui a minha força talvez seja restaurada. Eu poderia finalmente vencer Stefano.

Se Lucien acordasse e descobrisse que Anya não estava por ali... Não, Gideon não poderia permitir que seu amigo passasse por tamanha agonia.

Quando o assunto era Lucien, Gideon ainda se sentia culpado. Desde os primeiros dias de sua possessão, Lucien sempre fora um irmão para ele, levando-o sobre as suas asas, ajudando-o quando se sentia mal. Mas quando chegou o momento de escolher entre ele e Sabin, Gideon escolheu Sabin, pois acreditava de todo o coração que os Caçadores mereciam morrer pelo que tinham feito a Baden. No entanto, Lucien queria a paz. Gideon não mudara de ideia, mas sabia que Lucien merecia sua consideração.

— Chegou a hora de deixar o seu homem — disse Stefano. — Não se preocupe; quando terminar com você, voltarei aqui e contarei tudo a ele.

— Venha — disse o menino, ficando de pé e fazendo um sinal para Anya. — Vou ser obrigado a forçá-la, se não vier.

Gideon precisava detê-la. Mas como? Sua força era cada vez menor, substituída por mais e mais dores. Em pouco tempo estaria completamente impotente, incapaz de se levantar sozinho por horas, talvez dias.

Os demais também não aguentariam muito. Será que Stefano enviaria tropas, controlando os guerreiros pela força e separando-os? Ou os deixaria ali para que não pudessem recuperar suas forças, como Anya suspeitara? Não importava, pensou ele. Só havia uma maneira de conseguir tempo e descobrir como escapar.

— Não quero que me leve no lugar dela. Não quero que me interrogue — disse Gideon. — Stefano, diga ao menino para pegar Anya e sair.

Houve uma pausa enquanto sua mentira era interpretada.

— Não — disse Anya.

E como se não fosse suficiente, agarrou os braços de Gideon e o atirou ao chão. Deu um, dois chutes no seu estômago. Incapaz de se deter, ele vomitou várias vezes até que não tivesse nada mais a ser expelido do corpo.

— Viu? Ele não está em condições de falar. Quero que me leve — disse ela, firme. — Se não me levar, não poderá levar ninguém mais.

— Traga os dois — disse Stefano, feliz, como se fosse exatamente o que quisesse ter feito o tempo todo.

Após uma breve hesitação, o menino entrou no corpo de Anya, desaparecendo de vista. Talvez a tivesse possuído, pois ela se caminhou em direção à porta sem reclamar. Droga.

Quando o menino voltou, pouco depois, Gideon ergueu a mão, dizendo:

— Não quero fazer isso sozinho.

E o menino assentiu, parecendo aliviado.

Gideon se levantou a duras penas e, com um último olhar, abandonou seus amigos.

Capítulo Vinte e Sete

GWEN FICOU SURPRESA ao encontrar suas irmãs na sala multimídia... Na sala de entretenimento, ou algo do tipo. E ficou igualmente surpresa ao notar que não se levantaram nem partiram para cima dela.

Seu olhar se virou para encontrar os outros presentes. Quem a apoiaria, e quem não? Ashlyn, Danika e Cameo estavam sentadas à mesa mais distante, as duas primeiras com a cabeça baixa, enquanto a terceira digitava em um laptop. O lindo rosto de Ashlyn estava perdido em profunda concentração. Danika estava pálida e parecia adoentada. Cameo tinha uma cara feia.

William, Kane e Maddox não estavam por ali; ela suspeitou que estariam buscando possíveis Caçadores. Aeron e Paris jogavam sinuca enquanto discutiam estratégias, com seus machucados praticamente sarados. Pelo menos os de Paris. Era difícil dizer se os de Aeron também, pois seu corpo era completamente coberto de tatuagens.

— Estou dizendo, eu vi — disse Paris.

— Talvez por querer tanto... Ou por efeito do excesso de ambrosia — disse Aeron. — Quando caímos, você estava consciente. Voltou a vê-la?

— Não. Ela deve ter se escondido.

Aeron não sentia pena e disse:

— Eu sempre fui compreensível com você, Paris, mas acho que não foi boa ideia. Você precisa superar essa perda. Hoje de manhã interrogamos alguns dos novos Caçadores. Eles não sabem nada sobre ela. E depois, você invocou Cronos e perguntou a ele se a tinha mandado de volta. E o que ele disse?

Pálido, Paris bateu com o taco em uma das bolas de sinuca.

— Sem um corpo, seu espírito some. Morre.

Algo pequenino começou a rondar os ombros de Aeron, parando no topo de sua cabeça e beijando sua face. Aeron acariciou o pescoço do demônio como se fosse um bichinho de estimação, como se fosse algo natural. Mas não desviou a atenção de sua conversa.

— E acha que o rei dos deuses mentiria para você?

— Sim!

— Por quê? Ele quer a nossa ajuda.

— Não sei — disse Paris.

— O quê é *isso*? — perguntou Gwen, com os olhos presos na criatura que caminhava pelo corpo de Aeron.

Sabin, que surgiu ao lado dela na porta, fazendo sua pele queimar ao notar sua presença, implorando por perdão e olhando para o futuro, um futuro com ela, sorriu.

— É Legião. Ela é um demônio... Nossa amiga. Aeron morreria se alguém a machucasse. Por favor, não faça nada contra ela.

Aquilo... Aquilo era uma menina? *Não importa. Você tem mais o que fazer.* Gwen ficou com os olhos arregalados ao terminar de observar todos os presentes naquela sala. Viu Torin apoiado contra uma das paredes, o mais longe possível de todos os outros. Tinha um monitor portátil nas mãos, e sua atenção o tempo todo se voltava à tela.

Notou que aquele guerreiro sempre colocaria seus amigos acima de qualquer coisa.

— Vai continuar fingindo que não estamos aqui? — perguntou Kaia, esticando os braços acima da cabeça, como se fosse um gatinho indefeso.

Sim. Não.

— Oi — disse Gwen, e finalmente olhou para as irmãs, abrindo um sorriso amarelo. Passara a última hora pensando no que dizer a elas... Isso *se* elas estivessem interessadas em ouvir qualquer coisa, claro. Mas não conseguira pensar em nada. Uma desculpa não serviria, pois Gwen não se arrependia do que fizera.

Taliyah ficou de pé, com sua expressão ilegível como sempre. Sabin deu um passo à frente de Gwen.

— Tudo bem — disse Taliyah, ignorando-o. — Já vi que você não vai dizer nada sobre o que aconteceu. Eu começo, então. — E, após uma pausa, disse: — Estou orgulhosa de você.

— O... O quê? — perguntou Gwen, com voz trêmula. Ela não esperava essa reação, *não mesmo*. Deu uma espiada por detrás do corpo do seu guerreiro, tentando ver melhor a irmã mais velha. Taliyah estava orgulhosa? Ela não poderia ficar mais surpresa.

— Você fez o que deveria ter feito — disse Taliyah, aproximando-se deles e tentando se livrar de Sabin. — Você é uma harpia no sentido mais completo da palavra.

Sabin não se mexeu.

A frieza nos olhos de Taliyah poderia congelar qualquer um.

— Quero abraçar minha irmã.

— Não.

Gwen notava a tensão nos ombros de Sabin.

— Sabin.

— Não — repetiu ele, sabendo o que ela queria. — Pode ser uma armadilha. — E disse a Taliyah: — Você não vai machucá-la.

Bianka e Kaia se uniram a Taliyah, formando um círculo ao redor do guerreiro. Poderiam ter atacado, mas, para a surpresa de Gwen, não o fizeram.

— Estou falando sério, queremos abraçar a nossa irmã — disse Kaia, tranquila. Mas sem ameaçar atacá-lo fisicamente... Um milagre. — Por favor.

— Por favor, Sabin — disse Gwen, passando as palmas das mãos nas costas do guerreiro.

Ele respirou fundo, como se tentasse sentir o cheiro da verdade.

— Sem armadilhas. Nem nada disso — disse, afastando-se do caminho.

E três pares de braços tomaram conta do corpo de Gwen.

— Como eu disse, estou profundamente orgulhosa de você.

— Nunca vi ninguém tão poderosa.

— Você me deixou chocada, sem fôlego!

Gwen estava paralisada, sem entender.

— Vocês não estão com raiva?

— Claro que não — respondeu Kaia, que depois se afastou um pouco. — Bem, num primeiro momento, talvez. Mas essa manhã, quando pensávamos em como poderíamos sequestrá-la e nos vingar de Sabin, vimos que ele estava alimentando você. E isso nos fez pensar que esse guerreiro é a sua família agora, e resolvemos nos afastar. Você nunca ameaçaria uma família de harpias, nunca, nós sabemos muito bem disso.

Certo. Nossa! Gwen olhou para Sabin, que a observava com fogo nos seus olhos escuros. Queria estar com ela, era o que queria dizer. Abriria mão da guerra por ela. Queria que ela fosse sua prioridade número um. Confiava que nunca o trairia. Sabin a amava.

Ela queria acreditar nisso, queria muito, mas não podia. Não apenas porque ele a trancara numa cela, mas também porque, enquanto ela se recuperava, deitada na cama, notou que fora transformada numa arma, a arma que Sabin sempre quis que ela fosse. Provara seu valor numa batalha. E ele não a deixaria para trás mais uma vez, não teria de se preocupar com ela. Que melhor maneira de conseguir o que queria dela do que seduzindo-a, de corpo e alma?

Ele realmente a amava? Era *isso* o que ela queria saber.

Sabin disse que não se importaria caso a visse abraçando o pai. Talvez fosse verdade. Porém, mesmo a amando naquele momento, será que algum dia se ressentiria por quem ela era e de onde vinha? Seu ódio pelos Caçadores se estenderia a ela? Seus amigos se voltariam contra ele por ter levado uma inimiga para casa? Todas as suas palavras e ações seriam suspeitas?

Ela não pensava nisso tudo por causa do demônio de Sabin. Eram perguntas suas. Todas suas. E Gwen não sabia como lidar com elas, mesmo querendo desesperadamente ficar com Sabin.

Quando o vira na cidade, sangrento e letal, seu coração quase parara. Eis uma prova absoluta de que Gwen lhe pertencia. Qualquer mulher ficaria orgulhosa de ter um homem tão forte e competente ao seu lado. E ela queria ser essa mulher. Para sempre. Mas não tinha confiança suficiente para se agarrar a esse sonho. O que era engraçado, pois fisicamente nunca fora tão forte.

— Vou odiar ter que deixá-la para trás — disse Bianka, soltando-a e dando um passo para trás.

— Bem... — *Agora era o momento mais complicado.* — Mas para que fazer isso? Preciso que fiquem aqui, na fortaleza, e que ajudem Torin a cuidar da casa e dos humanos.

— E para onde vocês vão? — perguntou Taliyah, estudando o rosto de Gwen com seus olhos claros. Mas pelo menos não negara o seu pedido.

Ela deu de ombros, determinada.

— Exatamente por isso convoquei essa reunião. Um minuto de atenção, por favor? — pediu,

batendo palmas, esperando que os outros olhassem para ela. — Eu e Sabin vamos a Chicago buscar seus amigos que estão perdidos. Eles ainda não deram sinal, e algo parece estar errado.

Sabin piscou os olhos ao ouvir isso. Foi sua única reação. Gwen sabia que esperava notícias de Torin, mas também sabia que era melhor que colocassem o pé na estrada do que se ficassem parados ali, esperando.

— Fico muito feliz em saber que vocês decidiram partir — disse Ashlyn. — Não sei se alguém já disse isso, mas Aeron, Cameo e, claro, sua irmã, Kaia, me levaram à cidade essa manhã. E eu ouvi algumas coisas.

— Você não devia ter ido à cidade. Seu homem ficará chateado, se souber. — Gwen só vira Maddox com sua mulher grávida uma vez, mas fora suficiente para saber que faria qualquer coisa para protegê-la.

Ashlyn fez um sinal com a mão.

— Ele sabe. Não pôde me levar porque não sou capaz de ouvir as conversas quando estou ao seu lado. E por isso me deixou ir com outras pessoas que me protegessem. Mas, enfim, alguns Caçadores foram para Chicago. Estavam com medo de você, sem saber o que poderia fazer com eles.

Caçadores com medo de Gwen? E a verdade era que também sentiam medo naquela pirâmide, mas, naquele momento, ela não poderia ter feito nada contra eles. Porém, a história era outra. E isso a fez sorrir. Sabin também sorriu, parecia orgulhoso.

Ela sentiu um nó no estômago ao ver aquela cena e ficou sem fôlego. Quando ele olhava para Gwen daquela maneira, ela era praticamente capaz de acreditar no seu amor, acreditar que faria qualquer coisa por ela. *Preocupe-se com a missão que tem pela frente.*

— E os prisioneiros?

— Ainda estão nas celas — respondeu Paris, olhando para ela. Estava mais pálido que o normal, com linhas de cansaço em volta dos olhos. — Eu e Aeron, como temos várias utilidades, já... Cuidamos deles.

— Mim ajudou — disse Legião, que seguia dependurada em Aeron.

Cuidaram... Ou seja: torturaram. Sabin teria interrogado os prisioneiros? Gwen sabia que ele gostava de fazer isso, embora mal tivesse saído do seu lado após a batalha.

— As crianças...

— Como eu já disse, elas foram separadas e levadas a celas melhores. Estão assustadas e *ainda* não usaram nenhum dos poderes que devem ter. Por isso, não sabemos com o que estamos lidando. Mas vamos conseguir essa informação com os adultos, não se preocupe — disse Sabin.

Paris assentiu, com um sorriso de determinação.

— Vou fazer isso quando voltarmos. Mas agora vou com vocês.

Sabin e Aeron trocaram um olhar duro.

— Você vai ficar aqui — disse Sabin. — Todos vocês vão ficar aqui. Precisamos do maior número de guerreiros possível por aqui. Não sabemos quantos Caçadores estão por perto.

— E, além do mais, Torin viu Galen na cidade — disse Cameo. — Mas nós ainda não o vimos, o que pode significar que esteja se escondendo, planejando novo ataque.

Sabin se aproximou de Gwen e passou o braço ao redor de sua cintura. Ela não protestou.

Mesmo que sua mente vacilasse, seu corpo sabia que lhe pertencia. Seu cheiro de limão chegou às narinas de Gwen, o que já se transformara numa droga para ela.

— Mas você, Paris... Sua nova obsessão deixa a todos nós em risco. Você vai ficar aqui, e vai tentar se curar.

Paris abriu a boca para protestar.

— Torin poderá cuidar dos detalhes de nossa viagem — disse Sabin, sem deixar que ele falasse nada. Ele acariciava o braço de Gwen, provavelmente sem notar o que estava fazendo.

— A viagem terá que ser feita num avião comercial — disse Torin. — O nosso jato está com os meninos que já foram para os Estados Unidos.

— E se formos vistos por Caçadores? Como vamos fazer para passar nossas armas pelos detectores? — Se fossem pegos com uma única lâmina, seriam questionados por isso, perderiam tempo e poderiam ser presos.

— Conheço algumas alternativas — respondeu Sabin, beijando a testa de Gwen. — Confie em mim. Faço isso há muito tempo. Não seremos vistos.

— Tragam Reyes e os outros para casa — pediu Danika, com as mãos unidas, como se estivesse rezando. — Por favor.

— Sim, por favor — repetiu Ashlyn.

— E não se esqueça de Anya — disse Kaia. — Nem posso imaginar o tipo de problema no qual ela poderia estar envolvida.

— Vou fazer o melhor possível — disse Gwen, e falava sério. Mas fazer o melhor possível seria suficiente?

— **DIGA-ME UMA coisa:** o que uma deusa está fazendo com um demônio?

Anya encarava o inimigo jurado do seu amor: Galen, o guardião do demônio da Esperança. Ele estava de um lado de sua nova prisão, ela, do outro. Suas grandes asas brancas estavam abertas e podiam ser vistas sobre seus ombros. Seus olhos eram azuis como o céu e, quanto mais olhasse para ele, mais poderia jurar estar vendo nuvens brancas. Aqueles olhos eram feitos para relaxar, embalar.

Mas o efeito sobre ela era outro: a deixavam nervosa.

O Menino Fantasma a “acompanhara”, aquele maldito tomara conta do seu corpo, como se fosse propriedade dele, deixando-a sozinha por ali. E ela esperou, e esperou. Sozinha, enraivecida. Mas, naquele momento, sabia que os Caçadores a deixaram com seu líder, que permanecera em Buda até saber o que estava acontecendo por ali.

Os gritos de Gideon ecoavam pelas paredes, e além dos gritos ouvia os risos histéricos de seus captores. Pobre Mentiras. Sentiu um pouco de culpa por ter chutado seu corpo antes. Ele teria revelado algum segredo?

— Não vai me responder, belezura?

— Estou apenas me divertindo, só isso. — Eles cometeram o erro de deixá-la livre. Apesar de o Menino Fantasma tê-la acompanhado, claro. Aparentemente, era o guarda de segurança por ali. Mas os Caçadores logo descobririam que deveriam ter encontrado um segurança melhor. Sua força estava

voltando ao normal. Logo estaria vivendo um pesadelo. E eles sofreriam.

Estaria Lucien se recuperando também? Anya odiava o fato de estar longe dele.

Lentamente, os lábios de Anya se curvaram.

— Você é cheia de energia. Eu gosto disso. Lucien é um homem de sorte. Mais do que sorte!

Que um homem feio como ele capture o coração de alguém como você é uma espécie de milagre.

A voz de Galen estava controlada para parecer tranquila. Na verdade, ele parecia um ser desenhado para oferecer esperança, como se fosse a personificação da luz no fim do túnel. O que ele não sabia era que Anya preferia a escuridão. Sempre preferira.

— Ele não é feio — disse ela, caminhando de um lado para o outro, rente ao muro. Quanto mais estivesse em ação, menos seria notada, suspeitava ela. — Ele é honrado, amoroso e incrivelmente corajoso.

— Mas é um demônio.

Ela franziu uma das sobrancelhas, olhando para Galen.

— Ah, claro. E você também.

— Não. — Paciente, Galen fez que não com a cabeça. — Eu sou um anjo, enviado dos céus para limpar a Terra dos males.

— Rá! — disse ela, voltando a caminhar. — Boa piada. Acreditando nos próprios boatos, hein?

— Não vou argumentar minhas origens com uma vagabunda demoníaca. — Ele já não soava tranquilo ou tolerante. — Mas me diz uma coisa: o que os Senhores sabem sobre os dois artefatos perdidos?

— Quem disse que estão perdidos?

Seguiram-se vários momentos de silêncio.

— Certo. Pelo que sei, eu tenho um deles.

Idiota. Seria verdade?

— Se eles tivessem os quatro, não estariam aqui, implorando pela minha compaixão.

Ela revirou os olhos, ainda que tremesse por dentro.

— Você tem mesmo alguma compaixão para dar, *anjo*?

Ele deu de ombros.

— Você está viva, não está?

Ele bateu o calcanhar no piso de lajotas.

— Mas tenho que certeza de que imagina poder me usar de alguma maneira.

Ele cruzou os braços sobre o peito, esticando o tecido de sua camiseta branca. Sua calça era branca também. Um exagero, diria Anya, mas tudo bem. Ela duvidava que aceitasse qualquer conselho de moda.

— Estou ficando cansado de você, deusa. Talvez devesse convidar Morte para entrar.

Isso significava que ele preferia se divertir torturando Lucien?

— Veja bem, eu vou falar com você, contar tudo o que quer saber, mas somente se você se livrar do menino. Ele me irrita. — Ela não queria ver alguém tão jovem sendo machucado por suas próprias mãos.

— Sinto muito por ter dado a impressão de que sou um bobo. — E abriu um meio-sorriso. —

Ele fica.

Tudo bem, valeu a tentativa. Hora do plano B. Distração, depois: fúria. Se não podia voar até ele, faria com que voasse até ela. O menino não interferiria.

— Por que odeia tanto os Senhores? O que eles fizeram contra você?

— A pergunta certa seria: por que eu *não* deveria odiá-los? Eles querem me arruinar. Mas prefiro acabar com eles antes. — E estendeu os braços, como quem diz: é só isso, simples assim. — Em todos esses anos, só conseguimos machucar alguns deles, pois temos medo de liberar seus demônios. Se isso acontecesse, os deuses me amaldiçoariam para sempre. Eu já fui avisado. — Ele abriu um sorriso amarelo. — Mas estamos perto, muito perto. E qualquer dia desses vou saber se o demônio da Desconfiança conseguiu encontrar a minha mulher. E se for verdade... Vou liderar o exército mais poderoso que o mundo já viu.

— Seu servo descerebrado parece pensar que você usaria crianças e que as deixaria trancadas para sempre, pelo *bem* da humanidade.

Ele deu de ombros.

— E por que ele acha isso?

Certo, hora de pensar. Ele dissera que seria amaldiçoado se matasse os Senhores, liberando seus demônios. Mas, claro, isso não aconteceria se tivesse algum lugar onde guardá-los. Tirar os demônios dos Senhores, no entanto, destruiria os imortais. Destruiria... Mataria... Lucien.

Sentiu um nó no estômago, e seu sangue ficou gelado.

— Como encontrou Desconfiança? Como o capturou, ele é um demônio louco. — Stefano disse que eles o tinham capturado com outro corpo, o que era claramente mentira. Mais uma mentira. Mas o fato de que estavam tentando fazer isso era igualmente assustador.

— Ao contrário de Amun, não vou sair por aí contando meus segredos — disse Galen.

— E mesmo que faça isso, acho que não serei capaz de acreditar em você.

E abriu mais um dos seus sorrisos amarelos.

— Isso me deixa arrasado...

Deuses, eu o odeio! Ela tamborilou um dedo no queixo, como se pensasse. Conseguira distraí-lo e agora o deixaria morto de raiva.

— Vejamos, vejamos. Se eu fosse um demônio covarde e ciumento, fingindo ser um anjo, e quisesse encontrar e controlar um espírito mau, o que eu faria? Colocaria outros para cuidar do trabalho sujo, claro. Talvez usasse crianças — disse ela, olhando para o Menino Fantasma. E seus olhos se arregalaram quando os dele se estreitaram. Queria deixá-lo nervoso, mas conseguira algo mais.

Descobrira a resposta. De alguma forma, de alguma maneira, uma ou várias dessas crianças eram capazes de encontrar espíritos no outro mundo. Talvez o próprio Menino Fantasma tivesse essa capacidade.

— Vamos tirar essas crianças das mãos de vocês — disse ela, voltando a olhar para Galen. — Não vamos deixar que as use novamente. Ganhamos todas as batalhas até hoje. Essa não será diferente. Quero dizer, temos até mesmo uma harpia ao nosso lado agora. Você já ouviu falar do que as harpias são capazes?

— Você vai calar a boca — disse o “anjo”, em tom alto.

Ela conseguira. Ótimo. Um homem emotivo era um homem que cometia erros.

— E você sabe o que é pior que uma harpia? Cronos, o novo rei dos deuses. Ele quer ver vocês mortos. Sabia?

— Mentira.

— Mentira? O Olho que Tudo Vê, que vocês perderam para nós, teve uma visão. Era você tentando matar Cronos, e conseguindo. Agora ele está atrás de você. E não sei por que ainda não o matou. Mas tenho certeza de que terá suas razões. Acredite em mim, eu já fui alvo dele. Ele não o deixará em paz até conseguir o que quer.

A mandíbula de Galen ficava mais tensa a cada palavra que ela dizia.

— Eu nunca faria nada contra um Titã.

— Não? Você traiu seus amigos mais íntimos.

— Não eram meus amigos — gritou ele, socando uma parede e balançando as estruturas.

Muito bem, garotão.

— Pena que eles não notaram isso antes. Mas, tudo bem. Eles ainda querem vencê-lo, como fizeram em todas as batalhas até hoje. O que é lógico. Afinal, vocês são mais fracos.

A fúria o consumia.

— Seu querido Lucien não foi forte o suficiente para nos liderar, para liderar o exército de elite de Zeus. Ele não deveria ter sido colocado no comando.

— Mas, em vez de lutar contra ele como um soldado honrado, você o convenceu a abrir a caixa de Pandora, depois contou aos deuses sobre a decisão *dele* de traí-los, certo? Formou um exército e tentou detê-lo. Mas claro... Isso não é nada covarde.

Ele deu dois passos antes de parar e, com as mãos em punhos, disse:

— Eu fiz o que deveria ter feito. Um bom soldado ganha a batalha como pode, usando todos os meios necessários. Pergunte ao seu amigo Sabin.

Vá mais fundo. Você está quase conseguindo.

— Sim, mas como eu disse, vocês não ganharam, certo? Mesmo sabendo o que Lucien e os demais iriam fazer, não foram capazes de detê-los, de provar que eram fracos. *Vocês* perderam. *Vocês* eram mais fracos. *Vocês* foram amaldiçoados, ficando com um demônio dentro dos seus corpos, como os outros. Vocês, vocês, vocês. — Ela ria. — Que humilhação!

— Chega!

— Quer me bater? — Ela riu mais uma vez, cruel. — Esse anjinho doce quer cortar a língua de Anya? O que os seus amigos vão pensar disso, hein? Mas eu tenho certeza de que eles já viram você fazendo coisas muito piores. Ou sempre pede ajuda a Stefano para ficar com fama de bonzinho?

Por um bom momento, ele a observou, mas sem avançar, como ela imaginava que faria. Depois, para a surpresa de Anya, ele sorriu.

— Stefano não está aqui, eu não estou me sentindo bonzinho. Mas não se preocupe. Vai doer só um pouquinho. — E pegou uma pequena arma que tinha entre as asas. Antes que ela pudesse se afastar, ele atirou duas flechas, jogando-a contra a parede oposta. Uma delas atingiu seu ombro esquerdo, a outra, o direito, prendendo-a aos tijolos.

A dor explodiu dentro dela, e sua visão ficou enevoada. O sangue escorria em cascata pelos seus braços, tão quente que a queimava. O suor tomava conta dos seus lábios, mas não foi suficiente para acalmá-la.

O menino, ela notou, ficara pálido. Seu lábio inferior tremia.

— Acho que chegou a hora de Lucien entrar na nossa festinha — disse Galen. — Ele vai ver tudo o que vou fazer com você. Tirar a sua roupa, tomá-la, machucá-la. Vamos ver se ele é forte o suficiente para salvá-la, certo?

— Se tocar em Lucien — disse ela, entre os dentes trincados — eu como o seu coração na sua presença.

Ele gargalhou, e ela ficou com nojo daquele som. Mas sua risada foi logo interrompida pelo som de uma explosão no prédio, que o fez balançar.

— Parece que a cavalaria chegou — disse ela, com os ombros trêmulos. — Eu sabia que os outros viriam para nos buscar. Acho que já falei sobre a harpia, certo?

Ele a encarou, com pânico estampado nos olhos, depois virou o corpo para a porta.

Outra explosão, outro choque.

— Isso ainda não terminou. Se ela conseguir se soltar, tudo bem — disse Galen ao menino, que estava próximo à saída —, mas não deixe que saia desta sala.

Capítulo Vinte e Oito

AINDA QUE SABIN e Gwen não tivessem sido vistos por nenhum Caçador nem pela segurança do aeroporto, pois Dúvida mantivera seus hábitos, fazendo todos à sua volta duvidarem do que viam, o voo aos Estados Unidos foi duro, em todos os sentidos da palavra. Gwen esteve sentada ao lado de Sabin por horas e horas, e ele não pôde tocá-la como queria. E não a tocaria, não na frente de testemunhas, pelo menos até que ela confiasse nele. Ganhar o seu coração e a sua confiança era a batalha mais importante de sua vida. E ele já tinha decidido não ter pressa.

Ela vai ser minha.

Quando levantaram voo, Sabin, acostumado a estar entre humanos que não paravam de observar seu tamanho e sua força, não gostou nada de ver como os outros homens olhavam para sua mulher. O desejo era óbvio em suas olhadas.

E isso o deixou louco, por isso deixou que Dúvida entrasse na cabeça daqueles humanos e os enchesse de questionamentos quanto a sua aparência, sua habilidade na cama. Também, por isso, cogitou a possibilidade de explodir, como em um dos famosos golpes de Maddox. Mas conseguiu se controlar, mantendo-se focado em seu objetivo: retornar a salvo com seus amigos. Mas só conseguiu fazer isso porque Gwen não parecia notar os olhares, as bocas abertas.

Partiram imediatamente para a casa onde estavam os guerreiros, longe de tudo. Ficaram observando por um tempo e chegaram a algumas conclusões. Primeira: os guerreiros não estavam ali, e segunda: os Caçadores não estavam ali, mas tinham deixado alguns presentinhos. Para Sabin, a falta de Caçadores por perto não era bom sinal. Ele estava preparado para entrar em ação. Ele e Gwen estavam lotados de armas, com bonés prendendo seus cabelos e protegendo seus rostos, e seguiram para onde estavam seus amigos. Passavam por vários edifícios, e ele sabia estar perto, mas... Não conseguia encontrar. Os prédios se misturavam uns aos outros. E, quando começava a contar, logo perdia a noção.

Gwen parou e coçou a nuca, olhando para o céu.

— Isso é inútil. Estamos no lugar certo, mas por que não conseguimos encontrar?

Ele suspirou. Talvez fosse o momento de colocar as armas para trabalhar. Perguntaria ao rei dos deuses.

— Cronos — murmurou ele —, uma pequena ajuda seria de grande interesse. Quer que

tenhamos êxito, certo?

Um momento se passou e nada, depois outro. Nada acontecia.

Ele estava a ponto de desistir quando Gwen disse:

— Olhe.

Sabin seguiu seu olhar e ficou chocado. No telhado de um prédio à sua direita, prédio que de alguma forma não vira antes, estava de pé o rei dos deuses. O edifício parecia tremer debaixo dele. Sua túnica branca estava enrolada até os tornozelos. Após tanto tempo sendo ignorado, Sabin finalmente recebia uma ajuda. E assim, tão fácil?

— Agora você me deve essa, Dúvida, e saiba que eu sempre cobro — disse Cronos, desaparecendo no minuto seguinte.

Cronos deveria se dar por satisfeito se Sabin vencesse aquela batalha. O deus deveria estar feliz ao ajudá-lo, sem pedir favores em troca.

— Quem era? — perguntou Gwen. — Como ele fez isso? E você acha que o meu... Que Galen está aí dentro?

Sabin lhe contou sobre Cronos.

— Quanto a Galen... Eu não sei. E se estiver? Mesmo assim, você seguiria em frente?

— Claro. — Ela não hesitou dessa vez, ainda que o tom de sua voz fosse ligeiramente distinto.

Estaria pedindo demais a ela? Sabin não tinha pais. Fora criado pelos gregos. E entre ele e os deuses antigos não havia qualquer laço de amor, por isso não poderia saber como Gwen se sentia.

— Vou ficar bem — disse ela, como se estivesse lendo seus pensamentos. — Depois de tudo o que fez, Galen deve ser destruído.

Mas ao dizer isso, sua voz tremeu. Então Sabin decidiu que ia intervir caso Galen aparecesse para lutar, o que não seria nada comum, pois ele costumava deixar os outros fazerem o trabalho sujo. Mas Sabin não queria ver Gwen se arrependendo de nada, não queria que mais tarde o culpasse por suas ações, ou pelas ações *dele*, pensou, com uma dor aguda no estômago. Já pensara nisso antes, e a mesma pergunta voltou à sua cabeça: ela o odiaria se fosse o responsável por derrotar o seu pai?

Porém, apenas duas coisas importavam para Sabin naquele momento: Gwen e a segurança dos seus amigos. Nessa ordem. Ela vinha na frente, naquele momento e sempre. Nada mudaria isso.

— Vamos — disse ela em tom suave e seguiu em frente.

— Antes de entrarmos — disse Sabin, aproximando-se dela —, quero dizer mais uma vez que a amo. Eu a amo tanto que chega a doer. Eu só... Só queria que você soubesse, caso algo aconteça.

— Não vai acontecer nada — disse ela. — Eu também amo você. Amo mesmo. E não posso continuar negando. Ainda não tenho certeza se confio em você... Eu não sei. Dúvida é agora o meu cachorrinho de estimação, e eu gosto disso. Gosto mesmo. Mas...

— Tudo bem. — Ela o amava. Graças aos deuses, ela o amava. Ele agarrou seu corpo e a abraçou forte. Mesmo que não tivesse dito exatamente o que gostaria de escutar, ele entendia. Deveria ter confiado nela. Desde o início, deveria ter colocado Gwen sempre em primeiro lugar. — Vamos conversar sobre isso mais tarde. Prometo. Mas não quero preocupações na sua cabeça agora. As distrações poderiam...

— ... fazer com que eu morra — terminou ela a frase, sorrindo. — Estou sempre atenta às suas

lições — disse ela, e cruzou os braços na cintura de Sabin, apoiando sua cabeça no pescoço do guerreiro. Os cabelos de Gwen eram suaves contra a pele de Sabin. — Tome cuidado aí dentro.

Deuses, ele adorava aquela mulher. Sua força, sua coragem, sua determinação.

— Você também. Seja lá o que fizer, cuide-se. Está me ouvindo? Eu estaria perdido sem você.

— Vou me cuidar — disse ela, com um sorriso meio divertido e meio assustado. — Esse é um código das harpias, afinal de contas.

Ele beijou sua testa. Ela ergueu os olhos, com os lábios inchados e vermelhos, e ele não pôde resistir. Uniu seus lábios, enfiando a língua na boca de Gwen, como um sinal de possessão. Ela ergueu as mãos, acariciando seus cabelos, e gemeu.

Ele engoliu aquele som, saboreando-o, deixando que o preenchesse. Ali estava a sua vida. Nos seus braços, tinha tudo o que precisava. Mas forçou-se a se afastar.

— Vamos. Quero terminar logo com isso para que possamos conversar. Por que não entra pela frente, e eu por trás? Então nos encontramos no centro.

Com mais um beijo doce em sua boca, Sabin continuou seu caminho. O sol brilhava, reluzindo nele, que mantinha a cabeça baixa, esperando não ser reconhecido pelas câmeras que escaneavam a área.

Você pode fazer isso?

Sim.

E se falhar?

Não vou falhar.

E se Gwen for ferida?

Ela não vai ser ferida. Disso ele mesmo se ocuparia.

— Mantenha o passo. — Uma brisa suave o acariciou quando Gwen passou rapidamente ao seu lado, com suas asas dando-lhe uma agilidade que ele nunca poderia acompanhar. Embora nada o impedisse de tentar, claro. Não queria vê-la sozinha naquele edifício. Apressou o passo e contornou o prédio em direção à porta dos fundos. Lá, encontrou uma cerca que subia ao céu, com fios elétricos no topo.

Normalmente, tomaria seu tempo para desarmar os obstáculos. Mas não poderia se dar o luxo. Simplesmente escalou. Os choques que o atingiam teriam matado um ser humano. Eram dolorosos, e por duas vezes pararam os batimentos do seu coração, deixando-o sem fôlego. Ele subiu, subiu, até atirar-se novamente ao chão. Suas botas bateram contra o concreto, e ele saiu correndo, buscando suas armas.

Não demorou muito até encontrar seus primeiros oponentes. Havia três Caçadores sentados ao redor de uma mesa redonda, com um guarda-sol dando-lhes sombra. Não teriam sentido o chacoalhar do edifício? Problema deles. A brincadeira estava prestes a começar.

— ... e mijou nas calças — disse um deles, gargalhando.

— Você deveria ter visto a cara que fez quando eu passei esses espetos no nariz dele. E quando arranquei suas unhas... — Mais risos. — Espero que continue calado. Nunca me diverti tanto na vida.

— Demônios. Eles merecem tudo isso e muito mais.

O coração de Sabin acelerou, e seu demônio disse, alegre: *Eu quero brincar.*

Divirta-se.

Sem precisar de maior encorajamento, o demônio partiu da cabeça de Sabin em direção ao demais.

Os outros Senhores vão ficar irados. Virão atrás de vocês. Tudo o que fizeram será retribuído... E multiplicado por mil, quanto a isso não resta dúvida.

Um dos homens deu de ombros.

— Nós sabemos que os outros demônios virão em busca de seus amigos quando estiverem curados da batalha anterior. Talvez devêssemos, não sei, ir embora rapidamente.

— Eu não sou um covarde. Vou ficar aqui e fazer o que for preciso para conseguir informações dos nossos prisioneiros.

E será fisgado como um peixe, eu aposto.

Mas o segundo homem deu de ombros, dizendo:

— Ei, pessoal, parem com isso. Meu bipe acabou de vibrar. Um alarme foi disparado. Alguém escapou ou estamos sendo atacados.

Eles se levantaram. Nenhum deles vira Sabin. Silenciador no lugar: checado. Arma carregada: checado. Em outra oportunidade, poderia atrair suas atenções, diria algo sobre sua morte iminente e se divertiria com seus rostos pálidos. Mas naquele momento simplesmente atirou na nuca de todos, um a um. Eles caíram nas suas cadeiras, e o que sobrara de suas cabeças desabou com um estrondo seco sobre o tampo de vidro da mesa.

Sabin seguiu em frente, rodeando o edifício. Um grupo de crianças brincava numa piscina. Um dos meninos tinha um extensor de mão, e jorros de água se erguiam acima deles.

— Atire isso em mim — implorou uma menina. — Veja se é capaz de vencer o meu feitiço de escudo.

Com um sorriso, o menino atirou água nela. Mas nenhuma gota a atingiu.

Sabin imaginara que estariam por ali, mas ainda assim ficou chocado ao vê-los. Além de suas habilidades nada comuns, eram apenas crianças. Como os Caçadores foram capazes de utilizá-los daquela maneira, deixando-os em tamanho perigo?

Sabin trocou uma das semiautomáticas por uma pistola. Não queria fazer isso, mas seria a melhor solução, e a mais segura, para todos os envolvidos. O que Gwen estaria fazendo? Já estaria lá dentro? Ferida? Sem parar, começou a atirar dardos nas crianças. Uma a uma, todas ficaram inconscientes. Ele rapidamente tirou todas elas da água e as colocou na sombra, sem baixar as armas em nenhum momento.

Finalmente, estava pronto para entrar na casa. Para ajudar Gwen.

— Seu animal imundo! O que você fez?

Sabin girou o corpo. Um Caçador acabara de atirar nele. Uma bala atingira seu ombro direito. Cambaleando, Sabin atirou de volta. Um das balas atingiu o pescoço do Caçador, outra, o seu peito. Ele soltou um arquejo. Mas quando seu corpo caiu no chão, os arquejos cessaram.

Sangrando, mas sem se preocupar com a dor que sentia, Sabin correu para dentro do prédio, trocando a pistola por uma segunda semiautomática. Os Caçadores estavam caídos por todos os

lados. Paralisados. Gwen! O coração de Sabin palpitou de orgulho. Talvez não fosse o correto, mas ele adorava o seu lado negro. Ela era mágica no campo de batalha.

Ele seguiu a trilha dos corpos adultos por entre os corredores. Algumas das salas eram quartos com inúmeras beliches, outras eram salas de aula. Havia pequenas mesas e desenhos colados às paredes; e em todos eles, figuras de demônios sendo torturados. Além de frases: “Um mundo perfeito é um mundo sem demônios. Quando os demônios desaparecerem, não haverá doença ou morte. Perdeu alguém que ama? Você sabe quem culpar.”

Ah, claro. Aquelas crianças estavam sendo treinadas para odiar os Senhores. Maravilha. Sabin fizera muita coisa ruim na vida, mas nunca aprendera a odiar um inocente.

— Idiota! — ouviu Gwen gritar, seguido de um uivo de pânico.

Aumentando sua velocidade, Sabin seguiu o som, vendo um homem e partindo para cima dele, agarrando sua garganta. Ele não sabia o que acontecera e não pensou em parar para perguntar. Simplesmente apontou sua Sig e atirou três vezes. Nenhuma das vezes feriu Gwen.

Ela deu um giro pela sala, com as garras de fora. Aquelas pequenas asas batiam, invisíveis, sob a camiseta. Seu olhar mortal desapareceu ao notar quem estava à sua frente.

— Obrigada.

— Sempre que precisar, estarei às ordens.

— Encontrei seus amigos. Estão feridos, mas vivos. E os soltei, mas dois estão desaparecidos: Gideon e Anya.

Espere: ela os encontrara e os soltara! Era mais rápida e melhor do que ele imaginava. E... Onde estariam os outros? Presos?

— Anya? — gritou ele. — Gideon?

— Sabin? Sabin... É você? — gritou uma mulher, no fundo do hall. Era Anya. — Finalmente. Estou aqui atrás. Com um guarda.

Sabin olhou para Gwen quando três homens entraram correndo na sala, com expressões selvagens no rosto.

— Gwen, você cuida deles? — perguntou ele.

— Vá — disse ela, encarando o novo desafio. — Resgate Anya.

Ele saiu correndo. Deixaria qualquer um dos seus homens para trás, e Gwen era melhor do que todos eles juntos, então não duvidou de que seria capaz. *Não duvidou*. E pensar nisso o fez sorrir.

Enquanto corria, trocou a arma por uma faca. Estava quase sem balas. Felizmente, facas não precisam ser recarregadas. *Onde está Anya?* Ele abriu uma das portas. Vazio. Arrombou outra com o ombro: nada. Mais três salas, e ali estava ela, olhando para um menino, com os ombros vermelhos de tanto sangue derramado.

O menino olhou para ele com expressão determinada. Havia algo... Algo nele que não era tridimensional.

— Sabin! — Quando Anya olhou para o lado, o menino seguiu seu olhar rapidamente, estendendo um dos braços.

— Tenho que mantê-la aqui — disse ele, mas seu tom de voz não parecia feliz.

Lentamente, Sabin apontou sua lâmina e segurou firme o cabo da faca.

— Não toque nele — disse Anya —, nem deixe que ele toque em você. Vou sair daqui sozinha.
— Anya!

Sabin reconheceu a voz de Morte, por isso não virou o corpo quando passos se aproximaram. Manteve o olhar fixo no menino, preparado para pular em cima dele, mesmo com o aviso de Anya. Se ele atacasse a deusa mais uma vez...

— Lucien! Fique longe, querido, mas me diga se está bem — gritou Anya, erguendo o rosto com uma mistura de alegria e preocupação. — Eu preciso saber se você está bem.

— Estou. E você? Ai, meus deuses — disse Lucien, aparecendo atrás de Sabin e prendendo a respiração. Sabin podia sentir ondas de fúria tomando conta do seu corpo. — Os seus ombros.

— Só um pequeno arranhão. — E havia fogo em suas palavras, uma promessa de vingança. Mantendo a mão nas costas, Sabin ofereceu sua pistola a Lucien.

— Não sei se servirá de alguma coisa, mas deixo com você. Gideon continua desaparecido. E o guerreiro pegou a arma sem dizer nada. Sabin girou o corpo.

Continuou sua busca pelas salas. Várias estavam cheias de coisas. Uma delas com computadores e aparelhos tecnológicos. Outra, com comida enlatada para uma vida inteira. Ele girou em direção a mais um corredor, gritando o nome de Gideon. Nas salas seguintes viu grandes armários e aparelhos para identificação digital. Seu coração saltava do peito. Colou o ouvido em todas as portas, até finalmente ouvir um lamento.

Gideon.

Com muita pressa, aproximou-se da abertura do armário. Fez muita força, estirando os músculos ao máximo, com os ossos quase desmontando, mas conseguiu abrir a porta de metal o suficiente para entrar. A primeira coisa que notou foi uma forma sangrenta e machucada. Ele foi atingido por uma sensação ruim de *déjà-vu*.

Caminhou, com um gosto ruim subindo pela garganta. Os olhos de Gideon eram tão fundos que parecia haver pedras lá dentro. Nú, feridas tomavam conta de todas as partes do seu corpo. Vários dos seus ossos estavam quebrados e se permitiam ver através da pele.

Suas mãos tinham sido cortadas.

— Elas vão crescer outra vez, juro pelos deuses que vão crescer outra vez — murmurou Sabin ao aproximar-se das amarras que envolviam seu corpo. Eram fortes, feitas com algum tipo de metal... Seria metal dos deuses? Não foi capaz de cortá-las nem com uma faca.

— Chave. Aí não — disse Gideon, com a voz muito fraca, que Sabin mal ouvia. Mas o guerreiro fez um sinal para um armário erguendo o queixo. Uma chave deveria estar por ali. — Não me atacaram... Com isso.

— Poupe as suas forças, meu amigo — disse, em tom gentil, mas um acesso de raiva tomava conta dele, o consumia, sendo quase a única coisa que sentia. Aqueles idiotas pagariam por isso. Cada um deles, centenas de vezes. E ele também deveria ser punido, pensou, pois jurara que nunca deixaria esse tipo de coisa acontecer novamente ao seu camarada, e ali estavam eles, praticamente revivendo o passado.

Quando Gideon ficou livre, Sabin gentilmente o segurou nos braços e levou-o para o corredor. Strider estava virando um dos cantos da casa, pálido, tremendo e cambaleando. Quando o guerreiro

viu Sabin, soltou um grito selvagem.

— Ele está...

— Está vivo, sim. — Muito mal.

— Graças aos deuses. Lucien encontrou Anya. Conseguiu escapar do menino que a vigiava.

Reyes está em algum lugar lá atrás. Stefano partiu em retirada, mas é impossível saber se não há alguém por aí.

Naquele momento, porém, Sabin não se importava com isso.

— Você viu Gwen?

— Vi. No final do corredor, à direita — disse Strider. — Estava procurando por você. Eu levo Gideon. Vá ajudar sua mulher.

Um medo imediatamente se mesclou à raiva enquanto Sabin deixava Gideon com Strider.

— Aconteceu alguma coisa com ela?

— Apenas vá.

Ele correu com os braços saltando ao redor do corpo, as pernas tremendo, até chegar à sala onde a deixara. Gwen ainda estava ali, mas já não lutava contra Caçadores. Lutava contra seu pai. E estava perdendo.

Adivinha quem apareceu, era o que Strider dissera.

Que péssimo momento para que o idiota aparecesse! Gwen estava sem fôlego, ofegante, sangrando, cambaleando cada vez que dava um passo, sem conseguir aguentar o próprio peso. Galen tinha um longo chicote nas mãos, que mais parecia uma cobra. Não, não parecia uma cobra. *Era* uma cobra. E seus dentes brilhavam de tanto veneno. Sempre que Gwen conseguia cortar sua cabeça, outra nascia no lugar.

— Os fortes e grandalhões Senhores do Mundo Subterrâneo se valendo de uma mulher. E me chamam de covarde — disse Galen.

— Não sou uma mulher qualquer — respondeu Gwen. — Sou uma harpia.

— Como se isso fizesse alguma diferença.

— Deveria fazer. E também sou meio demônio. Você não me reconhece? — perguntou, aproximando-se, ainda que a cobra estivesse partindo para cima de suas pernas e buscando o coração do guerreiro.

— Deveria reconhecer? Todas as mulheres são parecidas para mim. Prostitutas imundas. — E voltou a atingi-la com o chicote, fazendo Gwen gritar de dor antes de bater uma segunda vez. Dessa vez, a cobra se enroscou em seu punho. Ele deu um puxão. Mais uma vez, ela gritou e caiu de joelhos, com seu corpo batendo contra o chão.

Sabin não poderia ficar olhando aquilo. Não poderia deixar aquele idiota destruir Gwen, por mais que ela não quisesse qualquer interferência.

— Deixe-a em paz. Na verdade, sou *eu* o seu alvo.

Rangendo os dentes, pegou várias adagas e jogou todas, menos uma, em cima do chicote, que soltou o pulso de Gwen. A última das adagas ele atirou em Galen, atingindo-o no estômago. O guerreiro soltou um rugido, caiu no chão, e Gwen se levantou.

Sabin apareceu na sua frente, afastando-a de Galen.

— Está pronto para isso? Para admitir que foi vencido?

Fazendo cara feia, Galen puxou a faca para fora de suas vísceras.

— Você realmente acha que é forte o suficiente para me vencer?

— Eu já o venci. Acabamos com grande parte das suas forças. — Ele sorria ao apalpar sua Sig. —

Só falta prender você. E acho que isso não vai ser nada complicado.

— Chega. Parem já com isso — disse Gwen, ficando de pé na frente de Sabin, com o corpo ereto. Ela cambaleou, mas não caiu, olhando diretamente para Galen. — Não quero que ele seja preso até ouvir o que tenho a dizer. Esperei por este dia minha vida inteira, sonhei em dizer que sou a filha de Tabitha Skyhawk. Que tenho 27 anos e que imaginava ser filha de um anjo.

Ao se levantar, Galen ria, mas sua risada não conseguiu esconder sua reação. Estava sangrando profusamente naquele momento.

— Isso deveria significar alguma coisa para mim?

— Há cerca de 27 anos, você dormiu com uma harpia — disse Gwen. — Seus cabelos eram vermelhos e seus olhos, castanhos. Ela estava machucada. Você a curou. Depois foi embora, mas disse que voltaria.

O sorriso de Galen desapareceu enquanto a observava.

— E? — Ele não parecia se importar, mas não tentou escapar ao notar que claramente perdera a batalha.

O corpo de Gwen tremia por inteiro, e a raiva de Sabin crescia em intensidade.

— No passado você esteve com muitas mulheres, certo? Então: surpresa! Aqui estou eu. — Ela abriu os braços. — Sua filha há muito tempo desaparecida.

— Não — disse Galen, balançando a cabeça. Mas pelo menos não voltara a sorrir. — Você está mentindo. Eu saberia...

— Por quê? Teria recebido a notícia do nascimento? — E naquele momento foi Gwen quem riu, e o som de sua risada invadiu a escuridão.

— Não — repetiu ele. — Isso é impossível. Não sou pai de ninguém.

Nas outras salas, a batalha chegava ao fim. Os gritos e grunhidos desapareciam. Já não se ouviam tiros nem passos pesados. O restante dos Senhores se amontoava na porta, com expressão de ódio e fúria em seus rostos. Todos sujos de sangue. Strider ainda carregava Gideon, como se tivesse medo de colocá-lo no chão.

— Muito bem. Veja quem nós temos aqui — disse Lucien.

— Esperança, você já não parece tão durão sem uma criança por perto para protegê-lo — disse Anya, sorrindo.

— Esta noite vou jantar seu coração negro — disse Reyes.

Sabin observou a expressão dura de todos os seus companheiros. Aqueles guerreiros tinham sido torturados e ainda não tinham podido se vingar. Porém, por mais que simpatizasse com a ideia, não poderia deixar que fizessem isso... Ainda.

— Galen é nosso — disse Sabin. — Afastem-se. Gwen?

GWEN PERCEBERA O que Sabin queria saber: deveria prender seu pai ou deixá-lo solto? Deixou que ela decidisse para assim provar o seu amor. Mas seria ótimo se ela pudesse oferecer o que ele queria.

— Eu... Eu não sei — disse ela, com voz trêmula. E encarava aqueles olhos cor de céu, olhos com os quais já sonhara um dia, perdida ao saber que seu pai estava ali, na sua frente, e que ele representava tudo o que sempre quis quando criança e depois, enquanto adulta, presa naquela cela do Egito. Quantas vezes implorou para ser protegida por ele, para estar em seus braços?

Antes, ele não sabia nada sobre Gwen. Mas agora que sabia, será que a amava? Queria tê-la ao seu lado, assim como ela quis por anos?

Galen observou os guerreiros que o olhavam, ameaçadores.

— Acho que falei rápido demais. Vamos conversar, só nós dois. Em particular — disse Galen, dando um passo à frente e tocando-a.

Sabin rosnou, soltando exatamente o tipo de som que as feras costumam soltar antes de atacar.

— Você poderá ir embora, se ela permitir, mas não tocará nela. Nunca.

Por vários segundos, era como se Galen fosse discutir. Os Senhores certamente iriam. Queriam ter aquele homem acorrentado e não gostavam nada de ver que Sabin lhe oferecera a possibilidade de ficar livre.

— Nenhum filho meu escolheria ficar ao lado dos Senhores do Mundo Subterrâneo — disse Galen, estendendo a mão e movendo os dedos à frente de Gwen. — Venha comigo. Nós vamos embora, precisamos nos conhecer.

Ele realmente queria conhecê-la ou simplesmente a usaria como arma contra seus inimigos? A suspeita doía, e Gwen terminou com a arma de Sabin nas mãos, apontada para a cabeça de Galen.

— Seja lá o que acontecer, eu não vou a lugar nenhum com você.

Sabin o odiava. Aquele homem fizera coisas cruéis. E continuaria fazendo.

— Você mataria o seu próprio pai? — perguntou Galen, apertando o coração, como se ela tivesse ferido seus sentimentos.

Na imaginação de Gwen, seu pai de repente a abraçava, apertando-a contra seu corpo, dizendo o quanto a amava. Esperança. Estava lá, no seu peito, em todo o seu corpo. Viria dele? Ou dela mesma?

— Você me respondeu rapidamente, disse que não tinha filhos.

— Eu estava em estado de choque — explicou ele, paciente. — Ainda absorvia a notícia. Afinal de contas, não é todos os dias que um homem recebe o maravilhoso presente da paternidade.

As mãos de Gwen tremeram.

— A sua mãe... Tabitha. Eu me lembro. Foi a coisa mais bonita que já vi na minha frente. Gostei dela imediatamente e quis ficar ao lado dela, mas ela me deixou. Nunca a encontrei. Se soubesse de sua existência, gostaria de ter tido uma parte na sua vida.

Verdade ou mentira? Ela ergueu o queixo, mesmo deixando cair o braço. Talvez houvesse algo bom dentro dele. Talvez pudesse ser salvo. Talvez não. Mas...

— Vá.

Ele se aproximou de Gwen.

— Vá — repetiu ela, sentindo uma lágrima quente escorrendo pelo rosto.

— Filha...

— Vá, eu já disse!

De repente, as asas de Galen entraram a ação, rápido, muito rápido, levantando um vento ao redor dos guerreiros. Antes que qualquer pessoa pudesse piscar os olhos, ele levantou voo, seguindo em direção ao exterior do edifício.

Incapazes de aguentar o que viam, os guerreiros atiraram nele, e chegaram a atingir suas asas. Alguém deve ter atingido seu corpo, pois ouviu-se um uivo. Mas não deve ter sido nada grave, pois Galen não caiu. Gwen odiava o alívio que sentia.

O som de uma respiração pesada tomava conta da sala, misturado aos xingamentos mudos, aos passos pesados.

— Mais uma vez, não — disse Strider, finalmente deixando Gideon no chão. — Por que fez isso, Sabin? Por que deixou que *ela* fizesse isso? — Um segundo depois o guerreiro gigante estava ao lado do seu amigo, gritando, em agonia.

A hesitação de Sabin deixou espaço para que Galen escapasse, e a fuga de Galen significava a derrota dos Senhores. A derrota de Strider. *Por minha culpa*, pensou ela. Acabara de provar que Sabin tinha razão, não poderia confiar nela, pois não fez o que deveria ter feito.

— Sinto muito — disse Sabin ao amigo.

Vou pegá-lo. De alguma maneira, de qualquer maneira. E ela o agarrou, como se quisesse fazer com que escutasse suas desculpas. Mas acabou engolindo em seco e dizendo:

— Você está sangrando.

— Eu estou bem. Vou me curar. E você, como está? — perguntou ele, olhando para Gwen, para cada ferida e corte no seu corpo. Um músculo tremeu logo abaixo do seu olho. — Eu deveria ter acabado com ele quando tive chance. Ele feriu você.

— Vou me curar — disse ela, atirando-se em seus braços. — Sinto muito. Muito mesmo. Você me perdoa?

Ele soltou um grunhido, depois beijou o topo de sua cabeça.

— Eu amo você. Não há nada a ser perdoado, minha querida.

— Eu falhei. Deixei seu maior inimigo fugir. Eu...

— Não, nada disso. Não vou deixar que se culpe por isso. *Eu* o deixei escapar — disse ele, pegando o queixo de Gwen. — Agora me diga o que eu quero escutar. O que preciso escutar.

— Eu também amo você.

Ele fechou os olhos por alguns instantes, seu alívio era palpável.

— Vamos ficar juntos.

— Claro, se você me quiser.

— O que você quer dizer com isso? Eu já disse que você é a prioridade número um na minha vida.

— Eu sei. — E, lentamente, ela abriu os olhos e ficou olhando para Sabin, com lágrimas rolando por suas faces. — Você abriu mão de uma vitória por mim. Não acredito que tenha feito isso.

— Eu abriria mão de qualquer coisa por você.

- Você realmente me ama. Não vai deixar que o ódio ou a guerra se coloque entre nós.
- Era isso o que a preocupava? Querida, eu poderia ter garantido isso há muito tempo.
- Mas eu não teria acreditado. Eu imaginava que vencer era a coisa mais importante na sua vida.
- Não. O mais importante na minha vida é você.

Ela sorriu, radiante. Mas o sorriso desapareceu quando ouviu os murmúrios dos demais Senhores, lembrando o que ela fizera. Ou deixara de fazer.

— Eu deveria ter pedido que o prendesse para sempre. Sinto muito. De verdade. Ele precisa ser detido, eu sei disso, mas eu não pude... Não poderia deixar que você... Sinto muito. E agora ele vai causar muitos outros problemas.

— Está tudo bem. Tudo bem. Nós vamos resolver isso. E já destruimos grande parte do seu exército.

— Não sei se isso será muito positivo para nós. Galen encontrou Desconfiança — disse Anya. — Ele está tentando colocar o demônio no corpo de alguém, esperando criar um soldado imortal que possa controlar. E está muito confiante no seu êxito.

Desconfiança... O demônio que um dia fora o maior amigo de Sabin, lembrou-se Gwen. Se Desconfiança passasse para o lado de seu pai, Sabin seria capaz de ferir qualquer corpo que o recebesse? Mesmo que essa pessoa semeasse enorme destruição? Ela não queria ver o seu homem frente à mesma decisão que acabara de tomar.

Sabin passou uma das mãos pelos seus cabelos molhados de suor.

— Eu não sei o que iria fazer — disse ele, como se tivesse lido seus pensamentos. — Mas agora entendo quanto deve ter sido dura sua decisão. Porém, se você precisa que aquele idiota esteja livre para ser feliz, ele ficará livre.

— Ei — disseram vários guerreiros atrás deles.

— Temos nossa opinião sobre isso — rosnou Reyes, fazendo uma busca nos bolsos dos Caçadores mortos.

Gwen suspirou:

— Eu vou conseguir aceitar a ideia de capturá-lo, sei que vou. Mas vê-lo pela primeira vez foi muito chocante. Não se preocupe. Da próxima vez será mais fácil.

— Sim, mas você sabe que o que eu faço melhor nessa vida é me preocupar.

— Agora não. O que você faz melhor agora é me amar.

— Isso é verdade.

— Vamos para casa — disse Gwen, agarrando-o firme. — Temos crianças para cuidar, artefatos para procurar, Caçadores para matar e uma caixa para destruir. Mas isso logo depois de você me fazer morrer de amor, claro.

Epílogo

JÁ EM CASA, com as feridas curadas, fizeram amor como dois animais selvagens. Em seguida, Gwen estava com muita energia para dormir. Começou a pular na cama, desafiando Sabin a dar um jeito naquela situação. Ele ficou recostado na cabeceira da cama, olhando para ela, com seus olhos brilhantes, divertindo-se.

Ela estalou a língua.

— Olhe bem para você. Sentado aí, incapaz de controlar uma garotinha que... Ahhhh.

Ele deu uma rasteira nela, fazendo com que caísse de costas. Depois, sorrindo, caiu em cima dela.

— Quem está cansado agora, hein?

Gwen gargalhava ao rolar com Sabin pela cama, com seus cabelos caindo em volta deles como se fosse uma cortina.

— Não sou eu, disso tenho certeza.

— Vamos ver o que posso fazer em relação a isso.

E fez.

Um bom tempo depois, ela estava deitada de costas ao seu lado, com dificuldade para recuperar o fôlego.

— E agora? — perguntou ela, mais feliz do que nunca. Quem poderia imaginar que Gwendolyn, a Tímida, ficaria louca pelo mais forte dos Senhores do Mundo Subterrâneo, metendo-se no meio de uma guerra, e ainda por cima gostando de tudo aquilo? Uma coisa era certa: nem a própria Gwen teria imaginado.

Por enquanto, pelo menos, tudo ficou calmo. Todos os casais estavam a salvo, em segurança e reunidos. As mulheres (e Legião) procuravam novas casas para as crianças. Tanto para as que Gwen capturara na batalha de Budapeste quanto para os resgatados da Escola dos Caçadores. Anya tinha uma criança favorita, que ela chamava de “Menino Fantasma”, e Gwen suspeitava que a deusa o deixaria com uma família adorável em Budapeste, onde ela pudesse controlá-lo.

Torin estava procurando pelos nomes da lista de Cronos, e os demais guerreiros tentavam encontrar alguma maneira de alcançar Galen e Desconfiança. Gideon ainda se recuperava, pois o caso dele seria mais lento. Legião desaparecia de vez em quando, e Paris e Aeron estavam agindo de forma estranha.

— Agora? — repetiu Sabin a mesma pergunta. — Bem, quando o meu coração voltar a bater, vou encontrar uma maneira de mergulhar no seu corpo e...

— Não — respondeu ela, sorrindo e afastando a mão de Sabin do seu ventre. — Estou falando dos Caçadores. O que vamos fazer com eles agora?

Ele afundou o corpo no colchão, com os braços esticados ao redor de Gwen.

— Danika acha que Galen vai tentar colocar Desconfiança no corpo da mulher que aparece ao lado dele na pintura. Se isso acontecer, a próxima batalha será dura. Eles não tentarão apenas nos ferir, virão diretamente pelas nossas cabeças. Vão querer liberar os nossos demônios para que possam colocá-los nos corpos de outras pessoas de sua escolha.

Ela suspeitava disso, mas ainda assim estremeceu.

— Isso é brilhante da parte do meu... De Galen. Ele quer colocar o demônio que antes se hospedava no corpo do seu querido amigo no de um inimigo.

— Sim, é brilhante, mas eu não esperava nada menos do homem que lhe deu a vida. Suas irmãs ainda não se recuperaram completamente, já? Se já tiverem, talvez possamos convencê-las a ficar por aqui — disse Sabin, desenhando corações nas costas de Gwen. — Eu ouvi dizer que as harpias desenvolvem algum tipo de habilidade ao longo dos séculos. Habilidades como a capacidade de viajar no tempo. E isso seria útil, sem dúvida.

— Apenas Taliyah. Ela pode assumir outras formas, como o pai dela.

Já não era tão complicado para Gwen conversar sobre sua raça. Ela queria que Sabin a conhecesse melhor.

— Melhor ainda — disse ele, suspirando. — Temos que encontrar esses artefatos antes que Galen coloque as mãos neles. Se é que já não encontrou algum. Aquela cobra-chicote... Quanto mais penso nisso, mais me lembro da criatura que vigiava a Jaula da Coação. Que é a mesma que deveria estar guardando cada um dos quatro artefatos. E como Galen é o guardião da Esperança, acho que não teria qualquer problema em convencer um monstro a ajudá-lo.

— Se Galen tem algum artefato, nós vamos roubar dele. Quero dizer, você tem uma harpia e a deusa da Anarquia ao seu lado. Tudo conspira a seu favor.

Ele sorriu.

— Talvez eu e você pudéssemos fazer uma visita ao Templo dos Impronunciáveis. Algo naquele lugar nos falou sobre Danika, o Olho que Tudo Vê. Talvez, de alguma maneira, não sei qual, possa nos ajudar a encontrar algo mais.

Gwen passou os dedos no peito de Sabin, adorando o contraste dos tons da pele deles.

— E se encontrarmos as pessoas listadas nos pergaminhos, vamos poder convencê-las a lutar ao nosso lado. Não se preocupe, Dúvida não vai causar nenhum problema. Ele sabe que eu lhe daria uma surra.

— Claro que sabe. — Ele beijou sua testa. — Mas, sim, eu faria qualquer coisa, qualquer coisa sensata, claro, para ganhar essa guerra. Poderia até mesmo convencer criminosos que ajudei a colocar na cadeia a me ajudar. E acho que isso seria fácil. Afinal de contas, eu convenci a harpia mais durona a me dar seu coração.

— E você faria qualquer coisa, qualquer coisa sensata, claro, para fazer essa harpia feliz?

— Você sabe que sim.

— Sei? — perguntou ela, sorrindo para ele. — Quero que prove.

— Com todo o prazer.

Ela estava de costas, e no instante seguinte, sorrindo como uma menina do colegial, seu corpo e sua alma foram entregues a Sabin, exatamente como ela gostava de fazer.

Showalter, Gena

S563s O sussuro mais sombrio [recurso eletrônico] / Gena Showalter; tradução de Rodrigo Peixoto. — Rio de Janeiro: HR, 2012.
Recurso digital

Tradução de: The darkest whisper

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

Sequência de: O prazer mais sombrio

Continua com: A paixão mais sombria

ISBN 978-85-398-0500-6 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Peixoto, Rodrigo. II. Título. III. Série.

12-7634

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Título original norte-americano:
THE DARKEST WHISPER
Copyright © 2009 by Gena Showalter

Copyright da tradução © 2011 by EDITORA HR LTDA

Editoração eletrônica da versão digital: Ranna Studio

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, sem autorização prévia por escrito da editora, sejam quais forem os meios empregados, com exceção das resenhas literárias, que podem reproduzir algumas passagens do livro, desde que citada a fonte.

Todos os personagens neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa cedidos pela
HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./S.À.R.L. para EDITORA HR LTDA.
Rua Argentina, 171 — Rio de Janeiro, RJ — 20921-380 — Tel.: 2585-2000

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-398-0500-6

Capa

Rosto

Glossário

CAPÍTULO UM

CAPÍTULO DOIS

CAPÍTULO TRÊS

CAPÍTULO QUATRO

CAPÍTULO CINCO

CAPÍTULO SEIS

CAPÍTULO SETE

CAPÍTULO OITO

CAPÍTULO NOVE

CAPÍTULO DEZ

CAPÍTULO ONZE

CAPÍTULO DOZE

CAPÍTULO TREZE

CAPÍTULO CATORZE

CAPÍTULO QUINZE

CAPÍTULO DEZESSEIS

CAPÍTULO DEZESSETE

CAPÍTULO DEZOITO

CAPÍTULO DEZENOVE

CAPÍTULO VINTE

CAPÍTULO VINTE E UM

CAPÍTULO VINTE E DOIS

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

CAPÍTULO VINTE E CINCO

CAPÍTULO VINTE E SEIS

CAPÍTULO VINTE E SETE

CAPÍTULO VINTE E OITO

EPÍLOGO

Créditos

ROMANCE

NEW YORK TIMES
BESTSELLING AUTHOR

Gena Showalter

O Sussurro
mais sombrio

Senhores do Mundo Subterrâneo | Livro 4

 Harlequin®